



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - DOUTORADO**

**ANA BEATRIZ PINHEIRO E SILVA**

**“LUTE COMO UMA MULHER!”: ENGAJAMENTO POLÍTICO E EXPERIÊNCIAS  
EDUCACIONAIS NAS TRAJETÓRIAS DE JOVENS VEREADORAS ESPANHOLAS  
E BRASILEIRAS**

**“¡LUCHE COMO UNA MUJER!”: EXPERIENCIAS EDUCATIVAS Y COMPROMISO  
POLÍTICO EN LAS TRAYECTORIAS DE JÓVENES CONCEJALAS BRASILEÑAS Y  
ESPAÑOLAS**

**RIO DE JANEIRO**  
**2022**

ANA BEATRIZ PINHEIRO E SILVA

**“LUTE COMO UMA MULHER!”: ENGAJAMENTO POLÍTICO E EXPERIÊNCIAS  
EDUCACIONAIS NAS TRAJETÓRIAS DE JOVENS VEREADORAS ESPANHOLAS  
E BRASILEIRAS**

**“¡LUCHE COMO UNA MUJER!”: EXPERIENCIAS EDUCATIVAS Y COMPROMISO  
POLÍTICO EN LAS TRAYECTORIAS DE JÓVENES CONCEJALAS BRASILEÑAS Y  
ESPAÑOLAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação, no âmbito do Acordo de Cotutela firmado entre a UNIRIO e a Universidade de Sevilla.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliane Ribeiro Andrade e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Águeda Parra Jiménez.

Tesis de Doctorado presentada en el Programa de Pós-Graduação em Educação de la Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como parte de los requisitos exigidos para la obtención del título de Doctora en Educación, en el ámbito del Convenio de Cotutela suscrito entre UNIRIO y la Universidad de Sevilla.

Directoras: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliane Ribeiro Andrade e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Águeda Parra Jiménez.

RIO DE JANEIRO

2022

Catálogo informatizada pelo(a) autor(a)

S586	<p>Silva, Ana Beatriz Pinheiro e "Lute como uma mulher!": engajamento político e experiências educacionais nas trajetórias de jovens vereadoras espanholas e brasileiras / Ana Beatriz Pinheiro e Silva. -- Rio de Janeiro, 2022. 279f.</p> <p>Orientadora: Eliane Ribeiro Andrade . Coorientadora: Águeda Parra Jiménez. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2022.</p> <p>1. Engajamento político. 2. Mulheres na política. 3. Juventude. 4. Gênero. 5. Educação Popular. I. Andrade , Eliane Ribeiro , orient. II. Jiménez, Águeda Parra , coorient. III. Título.</p>
------	---

ANA BEATRIZ PINHEIRO E SILVA

**“LUTE COMO UMA MULHER!”: ENGAJAMENTO POLÍTICO E EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS NAS TRAJETÓRIAS DE JOVENS VEREADORAS ESPANHOLAS E BRASILEIRAS**

Aprovada pela Banca Examinadora

Rio de Janeiro, \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Eliane Ribeiro Andrade  
(orientadora - UNIRIO)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Águeda Parra Jiménez  
(orientadora - Universidade de Sevilla)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Regina Célia Reyes Novaes  
(avaliadora interna)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Inmaculada Sánchez Queija  
(avaliadora externa)

---

Prof. Dr. Diógenes Pinheiro  
(avaliador interno)

---

Prof. Dr. Pedro Carvalho Pontual  
(avaliador externo)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Elisa Guaraná de Castro  
(avaliadora externa)



Esta investigación se ha desarrollado gracias a la beca del Programa de Doutorado-Sanduiche no Exterior (PDSE) recibida por la Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).



Esta tesis doctoral se ha desarrollado en co-tutela gracias a la participación de la Universidad de Sevilla (España) y la Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Brasil).



*A mi abuela Maria Enoi (in memoriam)*  
*A mi abuelo Vicente (in memoriam)*  
*A Marielle Franco (in memoriam)*

## Agradecimientos

En primer lugar, quiero agradecer a mis queridas directoras de tesis Águeda Parra y Eliane Ribeiro por su apoyo, colaboración, enseñanzas y por aceptaren el desafío del proceso de cotutela.

Agradezco al tribunal de la defensa por aceptaren la invitación y por los valiosos aportes, gracias Diogénes Pinheiro, Elisa Guaraná, Inma Queija, Pedro Pontual y Regina Novaes.

A la Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação de la Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) por el apoyo para el doctorado en cotutela. Al Programa de Pós-Graduação em Educação da Unirio – PPGEduc, a los y las docentes, a la secretaria, a mis compañeros y compañeras de clase, en especial a Laine que me acompañó y apoyó durante todo el trayecto, y a los y las trabajadoras responsables del mantenimiento y limpieza, muchas gracias.

Agradezco al Programa de Doctorado en Psicología de la Universidad de Sevilla, al profesorado, en especial al profesor Manuel L. de la Mata Benítez, a mi compañera de doctorado Mari Carmen, a la secretaria y demás trabajadores y trabajadoras que son indispensables para garantizar el funcionamiento de la universidad. A la Escuela de Doctorado de la Universidad de Sevilla por la ayuda en la realización del convenio de cotutela.

A la Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES por el apoyo otorgado a través de una beca de doctorado para mi estancia académica en la Universidad de Sevilla.

Agradezco a las concejales entrevistadas por su disponibilidad y por compartir sus trayectorias, enriqueciendo y aportando a esta investigación.

Agradezco a la Universidade Federal do Rio de Janeiro por el apoyo para la realización del doctorado.

Agradezco a mi familia por el amor, cariño, apoyo y aliento, muchas gracias a mi padre Henrique, mi madre Ana, mi hermano Henrique y mi hermana Lais.

Gracias a todas las personas que contribuyeron de alguna manera a la realización de esta tesis doctoral.



SILVA, Ana Beatriz Pinheiro e. **“Lute como uma mulher!”: engajamento político e experiências educacionais nas trajetórias de jovens vereadoras espanholas e brasileiras.** 2022. 279 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro em cotutela com a Universidade de Sevilha (Espanha), Rio de Janeiro, 2022.

## RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi analisar as relações entre trajetórias de engajamento político e experiências educacionais de quatro jovens vereadoras espanholas, eleitas em 2015, e quatro jovens vereadoras brasileiras, eleitas em 2016, para compreender o processo de engajamento nas suas trajetórias, influências, disposições e motivações. As jovens pesquisadas no Brasil foram eleitas após o movimento feminista chamado de Primavera das Mulheres e as jovens da Espanha foram eleitas após o Movimento dos Indignados, também chamado de 15M, e da criação do partido político Podemos. Para alcançar o objetivo da pesquisa, foi realizado um estudo qualitativo, utilizando o método biográfico, mediante entrevistas semiestruturadas sobre as trajetórias das quatro vereadoras brasileiras e das quatro vereadoras espanholas. Além disso, foi realizada uma observação participante nas redes sociais das vereadoras pesquisadas, com o objetivo de entender como elas se apresentam no contexto digital. Os resultados foram analisados a partir de uma abordagem interdisciplinar. Utilizou-se das contribuições da teoria ecológica do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner e, considerando a educação para além dos espaços formais da escola, ou seja, na conjunção dos vários espaços de socialização, utilizou-se das contribuições do campo de estudos sobre Educação Popular. O estudo evidencia, dentre outras conclusões, que as pautas e trajetórias políticas das vereadoras se relacionam especialmente com temáticas relacionadas ao gênero, a luta por direitos e representatividade das mulheres na política e em outros espaços. Igualmente, conclui-se que o engajamento político das participantes se desenvolveu como um processo que teve influências de fatores micro e macrosistêmicos, dentre os quais as vereadoras brasileiras e espanholas apresentam semelhanças e diferenças. A presente tese de doutorado contribui ao apresentar uma imagem mais clara dos fatores educacionais, macro e microsistêmicos que explicam o engajamento político das jovens mulheres no Brasil e na Espanha.

**Palavras-chave:** Engajamento político; Jovens mulheres; Vereadoras; Gênero; Trajetórias; Educação Popular; Juventude; Redes sociais; Mulheres na política.

SILVA, Ana Beatriz Pinheiro e. “**¡Luche como una mujer!**”: experiencias educativas y compromiso político en las trayectorias de jóvenes concejalas brasileñas y españolas. 2022. 279 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro en cotutela con la Universidad de Sevilla (Espanha), Rio de Janeiro, 2022.

## RESUMEN

El objetivo de esta investigación fue analizar las relaciones entre las trayectorias de compromiso político y las experiencias educativas de cuatro jóvenes concejalas españolas, elegidas en 2015, y cuatro jóvenes concejalas brasileñas, elegidas en 2016, para comprender el proceso de compromiso político en sus trayectorias, influencias, disposiciones y motivaciones. Las jóvenes investigadas en Brasil fueron elegidas después del movimiento feminista llamado Primavera de las Mulheres, y las jóvenes en España fueron elegidas después del Movimiento de los Indignados, también llamado 15M, y la creación del partido político Podemos. Para lograr el objetivo de la investigación, se realizó un estudio cualitativo, utilizando el método biográfico, a través de entrevistas semiestructuradas sobre las trayectorias de las cuatro concejalas brasileñas y las cuatro concejalas españolas. Además, se realizó una observación participante en las redes sociales de las concejalas investigadas para comprender cómo se presentan en el contexto digital. Los resultados se analizaron desde un enfoque interdisciplinario. Se utilizaron los aportes de la teoría ecológica del desarrollo humano de Bronfenbrenner y, considerando la educación más allá de los espacios formales de la escuela, es decir, en la conjunción de los diversos espacios de socialización, se utilizaron aportes del campo de estudios de la Educación Popular. El estudio muestra, entre otras conclusiones, que las agendas y trayectorias políticas de las concejalas están especialmente relacionadas con temas vinculados con el género, la lucha por derechos y por la representación de las mujeres en la política y en otros espacios. Igualmente, concluye que el compromiso político de las participantes se desarrolló como un proceso que estuvo influenciado por factores micro y macrosistémicos, entre los que las concejalas brasileñas y españolas presentan semejanzas y diferencias. La presente tesis doctoral contribuye a presentar una imagen más clara de los factores educativos, macro y microsistémicos que explican el compromiso político de las mujeres jóvenes en Brasil y España.

**Palabras-clave:** Compromiso político; Jóvenes mujeres; Concejalas; Género; Trayectorias; Educación Popular; Juventud; Redes sociales; Mujeres en la política.

SILVA, Ana Beatriz Pinheiro e. **“Fight like a woman!”: political engagement and educational experiences in the trajectories of young Spanish and Brazilian councilors.** 2022. 279 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro em cotutela com a Universidad de Sevilla (Espanha), Rio de Janeiro, 2022.

## ABSTRACT

The aim of this research was to analyze the relationships between the political engagement trajectories and the educational experiences of four young Spanish councilors, elected in 2015, and four young Brazilian councilors, elected in 2016, in order to understand the process of engagement in their trajectories, influences, dispositions and motivations. The young women surveyed in Brazil were elected after the feminist movement called “Primavera das Mulheres” and the young women in Spain were elected after the “Movimento dos Indignados”, also called 15M, as well as the creation of the political party “Podemos”. To achieve the research objective, a qualitative study was carried out, using the biographical method, through semi-structured interviews about the trajectories of the four Brazilian councilors and the four Spanish councilors. In addition, a participant observation was carried out on the social media of the councilors surveyed, in order to understand how they interact in the digital context. The results were analyzed from an interdisciplinary approach. Contributions from Bronfenbrenner's ecological theory of human development were used and, considering education beyond the formal spaces of school, that is, in conjunction with the various spaces of socialization, contributions from the field of studies on Popular Education were used. The study shows, among other conclusions, that the councilors' political agendas and trajectories are especially related to themes related to gender, the fight for women's rights and representation in politics and in other spaces. Likewise, it is concluded that the political engagement of the participants was developed as a process that was influenced by micro and macrosystemic factors, in which the Brazilian and the Spanish councilors present similarities and differences. This doctoral thesis contributes by presenting a clearer picture of the educational, macro and microsystemic factors that explain the political engagement of young women in Brazil and Spain.

**Keywords:** Political engagement; Young women; Councilwomen; Gender; Trajectories; Popular Education; Youth; Social networks; Women in politics.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUCCIÓN</b> (en castellano) .....	19
1.1 UNA PROPUESTA DE ANÁLISIS DEL COMPROMISO POLÍTICO.....	28
1.1.1 <b>Caminos de la Investigación: Cuestiones y Consideraciones Metodológicas</b> .....	33
1.1.2 <b>Metodología y Método: Combinación de Entrevistas y Observación Participante en el Contexto Digital</b> .....	33
1.2 LAS JÓVENES CONCEJALAS QUE PARTICIPAN DE LA INVESTIGACIÓN.....	34
1.2.1. <b>Instrumento</b> .....	36
1.2.2. <b>Desarrollo de la Investigación entre Brasil y España</b> .....	37
<b>2 INTRODUÇÃO</b> (em português) .....	39
2.1 UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DE ENGAJAMENTO POLÍTICO.....	47
2.1.1 <b>Caminhos da Investigação: Questões e Considerações Metodológicas</b> .....	53
2.1.2 <b>Metodologia e Método: Conjugando Entrevistas e a Observação Participante no Contexto Digital</b> .....	53
2.2 AS JOVENS VEREADORAS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	54
2.2.1 <b>Instrumento</b> .....	55
2.2.2 <b>Desenvolvimento da Pesquisa entre Brasil e Espanha</b> .....	56
<b>3 JUVENTUDES, PARTICIPAÇÃO POLÍTICA, PRIMAVERA DAS MULHERES, MOVIMENTO DOS INDIGNADOS (15M) E A NOÇÃO DE EVENTO: PRIMEIRAS INDAGAÇÕES DA PESQUISA</b> (em português) .....	59
3.1 JUVENTUDES E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA NA ATUALIDADE: ALGUNS APONTAMENTOS.....	59
3.2 GÊNERO, FEMINISMO E A LUTA DAS MULHERES POR DIREITOS.....	68
3.3 OS EVENTOS E A PRIMEIRA APROXIMAÇÃO COM O OBJETO DA PESQUISA...76	
<b>4 AS TRAJETÓRIAS DAS JOVENS VEREADORAS E A RELAÇÃO ENTRE PAUTAS POLÍTICAS, COTIDIANO, PRIVACIDADE, IMAGEM E SUBJETIVIDADES NO CONTEXTO DIGITAL</b> (em português) .....	91
4.1 PESQUISANDO NO CONTEXTO DIGITAL.....	92
4.2 RESULTADOS DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE NAS REDES SOCIAIS E DO LEVANTAMENTO DE DADOS DO SITE OFICIAL E DO CURRÍCULO LATTES DAS VEREADORAS BRASILEIRAS.....	94
4.2.1 <b>Site Oficial: Apresentação das Vereadoras, Informações, Pautas Políticas, Trabalhos Realizados pelo Mandato, Prestação de Contas e Campanhas</b> .....	94
4.2.2 <b>Currículo Lattes: Trajetória Profissional e Acadêmica</b> .....	98
4.2.3 <b>Instagram: entre Fotos e Frases sobre Política, o Dia a Dia de Vereadora e a Vida Pessoal</b> .....	102
4.3 AS VEREADORAS ESPANHOLAS NO CONTEXTO DIGITAL.....	114
4.4 AS VEREADORAS ESPANHOLAS E BRASILEIRAS NO CONTEXTO DIGITAL: ALGUNS APONTAMENTOS.....	117

<b>5 JÓVENES CONCEJALAS ESPAÑOLAS (en castellano)</b> .....	121
5.1 MÉTODO.....	121
<b>5.1.1 Participantes</b> .....	121
<b>5.1.2 Instrumento</b> .....	123
<b>5.1.3 Procedimiento</b> .....	124
5.2 LAS ENTREVISTAS DE LAS JÓVENES CONCEJALAS ESPAÑOLAS.....	125
<b>5.2.1 Lidia</b> .....	125
<b>5.2.2 Ángeles</b> .....	133
<b>5.2.3 Carlota</b> .....	140
<b>5.2.4 Marga</b> .....	147
5.3 SÍNTESIS Y COMPARACIONES ENTRE LOS RESULTADOS DE LAS ENTREVISTAS.....	154
<b>5.3.1 Escenarios que Influyen en el Compromiso Político</b> .....	155
5.3.1.1 Conyuntura política.....	156
5.3.1.2 Género.....	156
5.3.1.3 Familia.....	157
5.3.1.4 Escuela y Universidad.....	159
<b>5.3.2 El Ser Joven y Mujer: dos Hechos Identitarios que Confluyen en la Experiencia Polística de las Concejals</b> .....	160
<b>6 JOVENS VEREADORAS BRASILEIRAS (em português)</b> .....	163
6.1 MÉTODO.....	163
<b>6.1.1 Participantes</b> .....	163
<b>6.1.2 Instrumento</b> .....	164
<b>6.1.3 Procedimento para realização das entrevistas</b> .....	165
6.2 ENTREVISTAS COM AS VEREADORAS BRASILEIRAS.....	166
<b>6.2.1 Marielle</b> .....	166
<b>6.2.2 Talíria</b> .....	176
<b>6.2.3 Áurea</b> .....	188
<b>6.2.4 Sâmia</b> .....	201
6.3 SÍNTESE E COMPARAÇÕES ENTRE OS RESULTADOS DAS ENTREVISTAS.....	211
<b>6.3.1 Fatores que influenciam o Engajamento Político</b> .....	211
6.3.1.1 Carreira/Profissão/Trabalho.....	212
6.3.1.2 Escola, Universidade e outras experiências educativas.....	214
6.3.1.3 Amizades/Socialização.....	216
<b>6.3.2 O Assassinato de Marielle, a Violência Polística de Gênero e a Busca por Transformação na Polística Institucional</b> .....	217
<b>7 TRAJETÓRIAS DE ENGAJAMENTO POLÍSTICO, APRENDIZAGENS E CONTEXTOS EDUCACIONAIS DE JOVENS VEREADORAS (em português)</b> .....	221
7.1 ENGAJAMENTO POLÍSTICO COMO PROCESSO E A TEORIA ECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	222

7.2 APRENDIZAGENS E CONTEXTOS EDUCACIONAIS NAS TRAJETÓRIAS DE ENGAJAMENTO POLÍTICO.....	227
<b>8 CONSIDERACIONES FINALES</b> (en castellano) .....	235
<b>9 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> (em português) .....	239
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	243
<b>APÊNDICES</b> .....	257
Apêndice I – Carta de presentación concejales españolas.....	257
Apêndice II – Termo de Consentimiento.....	259
Apêndice III – Cuadro Etapa 1.....	261
Apêndice IV – Guion de la entrevista concejales españolas.....	263
Apêndice V – Cuestionario complementar.....	265
Apêndice VI – Carta de apresentação vereadoras brasileiras.....	269
Apêndice VII – Termo de consentimento vereadoras brasileiras.....	271
Apêndice VIII – Quadro etapa 1 vereadoras brasileiras.....	273
Apêndice IX – Roteiro de entrevista vereadoras brasileiras.....	275
Apêndice X – Questionário complementar vereadoras brasileiras.....	277



## 1 INTRODUCCIÓN

La opción por el camino de la militancia política involucra varios factores que atraviesan las trayectorias individuales. Muchos de estos factores están relacionados con la escuela, la familia, las amistades, el entorno universitario, laboral, entre otros. Es en estos lugares donde están presentes algunos mediadores, importantes en el proceso de compromiso político, creando referentes y abriendo nuevas posibilidades de participación política en colectivos, partidos, movimientos populares, sindicatos, etc. En los últimos años, las cuestiones de género, raza y sexualidad han sido de gran importancia en el proceso de toma de decisiones a través del compromiso político y la militancia, y muchos jóvenes comienzan a participar en grupos políticos después de experiencias en su vida personal relacionadas con estos temas.

La elección y la toma de decisiones para el compromiso político tienen dos dimensiones importantes, la macrosociológica y la microsociológica. La primera se relaciona con temas más amplios que afectan a la sociedad en general, como la situación política, el momento histórico, la economía o la cultura, entre otros. La segunda está asociada a trayectorias individuales, vivencia familiar, amigos, ambiente escolar, universitario y laboral. En mi tesis de maestría (SILVA, 2015) analicé el involucramiento de los jóvenes en una campaña electoral desde estas dos dimensiones. Sin embargo, al realizar las entrevistas y el trabajo de campo constaté que la dimensión microsociológica, especialmente las relacionadas con la familia, los amigos, la escuela y la universidad, tuvieron una relevancia significativa en las trayectorias de los entrevistados. La socialización en estos espacios fue fundamental para la decisión de involucrarse en causas sociales. Sobre la socialización, Dayrell (2007) aclara que:

(...) tiende a ocurrir en un flujo diario, ya sea en el intervalo entre “obligaciones”, el ir y venir de la escuela o el trabajo, ya sea en el tiempo libre y de ocio, al caminar por el barrio o la ciudad. Pero también puede ocurrir dentro de las instituciones, ya sea en el trabajo o en la escuela, en la invención de espacios y tiempos intersticiales, recreando un momento específico de expresión de la condición juvenil en determinismos estructurales. Finalmente, podemos decir que la sociabilidad, para los jóvenes, parece responder a sus necesidades de comunicación, solidaridad, democracia, autonomía, intercambios afectivos y, sobre todo, identitarios (DAYRELL, 2007, p. 1111, nuestra traducción).

En el trabajo de campo para mi tesis de maestría (SILVA, 2015), también pude observar que la participación de los jóvenes en la política a menudo se produce después de experiencias biográficas individuales, a veces vinculadas al género, la raza y la sexualidad. Por ejemplo, mujeres jóvenes que, a partir de situaciones vividas relacionadas con la opresión de género, deciden optar por la militancia política; o jóvenes negros y negras, LGBTQIA+ (lesbianas, gays, bisexuales, transexuales, travestis, queer, intersexuales y asexuales) o indígenas que a través del rechazo vivido se descubren a sí mismos, a partir de sus propias identidades, e

inician un proceso de reconocimiento y compromiso con las agendas manifestadas en el ámbito público y social.

Partiendo de las dudas generadas tras mi tesis de maestría, me planteé desarrollar una investigación en el marco de una tesis doctoral con el objetivo de analizar las relaciones entre las trayectorias de compromiso político y las experiencias educativas de jóvenes concejales, cuyas agendas y trayectorias políticas se relacionan con los temas enumerados antes, especialmente con relación al género, la lucha por los derechos y la representación de las mujeres en la política y en otros espacios.

David Harvey afirma, en su libro **La condición posmoderna**, que a partir de la década de 1970 surgieron cambios en las prácticas culturales y político-económicas vinculadas “al surgimiento de nuevas formas dominantes en las que experimentamos el tiempo y el espacio” (HARVEY, 2004). Las ideas que surgieron de estos cambios atrajeron a varios movimientos sociales que habían surgido en la década de 1960, como grupos feministas, LGBT, étnicos y religiosos. El autor se pregunta si estos grandes cambios, especialmente en la vida urbana, son una reacción al modernismo o un cambio. Una de las críticas al modernismo es la idea de una única respuesta posible a cualquier pregunta, así como la idea de una única representación. Mayorga (2013) agrega que:

También el surgimiento de nuevos actores sociales, como mujeres, negros, trabajadores, LGBT, jóvenes, etc., enfatizará la idea de un sujeto único alabado por la modernidad, ya que la neutralización y eliminación de la pluralidad de experiencias será negado, o transformará tal pluralidad en desviación, patología, irracionalidad, inferioridades. Las mujeres, los/las negros/as, los/las homosexuales y también los/las jóvenes denunciarán la no neutralidad de la idea de sujeto centrado y lo harán reivindicando el reconocimiento de sus vivencias, saberes producidos y voces como legítimas para la participación en la vida pública (MAYORGA, 2013, p. 348, nuestra traducción).

En la década de 1990 y principios de la de 2000 se habló mucho sobre el alejamiento de los jóvenes de los espacios tradicionales de activismo, sin embargo, desde ese momento hasta la actualidad se puede observar un incremento en el involucramiento de los jóvenes en grupos y colectivos con agendas sobre identidad y cultura, además de otros espacios políticos. Después de estas experiencias de participación en estos grupos, algunos jóvenes también se involucran en la militancia política institucional, en espacios más tradicionales como partidos políticos, sindicatos e incluso se presentan como candidatos y candidatas a concejales y concejalas, diputadas y diputados en busca de representación para sus agendas políticas.

En Brasil, en las elecciones municipales de 2016, surgieron cuatro candidatas a concejalas del Partido Socialismo y Libertad (PSOL)<sup>1</sup> que fueron elegidas con agendas relacionadas con cuestiones de género: Marielle Franco<sup>2</sup> (36 años<sup>3</sup>, Río de Janeiro), Áurea Carolina<sup>4</sup> (32 años, Belo Horizonte), Sâmia Bomfim<sup>5</sup> (27 años, São Paulo) y Talíria Petrone<sup>6</sup> (31 años, Niterói). Se trataba de jóvenes que venían de una militancia consolidada en movimientos sociales populares y que parecían buscar, con el ingreso a la política institucional, poner sus agendas, con voz propia.

La cara de la política en los espacios institucionales ha sido del hombre, blanco y heterosexual. Mignolo (2008) construye el argumento de que la identidad en la política es relevante no solo para la representación, sino para la deconstrucción de que esta es la apariencia “natural” de quienes participan en estos espacios. Asimismo, “la defensa de la semejanza humana sobre las diferencias humanas es siempre un reclamo de la posición privilegiada de la política identitaria en el poder” (MIGNOLO, 2008, p. 300, nuestra traducción). La importancia de la afirmación de la identidad está relacionada con el cuestionamiento de las referencias hegemónicas.

En este sentido, es importante reflexionar sobre el escenario electoral municipal de 2016 en Brasil, en el que estas jóvenes son elegidas con significativos números de votos, justo después de un gran movimiento feminista denominado Primavera de las Mujeres<sup>7</sup>, ocurrido entre finales de 2015 y 2016, que se manifestó en contra de los retrocesos en los derechos de las mujeres y en defensa, principalmente, de los derechos sobre sus cuerpos con relación a la legalización del aborto. La elección de estas cuatro jóvenes del PSOL se justifica en este

---

<sup>1</sup> El Partido Socialismo y Libertad (PSOL) es un partido político de izquierda brasileño, fundado en junio de 2004. Su creación fue impulsada por disidencias del Partido de los Trabajadores (PT), tras la expulsión, en diciembre de 2003, de las diputadas Luciana Genro y Heloísa Helena y de los diputados Babá y João Fontes, quienes discreparon de las políticas del gobierno de Lula sobre la Reforma de la Seguridad Social. El partido obtuvo el registro en el Tribunal Electoral en septiembre de 2005. Información en <https://psol50.org.br>, consultado en 20 abril de 2020.

<sup>2</sup> Marielle Franco, nacida en Río de Janeiro (Brasil) el 7 de julio de 1979, fue brutalmente asesinada en la misma ciudad el 14 de marzo de 2018, socióloga y activista de derechos humanos. Fue elegida concejala por el PSOL para el Ayuntamiento de Río de Janeiro en 2016, su mandato comenzó en 2017, hasta ser interrumpido por su asesinato en marzo de 2018.

<sup>3</sup> Edad de las concejalas en 2016, en época electoral.

<sup>4</sup> Áurea Carolina, actualmente diputada federal, nació en Tucuruí (Brasil) el 20 de noviembre de 1983, es socióloga y politóloga. Fue elegida concejala del Ayuntamiento de Belo Horizonte (Brasil) en 2016 y diputada federal en las elecciones generales de 2018 por el PSOL.

<sup>5</sup> Sâmia Bomfim, actualmente diputada federal, nació en Presidente Prudente (Brasil) el 22 de agosto de 1989, licenciada en literatura, es funcionaria pública de la Universidad de São Paulo (USP). Fue elegida concejala del Ayuntamiento de São Paulo en 2016 y diputada federal en las elecciones generales de 2018 por el PSOL.

<sup>6</sup> Talíria Petrone, actualmente diputada federal, nació en Niterói (Brasil) el 9 de abril de 1985, es profesora e historiadora. Fue elegida concejala del Ayuntamiento de Niterói en 2016 y diputada federal en las elecciones generales de 2018 por el PSOL.

<sup>7</sup> Este movimiento también se llama la Primavera Feminista.

escenario que se detallará a lo largo de la tesis y por las circunstancias concretas de este momento histórico. Una cuestión interesante que analizar es si ese mismo escenario sociopolítico contribuyó a la decisión de ellas a postularse a las elecciones de 2016.

En ese momento, yo era parte del directorio municipal del PSOL Carioca (como se llama el PSOL de la ciudad de Río de Janeiro), era parte del grupo de base de la gran región de Tijuca (barrio de la ciudad), representaba este grupo en las reuniones del PSOL de Río y participé en algunas de las manifestaciones feministas de 2015 y 2016. Por tanto, a lo largo de la presente tesis doctoral he hecho un esfuerzo de “objetivación” de mi objeto de investigación, en el sentido del concepto de Pierre Bourdieu sobre el esfuerzo por contener la subjetividad (GOLDENBERG, 2013), por mi cercanía a ese espacio, la identificación y concordancia con las agendas. Según Bourdieu (2013) “no hay objeto que no implique un punto de vista” (p. 27, nuestra traducción), no obstante, la siguiente reflexión subraya el esfuerzo por aclarar los contextos presentes en la construcción del objeto de investigación:

De hecho, en lo social, nuestras reflexiones siempre estarán llenas de historicidad, impregnadas de trayectorias personales, “comprometidas” con múltiples opciones y posiciones políticas. Conscientes de la particularidad de la relación sujeto / objeto en las ciencias sociales, lo que nos incumbe es emprender esfuerzos para “objetivación”. Esto significa hacer esfuerzos para esclarecer contextos y mapear disputas presentes en la construcción de nuestros objetos de estudio (NOVAES, 2011, p. 343, nuestra traducción).

En los siguientes párrafos pretendo explicar mi trayectoria personal y vinculación con el tema de la presente tesis doctoral. Mi participación en el PSOL comenzó cuando se creó este partido en 2004. El año anterior, un grupo de parlamentarios habían sido expulsados del Partido de los Trabajadores (PT) por votar en contra de la Reforma de la Seguridad Social<sup>8</sup>, que fue aprobada aquel año. Estos parlamentarios crearon un movimiento para un nuevo partido político. Empecé a participar en el final de este movimiento y el inicio de la creación del PSOL. Durante la mayor parte de mi período en la universidad, participé activamente en el movimiento estudiantil y en este partido. En ese momento, también era becaria de iniciación científica en el Observatorio de la Juventud de Río de Janeiro, en la Facultad de Educación, en la Universidad Federal Fluminense (UFF), universidad donde estudiaba ciencias sociales. Por lo tanto, mi interés por el tema del compromiso y la participación política de la juventud como objeto de investigación comenzó durante mis estudios de grado.

---

<sup>8</sup> En diciembre de 2013, las diputadas federales Luciana Genro y Heloísa Helena y los diputados federales Babá y João Fontes, tras discordaren de las políticas del gobierno de Lula y votar en contra de la Reforma de la Seguridad Social, fueron expulsados del Partido de los Trabajadores (PT) e iniciaron el movimiento por un nuevo partido. Información en <https://psol50.org.br>, consultada en 21 abril de 2020.

Después de terminar mi carrera en 2008, por unos años me distancié del PSOL y del activismo político en general, regresando a través del movimiento sindical en 2011, luego de incorporarme al servicio público federal. En 2012, volví a la rutina del partido después del gran movimiento en la campaña a la alcaldía de Río de Janeiro del candidato Marcelo Freixo. A través de la observación participante y de mi interés por volver a la militancia partidista, comencé a participar en las elecciones de 2012, los movimientos postelectorales, del grupo de base del PSOL del barrio Tijuca y de movimientos sociales. La participación de los y las jóvenes en esa campaña fue uno de mis principales intereses. El análisis del compromiso y la participación política en procesos institucionales, como las elecciones, ha sido un gran desafío en los últimos años. Aquella campaña electoral, denominada “Primavera Carioca”, me llevó a estudiar y analizar el compromiso político de los y las jóvenes en esa elección municipal en la ciudad de Río de Janeiro.

Así, en la maestría, que comenzó en 2013 y finalizó en 2015 en la Universidad Federal Rural de Río de Janeiro (UFRRJ), volví al tema analizando el compromiso político de los y las jóvenes en la campaña política electoral del candidato a la alcaldía por la ciudad de Rio de Janeiro, Marcelo Freixo<sup>9</sup>. La investigación mostró que los participantes del estudio tenían una diversidad de motivaciones para el compromiso político, o sea, que no fueron solo factores a nivel individual que los llevaron a esta elección, sino una combinación de factores individuales y estructurales que fueron decisivos para el compromiso. Así, las razones presentadas estaban relacionadas tanto con cuestiones macrosociológicas, centradas en las estructuras sociales y organizativas, tales como la gran movilización de los y las jóvenes, la situación y el proyecto político del candidato, como con cuestiones microsociológicas, centradas en las trayectorias, carreras y disposiciones individuales, tales como la motivación personal del momento que atravesaban en la vida, la identificación con el entorno y con otras personas también militantes. También se observó que la socialización tuvo un papel protagonista en la elección del comportamiento político. Las experiencias de socialización en la familia, la escuela y la universidad fueron identificadas como importantes en este proceso.

Después de la tesis de maestría, surgieron nuevas preguntas sobre el compromiso y la participación política de los y las jóvenes, por lo que decidí continuar con este tema en mi investigación doctoral. Como la escuela y la universidad se presentaban como un referente importante para el compromiso político de los jóvenes entrevistados en mi investigación de

---

<sup>9</sup> SILVA, A. B. P. “**Nada deve parecer impossível de mudar**”: juventude e engajamento na “Primavera Carioca” das eleições de 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Orientadora: Elisa Guaraná de Castro. Co-orientador: Marco Antonio Perruso.

maestría, reflexioné que sería importante realizar el doctorado en educación, para profundizar el análisis del tema en el campo de estudios de sociología de la educación.

La selección para el Programa de Posgrado en Educación de UNIRIO se realizó en 2016, año de las elecciones municipales en Brasil, en el que se vivía la construcción de candidaturas y la campaña electoral. Mi proyecto inicial, presentado en el proceso de admisión para el doctorado, tenía por objetivo hacer un análisis sobre la juventud de los partidos políticos. Sin embargo, a lo largo del primer año de mi doctorado fui cambiando ese proyecto inicial a partir del escenario de las elecciones de 2016, en el que, en varias ciudades, fueron elegidas jóvenes concejalas que antes no eran figuras públicas y que por primera vez participaron en una elección. Así, en 2017, durante el primer año del doctorado, definí el nuevo tema de mi investigación doctoral: el análisis de las trayectorias políticas y educativas de las jóvenes concejalas del PSOL electas en 2016. En ese mismo año, tomé las asignaturas obligatorias, comencé a redactar el nuevo proyecto y hacer un seguimiento más sistemático de las concejalas en las redes sociales.

Durante el curso del doctorado, surgió la oportunidad de ampliar la investigación al contexto de otro país. Durante la estancia de doctorado, que comenzó en noviembre de 2018, en la Universidad de Sevilla (US), con la profesora Águeda Parra como tutora, se inició un proyecto de investigación<sup>10</sup> con el objetivo de redactar un artículo sobre trayectorias, compromiso político y la identidad política de jóvenes concejalas del partido político español Podemos<sup>11</sup>. El artículo sería el resultado de esta experiencia académica de estudios e investigación en otra universidad y en otro país.

Sin embargo, “en cada desplazamiento las historias se mueven [...]. Los desplazamientos y los encuentros son la geometría variable del desvío. Y contar y escuchar historias es la posibilidad de desviarnos” (GARCÉS, 2018, p. 36-37). De esta manera, la experiencia de realizar esta investigación en otro país trajo consigo nuevas historias, nuevos contextos políticos y la posibilidad de expandir la tesis a un escenario que no era solo de algunas ciudades brasileñas, pues mujeres jóvenes de diversas partes del mundo también estaban buscando una mayor representación en los espacios políticos institucionales.

---

<sup>10</sup> El proyecto de investigación “Jóvenes Concejalas en España: compromiso político y construcción de identidad política” tuvo como objetivo investigar la construcción de la identidad política de las jóvenes concejalas en la España actual. El proyecto nació en el marco de la estancia de doctorado en la Universidad de Sevilla, con una beca de la Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes/BRASIL). Las profesoras Águeda Parra Jiménez e Inmaculada Sánchez Queija y el profesor Manuel de la Mata Benítez, de la Universidad de Sevilla, participaron en la creación del proyecto y les agradezco mucho por sus contribuciones en este proceso.

<sup>11</sup> Podemos es un partido político de izquierda español, fundado el 11 de marzo de 2014. <https://podemos.info>.

Esta tendencia puede relacionarse con lo que Pleyers (2020) denomina luchas de “altermundialismo”<sup>12</sup>, ya que, a partir de la segunda mitad de la década de 2010, este fenómeno también se pudo observar en otros países, como por ejemplo en los Estados Unidos de América. En ese caso, para las elecciones de representantes para el Congreso Nacional, en 2018, un número histórico de mujeres, negras y negros, a pesar de haberse postulado por primera vez, fueron elegidos y elegidas desafiando a los políticos tradicionales con muchos años de experiencia<sup>13</sup>. Una de estas personas es la joven congresista Alexandria Ocasio-Cortez, que se postuló por primera vez y ganó las elecciones para Nueva York ese año. En el caso de España, en 2015, por primera vez, las mujeres superaron el 35% de representación política en los Ayuntamientos (ESPÍ-HERNÁNDEZ, 2017), demostrando una propensión a incrementar su participación en estos espacios.

La combinación de diferentes contextos, escalas y procesos es importante para pensar globalmente sobre el compromiso político y la trayectoria de las mujeres jóvenes en los espacios políticos representativos de los gobiernos locales, porque “más allá de particularismos y a pesar de las especificidades, necesitamos entender como las luchas y las culturas de activismo contemporáneo resuenan más allá de las fronteras nacionales” (BRINGEL y PLEYERS, 2017, p. 22). Esto significa que no se trata simplemente de comparar estas realidades, sino de comprender, a través de la investigación empírica, sus actores y procesos sociales en sus diferentes contextos y escalas (BRINGEL; PLEYERS, 2017) junto con las teorías y desafíos de cada país (PLEYERS, 2018). Así, la ampliación del diseño inicial de la tesis vino con el objetivo de ampliar la investigación, analizando las trayectorias de vida, educativas y de compromiso político de las jóvenes concejalas de Brasil y España. Profundizando en el tema con datos de dos países diferentes, permitiendo la comparación, cuando fuera plausible, siempre teniendo en

---

<sup>12</sup> Pleyers (2020) llama a los movimientos globales que surgieron a mediados de la década de 1990 como “altermundialista”. Estos movimientos tenían como principales características, además de su carácter global, la lucha contra el neoliberalismo. El autor también destaca el resurgimiento de los movimientos indígenas y campesinos durante este período. Reflejo de la crisis financiera y económica de 2007/2008, en 2011 se inició una nueva etapa para los movimientos sociales, con movilizaciones masivas de ciudadanos exigiendo más democracia en varios países del mundo. Estas movilizaciones, a pesar de estar relacionadas con las luchas del altermundialismo, inician una nueva etapa, con una reconfiguración de las modalidades de acción y otros temas, poniéndose en movimiento “con sus experiencias de vida, con su hiper-conectividad, con sus sueños y sus demandas de una vida más digna y de un mundo menos desigual y más democrático” (p. 16). Así, por estas características, un movimiento que se da en varios países, no solo en la búsqueda de la representación en los espacios institucionales, sino con manifestaciones feministas en diversas partes del mundo, con mujeres compartiendo sus experiencias de vida y sus agendas por más igualdad está relacionada con lo que se llama altermundialismo.

<sup>13</sup> El documental “A la conquista del congreso” (2019), en la plataforma Netflix, dirigido por Rachel Lears, muestra entre bastidores de la elección de cuatro mujeres, compitiendo con políticos que tuvieron campañas millonarias, en las elecciones al Congreso de Estados Unidos, en 2018.

cuenta las diferentes circunstancias, historias y culturas, pero entendiendo que, hoy, la participación política de las mujeres jóvenes es un fenómeno que traspasa fronteras.

El principal objetivo de la presente tesis doctoral es comprender el proceso de compromiso político en las trayectorias de cuatro jóvenes concejalas españolas, elegidas en 2015 por el partido político Podemos, y de cuatro concejalas brasileñas, elegidas en 2016 por el PSOL. Concretamente, conocer cuales son las influencias, disposiciones y motivaciones que las llevaron a implicarse en la política institucional. Los objetivos secundarios son observar cómo se desarrolló la relación entre el compromiso político, los contextos y las experiencias educativas en sus trayectorias y cómo estas experiencias educativas incentivaron la toma de decisiones para el compromiso político; quiénes son los mediadores involucrados en esta relación, es decir, las personas e instituciones sociales que influyeron o estimularon el proceso de compromiso político; cómo se presentan en las redes sociales; cómo se relacionan su vida familiar, profesional y sus amistades con su compromiso político y si existen tensiones en este proceso.

El estudio de la mujer en la política es un campo de investigación muy amplio. La investigación sobre el compromiso político y la participación de las mujeres en la política institucional en los últimos años se ha centrado en analizar un conjunto de cuestiones, entre las que podemos citar las siguientes: a) los efectos de la implementación de la cuota de género (ROCHA e SANTOS, 2021; MENUCCI e NIELSSON, 2019; MOURA e GUNDIM, 2019; LIMA, 2019; HINOJOSA, FRIDKIN e KITTELSON, 2017; REZENDE, 2017; BAMBIRRA e MARQUES, 2018; SPOHR, MAGLIA, MACHADO e OLIVEIRA, 2016; DAHLERUP, 2006; KITTELSON, 2006; KROOK, 2009; BHAVNANI, 2009; FRANCESCHET, KROOK e PISCOPO, 2012); b) los problemas de representación simbólica (VERGE and PASTOR, 2018; LOMBARDO and MEIER, 2014); c) la evaluación de si la mayor presencia de candidatas influye en el compromiso político de las mujeres (CARRERAS, 2017; WOLBRECHT and CAMPBELL, 2017); d) si la presencia de más mujeres en la política afecta las actitudes de los políticos masculinos hacia la igualdad de género (KOKKONEN and WÄNGNERUD, 2017); e) analizar las posibles razones de la brecha de género en la participación política (WOLAK, 2020); f) conocer la representación mediática de las mujeres políticas y sus agendas (SMITH e HOLECZ, 2020; GARCÍA-BLANCO e WAHL-JORGENSEN, 2013; JOSHI, HAILU e REISING, 2020; CAMERON e SHAW, 2020; SANTOS, CABECINHAS, CERQUEIRA, 2015); g) estudiar cuestiones relacionadas con los partidos políticos como el reclutamiento, y los sistemas electorales en clave de género (FOX e LAWLESS, 2010; ARAÚJO, 2010;

KENNY, 2013; MARTÍNEZ i COMA e LAGO, 2021; BARNES e CASSESE, 2017; NAVAS e COSTA, 2017; FORTIN-RITTBERGER, EDER, KROEBER e MARENT, 2019; WINEINGER e NUGENT, 2020); h) analizar el liderazgo femenino (JALALZAI and KROOK, 2010; BATURO and GRAY, 2018); i) estudiar el comportamiento legislativo de las mujeres (ANDRADE, 2013; ROMERO e KERSTENETZKY, 2015; RODRIGUES, 2016; SANCHEZ, 2017; COELHO, 2019; FRANCO, 2020; CORNACCHIONE e TUNING 2020; RAMSTETTER e HABERSACK, 2020); y j) analizar la intersección entre género y edad en los parlamentos (JOSHI and OCH, 2019); y k) analizar trayectorias (CAMPOS, 2015), carreras políticas (VIOLA, 2019; PINTO y SILVEIRA, 2018) y la influencia en estas variables del capital político familiar heredado (MIGUEL, MARQUES y MACHADO, 2015; LENKIC y GUEDON, 2018).

La mayor parte de las investigaciones se centran en la baja representación de las mujeres en los órganos legislativos y ejecutivos (PAXTON, KUNOVICH and HUGHES, 2007; WÄNGNERUD, 2009; SUNDSTRÖM and STOCKEMER, 2015), principalmente en los parlamentos nacionales. Sin embargo, pocas investigaciones analizan la representación local de las mujeres (PINI e MCDONALD, 2011; DE MARTINS SAMPAIO, DE PAULA, MIRANDA, 2016; BARBOSA, 2017; MCGREGOR e WEBSTER, 2017; GASPAR, 2017; BRAGA, DALCIN, BONI, 2020) y sus repercusiones, a pesar de ser un campo de estudio en crecimiento (SUNDSTRÖM and STOCKEMER, 2015). Además de los temas generales mencionados en el párrafo anterior, en cuanto a la representación municipal, debido a su especificidad, existen algunos estudios con otros enfoques. Entre ellos podemos citar el estudio de las razones por las cuales más concejalas no se están convirtiendo en parlamentarias (ALLEN, 2013), las interacciones que se producen en la política local, por ejemplo, sobre la condición de la mujer en las instituciones regionales (RINCKER 2009; SILVA, 2015; CHAVES, 2017), la producción legislativa (FRANCO, 2018), la correlación entre la presencia de la mujer en la política y el compromiso de los políticos masculinos con la igualdad de género (KOKKONEN and WÄNGNERUD, 2017), el método electoral, la competitividad en las elecciones y los estereotipos de género (BRANDÃO, 2018; CROWDER-MEYER, GADARIAN e TROUNSTINE, 2015; BAUER, 2020). Pocos estudios han analizado la intersección específica de juventud, género y educación en la esfera pública (SMITH y HOLECZ, 2020) y en la política institucional, y menos aún se centran en las influencias y disposiciones para el compromiso político de las jóvenes que son elegidas concejalas en dos países diferentes, objetivo de este estudio.

## 1.1 UNA PROPUESTA DE ANÁLISIS DEL COMPROMISO POLÍTICO

La participación y el compromiso político de los y las jóvenes son vistos por la sociedad en general, a lo largo de las últimas décadas, a veces como una expectativa de posibles cambios positivos para la nueva generación y otras veces, en un sentido contrario con preocupación por su falta de interés por la política. Las juventudes, en diferentes contextos y tiempos históricos, contestan a las inquietudes sociales construyendo sus propios repertorios y tipos de participación de maneras diversas. Estos repertorios y tipos de participación son incorporados por las nuevas definiciones que se van construyendo de la participación y el compromiso político, o, dicho de otra forma, los conceptos de participación y compromiso con la política se amplían y modifican de una generación a otra, ya que estos conceptos están directamente relacionados con el contexto social e histórico (BORBA, 2012).

En ese sentido, es importante “percibir cómo las personas se transforman de espectadores en participantes” (MEDEIROS, 2012, p. 19), o sea, es necesario estudiar, investigar y reflexionar sobre el compromiso y la identidad política en diferentes escenarios de coyunturas, tiempos históricos y realidades sociales. En el caso de las mujeres es especialmente importante hacerlo porque son muy pocas las investigaciones sobre la participación y el compromiso de las mujeres en la política institucional local (ESPÍ-HERNÁNDEZ, 2017) y se hace necesario ampliar las investigaciones y análisis sobre ese tema.

Compromiso es un término polisémico, abordado desde diversas perspectivas en las ciencias sociales, aunque son pocas las discusiones/aproximaciones analíticas sobre el concepto. Norbert Elias (1990), cuando analiza la cuestión del desarrollo social del conocimiento científico y las relaciones humanas con los fenómenos de la naturaleza, reflexiona sobre la oposición entre compromiso y distanciamiento. Él afirma que el comportamiento de los adultos oscila entre estos dos extremos, y que está influenciado por el desarrollo social, las presiones sociales y psicológicas. El equilibrio, que cambia constantemente entre tipos de conductas e impulsos, lleva a asumir un mayor compromiso o distanciamiento (ELIAS, 1990). En estos términos, ligados a cuestiones psíquicas, lo que se observa en general es que algunas personas y sus formas de manifestarse muestran un mayor distanciamiento, mientras que otras un mayor compromiso. Entre estos dos polos, según Elias (1990), existe un continuo que constituye el problema real para determinar la posición que ocupan determinadas actitudes o acciones humanas entre comprometidas/distanciadas.

Elias habla de esta relación de compromiso/distanciamiento en términos generales debido a la característica polisémica del término. En sociología, el concepto se suele utilizar cuando se intenta explicar el hecho de que las personas se dedican a alguna actividad de forma duradera (BECKER, 1960). En general, es muy utilizado para caracterizar el acto de participar en movilizaciones por alguna causa, es decir, es utilizado como un término similar al de participación política. Conforme apunta Giacomo Sani, en una entrada del **Diccionario Político**, participación política es:

En la terminología actual de las ciencias políticas, la expresión Participación Política se utiliza generalmente para designar una serie variada de actividades: acto de voto, militancia en un partido político, participación en manifestaciones, contribución a una determinada asociación política, discusión de eventos políticos, participación en un mitin o reunión de sección, apoyo a un candidato en particular durante una campaña electoral, la presión ejercida sobre un político líder, la difusión de información política, etc. Es fácil ver que tal uso de la expresión refleja prácticas, orientaciones y procesos típicos de las democracias occidentales” (SANI *In*: BOBBIO, MATTEUCCI y PASQUINO, 2004, nuestra traducción).

Por la característica polisémica del término, es importante aclarar la noción de compromiso político que se utilizará en esta tesis. Para Montero (cit. CONSUEGRA ANAYA, 2010), el compromiso es “la conciencia y el sentimiento de responsabilidad y obligación respecto del trabajo y los objetivos de un grupo, comunidad, proyecto o causa, que conduce a la persona a acompañar, actuar y responder ante ellos por las acciones llevadas a cabo” (p. 47). En esta dirección, la definición de Reis (2007) agrega que el compromiso se relaciona con la voluntad de posicionarse sobre diferentes temas y problemas desde diferentes dominios, siempre con un sentido de intervención e inserción en la realidad.

Disposición es uno de los términos que se utilizan cuando se habla de compromiso. El sociólogo Bernard Lahire (2004), analizando este concepto, afirma que las disposiciones de cada individuo son producto de sus múltiples experiencias socializadoras. Para él, la sociología disposicional está fundamentalmente ligada a la sociología de la educación, refiriéndose al sentido más amplio, una sociología de la socialización. Los orígenes de las disposiciones se pueden revelar a través de la interpretación de varias características, a través de la observación y análisis de la trayectoria biográfica, utilizando cuestionarios y/o realizando entrevistas durante la investigación. Según Brenner (2011), el concepto de disposiciones de Lahire ayudó a reorganizar conceptualmente la investigación sobre socialización política, donde los eventos

a lo largo de la vida “son fundamentales para comprender las prácticas políticas en la edad adulta” (p. 39)<sup>14</sup>.

La toma de decisión por el compromiso político es un proceso individual y dinámico que incluye predisposiciones, multiplicidad de compromisos e incluso desvinculaciones a lo largo de la vida (CARVALHO, 2013) sea, en determinados momentos se puede estar comprometido políticamente con una causa, en otro momento con varias causas y a menudo alejarse y volver posteriormente a esos espacios de participación política. Las elecciones vitales están impregnadas de subjetividades y también de sentimientos, como el sufrimiento. Así, los lazos de amistad y otras motivaciones individuales de carácter microsociológico pueden ser determinantes en este proceso, ya que "solamente la existencia de una organización que milite en torno a una causa determinada no es suficiente para llevar a un individuo con predisposiciones a militar por esta causa a comprometerse" (CARVALHO, 2013, p. 65, nuestra traducción). Seidl (2014) agrega que la militancia<sup>15</sup> puede ser vista como una esfera de la vida social, por lo tanto, “la intensidad de la relación del individuo con esta esfera depende de su interacción constante con otras esferas de la vida, como la familia y los sentimientos, el trabajo, la escuela, amistades, ocio, etc.” (SEIDL, 2014, p. 60, nuestra traducción).

Como dije anteriormente, la elección y la toma de decisiones para el compromiso político tienen dos dimensiones importantes, la macrosociológica y la microsociológica. En mi tesis de maestría (SILVA, 2015), me di cuenta de que la dimensión microsociológica tenía una relevancia significativa en las trayectorias de los y las entrevistadas. Así, concluí que las relaciones y mediadores que surgen en espacios como escuelas, universidades, redes de amistad, colectivos, familia, etc. son fundamentales para entender el compromiso político y las trayectorias de las concejalas como un proceso relacional, dinámico y complejo, con condiciones objetivas y subjetivas. Los mediadores, según Velho (2013), “estableciendo comunicaciones entre distintos grupos y categorías sociales, son a menudo agentes de cambio, enfatizando la importancia de su estudio. La acción tiene el potencial de cambiar fronteras, con su ir y venir, transitando con información y valores” (VELHO, 2013: 147). Para la antropóloga

---

<sup>14</sup> Relacionada con la socialización política, existe en la sociología un campo importante de estudios sobre el compromiso militante, especialmente en Francia (SAWICKI y SIMÉANT, 2011), analizando carreras militantes. Sin embargo, no es el objetivo de esta tesis analizar el compromiso con este enfoque, como carreras militantes, sino las motivaciones, influencias, mediadores y disposiciones para el compromiso político de las concejalas de este estudio.

<sup>15</sup> Es importante resaltar que: “El compromiso político y el militanismo, aunque tienen significados ligeramente diferentes, pueden definirse como la aproximación entre individuos y grupos de interés constituidos. [...] El militanismo, aunque engloba la definición de compromiso político, la expande, ganando la dimensión de dedicación sistemática a una causa o acción” (BRENNER, 2013, p.1).

Regina Novaes (2017), “en las trayectorias juveniles, los hechos y las personas hacen que las historias de vida forjadas en un mismo contexto social sean únicas” (NOVAES, 2017: 7).

El estudio de mi tesis doctoral buscó un enfoque interdisciplinario. Con mi formación en ciencias sociales, principalmente en sociología y antropología, cursando el doctorado en educación y en psicología, busqué reflexionar sobre mi objeto de estudio de manera amplia, trayendo aportes de estas ciencias, tanto en la teoría, como en la metodología y propuesta de análisis de resultados. Por lo tanto, la admisión al curso de doctorado en Educación y la cotutela para cursar el doctorado en Psicología fomentaron la interdisciplinariedad entre estos campos de estudio (sociología, psicología y educación) para comprender el fenómeno estudiado.

Para comprender el proceso de compromiso político en las trayectorias de las jóvenes concejalas, con la experiencia de análisis que ya había realizado en mi tesis de maestría, en aquel caso, más centrada en las dimensiones macrosociológica y microsociológica, la teoría ecológica del desarrollo humano de Bronfenbrenner (1979) presentó elementos para profundizar el análisis del proceso de compromiso político.

La teoría ecológica del desarrollo humano de Bronfenbrenner (1979) permite comprender cómo se integran y articulan los diferentes planos y niveles de influencia social y cultural sobre el desarrollo humano en todos los ámbitos, incluido el moral y el relacional. Según Palacios (2014), en el modelo de esta teoría “el contexto pasa a concebirse como una sucesión de esferas interpenetradas de influencia que ejercen su acción combinada y conjunta sobre el desarrollo” (p. 55). Así, es posible observar la relación entre la persona y el entorno ecológico, en una interacción recíproca. En este sistema identificado por Bronfenbrenner (1979), “cada una de esas esferas representa un tipo y una fuente de influencias respecto a la persona en desarrollo” (p. 55), las dimensiones del mapa ecológico son: el microsistema, el mesosistema, el exosistema y el macrosistema.

La dimensión microsistémica es el entorno donde el individuo establece sus interacciones más cercanas, o sea, los contextos más inmediatos, como la familia, la escuela, la amistad, la universidad y el trabajo. El mesosistema se refiere a las interrelaciones entre los microsistemas, las dimensiones más cercanas al individuo, aquellas en las que participa activamente, como la interrelación de la familia con los amigos, es decir, las interrelaciones de dos o más entornos cercanos a la persona. La dimensión exosistémica está ligada al entorno en el que la persona no es un participante activo, pero le afecta de alguna manera, como una influencia indirecta, como el lugar de trabajo de sus padres o los amigos de sus familiares. El macrosistema, es el contexto más amplio, está relacionado con cuestiones generales que existen

en diferentes culturas y que afectan o determinan las estructuras y actividades de la sociedad. Se relaciona con valores, leyes, costumbres, moral, situación económica, creencias, ideología, cambios históricos, hábitos y formas de vida característicos de determinadas sociedades o culturas (BRONFENBRENNER, 1979; PALACIOS, 2014). Bronfenbrenner actualizó esta teoría a través de su modelo bioecológico que se centra más en las características biopsicológicas (BRONFENBRENNER & MORRIS, 1998). Palacios (2014) explica que en esta actualización:

[...] se ha añadido un énfasis especial tanto en las características geno y fenotípicas de la persona (precisamente para evitar que el sujeto y su individualidad queden olvidados en medio de tanta influencia contextual), como en las relaciones del sujeto en desarrollo con las personas y situaciones de su entorno (precisamente para realzar la importancia dada a las interacciones y a la bidireccionalidad de las influencias). Además, en su versión más reciente el modelo ha añadido una insistencia en la dimensión esencialmente temporal del desarrollo psicológico, en un intento de resaltar el carácter evolutivo de los cambios psicológicos (PALACIOS, 2014, p. 57).

Sin embargo, para el análisis propuesto aquí, este nuevo enfoque no se aplica, ya que se observarán interacciones en ambientes ecológicos para comprender específicamente el proceso de compromiso político. El objetivo de mi tesis no es un análisis en profundidad del desarrollo humano, por lo tanto, de esta teoría solo se adoptan los elementos que nos ayudan en el análisis de los resultados, especialmente la relación entre la persona y las dimensiones del mapa ecológico (microsistema, mesosistema, exosistema y macrosistema). La investigación, cuyo resultado se presenta en esta tesis, analiza qué factores de estas dimensiones y sus interconexiones influyeron en las trayectorias de compromiso político de las concejales entrevistadas.

A la vista de estas dimensiones y contextos, es posible observar los aprendizajes y experiencias educativas que se desarrollan en estos espacios y en sus interrelaciones y cómo afectan al compromiso político. En este sentido, los aportes del campo de estudio de la Educación Popular, considerada una educación más allá de los espacios formales de la escuela, en la conjunción de los diversos espacios de socialización, nos ayudan a comprender el proceso de compromiso político.

La Educación Popular, entendida como fenómeno sociocultural y una concepción educativa, se desarrolló principalmente a partir de la década de 1970 con Paulo Freire (JARA, 2020). Según Oscar Jara (2020), sus fundamentos epistemológicos, éticos, políticos y pedagógicos apuntan a un modelo educativo transformador y sus modalidades van desde una mayor informalidad hasta una política pública de gobierno. Según la cita a continuación, esta concepción educativa comprende un proceso político-pedagógico:

[...] centrada en el ser humano como sujeto histórico creador y transformador que se construye socialmente en las relaciones con los demás seres humanos y con el mundo. Se basa, por tanto, en principios ético-políticos que reivindican la construcción de relaciones de poder equitativas y justas en los diferentes ámbitos de la vida y en una pedagogía crítica creativa y participativa, que busca el pleno desarrollo de todas las capacidades humanas: cognitivas, psicomotoras y valorativas. (JARA, 2020, p. 25, nuestra traducción).

Desde esta perspectiva, la pedagogía es una dimensión activa y constructora de los sujetos. Para el autor (JARA, 2020), la educación juega un papel fundamental en diferentes aspectos de la vida, como factor de "socialización, transmisión de normas generales, adaptabilidad y también espacio para la constitución de la identidad, construcción de la autonomía, conciencia de la particularidad y universalidad, construcción de capacidades transformadoras, afirmación de ideas" (p. 38). Según esta teoría, el aprendizaje es un componente fundamental del desarrollo educativo. Además, es necesario tener claro que "los límites del hecho educativo son sumamente amplios y que, por supuesto, no pueden restringirse a actividades realizadas en el marco del sistema escolar o formal" (p. 51). Por todo ello, observar los aprendizajes y los contextos educativos involucrados en las dimensiones del microsistema, mesosistema, exosistema y macrosistema, nos da más posibilidades de comprender el proceso de compromiso político.

### **1.1.1 Caminos de la investigación: cuestiones y consideraciones metodológicas**

#### **1.1.2. Metodología y método: combinación de entrevistas y observación participante en el contexto digital**

En la investigación de la tesis doctoral se utilizó la metodología cualitativa, aplicando el método biográfico, con entrevistas semiestructuradas, para investigar las trayectorias de compromiso político y contextos educativos de las concejalas, y la observación participante en el contexto digital, para comprender cómo participaban y qué dimensiones de su vida se presentaban en las redes sociales. Conviene señalar que se amplió la investigación al contexto digital considerando, sobre todo, el enorme aumento de la utilización de esta herramienta en los procesos de discusión política en los últimos diez años.

Para entender bien la metodología de esta tesis doctoral es importante resaltar que los datos biográficos no son solo reflejos del individuo, ya que, a pesar de subjetivos, están llenos de elementos sociales y constituyen un hecho sociológicamente objetivo (PAIS, 2003). Según Pais (2003):

[...] si cada biografía aparece como síntesis de una historia social y, al mismo tiempo, cada comportamiento o acto individual aparece como síntesis de una estructura social, siempre hay lugar para un movimiento de ida y vuelta, de la biografía al sistema social

y de allí a la biografía. Es decir, el sistema social -en la medida en que no existe fuera de los individuos- se manifiesta siempre en la vida individual, de tal manera que puede ser aprehendido en base a la especificidad de las prácticas individuales (PAIS, 2003, p. 151, nuestra traducción).

El método biográfico, para el pensador italiano Gramsci, es un instrumento fundamental para la investigación social. Él, uno de los primeros marxistas en reclamar la importancia de las biografías en la investigación, afirma que el método biográfico nos permite comprender no solo cómo funcionan las estructuras, sino cómo reacciona la gente real a los cambios históricos, en paralelo al carácter dialógico que implica la reflexión sobre una trayectoria de vida (FEIXA, 2018). Teniendo en cuenta la afirmación anterior y la del sociólogo, también italiano, Franco Ferrarotti de que se puede “leer una sociedad a través de una biografía” (FERRAROTTI *apud* FEIXA, 2018, p. 64-65), las voces de las historias de vida construidas dialógicamente “nos dan clave para comprender los sistemas sociales en los que sus vidas se insertan” (FEIXA, 2018, p. 65).

La articulación entre biografía individual y elementos sociales, contexto histórico y social, también se refleja en la obra **Mozart**: sociología de un genio, de Nobeit Elias (1994). A través del análisis biográfico de Mozart, Elias también presenta el momento histórico, cultural y político, haciendo del libro una importante referencia teórica en el análisis del individuo y la sociedad desde el método biográfico (GOLDENBERG, 2013). Según la antropóloga Mirim Goldenberg (2013), “Elías demuestra que el individuo se hace por sus actividades y por las condiciones que tiene para llevarlas a cabo en el contexto histórico y social en el que existió” (GOLDENBERG, 2013: 41, nuestra traducción). De esta forma, la metodología, el método y las técnicas de investigación elegidas para esta tesis fueron las que mejor podrían responder a las preguntas de investigación, ya que aportan elementos no solo para comprender las trayectorias individuales, sino para entenderlas en el momento histórico, cultural y político en el que están inmersas.

## 1.2 LAS JÓVENES CONCEJALAS QUE PARTICIPAN DE LA INVESTIGACIÓN

Como ya se ha señalado, el objetivo inicial de esta tesis doctoral era conocer las trayectorias educativas de las 4 jóvenes concejalas brasileñas Marielle, Sâmia, Áurea y Taliria, para lo cual, se pretendían realizar entrevistas individuales presenciales con cada una de ellas. La elección de estas cuatro jóvenes del PSOL se justifica por las circunstancias específicas en las que fueron electas y que despertaron mi interés en realizar este estudio. Eran jóvenes que venían de una militancia consolidada en los movimientos sociales populares, no eran figuras

públicas, pero fueron elegidas con amplio número de votos, justo después de un gran movimiento feminista llamado Primavera de las Mujeres, que se dio entre finales de 2015 y 2016. Sus agendas se relacionaban con los temas feministas planteados en estas manifestaciones. La elección del PSOL es por haber observado estas circunstancias en su militancia política, en ese espacio partidario y por haberen sido elegidas por ese partido. Sin embargo, de las participantes que fueron pensadas inicialmente, las entrevistas solo fueron posibles con Sâmia, Áurea y Talíria.

El 14 de marzo de 2018, la concejala Marielle Franco y su chofer Anderson Gomes fueron brutalmente asesinados en Estácio, un barrio de la ciudad de Río de Janeiro, cuando regresaba de una actividad política. La policía sigue investigando el caso y quedan muchas preguntas sin respuesta, como “¿quién ordenó el asesinato de Marielle?”. Las manifestaciones por el asesinato de Marielle se llevaron a cabo en todo el país y en diferentes partes del mundo. Este asesinato político con el propósito de silenciar a una joven negra como Marielle e interrumpir una carrera política que representó a mujeres jóvenes, negras y *faveladas*, muestra cómo la política institucional sigue conectada con intereses que excluyen, incluso llevando al asesinato.

Personalmente, me conmovió profundamente la muerte de Marielle, después de un tiempo volví a pensar en cómo se llevaría a cabo la investigación y me di cuenta de que, incluso con la imposibilidad de entrevistarla, debía mantener a las cuatro concejalas brasileñas como había diseñado inicialmente, realizando los ajustes metodológicos necesarios. Con eso, realicé la entrevista con Monica Benício, la viuda de Marielle.

En el caso de España, tras ampliar la investigación al contexto español, se entrevistó a cuatro jóvenes concejalas del partido político Podemos. La elección de Podemos se justifica por varios elementos, algunos de los cuales se desarrollarán y se explicarán más adelante. Podemos fue fundado en 2014 por intelectuales y movimientos sociales, uno de sus ejes centrales es la lucha feminista, con una gran presencia de mujeres en la dirección del partido. La creación del partido estuvo influenciada por el movimiento de los “indignados” en España y sus secuelas, un movimiento llevado a cabo principalmente por jóvenes. En poco tiempo, logró elegir cinco diputados al Parlamento Europeo, convirtiéndose en un fenómeno enorme. Un elemento central de este fenómeno fue el gran activismo digital y la creación de plataformas mediáticas de discusión política (BRINGEL, 2015). Por tener estas características de ser un partido político nuevo y de haber surgido de un movimiento liderado principalmente por jóvenes, fue el partido que consideré podía aportar más respuestas a la investigación, además,

era necesario hacer una delimitación del objeto investigado. Estos elementos coinciden con algunos puntos de la experiencia del PSOL, el partido de las jóvenes concejalas brasileñas.

Las españolas entrevistadas iniciaron su mandato en sus respectivos municipios en 2015, cuando tenían entre 23 y 34 años. En la tesis se utilizan seudónimos, ya que no son figuras públicas, son de ciudades muy pequeñas y la divulgación de nombres no fue esencial para la investigación, por eso, se optó por preservar su privacidad. En el caso de las brasileñas, ya eran figuras públicas y, con los datos de la investigación, serían fácilmente identificables. De todas las maneras, y para cumplir con requisitos éticos, se preguntó a las participantes de Brasil si preferirían o no la identificación, y todas las señalaron que sí. Por estos motivos y las diferencias de contexto, se preservó el anonimato de las concejalas españolas.

### **1.2.1 Instrumento**

Para dar respuesta a las preguntas y al objetivo de la investigación, se realizó un estudio cualitativo con la observación participante en las redes sociales y entrevistas semiestructuradas, utilizando el método biográfico. La observación de los participantes se realizó en las redes sociales en las páginas de Facebook e Instagram, y se recopilaban datos del Currículo Lattes<sup>16</sup> y sitios web oficiales (esos dos últimos en el caso de las brasileñas). Con algunas particularidades, que se detallarán en el segundo capítulo de esta tesis, como el hecho de que las concejalas españolas entrevistadas no tienen un sitio web oficial y el Currículo Lattes es una plataforma brasileña con perfil académico. La observación consistió en ser seguidora de las concejalas en estas redes sociales Facebook e Instagram, dando me gusta y comentando algunas publicaciones, copiando y pegando algunas frases y textos, guardando o fotografiando las publicaciones más relevantes para la investigación y tomando notas en mi diario de campo.

Para las entrevistas se elaboró un guión con preguntas semiestructuradas. Para el guión se pensaron cinco elementos del microsistema, los cuales se abordaron para comprender ampliamente las trayectorias, los contextos educativos y la decisión de compromiso político de las concejalas. Estos elementos del microsistema fueron: 1. Familia; 2. Escuela, universidad y otras experiencias educativas; 3. Carrera/Profesión/Oficio; 4. Amigos/Socialización; 5. Militancia política/Carrera política. Además, se elaboró un cuestionario complementario con

---

<sup>16</sup> El Currículo Lattes se utiliza en Brasil para registrar las actividades académicas de estudiantes e investigadores, adoptado por la mayoría de las instituciones de financiamiento, universidades e institutos de investigación. Fuente: <http://lattes.cnpq.br/> consultado en agosto de 2018.

preguntas sobre datos básicos, como edad, educación, si tenían hijos o no y nivel socioeconómico.

### **1.2.2 Desarrollo de la Investigación entre Brasil y España**

La investigación comenzó en 2017, tras los ajustes al proyecto en este primer año del doctorado, en 2018 inicié la observación participante en las redes sociales de las concejalas brasileñas, desde las páginas de Facebook e Instagram y la recopilación de datos en el Currículo Lattes y en sitios web.

En noviembre de 2018 inició el periodo de la estancia de doctorado, con una beca del Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) de Capes, en la Universidad de Sevilla. Durante la estancia, se creó el proyecto de investigación “Jóvenes Concejalas en España: compromiso político y construcción de su identidad política”, en conjunto con las profesoras Dra. Águeda Parra Jiménez e Inmaculada Sánchez Queija y el profesor Dr. Manuel de la Mata Benítez, de la Universidad de Sevilla, cuyo principal objetivo era investigar la construcción de la identidad política de jóvenes concejalas del partido político español Podemos.

Durante el primer año de la estancia de doctorado se realizaron reuniones para construir el nuevo proyecto, realizar las entrevistas de las cuatro jóvenes concejalas de Podemos y las transcripciones. Además, se realizó un primer análisis de los datos, con los textos biográficos resultantes de las entrevistas. Paralelamente, ese mismo año, amplí la bibliografía, participé en actividades del doctorado en psicología de la US y en algunas actividades políticas de Podemos y movimientos sociales en Sevilla, con el fin de entender el contexto político y la militancia de los y las jóvenes de España.

Aún en el inicio de la estancia de doctorado, presenté un trámite solicitando un convenio de co-tutela de tesis entre la Universidad de Sevilla y la UNIRIO. El convenio de co-tutela de tesis fue aprobado por las dos universidades a finales de 2019. Para seguir cumpliendo con las actividades obligatorias, fui autorizada por Capes, UNIRIO, US y UFRJ (universidad en la que trabajo) para quedarme un año más estudiando en España (totalizando 2 años). Esa prórroga de estudios en la US, además de ser fundamental para las actividades del doctorado en Psicología, proporcionó más tiempo y elementos para consolidar mi investigación sobre las concejalas españolas y, sin duda, enriquecer la presente tesis doctoral.

Con eso, decidimos juntas, yo y mis directoras de tesis, Eliane Ribeiro de la UNIRIO y Águeda Parra de la US, que deberíamos ampliar la investigación y el objetivo inicial de la tesis, ahora analizando las trayectorias de vida, los contextos educativos y el compromiso político de

jóvenes concejalas brasileñas y españolas. Con datos de Brasil y España, sería posible profundizar el tema con el escenario de dos países diferentes, permitiendo la comparación cuando fuera factible, pero, sobre todo, aportando más elementos al debate y al análisis de la temática propuesta y al objetivo de la tesis, siempre teniendo en cuenta las diferentes coyunturas, historias y culturas.

Durante la prórroga también continué realizando la observación participante en las redes sociales de las concejalas de Brasil y tenía planeado, luego de finalizado este período, regresar a Brasil, para realizar las entrevistas presenciales con las participantes brasileñas. Sin embargo, en marzo de 2020, sucedió la pandemia de Covid-19 y fueron necesarios algunos cambios en la investigación. Para seguir los protocolos de distanciamiento social, se hicieron imposibles las entrevistas cara a cara con las participantes brasileñas. Por eso, entre la segunda mitad de 2020 y enero de 2021, realicé entrevistas con las concejalas brasileñas, que en ese momento ya eran diputadas federales, y con Mónica Benício, viuda de Marielle, de forma remota a través de la plataforma Zoom. A través de esta plataforma, también se realizó la segunda calificación de la tesis doctoral, parte de los requisitos obligatorios del Programa de Doctorado en Educación de la UNIRIO. También por cuestiones provocadas por la pandemia, mi tiempo de estancia en España se amplió otros 4 meses, totalizando 2 años y 4 meses (de noviembre de 2018 a febrero de 2021).

La tesis que aquí se presenta tiene cinco capítulos, además de la introducción, consideraciones finales, referencias bibliográficas y apéndices. El primer capítulo de la tesis se refiere al marco teórico-contextual. En primer lugar, se presenta un análisis sobre la juventud y su participación política en la actualidad. A continuación, se realiza una breve reseña histórica sobre la lucha de las mujeres por sus derechos y algunos temas relevantes a esta temática para comprender el objeto de estudio. A lo largo del primer capítulo, destaco dos hechos principales en la construcción del objeto de investigación a partir de mi posición y lectura como investigadora, el movimiento Primavera de Mujeres, entre 2015 y 2016, en Brasil, y el movimiento de los Indignados, también llamado 15M, en mayo de 2011 en España. En el segundo capítulo se presentarán los resultados de la investigación en las redes sociales de las jóvenes concejalas. En el capítulo 3, se analizan los resultados de las entrevistas con las concejalas españolas y, en el capítulo 4, con las concejalas brasileñas. El quinto capítulo es el análisis final de la tesis, vinculando los temas tratados en los otros capítulos y las entrevistas con las concejalas brasileñas y españolas. Tras este último capítulo, se realizan las consideraciones finales, referencias bibliográficas y anexos.

## 2 INTRODUÇÃO

A opção pelo caminho da militância política envolve vários fatores que atravessam as trajetórias individuais. Muitos desses fatores estão relacionados à escola, à família, aos amigos, ao ambiente universitário, ao trabalho, entre outros. Nesses lugares, alguns mediadores, importantes no processo de engajamento político, estão presentes, criando referências e abrindo novas possibilidades de participação política em coletivos, partidos, movimentos populares, sindicais etc. Nos últimos anos, as questões de gênero, raça e sexualidade têm tido grande relevância no processo de tomada de decisão pelo engajamento e pela militância política. Muitos jovens começam a participar de grupos políticos após experiências pessoais relacionadas a essas questões.

A escolha e a tomada de decisão pelo engajamento político têm duas dimensões significativas – a macrossociológica e a microssociológica. A primeira se relaciona aos temas mais amplos, que afetam a sociedade de modo geral, como a conjuntura política, o momento histórico, a economia, a cultura, entre outros. A segunda está associada às trajetórias individuais, vivência familiar, aos amigos, ao ambiente escolar, à universidade e ao trabalho. Em minha dissertação de mestrado (SILVA, 2015), analisei o engajamento de jovens numa campanha eleitoral a partir dessas duas dimensões. No entanto, realizando as entrevistas e o trabalho de campo, pude constatar que a dimensão microssociológica, especialmente as relacionadas com a família, amigos, escola e universidade, ocupou um lugar de destaque na trajetória dos entrevistados. A sociabilidade, nesses espaços, foi fundamental para a decisão pelo engajamento nas causas sociais. Sobre a sociabilidade, Dayrell (2007) esclarece que:

[...] tende a ocorrer em um fluxo cotidiano, seja no intervalo entre as “obrigações”, o ir-e-vir da escola ou do trabalho, seja nos tempos livres e de lazer, na deambulação pelo bairro ou pela cidade. Mas, também, pode ocorrer no interior das instituições, seja no trabalho ou na escola, na invenção de espaços e tempos intersticiais, recriando um momento próprio de expressão da condição juvenil nos determinismos estruturais. Enfim, podemos afirmar que a sociabilidade, para os jovens, parece responder às suas necessidades de comunicação, de solidariedade, de democracia, de autonomia, de trocas afetivas e, principalmente, de identidade (DAYRELL, 2007: 1111).

Ao realizar o trabalho de campo para a minha dissertação de mestrado (SILVA, 2015), pude observar, também, que o engajamento de jovens na política, muitas vezes, se dá após experiências individuais biográficas, por vezes, ligadas ao gênero, à raça e à sexualidade. Jovens mulheres que vivenciaram situações relacionadas às opressões de gênero decidem pela opção de militância política, assim como jovens negros e negras, LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo e Assexual), indígenas. Os jovens se

descobrem, a partir de distintas identidades, e iniciam um processo de reconhecimento e engajamento, com pautas e agendas manifestas nas esferas pública e social.

Na pesquisa para a tese de doutorado, a partir desse conjunto de questões, busquei analisar as relações entre trajetórias de engajamento político e experiências educacionais de jovens vereadoras, cujas pautas e trajetórias políticas se relacionam com as questões já elencadas, especialmente com relação ao gênero, à luta por direitos e representatividade das mulheres na política e em outros espaços.

David Harvey aponta, em **A condição pós-moderna**, que, no início e ao longo da década de 1970, surgiram mudanças nas práticas culturais e político-econômicas vinculadas “à emergência de novas maneiras dominantes pelas quais experimentamos o tempo e o espaço” (HARVEY, 2004). Essas mudanças atraíram vários movimentos sociais emergidos nos anos de 1960, como grupos feministas, LGBTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais e Travestis), étnicos e religiosos. O autor questiona se essas grandes transformações que ocorreram principalmente na vida urbana, são uma reação ao modernismo ou um afastamento. Uma das críticas ao modernismo é a ideia de uma única resposta possível a qualquer pergunta, assim como a ideia de uma única representação. Mayorga (2013) ainda acrescenta que:

Também a emergência de novos atores sociais, como mulheres, negros/as, trabalhadores/as, LGBTs, jovens etc., vai tensionar a ideia de sujeito único elogiado pela modernidade, já que a neutralização e a eliminação da pluralidade de experiências serão negadas, ou transformarão tal pluralidade em desvio, patologia, irracionalidade, subalternidades. As mulheres, os/as negros/as, os/as homossexuais e também os/as jovens vão denunciar a não neutralidade da ideia de um sujeito centrado e farão isso pela reivindicação de reconhecimento de suas experiências, conhecimentos produzidos e vozes como legítimos para participação na vida pública (MAYORGA, 2013: 348).

Nos anos 1990 e no início dos anos 2000, falou-se muito do afastamento de jovens dos espaços tradicionais de militância, no entanto, pode-se observar, desde esse momento até os dias atuais, um aumento do engajamento de jovens em grupos e coletivos com pautas temáticas identitárias e culturais, além de outros espaços políticos. Após essas experiências de participação, em especial nos grupos identitários, alguns jovens se engajam também na militância política institucional, em espaços mais tradicionais, como partidos políticos, sindicatos e, até mesmo, se apresentam como candidatos para câmaras municipais, estaduais e federais em busca de representatividade para as suas pautas e agendas.

No Brasil, nas eleições municipais de 2016, podemos destacar quatro candidatas a vereadoras do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL)<sup>17</sup>, eleitas com pautas relacionadas às

---

<sup>17</sup> O Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) é um partido político brasileiro de esquerda, fundado em junho de 2004. Sua criação foi impulsionada por dissidências do Partido dos Trabalhadores (PT), após a expulsão, em

questões de gênero: Marielle Franco<sup>18</sup> (36 anos<sup>19</sup>, Rio de Janeiro), Áurea Carolina<sup>20</sup> (32 anos, Belo Horizonte), Sâmia Bomfim<sup>21</sup> (27 anos, São Paulo) e Talíria Petrone<sup>22</sup> (31 anos, Niterói). São jovens que vieram de uma militância consolidada em movimentos sociais populares e que parecem buscar, com a entrada na política institucional, evidenciar suas pautas com suas próprias vozes.

A “cara” da política em espaços institucionais tem sido de homens, brancos e heterossexuais. Mignolo (2008) constrói a argumentação de que a identidade em política é relevante não somente para a representação, mas para a desconstrução de que essa é a aparência “natural” dos que participam desses espaços. Assim como “a defesa da similaridade humana sobre as diferenças humanas é sempre uma reivindicação feita pela posição privilegiada da política de identidade no poder” (MIGNOLO, 2008: 300). A importância da afirmação da identidade se relaciona com o questionamento das referências hegemônicas.

Nesse sentido, torna-se importante refletir sobre o cenário eleitoral municipal de 2016, em que essas jovens mulheres são eleitas com votações expressivas, logo após um grande movimento feminista chamado Primavera das Mulheres<sup>23</sup>, ocorrido entre o final do ano de 2015 e 2016, que se manifestava contra os retrocessos nos direitos das mulheres e em defesa, principalmente, dos direitos sobre seus corpos em relação à legalização do aborto. A escolha dessas quatro jovens do PSOL se justifica pelo cenário exposto, a ser detalhado no decorrer da tese, e pelas circunstâncias específicas daquele momento histórico. Uma das questões a se refletir é se, de alguma forma, essa ocasião contribuiu para a decisão de se candidatarem àquele pleito eleitoral.

Naquela época, eu fazia parte do diretório municipal do PSOL Carioca (como é chamado o PSOL da cidade do Rio de Janeiro), militava no núcleo de base da região da Grande Tijuca

---

dezembro de 2003, dos deputados federais Luciana Genro, Heloísa Helena, Babá e João Fontes, que discordaram de políticas do governo Lula em relação à Reforma da Previdência. O partido obteve o registro na Justiça Eleitoral em setembro de 2005. Informações em <https://psol50.org.br>. Acesso em: 20 abr. 2020.

<sup>18</sup> Marielle Franco nasceu no Rio de Janeiro (RJ), em 7 de julho de 1979. Foi brutalmente assassinada na mesma cidade em 14 de março de 2018. Socióloga e militante pelos direitos humanos, foi eleita vereadora pelo PSOL, para a Câmara Municipal de Rio de Janeiro em 2016. Seu mandato teve início em 2017, até ser interrompido por seu assassinato em março de 2018.

<sup>19</sup> Idade das vereadoras em 2016, na época das eleições.

<sup>20</sup> Áurea Carolina, atualmente deputada federal, nasceu em Tucuruí (PA), em 20 de novembro de 1983, é socióloga e cientista política. Foi eleita vereadora para a Câmara Municipal de Belo Horizonte em 2016 e eleita deputada federal nas eleições gerais de 2018 pelo PSOL.

<sup>21</sup> Sâmia Bomfim, atualmente deputada federal, nasceu em Presidente Prudente (SP), em 22 de agosto de 1989, formada em Letras, é servidora pública da Universidade de São Paulo (USP). Foi eleita vereadora para a Câmara Municipal de São Paulo em 2016 e eleita deputada federal nas eleições gerais de 2018 pelo PSOL.

<sup>22</sup> Talíria Petrone, atualmente deputada federal, nasceu em Niterói (RJ) em 9 de abril de 1985, é professora e historiadora. Foi eleita vereadora para a Câmara Municipal de Niterói em 2016 e eleita deputada federal nas eleições gerais de 2018 pelo PSOL.

<sup>23</sup> Esse movimento também é chamado de Primavera Feminista.

(bairro da cidade), representava esse núcleo nas reuniões internúcleos do PSOL Carioca e participei de algumas das manifestações feministas em 2015 e 2016. Diante disso, ao longo da presente tese de doutorado, faço um esforço de “objetivação” do meu objeto de pesquisa, no que diz respeito ao conceito de Pierre Bourdieu referente ao esforço de conter a subjetividade (GOLDENBERG, 2013), por minha proximidade com aquele espaço, pela identificação e concordância com as pautas. Importa ressaltar que “não há objeto que não envolva um ponto de vista” (BOURDIEU, 2013: 27). A reflexão abaixo esclarece o esforço de explicitar os contextos presentes na construção do objeto de pesquisa:

Com efeito, quando se trata de questões sociais, nossas reflexões sempre estarão grávidas de historicidade, permeadas de trajetórias pessoais, “comprometidas” por múltiplas escolhas e tomadas de posições políticas. Conscientes da particularidade da relação sujeito/objeto nas ciências sociais, o que nos cabe é empreender esforços de “objetivação”. Isso significa empreender esforços para explicitar contextos e mapear disputas presentes na construção de nossos objetos de estudo (NOVAES, 2011: 343).

Sendo assim, busco explicitar a minha trajetória e vinculação com o tema. A minha participação no PSOL iniciou-se no momento da sua criação em 2004. No ano anterior, um grupo de parlamentares havia sido expulso do Partido dos Trabalhadores (PT) por votar contra a Reforma da Previdência<sup>24</sup>, aprovada naquele ano. Esses parlamentares criaram um movimento por um novo partido. Comecei a participar do final desse movimento e do início da criação do PSOL. Durante quase todo o período da faculdade, militava no movimento estudantil e no partido. Nessa época, também era bolsista de Iniciação Científica no Observatório Jovem do Rio de Janeiro, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal Fluminense (UFF), universidade em que cursava graduação em Ciências Sociais. Dessa feita, meu interesse pelo tema – engajamento e participação política da juventude como objeto de pesquisa – teve início durante a graduação.

Após o término do meu curso de graduação em 2008, me afastei, durante alguns anos, do partido e da militância política em geral, retornando através do movimento sindical em 2011, após ingresso no serviço público federal. Em 2012, voltei ao cotidiano partidário, após o grande movimento na campanha à prefeitura do Rio de Janeiro do candidato Marcelo Freixo. O engajamento de jovens naquela campanha foi um dos meus principais interesses. A análise de engajamento em processos institucionais, como eleições, tem sido um grande desafio nos

---

<sup>24</sup> Em dezembro de 2013, as deputadas federais Luciana Genro e Heloísa Helena e os deputados federais Babá e João Fontes, após discordarem de políticas do governo Lula e votarem contra a Reforma da Previdência, foram expulsos do Partido dos Trabalhadores (PT) e começaram o movimento por um novo partido. Informações em <https://psol50.org.br>. Acesso em: 20 abr. 2020.

últimos anos. Aquela campanha, chamada de Primavera Carioca, me levou ao estudo e à análise do engajamento de jovens naquela eleição municipal, na cidade do Rio de Janeiro.

Assim, no mestrado, iniciado em 2013 e finalizado em 2015, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), voltei ao tema, analisando o engajamento de jovens na campanha política de Marcelo Freixo, candidato a prefeito da cidade do Rio de Janeiro<sup>25</sup>. Através da observação participante e do meu interesse em retornar à militância partidária, comecei a participar das eleições de 2012, dos movimentos pós-eleição, do núcleo de base do PSOL da Grande Tijuca e de movimentos sociais. A pesquisa mostrou que os e as participantes do estudo tinham uma diversidade de motivações para o engajamento político, concluindo que não foram apenas os fatores de âmbito individual que os levaram a essa escolha, mas uma conjugação de fatores individuais e estruturais, decisivos para o engajamento. Assim, pode-se relacionar os motivos apresentados tanto às questões macrosociológicas, focadas nas estruturas sociais e organizacionais, como a grande mobilização de jovens, a conjuntura política e o projeto político do candidato, quanto às microsociológicas, focadas nas trajetórias, carreiras e disposições individuais, como a motivação pessoal do momento que estavam passando na vida, identificação com o ambiente e com as pessoas. Observou-se, ainda, que a socialização teve um papel protagonista na escolha do comportamento político. As experiências de socialização na família, na escola e na universidade foram apontadas como importantes nesse processo. As escolhas também se deram a partir de uma avaliação subjetiva da interação dos jovens com as atividades e com outros participantes da campanha.

Depois de concluir o mestrado, novas questões sobre engajamento e participação política juvenil surgiram, e outras ainda permaneciam, por isso, decidi seguir com essa temática na pesquisa de doutorado. Como a escola e a universidade se apresentaram como um referencial significativo para o engajamento político dos jovens entrevistados para a minha dissertação, refleti que realizar o doutorado em educação possibilitaria um aprofundamento da análise do tema no campo de estudos da sociologia da educação.

A seleção para o Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIRIO ocorreu em 2016, ano de eleições municipais no Brasil, em que se estava vivenciando a construção das candidaturas e a campanha eleitoral. O projeto apresentado no processo seletivo tinha por objetivo a análise da juventude dos partidos políticos. No entanto, ao longo do primeiro ano de

---

<sup>25</sup> SILVA, A. B. P. “Nada deve parecer impossível de mudar”: juventude e engajamento na Primavera Carioca das eleições de 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Orientadora: Elisa Guaraná de Castro. Co-orientador: Marco Antonio Perruso.

doutorado, fui mudando esse projeto inicial a partir do cenário após as eleições de 2016: com a votação expressiva em várias cidades de jovens vereadoras que não eram figuras públicas e que, pela primeira vez, participavam de um pleito eleitoral. Assim, em 2017, durante o primeiro ano do doutorado, defini o novo tema da pesquisa: a análise da trajetória política e educacional das jovens vereadoras do PSOL eleitas em 2016. No mesmo ano, cursei as disciplinas curriculares obrigatórias do programa de pós-graduação, comecei a escrever o novo projeto e a acompanhar, de forma mais sistemática, as vereadoras nas redes sociais.

No transcorrer do doutorado, surgiu a oportunidade de ampliar a pesquisa para o contexto de outro país. Durante o estágio de doutorado sanduíche, que começou em novembro de 2018 na Universidade de Sevilha (US), sob orientação da Professora Doutora Águeda Parra, se iniciou um projeto de pesquisa<sup>26</sup> com o objetivo de escrever um artigo sobre trajetórias, engajamento e construção da identidade política de jovens mulheres vereadoras do partido político espanhol Podemos<sup>27</sup>. O artigo seria o resultado dessa experiência acadêmica de estudos e pesquisa em outra universidade e em outro país.

No entanto, “en cada desplazamiento las historias se mueven [...]. Los desplazamientos y los encuentros son la geometría variable del desvío. Y contar y escuchar historias es la posibilidad de desviarnos” (GARCÉS, 2018: 36/37). Dessa maneira, a experiência de realizar a pesquisa em outro país trouxe novas histórias, novos contextos políticos e a possibilidade de ampliar a tese para um cenário que não era apenas de algumas cidades brasileiras, já que jovens mulheres de várias partes do mundo também estavam buscando mais representatividade em espaços políticos institucionais.

Pode-se relacionar essa tendência com o que Pleyers (2020) chama de lutas do “altermundialismo”<sup>28</sup>, pois, a partir da segunda metade dos anos 2010, esse fenômeno podia ser

---

<sup>26</sup> O projeto de pesquisa “Jóvenes Concejalas en España: compromiso político y construcción de su identidad política” tem por objetivo principal investigar a construção da identidade política de jovens mulheres vereadoras na Espanha na atualidade. O projeto foi criado como parte do estágio de doutorado sanduíche na Universidade de Sevilha, com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes/BRASIL). As professoras doutoras Águeda Parra Jiménez e Inmaculada Sánchez Queija e o professor doutor Manuel de la Mata Benítez, da Universidade de Sevilha, participaram da criação do projeto. Agradeço muito suas contribuições nesse processo.

<sup>27</sup> Podemos é um partido político espanhol de esquerda, fundado em 11 de março de 2014. Disponível em: <https://podemos.info>. Acesso em: 20 abr 2020.

<sup>28</sup> Pleyers (2020) denomina os movimentos globais surgidos em meados da década de 1990 como “altermundialista”. Esses movimentos tinham por características principais, além do seu caráter global, o combate ao neoliberalismo. O autor também destaca a revivificação dos movimentos indígenas e camponeses nesse período. Reflexo da crise financeira e econômica de 2007/2008, uma nova etapa para os movimentos sociais teve início em 2011, com mobilizações massivas de cidadãos reivindicando mais democracia em vários países do mundo. Essas mobilizações, apesar de terem relações com as lutas do altermundialismo, iniciam uma nova etapa, com uma reconfiguração das modalidades de ação e de outras questões, colocando-se em movimento “con sus experiencias de vida, con su hiper-conectividad, con sus sueños y sus demandas de una vida más digna y de un mundo menos desigual y más democrático” (p. 16). Dessa forma, devido a essas características, um movimento que acontece em

observado também em outros países, como, por exemplo, nos Estados Unidos da América. Naquele caso, para as eleições dos representantes do Congresso Nacional, em 2018, quando um número histórico de mulheres, negros e negras foram eleitos e eleitas, a maioria estava concorrendo pela primeira vez, desafiando políticos tradicionais com muitos anos de experiência<sup>29</sup>. Uma delas é a jovem deputada Alexandria Ocasio-Cortez, que se candidatou pela primeira vez e venceu as eleições por Nova York naquele ano. No caso da Espanha, em 2015, pela primeira vez, as mulheres ultrapassaram 35% da representação política nas Câmaras Municipais (ESPÍ-HERNÁNDEZ, 2017), demonstrando uma propensão ao aumento da participação das mulheres nesses espaços.

A combinação de diferentes contextos, escalas e processos é importante para pensar globalmente o engajamento político e a trajetória de jovens mulheres nos espaços políticos representativos de governos locais, pois “más allá de particularismos y a pesar de las especificidades, necesitamos entender como las luchas y las culturas de activismo contemporáneo resuenan más allá de las fronteras nacionales” (BRINGEL e PLEYERS, 2017: 22). Isso significa que não é simplesmente comparar essas realidades, mas compreender, através de pesquisas empíricas, seus atores e processos sociais em suas diferentes conjunturas, contextos e escalas (BRINGEL e PLEYERS, 2017) em conjunto com teorias e desafios de cada país (PLEYERS, 2018). Assim, a ampliação do desenho inicial da tese veio com o objetivo de expandir a pesquisa, analisando as diversas trajetórias de vida, no campo educacional e no engajamento político de jovens mulheres vereadoras do Brasil e da Espanha. Aprofundando o tema com dados de dois países diferentes, propiciando a comparação, quando plausível, sempre considerando as distintas conjunturas, histórias e culturas, entendendo que hoje, porém, é um fenômeno que ultrapassa fronteiras.

Dessa forma, o objetivo principal da tese é compreender o processo de engajamento político nas trajetórias de quatro jovens vereadoras espanholas, eleitas em 2015 pelo partido político Podemos, e quatro vereadoras brasileiras, eleitas em 2016 pelo PSOL, além de quais as influências, disposições e motivações. Os objetivos secundários são observar como se desenvolveu a relação entre engajamento político, os contextos e as experiências educacionais nas suas trajetórias e como as experiências educacionais das vereadoras potencializaram a

---

vários países, não só na busca de representatividade nos espaços institucionais, mas com manifestações feministas em várias partes do mundo, com mulheres colocando suas experiências de vida e suas demandas na busca de mais igualdade se relaciona com o chamado altermundialismo.

<sup>29</sup> O documentário “Virando a Mesa do Poder” (2019), da plataforma Netflix, dirigido por Rachel Lears, mostra os bastidores da eleição de quatro mulheres, disputando com políticos que tinham campanhas milionárias, nas eleições para o Congresso dos EUA, em 2018.

tomada de decisão para o engajamento político, quem são os mediadores envolvidos nessa relação, ou seja, as pessoas e instituições sociais que influenciaram ou estimularam o processo de engajamento político, como se apresentam nas redes sociais, como suas vidas familiares, profissionais e as amizades se relacionam com seu engajamento e se há tensões nesse processo.

O estudo das mulheres na política é um campo de pesquisa muito amplo. Nos últimos anos, a pesquisa sobre o engajamento e a participação das mulheres na política institucional tem se concentrado na análise de um conjunto de questões, entre as quais, citam-se: a) os efeitos da implementação da cota de gênero, ações afirmativas, importância da paridade e representatividade (ROCHA e SANTOS, 2021; MENUCCI e NIELSSON, 2019; MOURA e GUNDIM, 2019; LIMA, 2019; HINOJOSA, FRIDKIN e KITTELSON, 2017; REZENDE, 2017; BAMBIRRA e MARQUES, 2018; SPOHR, MAGLIA, MACHADO e OLIVEIRA, 2016; DAHLERUP, 2006; KITTELSON, 2006; KROOK, 2009; BHAVNANI, 2009; FRANCESCHET, KROOK e PISCOPO, 2012); b) a questão da representação simbólica (VERGE e PASTOR, 2018; LOMBARDO e MEIER, 2014); c) a avaliação se a maior presença de candidatas influencia ou não o engajamento político de mais mulheres (CARRERAS, 2017; WOLBRECHT e CAMPBELL, 2017); d) se a presença de mais mulheres na política afeta as atitudes dos políticos do sexo masculino em relação à igualdade de gênero (KOKKONEN e WÄNGNERUD, 2017); e) análise das possíveis razões para a disparidade de gênero na participação política (WOLAK, 2020); f) conhecer a representação feita pela mídia das mulheres políticas e suas agendas (SMITH e HOLECZ, 2020; GARCÍA-BLANCO e WAHL-JORGENSEN, 2013; JOSHI, HAILU e REISING 2020; CAMERON e SHAW, 2020; SANTOS, CABECINHAS, CERQUEIRA, 2015); g) estudo das questões referentes a partidos políticos, como o recrutamento e sistemas eleitorais (FOX e LAWLESS, 2010; ARAÚJO, 2010; KENNY, 2013; MARTÍNEZ i COMA e LAGO, 2021; BARNES e CASSESE, 2017; NAVAS e COSTA, 2017; FORTIN-RITTBERGER, EDER, KROEBER e MARENT, 2019; WINEINGER e NUGENT, 2020); h) análise da liderança feminina (JALALZAI e KROOK, 2010; BATURO e GRAY, 2018); i) estudo do comportamento legislativo das mulheres (ANDRADE, 2013; ROMERO e KERSTENETZKY, 2015; RODRIGUES, 2016; SANCHEZ, 2017; COELHO, 2019; FRANCO, 2020; CORNACCHIONE e TUNING, 2020; RAMSTETTER e HABERSACK, 2020); j) análise da interseção entre gênero e idade nos parlamentos (JOSHI e OCH, 2019); e k) analisar as trajetórias (CAMPOS, 2015), carreiras políticas (VIOLA, 2019; PINTO e SILVEIRA, 2018) e a influência do capital político familiar herdado (MIGUEL, MARQUES e MACHADO, 2015; LENKIC e GUEDON, 2018).

A maior parte das pesquisas foca na baixa representatividade das mulheres nos órgãos legislativos e executivos (PAXTON, KUNOVICH e HUGHES, 2007; WÄNGNERUD, 2009; SUNDSTRÖM e STOCKEMER, 2015), principalmente nos congressos nacionais. No entanto, são poucas as que se centram na representação local de mulheres (PINI e MCDONALD, 2011; DE MARTINS SAMPAIO, DE PAULA, MIRANDA, 2016; BARBOSA, 2017; MCGREGOR e WEBSTER 2017; GASPAR, 2017; BRAGA, DALCIN, BONI, 2020) e suas repercussões, apesar de ser um campo de estudo crescente (SUNDSTRÖM e STOCKEMER, 2015). Além das questões gerais mencionadas, no que diz respeito à representação municipal, pela sua especificidade, existem alguns estudos com outras abordagens. Entre eles, podemos citar o estudo das razões pelas quais mais vereadoras não estão se tornando deputadas (ALLEN, 2013), as interações que ocorrem na política local, por exemplo, sobre a condição das mulheres nas instituições regionais (RINCKER, 2009; SILVA, 2015; CHAVES, 2017), a produção legislativa (FRANCO, 2018) e sobre a correlação entre a presença das mulheres na política e o compromisso de políticos do sexo masculino com a igualdade de gênero (KOKKONEN e WÄNGNERUD, 2017), sobre o método eleitoral, a competitividade nas eleições e os estereótipos de gênero (BRANDÃO, 2018; CROWDER-MEYER, GADARIAN e TROUNSTINE, 2015; BAUER, 2020). Poucos estudos analisam a intersecção específica de juventude, gênero e educação na esfera pública (SMITH e HOLECZ, 2020) e na política institucional, menos ainda são os que enfocam nas influências e disposições para o engajamento político de mulheres jovens eleitas vereadoras, objetivo deste estudo.

## 2.1 UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DE ENGAJAMENTO POLÍTICO

A participação e o engajamento político de jovens são vistos pela sociedade em geral, ao longo das últimas décadas, ora com expectativa de possíveis mudanças positivas para a nova geração e ora, na contramão, com preocupação em relação ao seu suposto desinteresse pela política. Os jovens, em diferentes contextos e tempos históricos, respondem às preocupações sociais construindo seus próprios repertórios e formas de participação de diferentes modos. Esses repertórios e tipos de participação são incorporados pelas novas definições que vão sendo construídas, ou seja, os conceitos de participação e engajamento político vão sendo ampliados e modificados de uma geração a outra, já que esses conceitos estão diretamente relacionados ao contexto social e histórico (BORBA, 2012).

Nesse sentido, é importante “perceber como as pessoas transformam-se de espectadoras em participantes” (MEDEIROS, 2012), logo, é preciso estudar, investigar e refletir sobre o

engajamento político em diferentes cenários, conjunturas, tempos históricos e realidades sociais. No caso das mulheres, isso é especialmente importante porque há poucas pesquisas sobre a participação e o engajamento político das mulheres na política institucional local (ESPÍ-HERNÁNDEZ, 2017), sendo necessário expandir as pesquisas e análises sobre este tema.

Engajamento é um termo polissêmico, abordado de diversas perspectivas pelas ciências sociais, no entanto, pouco se encontra na literatura uma discussão mais analítica sobre esse conceito. Norbert Elias é um dos poucos cientistas sociais de grande referência que se deteve sobre esse tema. A abordagem desse tema se deu ao escrever sobre a questão do desenvolvimento social do conhecimento científico e das relações humanas com os fenômenos da natureza, refletindo sobre a oposição entre engajamento e distanciamento. Para o autor, o comportamento dos adultos oscila entre esses dois extremos, sendo influenciado pelo desenvolvimento social e pelas pressões sociais e psíquicas. O equilíbrio, que está constantemente mudando entre tipos de comportamentos e impulsos, leva a assumir um maior engajamento ou um maior distanciamento (ELIAS, 1990). Nesses termos, ligados às questões psíquicas, o que se observa, em geral, é que algumas pessoas e suas formas de se manifestar mostram um maior distanciamento, enquanto outras um maior compromisso. Entre esses dois polos, Elias (1990) afirma que existe um contínuo que constitui o verdadeiro problema para determinar a posição que ocupam determinadas atitudes ou ações do ser humano entre engajados/distanciados.

Elias fala dessa relação engajamento/distanciamento de modo amplo pela característica polissêmica do termo. Na sociologia, normalmente se utiliza o conceito quando se tenta explicar o fato de que as pessoas se engajam em alguma atividade de forma duradoura (BECKER, 1960). Em muitos casos, tal conceito é considerado autoexplicativo ou relacionado a uma ampla gama de significados do senso comum (BECKER, 1960). Em geral, é muito utilizado para caracterizar o ato de participar de mobilizações por alguma causa, ou seja, como termo similar ao da participação política, o que, para Giacomo Sami (2004), em verbete do **Dicionário de Política**, significa:

Na terminologia corrente da ciência política, a expressão Participação Política é geralmente usada para designar uma variada série de atividades: o ato do voto, a militância num partido político, a participação em manifestações, a contribuição para uma certa agremiação política, a discussão de acontecimentos políticos, a participação num comício ou numa reunião de seção, o apoio a um determinado candidato no decorrer de uma campanha eleitoral, a pressão exercida sobre um dirigente político, a difusão de informações políticas e por aí além. É fácil de ver que um tal uso da expressão reflete praxes, orientações e processos típicos das democracias ocidentais (SANI *In*: BOBBIO, MATTEUCCI e PASQUINO, 2004).

Devido ao caráter polissêmico do termo, é fundamental esclarecer a noção de engajamento político que será utilizada nesta tese. Para Montero (2010), o engajamento “es la conciencia y el sentimiento de responsabilidad y obligación respecto del trabajo y los objetivos de un grupo, comunidad, proyecto o causa, que conduce a la persona a acompañar, actuar y responder ante ellos por las acciones llevadas a cabo” (p. 59). Nessa direção, a definição de Reis (2007) acrescenta que o engajamento se relaciona à disposição de se tomar posição sobre diferentes temas e problemas a partir de domínios diversos, havendo, nesse processo, um sentido de intervenção e de inserção na realidade.

Disposição é um dos termos acionados ao se tratar de engajamento. O sociólogo Bernard Lahire (2004), analisando esse conceito, afirma que as disposições de cada indivíduo são produtos de suas múltiplas experiências socializadoras. Para ele, a sociologia disposicional está essencialmente ligada à sociologia da educação, referindo-se, em um sentido mais amplo, a uma sociologia da socialização. As origens das disposições podem ser reveladas por meio da interpretação de diversas características, pela observação e pela análise do percurso biográfico, utilizando questionários e/ou realizando entrevista durante a pesquisa. Segundo Brenner (2011), o conceito de disposições de Lahire ajudou a reorganizar conceitualmente as pesquisas sobre socialização política, em que os acontecimentos ao longo da vida “são fundamentais para se compreender as práticas políticas na idade adulta” (p. 39)<sup>30</sup>.

A decisão pelo engajamento político, vista como um processo individual e dinâmico, inclui predisposições, multiplicidade de engajamentos e, até mesmo, desengajamentos ao longo da vida (CARVALHO, 2013). Ou seja, em determinados momentos, pode-se estar politicamente comprometido com uma causa, em outro momento, com várias causas e, muitas vezes, pode-se afastar e depois retornar a esses espaços de participação política. As escolhas são permeadas de subjetividades e também de sentimentos, como o sofrimento. Com isso, laços de amizade e outras motivações individuais de caráter microsociológico podem ser determinantes nesse processo, já que “somente a existência de uma organização que milite em torno de uma causa dada não é suficiente para levar um indivíduo com predisposições a militar por esta causa a engajar-se” (CARVALHO, 2013: 65). Acrescenta Seidl (2014) que a militância<sup>31</sup> pode ser vista como uma esfera da vida social, logo, “a intensidade da relação do

---

<sup>30</sup> Relacionado com a socialização política, há na sociologia um campo importante de estudos sobre engajamento militante, sobretudo na França (SAWICKI e SIMÉANT, 2011), analisando as carreiras militantes. No entanto, não é o objetivo desta tese analisar o engajamento com essa abordagem, como carreiras militantes, e sim as motivações, influências, mediadores e disposições para o engajamento político das vereadoras deste estudo.

<sup>31</sup> Destaca-se que: “O engajamento e o militantismo, embora encerrem sentidos ligeiramente diversos, podem ser definidos como a aproximação entre indivíduos e grupos de interesses constituídos. [...] O militantismo, embora

indivíduo com esta esfera depende de sua constante interação com outras esferas de vida, como a da família e dos sentimentos, do trabalho, da escola, das amizades, do lazer etc” (SEIDL, 2014: 60).

Como disse anteriormente, a escolha e a tomada de decisão pelo engajamento político têm duas dimensões importantes, a macrossociológica e a microssociológica. Em minha dissertação de mestrado (SILVA, 2015), percebi que a dimensão microssociológica teve uma relevância significativa nas trajetórias dos entrevistados. Dessa forma, as relações e os mediadores que surgem em espaços como a escola, a universidade, redes de amizade, coletivos, família etc. são fundamentais para compreender o engajamento e a trajetória das vereadoras como um processo relacional, dinâmico e complexo, com condições objetivas e subjetivas. Segundo Velho (2013), os mediadores, estabelecendo comunicações entre grupos e categorias sociais distintos, “são muitas vezes, agentes de transformação, acentuando a importância do seu estudo. A atuação tem o potencial de alterar fronteiras, com o seu ir e vir, transitando com informações e valores” (VELHO, 2013: 147). Para a antropóloga Regina Novaes (2017), “nas trajetórias juvenis acontecimentos e pessoas tornam singulares as histórias de vida forjadas num mesmo contexto social” (NOVAES, 2017: 7).

Este estudo buscou uma abordagem interdisciplinar, estabelecendo relações com a minha formação em ciências sociais, principalmente em Sociologia e Antropologia. Ao longo dos cursos de doutorado em Educação e em Psicologia, busquei refletir, de forma ampla, sobre o meu objeto de estudo, trazendo contribuições dessas ciências, tanto na teoria quanto na metodologia, e na proposta de análise dos resultados. Logo, o ingresso no curso de doutorado em Educação e a cotutela para cursar o doutorado em Psicologia fomentaram a interdisciplinariedade entre esses campos de estudo (Sociologia, Psicologia e Educação) para entender o fenômeno estudado.

Dessa maneira, para entender o processo de engajamento político nas trajetórias de jovens vereadoras, valeu-me a experiência de análise acumulada nos estudos feitos para minha dissertação de mestrado, cujo foco voltou-se mais para as dimensões macrossociológica e microssociológica, já a teoria ecológica do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner (1979) apresentou elementos que aprofundam a análise sobre processo de engajamento político.

---

englobe a definição de engajamento, o amplia, ganhando a dimensão de dedicação sistemática a uma causa ou ação” (BRENNER, 2013: 1).

A teoria ecológica do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner (1979) permite-nos compreender a forma como se integram e se articulam os diferentes planos e níveis de influência social e cultural no desenvolvimento humano em todas as áreas, incluindo morais e relacionais. Segundo Palacios (2014), no modelo dessa teoria, “el contexto pasa a concebirse como una sucesión de esferas interpenetradas de influencia que ejercen su acción combinada y conjunta sobre el desarrollo” (p. 55). Assim, é possível observar a relação entre a pessoa e o meio ecológico em uma interação recíproca. Nesse sistema identificado por Bronfenbrenner (1979), “cada una de esas esferas representa un tipo y una fuente de influencias respecto a la persona en desarrollo” (p. 55), as dimensões do mapa ecológico são: o microssistema, o mesossistema, o exossistema e o macrosistema.

A dimensão microssistêmica é o ambiente onde o indivíduo estabelece suas interações mais próximas, ou seja, os contextos mais imediatos, como família, escola, laços de amizade, universidade e trabalho. O mesossistema diz respeito às inter-relações entre os microssistemas, as dimensões mais próximas do indivíduo, aquelas das quais ele participa ativamente, como a inter-relação da família com os amigos, ou seja, nas inter-relações de dois ou mais ambientes próximos à pessoa. A dimensão exossistêmica está ligada ao ambiente em que a pessoa não é um participante ativo, mas o afeta de alguma forma, como uma influência indireta, como o local de trabalho de seus pais ou os amigos de seus familiares. O macrosistema, o contexto mais amplo, está relacionado a questões gerais que existem em diferentes culturas e afetam ou determinam as estruturas e atividades da sociedade. Relaciona-se, portanto, a valores, leis, costumes, moral, situação econômica, crenças, ideologia, mudanças históricas, hábitos e modos de vida característicos de certas sociedades ou culturas (BRONFENBRENNER, 1979; PALACIOS, 2014). Bronfenbrenner atualizou sua teoria através do modelo bioecológico, cujo foco mais específico é nas características biopsicológicas (BRONFENBRENNER & MORRIS, 1998). Explica Palacios (2014) que:

[...] se ha añadido un énfasis especial tanto en las características geno y fenotípicas de la persona (precisamente para evitar que el sujeto y su individualidad queden olvidados en medio de tanta influencia contextual), como en las relaciones del sujeto en desarrollo con las personas y situaciones de su entorno (precisamente para realzar la importancia dada a las interacciones y a la bidireccionalidad de las influencias). Además, en su versión más reciente el modelo ha añadido una insistencia en la dimensión esencialmente temporal del desarrollo psicológico, en un intento de resaltar el carácter evolutivo de los cambios psicológicos (PALACIOS, 2014, p. 57).

No entanto, para a análise aqui proposta, esse novo enfoque não se aplica, já que serão observadas as interações nos ambientes ecológicos para entender especificamente o processo de engajamento. O objetivo não é uma análise aprofundada do desenvolvimento humano, logo,

dessa teoria são apropriados apenas os elementos da teoria ecológica que nos ajudam na análise dos resultados, sobretudo, na relação entre a pessoa e as dimensões do mapa ecológico (microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema). A pesquisa, cujo resultado é apresentado nesta tese, analisa quais os fatores nessas dimensões, bem como quais de suas interligações influenciaram as trajetórias de engajamento político das vereadoras entrevistadas.

Tendo em vista tais dimensões e contextos, é possível observar as aprendizagens e as experiências educacionais que acontecem nesses espaços e em suas inter-relações. Dessa forma, as contribuições do campo de estudos sobre Educação Popular, considerando uma educação para além dos espaços formais da escola, ou seja, na conjunção dos vários espaços de socialização, são basilares para nos auxiliar a compreender o processo de engajamento político.

A Educação Popular, entendida como um fenômeno sociocultural e uma concepção educativa, desenvolveu-se, principalmente a partir dos anos 1970, com Paulo Freire (JARA, 2020). Segundo Oscar Jara (2020), os seus fundamentos epistemológicos, éticos, políticos e pedagógicos indicam um modelo educativo transformador, e suas modalidades variam entre uma maior informalidade até uma política pública governamental. De acordo com a citação abaixo, essa concepção educativa entende o processo político-pedagógico:

[...] centrado no ser humano como sujeito histórico criador e transformador que se constrói socialmente nas relações com outros seres humanos e com o mundo. Sustenta-se, portanto, em princípios éticos-políticos que reivindicam a construção de relações de poder equitativas e justas nos distintos âmbitos da vida e em uma pedagogia crítica criativa e participativa, que busca o desenvolvimento pleno de todas as capacidades humanas: cognitivas, psicomotoras e valorativas (JARA, 2020: 25).

Nessa perspectiva, a pedagogia é dimensão ativa e construtora dos sujeitos. Para o autor (JARA, 2020), a educação tem um papel importante nos diferentes aspectos da vida, como fator de “socialização, de transmissão de normas gerais, de adaptabilidade, e também espaço para a constituição de identidade, de construção de autonomia, de consciência de particularidade e universalidade, de construção de capacidades transformadoras, de afirmação de ideias” (p. 38). A aprendizagem é componente fundamental do desenvolvimento educativo. É preciso ter claro que “as fronteiras do fato educativo são sumamente amplas e que, evidentemente, não podem se restringir às atividades realizadas no marco do sistema escolarizado ou formal” (p. 51). Logo, observar as aprendizagens e os contextos educacionais, envolvidos nas dimensões do microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema, nos dá mais possibilidades de compreender o processo de engajamento político.

### 2.1.1 Caminhos da Pesquisa: Questões e Considerações Metodológicas

### 2.1.2 Metodologia e Método: conjugando entrevistas e a observação participante no contexto digital

Na pesquisa, foi utilizada a metodologia qualitativa, aplicando-se o método biográfico, com entrevistas semiestruturadas, para investigar as trajetórias de engajamento político e os contextos educacionais das vereadoras, e a observação participante no contexto digital, para entender como elas participam e quais dimensões de suas vidas são apresentadas nas redes sociais. A pesquisa no contexto digital foi acrescentada, considerando, sobretudo, a dimensão que tal ferramenta ganhou nos processos de discussão política nos últimos dez anos.

É fundamental destacar que os dados biográficos não são apenas reflexos do indivíduo, pois, de acordo com Pais (2003), apesar de subjetivos, estão repletos de elementos sociais e constituem um fato sociologicamente objetivo, conforme se lê a seguir.

[...] se cada biografia aparece como síntese de uma história social e, paralelamente, cada comportamento ou acto individual aparece como síntese de uma estrutura social, há sempre lugar a um movimento de vaivém, da biografia ao sistema social e deste à biografia. Ou seja, o sistema social – na medida em que não existe fora dos indivíduos – manifesta-se sempre na vida individual, de tal forma que pode ser apreendido a partir da especificidade das práticas individuais (PAIS, 2003: 151).

O método biográfico, para o pensador italiano Gramsci, é um instrumento essencial para a pesquisa social. Um dos primeiros marxistas a reivindicar a importância das biografias nas pesquisas, Gramsci afirma que o método permite entender não apenas como funcionam as estruturas, mas como reagem as pessoas reais frente às mudanças históricas, em paralelo ao caráter dialógico que comporta a reflexão sobre uma trajetória de vida (FEIXA, 2018). Considerando a afirmação anterior e a de Franco Ferrarotti, sociólogo, também italiano, de que “leer una sociedad a través de una biografía” (FERRAROTTI *apud* FEIXA, 2018: 64-65), as vozes das histórias de vida construídas dialogicamente “nos dan clave para comprender los sistemas sociales en los que sus vidas se insertan” (FEIXA, 2018: 65).

A articulação entre biografia individual e os elementos sociais, contexto histórico e social, também se reflete na obra **Mozart: sociologia de um gênio**, por Nobeit Elias (1994). Através da análise biográfica de Mozart, Elias apresenta também o momento histórico, cultural e político, tornando o livro uma importante referência teórica na análise de indivíduo e sociedade a partir do método biográfico (GOLDENBERG, 2013). De acordo com a antropóloga Mirim Goldenberg (2013), “Elias demonstra que o indivíduo se faz por suas atividades e pelas condições que dispõe para realizá-las no contexto histórico e social em que existiu” (GOLDENBERG, 2013: 41). Dessa forma, a metodologia, o método e as técnicas de pesquisa

escolhidos foram os que poderiam mais adequadamente responder às questões propostas, pois nos traz elementos não só para entender as trajetórias individuais, mas, sobretudo, compreender essas trajetórias imersas em um determinado momento histórico, cultural e político.

## 2.2 AS JOVENS VEREADORAS PARTICIPANTES DA PESQUISA

O objetivo inicial era realizar entrevistas individuais presenciais com as vereadoras brasileiras Marielle, Sâmia, Áurea e Talíria. A escolha dessas quatro jovens do PSOL se justifica pelas circunstâncias específicas em que foram eleitas e que despertaram o meu interesse para a realização desse estudo. São jovens que vieram de uma militância consolidada em movimentos sociais populares, não eram figuras públicas, mas foram eleitas com votações expressivas, logo após um grande movimento feminista chamado Primavera das Mulheres, ocorrido entre o final do ano de 2015 e 2016. Suas pautas se relacionavam às questões feministas levantadas nessas manifestações, à escolha do PSOL, por ter observado essas circunstâncias na militância política delas nesse partido e por elas terem sido eleitas por ele. No entanto, das participantes pensadas inicialmente, as entrevistas só foram possíveis com Sâmia, Áurea e Talíria.

No dia 14 de março de 2018, a vereadora Marielle Franco e o seu motorista Anderson Gomes foram brutalmente assassinados no Estácio, bairro da cidade do Rio de Janeiro, quando ela voltava de uma atividade política. A polícia ainda investiga o caso, e *Quem mandou matar Marielle?* se destaca entre muitas perguntas ainda sem respostas. Manifestações aconteceram em todo o país e em diversas partes do mundo, em decorrência desse crime, um assassinato político com a finalidade de calar uma jovem mulher negra como Marielle e de interromper uma carreira política que representava jovens, mulheres, negras e faveladas, o que demonstra o quanto a política institucional ainda está imbricada em interesses que excluem, levando até mesmo ao assassinato.

Pessoalmente, fiquei profundamente abalada pela morte de Marielle. Depois de algum tempo, voltei a pensar em como se encaminharia a pesquisa e percebi que, mesmo com a impossibilidade de entrevistá-la, deveria manter as quatro vereadoras brasileiras como havia desenhado inicialmente, fazendo os necessários ajustes metodológicos. Dessa forma, realizei a entrevista com Monica Benício, viúva de Marielle.

No caso da Espanha, após a ampliação da pesquisa para o contexto espanhol, foram entrevistadas quatro jovens vereadoras do partido político Podemos. A escolha do Podemos se justifica por vários elementos, alguns deles serão desenvolvidos e explicitados mais à frente.

Fundado em 2014 por intelectuais e movimentos sociais, o Podemos tem como um dos eixos centrais a luta feminista, com grande presença de mulheres na liderança do partido. A criação do partido foi influenciada pelo Movimento dos Indignados na Espanha e seus desdobramentos, movimento protagonizado principalmente por jovens. Em pouco tempo, conseguiu eleger cinco deputados para o Parlamento Europeu, se tornando um grande fenômeno. Um elemento central para esse fenômeno foi o grande ativismo digital e a criação de plataformas midiáticas para discussão política (BRINGEL, 2015). O Podemos, por ser um novo partido político, com tais características, e ter emergido de um movimento liderado principalmente por jovens, poderia fornecer mais questões para a pesquisa, além disso, seria necessário fazer um recorte. Esses elementos coincidem com alguns pontos da experiência do PSOL, partido das jovens vereadoras brasileiras.

As entrevistadas espanholas iniciaram o mandato, nos seus respectivos municípios, em 2015, quando tinham entre 23 e 34 anos. Pseudônimos são usados na tese, pois elas não são figuras públicas, são de cidades muito pequenas, assim não era imprescindível a divulgação dos nomes para a pesquisa, portanto, optou-se por preservar a privacidade. No caso das brasileiras, elas já eram figuras públicas e, com os dados da pesquisa, seriam facilmente identificadas. De qualquer forma, perguntou-se às participantes do Brasil se prefeririam ou não a identificação, todas responderam que sim. Por esses motivos e pelas diferenças de contextos, o anonimato das vereadoras espanholas foi preservado.

### **2.2.1 Instrumento**

Para responder às perguntas e ao objetivo da pesquisa, realizou-se um estudo qualitativo, com a observação das participantes nas redes sociais e com entrevistas semiestruturadas, sendo utilizado o método biográfico. A observação participante centrou-se nas redes sociais, nas páginas do Facebook e Instagram. Além disso, foram coletados dados do Currículo Lattes<sup>32</sup> e dos sites oficiais (esses dois últimos no caso das brasileiras). Há algumas particularidades a serem detalhadas no segundo capítulo desta tese, como, por exemplo, o fato de as espanholas entrevistadas não terem site oficial nem Currículo Lattes, que é a plataforma brasileira de perfil acadêmico. A observação consistia em ser seguidora de seus perfis nas redes sociais Facebook e Instagram, curtindo e comentando algumas publicações, copiando e colando algumas frases e textos, salvando ou fotografando as publicações mais relevantes para a pesquisa e anotando no

---

<sup>32</sup> O Currículo Lattes é utilizado como um padrão nacional no Brasil para o registro das atividades acadêmicas de estudantes e pesquisadores, adotado pela maioria das instituições de fomento, universidades e institutos de pesquisa. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/>. Acesso em: 19 ago. 2018.

meu diário de campo. No caso específico deste estudo, a observação participante se caracteriza por construir diálogos com as personagens centrais da pesquisa.

Para as entrevistas, foi elaborado um roteiro (em anexo, no apêndice da tese) com perguntas semiestruturadas. Para o roteiro, foram selecionados cinco elementos do microsistema, com a finalidade de compreender, de forma ampla, as trajetórias, os contextos educacionais e a decisão pelo engajamento político das jovens vereadoras. Os cinco elementos são os seguintes: 1. Família; 2. Escola, Universidade e outras experiências educacionais; 3. Carreira/Profissão/Ocupação; 4. Amigos/Socialização; 5. Ativismo político/Carreira política. Além disso, foi elaborado um questionário complementar (em anexo, no apêndice da tese) com perguntas sobre os dados básicos das entrevistadas, como idade, escolaridade, se tinham filhos e nível socioeconômico.

### **2.2.2 Desenvolvimento da Pesquisa entre Brasil e Espanha**

A pesquisa se iniciou em 2017. Após os ajustes no projeto, nesse primeiro ano do doutorado, em 2018, dei início à observação participante nas redes sociais das vereadoras brasileiras, a partir das páginas do Facebook e Instagram e da coleta de dados no Currículo Lattes<sup>33</sup> e nos sites oficiais.

Em novembro de 2018, começou o período de doutorado-sanduíche, com bolsa do Programa de Doutorado-Sanduíche no Exterior (PDSE) da Capes, na Universidade de Sevilha. Durante o estágio de doutorado-sanduíche, foi criado, em conjunto com as professoras doutoras Águeda Parra Jiménez e Inmaculada Sánchez Queija e o professor doutor Manuel de la Mata Benítez, da Universidade de Sevilha, o projeto de pesquisa “Jóvenes Concejalas en España: compromiso político y construcción de su identidad política”, cujo objetivo principal consiste em investigar a construção da identidade política de jovens mulheres vereadoras do partido espanhol Podemos.

Durante o primeiro ano do doutorado-sanduíche, foram efetuadas reuniões para a construção do novo projeto, entrevistas com quatro jovens vereadoras do Podemos e transcrições dessas entrevistas. Além disso, foi realizada uma primeira análise dos dados, com os textos biográficos resultantes das entrevistas. Concomitantemente, nesse mesmo ano, ampliei a bibliografia, participei de atividades do doutorado em Psicologia da US e de algumas

---

<sup>33</sup> O Currículo Lattes é utilizado no Brasil como um padrão nacional para o registro das atividades acadêmicas de estudantes e pesquisadores, sendo adotado pela maioria das instituições de fomento, universidades e institutos de pesquisa. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/>. Acesso em: 19 ago. 2018.

atividades políticas do Podemos e dos movimentos sociais de Sevilha, para compreender o contexto político e a militância de jovens espanhóis.

Ainda no início do doutorado-sanduíche, entrei com um processo solicitando um acordo de cotutela de tese entre a Universidade de Sevilha e a UNIRIO. O acordo de cotutela de tese foi aprovado pelas duas universidades no final de 2019. Para continuar cumprindo as atividades obrigatórias, fui autorizada pela Capes, pela UNIRIO, pela US e pela UFRJ (universidade na qual sou servidora pública) a ficar mais um ano estudando na Espanha (totalizando 2 anos). Essa prorrogação do tempo de estudos na US, além de fundamental para as atividades do doutorado em Psicologia, proporcionou mais tempo e elementos para consolidar minha pesquisa com as vereadoras espanholas e, sem dúvida, enriquecer a presente tese de doutorado.

Com isso, decidimos em conjunto, eu e minhas orientadoras, Eliane Ribeiro, da UNIRIO, e Águeda Parra, da US, que deveríamos ampliar a pesquisa e o objetivo inicial da tese, analisando agora as trajetórias de vida, os contextos educacionais e o engajamento político de jovens mulheres vereadoras brasileiras e espanholas. Com dados do Brasil e da Espanha, seria possível aprofundar o tema, com o cenário de dois países diferentes, possibilitando a comparação quando viável, mas, sobretudo, trazendo mais elementos para o debate e para a análise da temática proposta e do objetivo da tese, sempre considerando as distintas conjunturas, histórias e culturas.

Durante a prorrogação, continuei realizando a observação participante nas redes sociais e havia planejado, após o fim desse período, quando retornasse ao Brasil, realizar as entrevistas presenciais com as participantes brasileiras. No entanto, em março de 2020, aconteceu a pandemia de Covid-19, o que ocasionou algumas mudanças necessárias para o prosseguimento da pesquisa. Para cumprir os protocolos de distanciamento social, as entrevistas presenciais com as participantes brasileiras ficaram impossibilitadas. Por esse motivo, entre o segundo semestre de 2020 e janeiro de 2021, realizei as entrevistas com as vereadoras brasileiras, que, na época, já eram deputadas federais, e com a Monica Benício, viúva de Marielle, de forma remota, através da plataforma Zoom. A segunda qualificação da tese de doutorado, parte dos requisitos obrigatórios do Programa de Doutorado em Educação da UNIRIO, também foi realizada por essa plataforma. Ainda por conta de questões acarretadas pela pandemia, o meu tempo de permanência na Espanha foi ampliado por mais 4 meses, totalizando 2 anos e 4 meses (de novembro de 2018 a fevereiro de 2021).

A tese aqui apresentada é formada por cinco capítulos, além da introdução, as considerações finais, as referências bibliográficas e os apêndices. O primeiro capítulo da tese é

referente ao marco teórico-contextual. Primeiramente, faço alguns apontamentos sobre o tema juventudes e participação política na atualidade. Em seguida, um breve apanhado histórico sobre a luta das mulheres por direitos e algumas questões pertinentes a esse tema, úteis para a compreensão do objeto de estudo. Além disso, sublinho dois eventos principais na construção do objeto de pesquisa, a partir da minha posição e leitura como pesquisadora, o Movimento Primavera das Mulheres, entre 2015 e 2016, no Brasil, e o Movimento dos Indignados, também chamado de 15M, em maio de 2011, na Espanha.

No segundo capítulo, serão apresentados os resultados da pesquisa nas redes sociais das jovens vereadoras. No capítulo 3, os resultados das entrevistas com as vereadoras espanholas e, no capítulo 4, com as vereadoras brasileiras. O quinto capítulo é a análise final da tese, encadeando os temas abordados nos outros capítulos e as entrevistas das vereadoras brasileiras e espanholas. Após esse último capítulo, as considerações finais, as referências bibliográficas e os apêndices.

### **3 JUVENTUDES, PARTICIPAÇÃO POLÍTICA, PRIMAVERA DAS MULHERES, MOVIMENTO DOS INDIGNADOS (15M) E A NOÇÃO DE EVENTO: PRIMEIRAS INDAGAÇÕES DA PESQUISA**

Este capítulo é referente ao marco teórico-contextual da tese, em que são apresentados alguns apontamentos sobre a conjuntura histórica, política e os eventos que foram importantes para situar o objeto de pesquisa e para a escolha do tema. Explicitar o percurso e as condições de realização da pesquisa, os referentes temporais, históricos e culturais, segundo Carles Feixa (2019), aportam instrumentos fundamentais para situar a história de vida na história social.

Primeiramente, faço alguns apontamentos sobre o tema juventudes e participação política na atualidade. Em seguida, um breve apanhado histórico sobre a luta das mulheres por direitos e algumas questões pertinentes a esse tema. O objetivo não é fazer uma revisão bibliográfica exaustiva sobre os referidos temas, mas fazer alguns apontamentos significativos para o desenvolvimento da tese. Por último, apresento os eventos Primavera das Mulheres, as eleições municipais de 2016, o Movimento dos Indignados (15M), a criação do Podemos e as *huelgas* feministas, importantes para a conformação do objeto da pesquisa.

#### **3.1 JUVENTUDES E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA NA ATUALIDADE: ALGUNS APONTAMENTOS**

Nas sociedades contemporâneas, a juventude é uma etapa fundamental na construção da identidade (ARNETT, 2000; SANCHEZ-QUEIJA, PARRA, CAMACHO e ARNETT, 2019). Embora os estudos tradicionais (ERIKSON, 1968) considerassem que a identidade da maioria das pessoas se consolidava na adolescência, as mudanças sociais ocorridas nas últimas décadas (ARNETT, 2004) demonstraram que algumas escolhas e decisões são tomadas durante os primeiros anos da vida adulta (BERZONSKY, 2008). Dessa forma, será, durante a juventude, que a maioria das pessoas definirá suas escolhas, tanto afetivas, profissionais e religiosas quanto políticas.

Nos organismos oficiais brasileiros e espanhóis, considera-se atualmente como jovem quem está na faixa etária entre 15 e 29 anos<sup>34</sup>, mas, quando observamos a realidade social, as

---

<sup>34</sup> A Lei n. 12.825, de 5 de agosto de 2013, institui o Estatuto da Juventude, para os efeitos dessa lei brasileira, consideram-se jovens as pessoas com idade entre 15 e 29 anos, sendo esse marco recente. Na Espanha, o Instituto de la Juventud (Injuv) utiliza em suas pesquisas a mesma faixa etária que o Brasil, mas já se nota que alguns pesquisadores ampliam até os 34 anos. Alguns organismos internacionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU), utilizam a faixa etária entre 15 e 24 anos para a definição de juventude, respeitando a definição feita pelos Estados-membros.

fronteiras não são tão fixas, ainda mais em tempos de crises sociais em que se torna cada vez mais difícil a independência financeira, um dos aspectos levados em conta em algumas definições de transição da juventude para a vida adulta. Dessa forma, consideramos a definição proposta por Abramo (1994):

A noção mais geral e usual do termo juventude, se refere a uma faixa de idade, um período de vida, em que se completa o desenvolvimento físico do indivíduo e ocorre uma série de transformações psicológicas e sociais, quando este abandona a infância para processar sua entrada no mundo adulto. No entanto, a noção de juventude é socialmente variável. A definição do tempo de duração, dos conteúdos e significados sociais desses processos se modificam de sociedade para sociedade e, na mesma sociedade, ao longo do tempo e através de suas divisões internas. Além disso, é somente em algumas formações sociais que a juventude configura-se como período destacado, ou seja, aparece como categoria com visibilidade social (ABRAMO, 1994).

Assim, o conceito de juventude se relaciona ao contexto cultural, econômico e histórico-social (MORENO, 2015). Para Bourdieu (1983), as relações entre idade social e biológica são muito complexas, as divisões entre as idades são arbitrárias e objeto de disputa nas sociedades, o significado de juventude é relacional, é uma categoria construída socialmente (TIMONEDA, 2015). Colocar toda a juventude como uma unidade é uma redução, já que é necessário compreender as diferenças entre as juventudes e suas condições de vida e também os interesses coletivos de geração (BOURDIEU, 1983).

Geração é um conceito trazido pela modernidade que, de forma linear, relaciona o fluxo temporal da história e do progresso em que homens e mulheres se sucedem em gerações (CASTRO *apud* MANNHEIM, 2013). Através de uma perspectiva histórica, Mannheim critica essa abordagem e discute sociologicamente o problema das gerações, relacionando-o à existência de um tempo interior, imensurável e subjetivo, necessitando, portanto, de análise sob uma perspectiva qualitativa (MANNHEIM, 1993). Para Benedicto (2017), pensar em termos de geração significa entender a juventude como uma categoria relacional, ou seja, que está profundamente conectada com as condições sociais. Nesse sentido, afirma que o tempo biográfico de uma geração se encontra com o seu tempo histórico.

Em seu estudo, Mannheim utiliza três importantes conceitos: posição geracional, conexão geracional e unidade geracional. A posição geracional está relacionada às possibilidades potenciais que podem ou não surgir em um determinado grupo de indivíduos a partir de contextos e forças sociais existentes. A idade biológica não basta para estar nessa posição, também é necessário ter nascido no mesmo âmbito e período histórico-social (MANNHEIM, 1993). A conexão geracional é o fator mais determinante, pois, além de estar circunscrita social e historicamente, deve-se partilhar, de alguma forma, destino e conteúdos

coletivos comuns. A unidade geracional estabelece uma adesão ainda mais sólida que a conexão geracional, se aproximando dos grupos concretos (WELLER, 2010).

Castro (2013) afirma que o conceito de unidade geracional de Mannheim pode ser relacionado a processos identitários de categorias sociais em um contexto histórico, mesmo que, individualmente, nem todos se reconheçam como determinada população de que façam parte. O grupo social concreto acontece num mesmo contexto local, formado por identificação e proximidade, por livre escolha, estando relacionado a formações familiares, comunitárias e associativas (CASTRO, 2013). Acrescenta Benedicto (2017) que os distintos grupos se diferenciam entre si pelas posições sociais que ocupam e como são afetados pelas condições históricas.

As jovens vereadoras, cujas trajetórias políticas e educacionais serão analisadas nesta tese, vivenciam uma mesma geração, de acordo com as perspectivas colocadas por Mannheim (1993), como se observa a seguir: quatro delas no Brasil, quatro na Espanha, em seus respectivos países, fazem parte de um mesmo contexto histórico e social; apesar de estarem em municípios diferentes, participam do mesmo partido político e procuram fazer uma atuação colaborativa entre seus mandatos; são jovens mulheres, com idades próximas e foram eleitas, pela primeira vez, no mesmo pleito eleitoral (as espanholas em 2015, as brasileiras em 2016). Dessa feita, compartilham, realidades similares, portanto, o enfoque geracional irá colaborar na análise das trajetórias das jovens vereadoras, em cada um de seus países, onde também estão presentes muitas das condições que as juventudes desses países vivenciam na atualidade.

No Brasil, a ideia de que a condição juvenil é caracterizada pela moratória social, quando se vive um momento de preparação para as futuras responsabilidades de um adulto, não revela a verdadeira condição das juventudes brasileiras em suas diversidades de modos de vida, trajetórias além do fato de serem atravessados de diferentes formas pelas desigualdades sociais do país. Muitos jovens têm como responsabilidades cuidar e sustentar a família. A dedicação exclusiva aos estudos, nesse período, não é uma ampla realidade. Em alguns momentos, educação e trabalho são concomitantes. Pode, por alguma circunstância o/a jovem ter que se dedicar a uma dessas atividades. Desse modo, o trabalho também caracteriza a juventude brasileira (ABRAMO, 2016).

Segundo Helena Abramo (2016), analisando a pesquisa “Agenda Juventude Brasil”<sup>35</sup> (BRASIL, 2013), “a grande maioria dos jovens está no mundo do trabalho, trabalhando ou

---

<sup>35</sup> Pesquisa nacional sobre perfil e opinião dos jovens brasileiros, realizada em 2013, entrevistando 3.300 jovens de 15 a 29 anos, em 187 municípios (BRASIL, 2013).

procurando emprego – 73% entre entrevistados”. No entanto, existe uma parcela dos jovens que nem estudam e nem trabalham, os chamados “nem nem” que a mídia, muitas vezes, aponta como jovens desinteressados, porém, observando mais de perto, muitos deles estão desempregados ou estão envolvidos com tarefas domésticas e de cuidado de algum familiar ou filhos (ABRAMO, 2016).

Além do mundo do trabalho e da escola, a condição juvenil também está diretamente relacionada às desigualdades e diversidades sociais, culturais e étnicas, evidenciando uma realidade plural, com diferenças relacionadas ao sexo, à cor, ao local de moradia, à renda e ao acesso ou não às políticas públicas, em realidades, muitas vezes, de violência e exclusão. Na pesquisa “Agenda Juventude Brasil” (2013), 43% dos entrevistados disseram que sua maior preocupação é a violência, mostrando como esse é um tema marcante em suas vidas, 51% já perderam um parente ou amigo de forma violenta, na maioria (54%), negros e pardos.

Na Espanha, a crise econômica de 2008 afetou profundamente a geração de jovens dessa época e a da seguinte, trazendo transformações no mundo do trabalho, como o desemprego, a precarização do trabalho, desigualdades e a emigração de jovens qualificados ao exterior (BENEDICTO e FEIXA, 2015; SOLANILLAS e REVILLA, 2015; GAVIRIA, 2015; BENDICTO, 2017; GUERRERO e ECHAVES, 2017), sobretudo a países como Alemanha e Reino Unido (GUERRERO, 2017). Nesse período, foram criados alguns programas para incentivar a inserção profissional, como o programa “Garantía Juvenil” e o “Plan de Empleo Juvenil”, no entanto, não foram suficientes para aplacar os efeitos dessa crise na vida dos e das jovens (MASÓ e ARNAU, 2015).

As situações de incertezas, da falta de estabilidade para constituir moradia própria e o desemprego afetaram amplamente as juventudes espanholas (GENTILE, 2015), sendo ainda mais difícil para as mulheres e para os e as imigrantes (MORENO, 2015; SOLANILLAS e REVILLA, 2015). Resultado disso foi um prolongamento dos itinerários educacionais, para uma maior qualificação diante de um mercado de trabalho com menos oportunidades, como se a saída para o desemprego fosse uma questão individual de meritocracia (SOLANILLAS e REVILLA, 2015; GUERRERO e ECHAVES, 2016). A respeito desse cenário, Benedicto (2017) comenta que:

El altísimo paro juvenil, la emigración forzada de sectores juveniles con alta formación, la incertidumbre extrema y la frustración que produce un futuro precario son referencias permanentes en los discursos de los jóvenes y alimentan el vínculo generacional de la juventud que vive la crisis (BENEDICTO, 2017, p. 26).

Entre os anos de 2005 a 2015, ocorreu o chamado Ciclo de Políticas Públicas de Juventude no Brasil, interrompido no ano de 2016, com o *impeachment* da Presidenta Dilma

Rousseff, eleita em 2011. Esse período foi marcado por uma significativa institucionalidade de políticas voltadas para jovens (RIBEIRO e MACEDO, 2018), principalmente em âmbito federal, com a criação da Secretaria Nacional de Juventude (SNJ), do Conselho Nacional de Juventude (Conjuve) e do Programa Nacional de Inclusão de Jovens (Projovem)<sup>36</sup>, em 2005, e com a promulgação do Estatuto da Juventude<sup>37</sup>, em 2013. Na Espanha, já em 1977, foi criado o Instituto da Juventude (Injuve), que realiza pesquisas e relatórios, contribuindo com políticas públicas para essa parcela de sua população.

O Ciclo de Políticas Públicas de Juventude no Brasil, segundo Ribeiro e Macedo (2018), trouxe “avanços na construção de um apoio concreto na proteção social e no bem-estar dos jovens” (RIBEIRO e MACEDO, 2018: 109) acompanhado de participação e “de construção da cidadania no país” (RIBEIRO e MACEDO, 2018: 109). Nesse sentido, as autoras ainda acrescentam que:

[...] a participação de grupos juvenis foi fundamental para vocalizar um conjunto de demandas que, até então, estavam ocultas no espaço público que conforma a sociedade brasileira. Talvez esse tenha sido o grande legado do ciclo em pauta: a assunção de questões que, direta ou indiretamente, material ou simbolicamente, emergiram no cenário público, criando alterações e deslocamentos que permitiram a entrada na agenda pública de novas realidades, questões, sujeitos, coletivos e blocos sociais, impactando a representação sobre juventude no imaginário social brasileiro (RIBEIRO e MACEDO, 2018: 109).

A participação de grupos juvenis foi fundamental na construção desse cenário brasileiro de ampliação de políticas públicas de juventude. Através de grupos e coletivos juvenis, os jovens colocam as demandas dessa geração em relação à cultura, ao lazer, à educação, à saúde, ao trabalho etc. em diferentes espaços, alguns participando dos considerados mais tradicionais e outros nos novos espaços de atuação, como, por exemplo, grupos culturais, ecológicos, de militância pelo direito à cidade, de jovens rurais, ligados ao debate sobre esporte e ao lazer. Os grupos e coletivos juvenis com pautas relacionadas às questões de gênero, sexualidade e raça também se destacam na proposição e luta por suas demandas, assim, segundo Ribeiro e Macedo (2018), “com base no debate das identidades, característicos das sociedades contemporâneas, os coletivos de jovens têm adquirido um papel de destaque na construção de sociabilidades propositivas” (RIBEIRO e MACEDO, 2018: 118); exemplo desse movimento é expresso pelas vereadoras entrevistadas no estudo aqui apresentado.

Recaem sobre os jovens diversos dilemas da nossa sociedade atual. Em diversos espaços da vida cotidiana, muitas vezes, ao se conversar sobre política, é frequente, em algum momento,

---

<sup>36</sup> Lei n. 11.129, de 30 de junho de 2005.

<sup>37</sup> Lei n. 12.852, de 05 de agosto de 2013.

comentar-se sobre juventude e seu engajamento político, ou a falta dele. Nos anos 1990 e 2000, o senso comum e a mídia relacionavam constantemente a juventude com a falta de interesse em participar ativamente da política, em comparação com a geração de 1968. No entanto, as manifestações de junho de 2013, no Brasil, trouxeram outros tipos de adjetivações à participação de jovens em atos políticos, diferenciando manifestantes “pacíficos” de “vândalos”.

As juventudes, em diferentes contextos e tempos históricos, constroem seus repertórios e tipos de participação de forma diversa. Desde a tática *black bloc*<sup>38</sup>, a mídia procura questionar o comportamento dos jovens, rotulando-os de “vândalos” ou “baderneiros”, até os que militam em redes sociais e coletivos, ou em tipos de militância considerados mais tradicionais, como sindicatos, partidos políticos, representações estudantis etc. O próprio conceito de participação política é ampliado e modificado, pois também é diretamente ligado ao contexto social e histórico, sendo os novos repertórios incorporados e denominados pelas definições que os caracterizam primariamente (BORBA, 2012). Diante disso, tornam-se necessários o estudo, a pesquisa e a reflexão sobre essas temáticas numa conjuntura de tantas mudanças e surgimento de novos repertórios de ação política.

Na década de 2010, os jovens protagonizaram diversas mobilizações políticas ao redor do mundo, reivindicando, principalmente, democracia, emprego, educação, preservação do meio ambiente, igualdade racial e de gênero, reflexo de um contexto histórico e social de desigualdades e exclusões. A Primavera Árabe, entre 2010 e 2012, em que uma série de manifestações e protestos chegou a derrubar três chefes de Estado no Oriente Médio e no Norte da África; o Movimento dos Indignados, em 2011, na Espanha, em luta contra o desemprego resultado da crise econômica, pauta que também levou a mobilizações a outros lugares da Europa, como Portugal e Grécia; na América Latina, foram diversas as mobilizações por educação pública de qualidade, especialmente no Chile, em 2006 e 2011, com os chamados Pinguins; na América do Norte, também em 2011, ocupações dos espaços públicos criticando as desigualdades econômicas advindas do capitalismo, como o “Occupy Wall Street”, nos Estados Unidos. Esses são alguns exemplos de mobilizações que ocorreram em diversas regiões do mundo, “em todos os países houve uma mesma forma de ação: ocupações de praças, uso de redes de comunicação alternativas e articulações políticas que recusavam o espaço tradicional” (CARNEIRO, 2012: 8).

---

<sup>38</sup> É uma tática de ação direta utilizada principalmente por autonomistas e anarquistas que se reúnem, mascarados e vestidos de preto, para protestar em manifestações de rua.

Antes do Movimento dos Indignados na Espanha, também chamado de 15M, segundo Moreno (2015), a imagem dos jovens nos meios de comunicação e no senso comum era de que estavam afastados e não tinham interesse pela política. Depois do 15M, essa imagem muda, destacando o protagonismo juvenil nesse movimento e uma nova cultura participativa (MORENO, 2015; BENEDICTO e MORÁN, 2015; FEIXA e GARCÍA, 2015). Os e as jovens se mobilizaram contra os efeitos da crise econômica e os problemas relacionados à legitimação política e ao bipartidarismo, em que os principais partidos políticos se revezavam, durante décadas, no poder, sendo que muitos desses e dessas jovens participantes sequer tinham experiência anterior de engajamento nesse tipo de ação política (BENEDICTO, 2017). A utilização das novas tecnologias da comunicação, como as redes sociais, para mobilização, foi uma das principais características desse movimento (MORENO, 2015; BENEDICTO e MORÁN, 2015), assim como, dos outros ao redor do mundo, citados no parágrafo anterior (FEIXA e NOFRE, 2013).

No Brasil, os atos de junho de 2013<sup>39</sup>, as ocupações de escolas<sup>40</sup> e os “rolezinhos”<sup>41</sup> são alguns exemplos de mobilizações, com grande protagonismo juvenil, nos últimos anos, comparando-se às que ocorreram em outros lugares do mundo. As manifestações de junho de 2013 começaram em São Paulo, pela organização do Movimento Passe Livre naquela cidade, inicialmente, a pauta era contra o aumento das tarifas de ônibus, alastrando-se por todo o território nacional, em diferentes cidades. Conforme o número de pessoas aumentava, a cada novo ato, outras pautas foram sendo acrescentadas, além disso, participaram grupos e indivíduos com diferentes espectros ideológicos, causando certa polarização em determinados momentos. Bringel e Pleyers (2015) argumentam que “emergiram novos espaços e atores que levaram a um aumento da conflitualidade no espaço público e a um questionamento dos

---

<sup>39</sup> As manifestações de junho de 2013 foram vários atos populares ocorridos em diversas cidades do Brasil. Esses atos começaram em São Paulo por organização do movimento pelo Passe Livre naquela cidade, inicialmente contra o aumento das tarifas de ônibus, alastrando-se por todo território nacional, agregando diversas pautas e reivindicações. Ver Maricato *et al.* (2013).

<sup>40</sup> Em 2015, em São Paulo, jovens secundaristas ocuparam escolas contra o projeto de reorganização escolar. Inspirando, em 2016, outras ocupações em várias cidades do país. Os estudantes protestavam sobretudo contra a Reforma do Ensino Médio e contra a Emenda Constitucional n. 95, que congela os gastos da educação e da saúde por 20 anos. Os jovens também foram solidários às greves de professores que estavam ocorrendo, naquele período, em alguns municípios. No Rio de Janeiro, a mobilização ainda foi crítica aos megaeventos na cidade (Copa Mundial de Futebol de 2014 e Olimpíadas de 2016). Ver Pinheiro (2017).

<sup>41</sup> Os “rolezinhos” foram encontros marcados pelas redes sociais por centenas e algumas vezes milhares de jovens em *shopping centers* de algumas cidades do Brasil, causando grande repercussão na mídia. Esse movimento está diretamente ligado ao direito à circulação pelos espaços públicos da cidade e ao lazer. Além disso, colocam, em lugares diretamente ligados ao consumo, a identidade da juventude periférica, que também tem direito a estar nesses espaços.

códigos, sujeitos e ações tradicionais que primaram no país durante as últimas duas décadas” (BRINGEL e PLEYERS, 2015: 6).

Os “rolezinhos” foram encontros marcados pelas redes sociais por centenas e, algumas vezes, por milhares de jovens em *shopping centers* de cidades do Brasil, causando grande repercussão na mídia. Esse movimento está diretamente associado ao direito à circulação pelos espaços públicos da cidade e ao lazer. Além disso, em lugares diretamente ligados ao consumo, se reivindica o direito da juventude periférica, cuja identidade é pautada durante as manifestações, de estar nesses espaços

Os jovens também ocuparam escolas. O movimento começou em São Paulo, em 2015, contrário ao projeto de reorganização das escolas. A mobilização estudantil inspirou, em 2016, outras ocupações em várias cidades do país. Os estudantes secundaristas protestavam, sobretudo, contra a Reforma do Ensino Médio<sup>42</sup> e a Emenda Constitucional n. 95<sup>43</sup>, que congela os gastos da educação e da saúde por 20 anos, e também foram solidários às greves de professores que ocorriam, naquele período, em alguns municípios. No Rio de Janeiro, a mobilização criticou os megaeventos na cidade (Copa Mundial de Futebol de 2014 e Olimpíadas de 2016). Segundo Pinheiro (2017), “a rápida expansão do movimento de ocupação representava esse acúmulo de força e indignação dos coletivos juvenis em processo de constituição, que – justamente por estarem em formação – tinham mais flexibilidade para experimentar novas estratégias de ação política” (PINHEIRO, 2017: 266).

A mobilização das mulheres também teve destaque nos atos políticos protagonizados por jovens ao redor do mundo. As mulheres vêm se mobilizando contra medidas que retiram os seus direitos (econômicos, sociais e culturais), contra o machismo, a violência de gênero e pelo direito de decidir (em favor da legalização e da descriminalização do aborto). Contra a violência de gênero e contra o feminicídio, deu início, na Argentina, ao grito “Ni una menos”, após protestos contra a morte de uma jovem, assassinada pelo namorado, em junho de 2015. Esse lema se estendeu a outros países, como Uruguai, Brasil, Chile, Espanha etc. No ano seguinte, as mobilizações, na Argentina, continuaram com o emblema “Vivas nos Queremos” e, em 2018 e 2019, se seguiram manifestações a favor da legalização e da descriminalização do aborto.

Outras importantes mobilizações políticas foram as greves de mulheres em diversas partes do mundo, entre os anos 2016 e 2019. Essas greves tiveram início em outubro de 2016, na Polônia, onde milhares de mulheres pararam de trabalhar se manifestando contra a proibição

---

<sup>42</sup> Medida Provisória n. 746, de 2016.

<sup>43</sup> Emenda Constitucional n. 95, de 2016.

do aborto. Nesse mesmo ano, as mulheres argentinas também fizeram um movimento grevista, que se expandiu para outros países, como Itália, Espanha, Brasil, Turquia, Peru, Estados Unidos, México, Chile etc. Nos anos seguintes, o dia 8 de março foi ressignificado com a organização da greve internacional de mulheres, com o lema principal #NosotrasParamos reafirmando as origens desse dia na luta por direitos:

Lo que comenzó como una serie de acciones de ámbito nacional se convirtió en un movimiento transnacional el 8 de marzo de 2017, cuando organizadoras de todas las partes del mundo decidieron atacar juntas. Con ese golpe audaz, dieron un nuevo sentido político al Día Internacional de la Mujer (ARRUZZA, BHATTACHAYA e FRASER, 2019: 24).

No Brasil, as manifestações de mulheres também tiveram destaque no cenário nacional de mobilizações. Uma dessas manifestações foi a Marcha das Vadias, convocada pelas redes sociais, pela primeira vez em 2011, inspirada no movimento surgido no Canadá, após o episódio em que um policial, ao falar sobre segurança, disse que as mulheres não deveriam se vestir como vadias para evitarem ataques de violência sexual. Como reação a essa declaração, surgiu, na cidade de Toronto, a primeira Marcha das Vadias (tradução de Slut Walk), pelo fim da prática de culpabilização das vítimas em casos de agressão sexual. Várias cidades pelo mundo também fizeram a Marcha das Vadias, que se repetiu em outros anos.

No final de 2015, milhares de mulheres foram às ruas no Brasil, em defesa de seus direitos e contra o retrocesso. As mulheres protestaram contra Eduardo Cunha (na época, presidente da Câmara dos Deputados, pelo PMDB) e contra o Projeto de Lei n. 5.069, de 2013, de sua autoria, que complicaria o atendimento às mulheres vítimas de violência sexual, criando novas regras e dificultando o acesso ao aborto legalmente permitido no país.

A internet contribuiu para a articulação desses atos e de outras mobilizações. *Hashtags* como “meu amigo secreto”, “não poetize o machismo”, “agora é que são elas”, “chega de fiu fiu” e “meu primeiro assédio” foram usadas nas redes contra o silenciamento e o machismo. Essas campanhas nas redes sociais levaram milhares de mulheres a contarem sobre o machismo que sofreram e sofrem cotidianamente.

Uma das minhas hipóteses é que esses movimentos e manifestações no Brasil (*online*, através das *hashtags* feministas e de outras mobilizações pelas redes sociais, ou nas ruas através de manifestações e marchas) impulsionaram candidaturas rumo à vitória, sendo importantes na eleição de candidatas com pautas feministas em 2016. Na Espanha, o Movimento dos Indignados em 2011 (também chamado de 15M), seus desdobramentos e, posteriormente, a criação do partido político espanhol Podemos foram fundamentais para que jovens mulheres se comprometessem politicamente e, em 2015, se candidatassem a vereadoras em seus municípios.

### 3.2 GÊNERO, FEMINISMO E A LUTA DAS MULHERES POR DIREITOS

Tomado de estereótipos e adjetivações por querer transformar as estruturas da sociedade patriarcal, o feminismo, suas ideias e lutas têm sido fundamentais para desconstruir o machismo, a violência contra as mulheres e a dominação simbólica<sup>44</sup> – que ainda perduram – e para avançar na ampliação de direitos e igualdade social. A divisão entre os sexos é colocada como natural em todo o mundo social, se fazendo presente o tempo todo, tanto nos corpos como nos espaços sociais, objetivado nas coisas, funcionando como uma máquina simbólica que ratifica a dominação masculina (BOURDIEU, 2018). De acordo com Bourdieu (2018):

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão sexual do trabalho, distribuição bastante restrita das atividades atribuídas a cada um dos sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no próprio lar, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água, os vegetais; é a estrutura do tempo, as atividades do dia, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos (BOURDIEU, 2018: 24).

O processo de eternização e naturalização dessas estruturas da divisão sexual é resultado de mecanismos históricos de instituições interligadas, como a família, o Estado, a igreja e a escola (BOURDIEU, 2018). Um dos exemplos desses mecanismos históricos é o controle sobre a sexualidade das mulheres nas interseções do império colonial espanhol por conta da honra familiar e da ordem do Estado, afetando as relações de gênero, como aponta Verena Stolke (2006) no artigo “O enigma das interseções: classe, ‘raça’, sexo, sexualidade. A formação dos Impérios Transatlânticos do século XVI a XX”, isso tudo em meio as já grandes desigualdades sociopolíticas existentes nas colônias ibéricas:

O principal objetivo da empresa colonial era sem dúvida lucro pessoal e riqueza nacional. Mas num tempo em que a religião era inseparável da política, a Igreja Católica teve um papel tão importante quanto o da Coroa na formação da política colonial das Américas portuguesa e espanhola, e também nas relações com os povos indígenas, até então prática ou totalmente desconhecidos, e com o contingente de escravos africanos que crescia de forma acelerada. Uma perspectiva transatlântica é indispensável para se compreender e levar em conta o padrão sociopolítico que moldava esses novos “tipos” de povos, bem como o projeto político e econômico de colonização e exploração de recursos humanos e naturais nos novos territórios nos séculos que se seguiram à conquista. Isso porque tal padrão era o resultado de uma interação dinâmica entre os princípios administrativos metropolitanos e os valores espiritual-religiosos e sociais relativos a honra e hierarquia social, sustentados por ideais de gênero relativos ao casamento e à moralidade sexual. O código moral universalista da Igreja Católica, reforçado pela Contrarreforma, associou explicitamente virgindade e castidade femininas, honra familiar e proeminência social, sempre de acordo com a doutrina religiosa da *limpieza de sangre* (STOLKE, 2006: 18).

---

<sup>44</sup> É uma forma de poder exercida sobre os corpos sem coação física (BOURDIEU, 2018).

As normas morais, sociais, jurídicas e religiosas criaram distinções sociais baseadas no “sangue puro”, justificadas pela religião e, posteriormente, pela raça, com o objetivo da manutenção da elite branca, fundamentando *status* e honrarias sociais no nascimento legítimo. Com isso, a sexualidade feminina teve um papel crucial, pois transmitia os atributos de família e patrimônio para as gerações. As mulheres eram submetidas a rígidas vigilâncias para cumprir esse papel imposto pelo Estado, pela igreja e pelas famílias para não deixar dúvidas sobre o “sangue puro” (STOLKE, 2006). “Esse elo entre pureza social e virtude sexual feminina era claro numa ideologia de gênero que atribuía aos homens o direito e a responsabilidade de controlar os corpos e a sexualidade de suas mulheres” (STOLKE, 2006: 30).

Tais relações são resultado de um sistema de dominação que se reflete até os dias atuais. Os sistemas de parentesco requerem uma divisão entre os sexos, incluem um conjunto de regras controlando a sexualidade e criando diferenças entre os direitos dos homens e das mulheres. Segundo Rubin (1993):

O gênero é uma divisão socialmente imposta. É um produto das relações sociais de sexualidade. Os sistemas de parentesco repousam sobre o casamento. Portanto eles transformam machos e fêmeas em “homens” e “mulheres”, cada qual uma metade incompleta que só pode encontrar sua completude quando unida à outra (RUBIN, 1993: 11).

De acordo com a autora, o parentesco é uma organização imposta que confere poder, tornando as mulheres objetos dessas transações realizadas com o casamento, que, por meio de trocas simbólicas, permite ao homem acesso sexual, estatutos genealógicos, ancestrais e nomes de linhagem (RUBIN, 1993). Bourdieu (2018) afirma que as mulheres ficam reduzidas a instrumentos do capital simbólico e social:

É na lógica da economia de trocas simbólicas – e, mais precisamente, na construção social das relações de parentesco e do casamento, em que se determina às mulheres seu estatuto social de objetos de troca, definidos segundo os interesses masculinos, e destinados assim a contribuir para a reprodução do capital simbólico dos homens [...]. [...] elas ficam reduzidas à condição de instrumentos de produção ou de reprodução do capital simbólico e social (BOURDIEU, 2018: 66/67).

Rubin (1993) define “sistema de sexo/gênero” como “um conjunto de arranjos através dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana” (RUBIN, 1993: 2) pois há uma economia e uma política nesses sistemas de sexo/gênero, que passam por processos políticos em larga escala e, até mesmo, pela formação dos Estados. Dessa maneira, o feminismo deve ter em vista uma revolução nas relações de parentesco (RUBIN, 1993).

A partir do século XVIII, a raça e o critério moderno de classe se tornaram relevantes na construção das desigualdades das sociedades coloniais portuguesas e espanholas. O fenótipo passou a ser um indicador social. O “sangue puro” perde a conotação religiosa, moral e ganha um sentido sociorracial. O casamento inter-racial era uma questão de Estado, só permitido por licença concedida pelo Estado, que poderia, inclusive, negar a concessão (STOLKE, 2006). Posteriormente, a industrialização, a dominação e o conflito de classes se intensificaram, sendo reforçados, durante a consolidação dos Estados-Nação (MARX, 1996), por exemplo, nos EUA e na África do Sul, de formas diferentes, de acordo com o contexto local específico. Com isso, a dominação racial oficial, após a abolição, se vinculou à construção do Estado-Nação, processo que não pode ser desvinculado das questões de desenvolvimento econômico, imigração e urbanização, com políticas estatais determinadas por interesses classistas (MARX, 1996).

A naturalização de que por si só o corpo apresenta as diferenças da divisão sexual é, na verdade, socialmente construída. A relação entre feminino e masculino “trata-se de uma forma de ascendência social que se reproduz, pois, na base de um processo de naturalização. O corpo é o lugar investido simbolicamente para confirmar esta ontologia” (VALE DE ALMEIDA, 2018). Nessa direção, a respeito da questão da identidade de gênero exclusiva, Rubin (1993) afirma que:

Longe de ser uma expressão de diferenças naturais, a identidade de gênero exclusiva é a supressão de similaridades naturais. Ela requer repressão: nos homens, da versão local das características “femininas”, quaisquer sejam elas; nas mulheres, da definição local das características “masculinas”. A divisão dos sexos tem por efeito reprimir alguns traços de personalidade de virtualmente todo mundo, homens e mulheres. O mesmo sistema social que oprime as mulheres nas suas relações de troca, oprime todo mundo pela sua insistência numa divisão rígida da personalidade (RUBIN, 1993: 12).

Essas características masculinas, em alguns momentos, submetem os homens a exigências também relativas à ordem simbólica, afirma Bourdieu (2018). Com isso, a virilidade imposta ao homem traz um peso, pois, sendo inalcançável em sua totalidade, acarreta vulnerabilidade por não corresponder a esse ideal impossível de uma virilidade, relacionada não só com a capacidade reprodutiva, sexual e social, mas também ao exercício da violência, aos esportes de luta etc. (BOURDIEU, 2018). De acordo com Vale de Almeida:

A masculinidade hegemônica é um modelo cultural ideal que, não sendo atingível – na prática e de forma consistente e inalterada – por nenhum homem, exerce sobre todos os homens e sobre todas as mulheres um efeito controlador. [...] a masculinidade não é mera formulação cultural de um dado natural; e que a sua definição, aquisição e manutenção constituem um processo frágil, vigiado, autovigiado e disputado” (VALE DE ALMEIDA, 2018).

A visão naturalista e essencialista subtrai da história a relação entre os sexos, exagerando nas diferenças anatômicas e biológicas, minimizando certas semelhanças, com o objetivo de

legitimar uma relação de dominação, com isso, as diferenças biológicas são utilizadas para criar diferenciações sociais (BOURDIEU, 2018; VARELA, 2019). Dessa forma, faz-se necessária a mobilização política com ação política e resistência para a realização de reformas jurídicas e políticas para romper com a visão essencialista (BOURDIEU, 2018).

A desigualdade de direitos, a falta de instituições democráticas, entre outras dificuldades, não impediram o surgimento de movimentos feministas de contestação da ordem patriarcal (ALVES, CAVENAGHI, CARVALHO e SOARES, 2017). O termo “feminismo” começou a ser utilizado, no final da década de 1890, na Espanha, com publicações de Concepción Saiz e Adolfo Pousada. Porém, foi somente a partir da década de 1930 que o feminismo se constituiu como um movimento político coletivo organizado nesse país (VARELA, 2019; GONZÁLES, 2018; OFFEN, 2000). Ainda assim, desde o início do século XIX, espanholas demandavam o direito ao ensino superior e foi, nesse século, que duas mulheres espanholas concluíram o curso de Medicina. Isso ocorreu em outubro de 1882, e as pioneiras foram Martina Castells Ballespí e Dolors Aleu i Riera<sup>45</sup>, que foi a primeira mulher a obter o doutorado em Medicina e a licença para clinicar (VARELA, 2019).

No entanto, esse direito só foi garantido a partir de 1910. Os desafios com relação à educação eram muito maiores, já que a maioria das mulheres eram analfabetas. No Brasil, a primeira onda do movimento feminista, iniciada no século XIX, reivindicava, principalmente, pautas relacionadas ao direito ao voto, à vida pública e ao direito ao trabalho sem a autorização do marido (RIBEIRO, 2016). Essas também foram reivindicações das espanholas, que começavam a ser incorporadas nos trabalhos da indústria, mas em condições precárias.

A partir da década de 1970, teve início a segunda onda. A Espanha estava saindo da ditadura de Franco, que durou quarenta anos, e retomando o movimento feminista depois de décadas de repressão ditatorial (VARELA, 2019; MONTERO, 2004). No Brasil, além de combater a ditadura militar que o país vivenciava naquele período, as feministas da segunda onda lutaram pela valorização do trabalho feminino, liberdade sexual e contra a violência de gênero (RIBEIRO, 2016). A mudança de um capitalismo mais organizado pelo Estado<sup>46</sup> para o

---

<sup>45</sup> A tese de Dolors Aleu i Riera, apresentada em 6 de outubro de 1882, chamava-se **De la necesidad de encaminar por nueva senda la educación higiénico-moral de la mujer**, em que ela criticava a discriminação contra as mulheres. Disponível em: <https://dbe.rah.es>. Acesso em: 21 abr. 2021.

<sup>46</sup> Segundo Fraser (2009), “uma variante do capitalismo organizado pelo Estado poderia também ser encontrada no que foi então denominado o Terceiro Mundo. Em ex-colônias empobrecidas, os “Estados desenvolvimentistas” recém independentes buscaram usar suas capacidades mais limitadas para iniciar o crescimento econômico nacional por meio de políticas de substituição de importação, investimento infraestrutural, nacionalização de indústrias-chave e gastos públicos em educação” (FRASER, 2009: 15).

neoliberalismo coincidiu com o surgimento dessa onda e “ressignificou” alguns ideais feministas, trazendo certa ambiguidade, como sustenta Fraser (2009), nesta citação:

[...] por um lado, os ideais feministas de igualdade de gênero, tão controversos nas décadas anteriores, agora se acomodam diretamente no mainstream social; por outro lado, eles ainda têm que ser compreendidos na prática. Assim, as críticas feministas de, por exemplo, assédio sexual, tráfico sexual e desigualdade salarial, que pareciam revolucionárias não faz muito tempo, são princípios amplamente apoiados hoje; contudo esta mudança drástica de comportamento no nível das atitudes não tem de forma alguma eliminado essas práticas. E, assim, frequentemente se argumenta: a segunda onda do feminismo tem provocado uma notável revolução cultural, mas a vasta mudança nas mentalités (contudo) não tem se transformado em mudança estrutural, institucional (FRASER, 2009: 13).

A transformação na organização social do capitalismo do pós-guerra utilizou atitudes culturais difundidas pela segunda onda para a legitimação de uma sociedade desigual, fragmentando as críticas das feministas que tinham uma visão mais holística de construção social, apoiadas nas dimensões econômicas, culturais e políticas, essas dimensões foram separadas quanto à crítica do capitalismo (FRASER, 2009).

Com início na década de 1990, a terceira onda começou a discutir alguns paradigmas surgidos nas outras ondas, como a crítica a um discurso universal, que acaba excluindo, já que as opressões atingem as mulheres de formas diferentes (RIBEIRO, 2016). Levantando a importância de se discutir gênero com recorte de classe e raça, e a desconstrução da categoria de gênero de forma binária masculino/feminino (RIBEIRO, 2016).

Judith Butler é uma das críticas mais radicais do conceito de gênero, uma vez que, para ela, gênero é relacional (PISCITELLI, 2008), uma norma reguladora. O discurso do binarismo homem/mulher, como maneira exclusiva, atua de forma reguladora (legalmente e de muitas outras maneiras) com o objetivo de naturalizar o poder hegemônico, regulando a sexualidade e hierarquizando a heterossexualidade (BUTLER, 2014). Nesta citação, a autora amplia os esclarecimentos sobre a questão de gênero:

Gênero é o aparato pelo qual a produção e a normalização do masculino e do feminino se manifestam junto com as formas intersticiais, hormonais, cromossômicas, físicas e performativas que o gênero assume. Supor que gênero sempre e exclusivamente significa as matrizes “masculino” e “feminina” é perder de vista o ponto crítico de que essa produção coerente e binária é contingente, que ela teve um custo, e que as permutações de gênero que não se encaixam nesse binarismo são tanto parte do gênero quanto seu exemplo mais normativo. Assimilar a definição de gênero à sua expressão normativa é reconsolidar inadvertidamente o poder da norma em delimitar a definição de gênero. Gênero é o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas, mas gênero pode muito bem ser o aparato através do qual esses termos podem ser desconstruídos e desnaturalizados. De fato, pode ser que o próprio aparato que pretende estabelecer a norma também possa solapar esse estabelecimento, que esse estabelecimento fosse como que incompleto na sua definição. Manter o termo “gênero” em separado de masculinidade e feminidade é salvaguardar uma perspectiva teórica que permite analisar como o binarismo masculino e feminino esgotou o campo semântico de gênero. Quer estejamos nos referindo à “confusão de gênero”, “mistura de gêneros”, “transgêneros” ou

“crossgêneros”, já estamos sugerindo que gênero se move além do binarismo naturalizado. A assimilação entre gênero e masculino/feminina, homem/mulher, macho/fêmea, atua assim para manter a naturalização que a noção de gênero pretende contestar (BUTLER, 2014: 253 e 254).

As mulheres negras são uma população fundamentalmente atingida pelas opressões, tanto machistas quanto relacionadas à classe no atual sistema capitalista (RIBEIRO, 2016). Em sua história, estão longe de serem tratadas como “sexo frágil” e “donas de casa”. Desde muito tempo, são trabalhadoras ou foram escravizadas no sistema colonial, sendo espancadas e estupradas pelos “senhores brancos”. A mulher negra nunca teve o lugar do trabalho doméstico exclusivo e nem da maternidade exclusiva, diferentemente das mulheres brancas (DAVIS, 2016). Carby (1982) afirma que as *herstories* das mulheres negras são muitas e variadas, através delas se podem compreender as opressões de gênero, raça e classe, na especificidade da vida das mulheres negras.

Avtar Brah (2006) ressalta que não se deve ver feminismo negro e branco em oposição, “mas antes como campos historicamente contingentes de contestação dentro de práticas discursivas e materiais” (BRAH, 2006: 331). Para a autora, “a análise das interconexões entre racismo, classe, gênero, sexualidade ou qualquer outro marcador de ‘diferença’ deve levar em conta a posição dos diferentes tipos de racismo entre si” (BRAH, 2006: 331).

A interseccionalidade<sup>47</sup> das diferentes formas de subordinação e sua interação, apreendendo a articulação das múltiplas diferenças, desigualdades e seus contextos específicos, é importante para superar a superposição de opressões (PISCITELLI, 2008). Além disso, segundo Avtar Brah (2006), “Estruturas de classe, racismo, gênero e sexualidade não podem ser tratadas como ‘variáveis independentes’ porque a opressão de cada uma está inscrita dentro da outra – é constituída pela outra e é constitutiva dela” (BRAH, 2006: 331).

De acordo com Amelia Valcárcel (1997), o feminismo foi a única revolução que triunfou no século XX. As lutas dos movimentos feministas foram fundamentais para o avanço de transformações sociais na vida das mulheres, como se registra nesta citação:

[...] a expansão dos ideais feministas – igualdade de direitos e oportunidades entre os sexos na família e na sociedade – possibilitaram às mulheres brasileiras diversas vitórias, em diferentes níveis: obtiveram o direito ao voto em 1932; passaram a ser a maior população a partir da década de 1940; atingiram a maioria do eleitorado em

---

<sup>47</sup>Segundo Kimberlé Crenshaw (2002), “a interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento” (CRENSHAW, 2002: 177).

1998; reduziram as taxas de mortalidade, elevaram a esperança de vida e já vivem em média, sete anos acima da média masculina; ultrapassaram os homens em todos os níveis educacionais; aumentaram as taxas de participação no mercado de trabalho, diminuíram os diferenciais salariais e são a maioria da população economicamente ativa (PEA) com mais de 11 anos de estudo; [...] conquistaram a igualdade legal de direitos na Constituição de 1988 e obtiveram vitórias específicas na legislação nacional; por último e não menos importante, chegaram à presidência do Supremo Tribunal Federal (Ellen Gracie, em 2006) e à presidência da República (Dilma Rousseff, nas eleições de 2010 (ALVES, CAVENAGHI, CARVALHO e SOARES, 2017: 15 e 16).

A educação é a área em que as mulheres mais apresentaram conquistas. Em poucas décadas, as mulheres deixaram de ser a minoria para se tornar a maioria das pessoas com ensino superior no Brasil – o Censo Demográfico de 2010 mostra que, das 13,5 milhões de pessoas com formação universitária no país, 5,6 eram de homens e 7,8 eram de mulheres (ALVES, CAVENAGHI, CARVALHO e SOARES, 2017: 15 e 16). Na Espanha, segundo o Instituto Nacional de Pesquisa (INE), em 2019, a porcentagem das mulheres graduadas era de 53,7% e a de homens 46,3%<sup>48</sup>.

No entanto, o relatório Estatísticas de Gênero, publicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2014, mostra dados preocupantes, tais como elevadas diferenças salariais em todas as regiões do país, menos horas de trabalho remunerado e ocupações de menor prestígio. Na Espanha, segundo o INE, no ano de 2019, o salário anual da maioria das mulheres representava 73% dos salários mais frequentes dos homens<sup>49</sup>. Assim, apesar dos avanços, ainda persistem fortes desigualdades no mercado de trabalho e o peso dos cuidados da família e da casa ainda recaem majoritariamente sobre as mulheres, evidenciando a necessidade de políticas públicas para mudanças na redistribuição dessas tarefas (ALVES, CAVENAGHI, CARVALHO e SOARES, 2017: 15 e 16).

A participação das mulheres nos órgãos legislativos tem aumentado nas últimas décadas. No entanto, as mulheres ainda estão sub-representadas em todas as esferas políticas, desde os parlamentos (União Interparlamentar, 2020) aos conselhos municipais. Nos últimos anos, a busca pela representação política feminina e a luta pela paridade para diminuir a distância entre homens e mulheres nos espaços políticos de poder institucional tornou-se uma prioridade na agenda de grupos feministas e de alguns partidos políticos. Isso se reflete, por exemplo, na Lei Orgânica espanhola 3/2007, de 22 de março<sup>50</sup>, para a igualdade efetiva entre

---

<sup>48</sup>Disponível em: [https://www.ine.es/ss/Satellite?L=es\\_ES&c=INESeccion\\_C&cid=1259925481157\\_&p=1254735110672&pagename=ProductosYServicios/PYSLayout](https://www.ine.es/ss/Satellite?L=es_ES&c=INESeccion_C&cid=1259925481157_&p=1254735110672&pagename=ProductosYServicios/PYSLayout). Acesso em: 20 abr. 2021.

<sup>49</sup>Disponível em: [https://www.ine.es/ss/Satellite?L=es\\_ES&c=INESeccion\\_C&cid=12599254083271259925408327&p=125473511259926137287](https://www.ine.es/ss/Satellite?L=es_ES&c=INESeccion_C&cid=12599254083271259925408327&p=125473511259926137287). Acesso em: 20 abr. 2021.

<sup>50</sup> Ley Orgánica 3/2007, de 22 de marzo, para la igualdad efectiva de mujeres y hombres: <https://www.boe.es/buscar/act.php?id=BOE-A-2007-6115>.

mulheres e homens. O objetivo dessa Lei é tornar efetivo o direito à igualdade de tratamento e de oportunidades entre mulheres e homens, em qualquer uma das esferas da vida – civil, trabalhista, econômica, social e cultural e, principalmente, na política. Para isso, a Lei estabelece princípios de atuação do Poder Público e prevê medidas para eliminar e corrigir, nos setores público e privado, todas as formas de discriminação por motivo de sexo. Essa lei visa aumentar a participação das mulheres nas listas eleitorais, estabelecendo a obrigatoriedade de uma representação mínima de 40%. Nesse contexto, houve alguma melhora nesse desequilíbrio de gênero nos conselhos municipais na Espanha, mas a diferença ainda é grande. Em 2015, pela primeira vez, as mulheres ultrapassaram 35% da representação política nos conselhos de cidades espanholas, ainda longe da paridade real (ESPÍ-HERNÁNDEZ, 2017). Já a representação política no parlamento nacional espanhol está mais próxima da paridade. Em 2019, chegava a 41,1% de deputadas e, em 2020, a 44% (União Interparlamentar, 2020).

No Brasil, a representação de mulheres na Câmara dos Deputados e Deputadas ainda é muito baixa. No ano de 2019, após as eleições de 2018, a representação chegou a 15% (União Interparlamentar, 2020). Algumas leis buscam diminuir essa desigualdade. Como a ação afirmativa, estabelecida pela Lei n. 12.034, de 2009, alterando a Lei n. 9.504/97, determinando que cada partido ou coligação preencherá o mínimo de 30% e o máximo de 70% para candidaturas de cada sexo. A Lei n. 13.877, de 2019, alterando a Lei n. 9.096, de 1995, estabeleceu que recursos oriundos do Fundo Partidário deverão ser aplicados na criação e manutenção de programas de promoção e difusão da participação política das mulheres, observando um mínimo de 5% do total. O Supremo Tribunal Federal (STF), no julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) n. 5.617/2018, determinou a destinação de, pelo menos, 30% dos recursos do Fundo Partidário às campanhas de candidatas. Ademais, o Tribunal Superior Eleitoral, no período compreendido entre 1º ou 10º VER de abril e 30 de julho dos anos eleitorais, promove, em até cinco minutos diários, propaganda institucional, em rádio e televisão, para incentivar a participação feminina, dos jovens e da comunidade negra na política<sup>51</sup>. No entanto, essas medidas ainda são insuficientes já que o Brasil, com apenas 15% de mulheres deputadas, está longe de chegar a uma participação equilibrada entre homens e mulheres na representação política.

Atualmente, os movimentos feministas vêm se mobilizando por mais representatividade política, contra medidas de retiradas de direitos que prejudicam a condição de vida das mulheres, contra o machismo, a violência de gênero, pela igualdade, legalização e

---

<sup>51</sup> Artigo 93-A da Lei n. 9.504, de 30 de setembro de 1997, que estabelece normas para as eleições.

descriminalização do aborto. Nos últimos anos, importantes manifestações trouxeram visibilidade a essas pautas e conseguiram avançar com algumas vitórias para as mulheres. Como os protestos “Ni una menos” e “Vivas nos Queremos” na Argentina, que se estenderam a outros países, as greves de mulheres, em diversas partes do mundo, e a greve internacional de mulheres, nos dias 8 de março de 2017 a 2019, com o lema principal #NosotrasParamos, reafirmaram as origens desse dia na luta pela igualdade de direitos.

A movimentação das mulheres também vem crescendo na linha do chamado “feminismo liberal”, no âmbito das que reivindicam e promovem o neoliberalismo econômico, em que o principal objetivo é a chegada das mulheres aos cargos de liderança em grandes empresas e em outros espaços, sem questionar as desigualdades de raça e classe (ARRUZZA, BHATTACHAYA e FRASER, 2019). Assim como, movimentações no campo conservador, com agendas opostas às manifestações citadas nos parágrafos anteriores, convocando as mulheres a reivindicarem pautas que retrocedem nos direitos, como a proibição do aborto e outras ligadas às suas convicções religiosas em relação à família. Pontua que nem todos os movimentos ligados à religião defendem essas agendas conservadoras, existem muitos que se mobilizam por pautas como, por exemplo, a legalização e a descriminalização do aborto, como o movimento “Católicas pelo Direito de Decidir”<sup>52</sup>.

Esses breves apontamentos, apresentados neste capítulo sobre a história da luta das mulheres e questões relacionadas ao feminismo, são importantes para a compreensão do objeto de pesquisa. Tanto do ponto de vista histórico e social quanto para observar que os desafios e as agendas históricas desses movimentos se refletem nos eventos destacados nesta pesquisa, nas pautas colocadas pelas vereadoras e nas suas histórias de vida, enquanto jovens mulheres na busca de direitos, igualdade e representatividade.

### 3.3 OS EVENTOS E A PRIMEIRA APROXIMAÇÃO COM O OBJETO DA PESQUISA

Eventos, acontecimentos relacionados a situações sociais são elementos de análises de cientistas sociais. Segundo Max Gluckman (2010), “a partir das situações sociais e de suas inter-relações em uma sociedade particular, podem-se abstrair a estrutura social, as relações sociais, as instituições etc. daquela sociedade” (p. 239). Um evento ou uma situação pode trazer

---

<sup>52</sup> Católicas pelo Direito de Decidir é um movimento político internacional formado por mulheres católicas que reivindicam principalmente a favor dos direitos reprodutivos, da autonomia das mulheres sobre o próprio corpo e contra a violência de gênero. Disponível em: <http://www.catolicasonline.org.br>. Acesso em: 20 abr. 2020.

também, por exemplo, uma outra perspectiva a uma pesquisa, assim como em “Um jogo absorvente: Notas sobre a briga de galos balinesa” (GEERTZ, 2008), quando uma situação inusitada colocou os pesquisadores em um novo panorama em seu trabalho de campo.

A partir da minha posição e leitura como pesquisadora, considero que o movimento feminista Primavera das Mulheres, entre 2015 e 2016, no Brasil, foi importante para a primeira candidatura das vereadoras brasileiras Marielle, Sâmia, Talíria e Áurea. No caso da Espanha, considero que o movimento dos Indignados, também chamado de 15M, em maio de 2011, na Espanha, foi preponderante para a candidatura das vereadoras espanholas entrevistadas. Esses eventos e suas consequências, como as eleições de 2016 com a candidatura das vereadoras brasileiras entrevistadas e a criação do partido político Podemos, me chamaram a atenção, trazendo uma curiosidade sobre esses acontecimentos e suas inter-relações até se tornarem meu objeto de pesquisa. A questão que se coloca é se esses eventos também têm uma posição de destaque para as vereadoras brasileiras e espanholas nas reflexões sobre suas trajetórias. Além disso, no caso das vereadoras brasileiras, há o difícil e brutal evento do assassinato de uma delas. Essa morte que atravessa a trajetória de todas é um evento demarcador.

Acompanhei o Movimento dos Indignados (15M) pelas notícias veiculadas através das redes sociais, pela mídia, por textos e livros acadêmicos que li, posteriormente, com análises e relatos (BRINGEL, 2015; FEIXA E NOFRE, 2013; PLEYERS, 2013). Quando iniciei o doutorado, ainda não estava claro o cenário onde se realizaria a pesquisa da tese entre Brasil e Espanha, mas eu já pensava nessa possibilidade, pois observava algumas semelhanças e diferenças entre movimentos juvenis e a militância partidária do PSOL e do Podemos. A possibilidade acabou se concretizando com o doutorado-sanduíche, no final do segundo ano do curso. Quando cheguei, o 15M já havia acontecido há cerca de 7 anos. No entanto, as causas que levaram a esse movimento ainda eram latentes, como as consequências da crise econômica, a crise de representação e desilusão com a política tradicional (ALABAO, 2019; URBÁN, 2019). O Podemos conseguiu por um período canalizar algumas das demandas do 15M através da política institucional (BRINGEL, 2015). Porém, nesses novos tempos, a desilusão (mas não somente) trouxe para a cena política a ascensão da extrema-direita ao Parlamento espanhol, ainda que em porcentagem pequena, mas surpreendente, seguindo uma tendência internacional (ALABAO, 2019; URBÁN, 2019).

Neste tópico, passo a me debruçar sobre os eventos de que fiz parte, desde a minha observação participante como militante política no Brasil, o meu próprio engajamento na Primavera das Mulheres e na campanha eleitoral de 2016, no Rio de Janeiro, culminando com

a minha experiência política vivida na Espanha. Nesse sentido, faço tanto um esforço de objetivação, explicitando os contextos e as motivações iniciais, quanto um esforço de relacionar dados, análises e observações, importantes nesse processo de reflexão da construção do objeto de pesquisa.

Em 2015, milhares de mulheres foram às ruas para protestarem contra o Projeto de Lei n. 5.069, de 2013, de autoria de Eduardo Cunha, deputado federal na época. Esse projeto dificultaria o atendimento às mulheres que sofreram violência sexual, criava regras e dificultaria o acesso ao aborto legalmente permitido no país, nos casos de violação. Outras manifestações também ocorreram em 2016, essa série de manifestações, entre os anos de 2015 e 2016, ficou conhecida como Primavera das Mulheres ou Primavera Feminista.

Particpei de algumas dessas manifestações em 2015 e 2016, assim como de outras citadas nos tópicos anteriores, que também tinham como diferencial novos repertórios de ação e as redes sociais como principal meio de divulgação e mobilização. Os corpos das mulheres ali presentes foram utilizados para mostrar as suas pautas. O direito de decidir pelo aborto e a violência contra a mulher eram expostos através de tintas vermelhas em suas roupas, encenando o que acontece diariamente, quando mulheres são mortas pelo aborto ilegal ou violentadas. Em vez dos tradicionais carros de som, as mulheres cantavam “legaliza, o corpo é nosso, é nossa escolha, é pela vida das mulheres”, entre outras músicas de protesto, com batuques de instrumentos musicais. Muitas levavam seus filhos, elas ficavam na frente da caminhada, atrás das faixas maiores, para afastar a polícia de um possível enfrentamento. Com predomínio do lilás, símbolo do movimento feminista, e sua gama de cores, na busca de uma estética criativa para colocar suas reivindicações, as mulheres fizeram história naqueles meses. As vereadoras brasileiras, que, na época, ainda não haviam sido eleitas, como eram militantes feministas, também participaram desse momento histórico.

Nessa época, eu fazia parte do diretório municipal do PSOL Carioca (como é chamado o PSOL da cidade do Rio de Janeiro), militava no núcleo de base da região da Grande Tijuca (bairro da cidade) e representava esse núcleo nas reuniões internúcleos do PSOL Carioca. Apesar de, naqueles meses, não estar fazendo trabalho de campo para esta pesquisa, sempre tive o hábito de fazer algumas anotações em cadernos ou no bloco de notas do celular. A minha participação nesses espaços, mesmo como militante, é também sempre estimulada pela minha curiosidade como pesquisadora.

Diferente de métodos que utilizam outras fontes de pesquisa, histórias de vida, segundo Carles Feixa (2019), “no son una fuente dada, sino construída, es decir, elaborada en el

transcurso de la investigación, mediante um processo interactivo que implica uma relación dialéctica entre vários agentes, instancias y niveles de realidades” (FEIXA, 2019: 95). Para aclarar essa relação dialética, neste tópico do texto, relato alguns acontecimentos e atividades de que participei quando ainda não havia decidido o tema da tese, mas que considero pertinente relatar, pois, de alguma forma, foram fundamentais para a decisão da mudança do projeto inicial. Também faço alguns apontamentos sobre a conjuntura histórica e política daquele período, com alguns dados sobre a eleição, e apresento as minhas motivações para a escolha do tema. Explicitar o percurso e as condições de realização da pesquisa, os referentes temporais, históricos e culturais, segundo Carles Feixa (2019), aportam importantes instrumentos para situar a história de vida na história social.

A seleção do doutorado foi realizada em 2016, ano em que estava vivenciando a construção das candidaturas e a campanha eleitoral. A construção do programa de campanha para a prefeitura do Rio de Janeiro foi realizada a partir do movimento “Se a Cidade Fosse Nossa”<sup>53</sup> (SCFN). A ideia inicial desse movimento surgiu nas reuniões internúcleos do PSOL, tendo sido a coordenação e a execução realizadas, principalmente, através dos núcleos de base, da secretaria do internúcleos e do mandato de deputado estadual do Marcelo Freixo, com apoio de movimentos para além do partido e de outros mandatos do PSOL. Os encontros do SCFN foram realizados em diversos pontos da cidade. Como metodologia, primeiramente, se fazia uma apresentação dos temas abordados no encontro, depois, os participantes eram divididos em grupos de discussão, que encaminhavam as propostas colocadas em uma plataforma, onde ficavam disponíveis e também recebiam outras sugestões *online*<sup>54</sup>.

Eu já conhecia Marielle Franco, mas, no encontro do SCFN da Tijuca, tivemos a oportunidade de conversar mais. Eu estava num dos grupos de discussão e conversamos sobre isso e outras questões do movimento. Ela fazia parte do mandato do Marcelo Freixo na época e ainda não era pré-candidata à vereadora. Antes desse dia, sempre nos encontrávamos em algumas atividades do partido, especialmente, em épocas de campanha eleitoral. Essas atividades do SCFN vieram em busca de novos repertórios, da importância de fazer um programa em movimento, a partir de discussões, do diálogo com a população nos espaços públicos (a maioria dos encontros acontecia em praças ou espaços abertos), de debates e propostas de todas as partes da cidade. Alguns dos jovens que construíram a ideia desse movimento nas reuniões internúcleos começaram a militar no partido depois das eleições de

---

<sup>53</sup> Disponível em: <http://seacidadefossenossa.com.br>. Acesso em: 20 ago. 2018.

<sup>54</sup> Em mais ou menos um ano, foram mais de 60 encontros, em 16 regiões da cidade, que juntaram cerca de 5 mil pessoas. Disponível em: <http://seacidadefossenossa.com.br>. Acesso em: 20 ago. 2018.

2012, depois da primeira candidatura do Marcelo Freixo à prefeitura do Rio de Janeiro. Em sua maioria, iniciaram seu engajamento político quando o PT já estava no governo federal, quando as NITCS já tinham uma importância significativa para as eleições, campanhas e mobilizações políticas em geral. Eles tinham uma preocupação com novos repertórios, com a criação de espaços mais horizontais e estavam cansados das campanhas técnicas, vazias e despolitizadas. Esses jovens buscavam uma mudança nas campanhas eleitorais e na política institucional.

No período de escolha das candidaturas, as reuniões internúcleos, do diretório municipal e dos próprios núcleos, tiveram algumas divergências em relação à escolha da vice-candidatura à prefeitura, a algumas das candidaturas de vereadores e a outros detalhes da campanha que viria. Como, por exemplo, o caráter do movimento SCFN durante e após a eleição. Para esta pesquisa, sobre esses dissensos, é importante pontuar que: 1) apesar de divergências quanto a quem ocuparia a vice-candidatura, o consenso é de que deveria ser uma mulher; 2) houve dificuldade de se chegar à cota de 30%, porcentagem obrigatória de candidaturas de mulheres<sup>55</sup>; 3) os jovens tinham a preocupação de que o SCFN tivesse um caráter mais autônomo que a campanha, por conta dos movimentos sociais que participaram da construção.

Das campanhas das vereadoras, cujas trajetórias serão analisadas nesta tese, destaco o contato mais frequente com a campanha de Marielle Franco, pois estávamos no mesmo município e acabávamos participando de diversas atividades juntas. Sua campanha teve grande visibilidade, em razão do apoio do deputado estadual Marcelo Freixo, candidato à prefeitura da cidade naquele pleito. Mas a candidatura foi crescendo, sobretudo, por suas pautas e pela necessidade de uma candidata que representasse o lugar de fala de tantas mulheres negras da favela. O *slogan* da sua campanha era “Eu sou porque nós somos”<sup>56</sup>. Observei que as mulheres que se engajavam naquela campanha estavam ali pela ausência de mulheres na Câmara Municipal, principalmente, negras e da favela, que colocassem suas demandas. Eu estava em outra campanha, mas conhecia muitas pessoas que estavam na de Marielle, inclusive que militavam no núcleo da Tijuca, ou que iriam votar nela, muitas pessoas com adesivos com o número de votação em diversos espaços da cidade, principalmente, nas universidades. A campanha da Marielle mobilizou muitas jovens.

As campanhas eleitorais do PSOL em 2012 e 2016, principalmente em 2012, tiveram uma grande participação de jovens, militantes de movimentos sociais ligados aos temas da cultura, do direito à cidade, das questões ambientais, da luta antimanicomial, antiproibicionista,

---

<sup>55</sup> A Lei n. 12.034, de 29 de setembro de 2009, determina o preenchimento obrigatório de, no mínimo, 30% e, no máximo, de 70% de candidaturas por sexo apresentadas por partidos ou coligações para os cargos proporcionais.

<sup>56</sup> Princípio filosófico africano chamado Ubuntu.

de mulheres, de LGBTQIA+ etc. Muitos jovens iniciaram seu engajamento numa campanha eleitoral e/ou num partido político.

Eu também já conhecia a Talíria e a Áurea, mas, por estarem em outros municípios, só pude acompanhar as campanhas através das redes sociais. Ainda assim, observei similaridades nas pautas e na militância que construía aquelas candidaturas. Conheci a Talíria em atividades do PSOL. Assim como Marielle, ela também já havia trabalhado no mandato de um deputado estadual, no caso de Talíria, o deputado estadual Flavio Serafini. Ela também já havia atuado no Diretório Estadual do PSOL, nos víamos com frequência em atividades partidárias estaduais. Conheci a Áurea brevemente em uma das oficinas do chamado Plano em Diálogo<sup>57</sup>, no entanto, ficamos conectadas através do Facebook e pude acompanhar um pouco, ainda que virtualmente, sua trajetória até a campanha. Sobre a candidatura de Sâmia, só me inteirei após o resultado das eleições, desde então, comecei a acompanhá-la pelas redes sociais.

Além das manifestações das mulheres entre 2015 e 2016, a conjuntura daqueles meses de 2016, de pré-campanha, de campanha e de eleições municipais, foi em meio ao processo de *impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff (PT), que, é necessário destacar, sofreu uma série de injúrias de caráter misógino nas redes sociais. As manifestações a favor e contra o *impeachment* tomaram as ruas em uma forte polarização da sociedade, inclusive ideológica, conforme descreve Monteiro (2018):

Em 2015, foram convocadas manifestações contra Dilma em quatro datas diferentes, as quais teriam reunido entre 4 e 7 milhões de pessoas, segundo a imprensa. Em 2016, foram três datas, a última em 31 de julho, com Dilma já afastada do cargo. Por seu turno, os movimentos sociais e sindicais procuraram reagir e realizar manifestações contra o *impeachment*, mas não conseguiram atrair um número de manifestantes que pudesse fazer frente ao volume das manifestações anti-Dilma.

A conjuntura ideológica em 2016 mostrou-se bastante dominada, no plano das ideias políticas, pela polarização esquerda x direita. No plano dos temas éticos, foi o combate à corrupção que se impôs, e, no plano dos temas de sociedade, pontificaram as questões ligadas a gênero, conteúdos escolares e direitos humanos. Os movimentos de direita, que procuraram recuperar uma estética patriótica ao se vestirem de verde e amarelo, ao cantarem o hino nacional e aplaudirem policiais em manifestações, buscaram se diferenciar clara e abertamente dos movimentos de esquerda, ligados a governos petistas e defensores dos direitos humanos, da liberdade de ensinar e da diversidade sexual (MONTEIRO, 2018: 28).

Esse processo apontava para a vinda de um provável cenário de retrocessos, avanço do conservadorismo e retiradas de direitos, que se confirmaram meses depois com a aprovação da Reforma Trabalhista, da Emenda Constitucional 95, entre outras medidas, após anos de

---

<sup>57</sup> A Secretaria Nacional de Juventude organizou uma série de oficinas temáticas com jovens de várias regiões do país para discutir e fazer propostas para o Plano Nacional da Juventude.

conquistas sociais nos governos do PT, principalmente de setores mais vulneráveis, conforme depreendemos da citação abaixo da filósofa Marilene Chauí (2016):

Estudos, pesquisas e análises mostram que houve uma mudança profunda na composição da sociedade brasileira, graças aos programas governamentais de transferência da renda, inclusão social e erradicação da pobreza, à política econômica de garantia do emprego e elevação do salário mínimo, à recuperação de parte dos direitos sociais das classes populares (sobretudo alimentação, saúde, educação e moradia), à articulação entre esses programas [...] (CHAUI, 2016: 15).

A crise política e econômica levou a um aumento dos números de abstenções, votos nulos e brancos. No primeiro turno das eleições municipais, se abstiveram cerca de 25 milhões de brasileiros, com grande destaque dos índices nas principais capitais:

Dessa forma, em torno de 25 milhões de cidadãos brasileiros deixaram de votar nos candidatos a prefeito e vereador no primeiro turno das eleições municipais, em 2016. A ausência ocorreu por dois motivos: ou abstenções, apesar da obrigatoriedade do voto, ou pelo fato de os eleitores terem votado em branco e, principalmente, anulado o voto. De acordo com os dados do TSE, em cinco capitais, a soma de votos brancos e nulos ultrapassou os 21%. O índice mais alto foi registrado no Rio de Janeiro (24,28%), seguido de Porto Alegre (22,51%), São Paulo (21,84%), Belo Horizonte (21,66%) e Salvador (21,25%).

A capital paulista, porém, encabeça a lista dos não votos em números absolutos. No segundo turno no Rio de Janeiro, 46,93% do eleitorado optou pela abstenção, branco ou nulo. Crivella foi eleito com 1,7 milhões de votos, contra mais de 2 milhões de abstenções, brancos e nulos. A crise de representação consolidou-se de forma dramática no cenário eleitoral a partir desses resultados (BAÍA, 2018: 166–167).

Segundo Dias (2018), esse fenômeno é uma tendência das democracias ocidentais nos últimos anos, resultado de um desgaste dos modelos de representação políticas. As manifestações citadas no início deste capítulo, como as Manifestações de Junho de 2013, as ocupações de escolas, os Indignados, entre outras, corroboram para esse argumento de desgaste das representações políticas e da procura de novos repertórios de ação.

Mesmo diante desse cenário, Marielle, Sâmia, Talíria e Áurea foram eleitas com votações expressivas, algumas ficando entre os mais votados. Meu interesse na pesquisa sobre jovens mulheres na política disputando cargos eletivos para Câmaras de Vereadores começou em 2016, acompanhando a campanha de Marielle em alguns espaços. Embora apoiando outra candidatura, como relatei anteriormente, pude acompanhar bastante o cotidiano das atividades eleitorais pelas redes sociais. Em relação às outras candidatas, minha observação foi quase exclusivamente pelas redes sociais. No entanto, o que mais me chamou a atenção foi o quantitativo de votos para candidatas que estavam pela primeira vez numa disputa eleitoral e ainda pouco consolidadas como figuras públicas.

Na cidade do Rio de Janeiro, Marielle foi a quinta mais votada, com 46.502 mil votos num universo de 51 eleitos e 4.898.045 eleitores. Em Niterói (RJ), Talíria foi a mais votada dos

21 vereadores eleitos, teve 5.121 votos dos 370.958 eleitores. Áurea também foi a mais votada, em Belo Horizonte (MG), ficou com 17.420 de 1.927.460 eleitores. Na capital de São Paulo, apesar de ter sido a última colocada em 55ª posição, Sâmia foi a mais jovem vereadora eleita na cidade, teve 12.464 votos<sup>58</sup>.

Outras jovens candidatas do PSOL também tiveram um bom desempenho. Mariana Conti (31 anos), em Campinas (SP), foi eleita pela primeira vez em 2016, mas já vinha de outras tentativas eleitorais e foi a única mulher entre os 33 eleitos, ficando em quarto lugar com 6.956 votos. Fernanda Melchionna (32 anos), jovem vereadora do PSOL foi reeleita, ficando na primeira colocação, com 14.630 votos, num universo de 36 eleitos e 1.098.515 eleitores. Além das que foram eleitas, outras candidatas do PSOL tiveram votações expressivas e, por pouco, não conseguiram se eleger, como Isa Penna (25 anos), em São Paulo, e Camila Valadão (31 anos), em Vitória. No caso de Camila, ela foi a quinta candidata mais votada em Vitória (ES), com 3.727 votos, mas não foi eleita, prejudicada pelo modelo eleitoral que leva em conta os votos acumulados dos partidos e coligações<sup>59</sup>.

Apesar da boa votação das jovens vereadoras citadas, a representatividade feminina, em geral, é muito baixa. Segundo dados do TSE referentes às eleições de 2016, as mulheres são o maior eleitorado do país, com 52% (75.226.056 eleitoras), e os homens são 48% (68.767.634 eleitores), mas elas são minorias nas candidaturas, com 33%, e 14% do percentual de eleitos, mostrando a grande disparidade entre as representações feminina e masculina (PANKE e PIMENTEL, 2018).

Após o período eleitoral, participei de algumas atividades pós-campanha, numa delas, inclusive, fiz a apresentação do PSOL junto com Marielle, na inauguração do núcleo do PSOL do bairro Estácio. Minha militância, nos últimos anos, foi mais relacionada ao território, na construção de lutas locais e de núcleos de base por bairros, e no movimento sindical, como trabalhadora da Universidade Federal do Rio de Janeiro. No entanto, considerei importante participar do Seminário Nacional da Bancada Feminista do PSOL, em São Paulo, em dezembro de 2016, logo após as eleições. Já tinha uma perspectiva de mudança do tema e observar aquele espaço nacional seria uma oportunidade para refletir sobre o meu novo objeto de pesquisa.

O encontro em São Paulo reuniu as candidatas eleitas e a militância feminista do PSOL, com representação de diversas regiões do país. Notei, como um dos propósitos daquele espaço, a articulação entre as vereadoras eleitas e a militância do partido em nível nacional, com a

---

<sup>58</sup> Dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

<sup>59</sup> Dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

perspectiva de fazerem atuações em conjunto, compartilhando ideias, projetos de lei, experiências etc. O levantamento de vereadoras eleitas foi de um total de onze, segundo a fala de uma delas, que disse, também, que a expressão das candidaturas como “feminista” e de “luta” foi o que mais marcou as campanhas das mulheres eleitas. Um ponto também significativo mencionado foi o “não voto”, com o aumento das abstenções, dos votos nulos e brancos. A necessidade da representatividade foi apontada como urgente para vocalizar as pautas que surgem das lutas sociais e o debate feminista, uma delas afirmou que “ser mulher na política é um diferencial”.

Ao longo do seminário, surgiram propostas, relatos e exposições sobre pontos marcantes a serem assinalados sobre aquele evento. Alguns referentes à concepção de feminismo e ao papel da mulher nos espaços políticos, como a reflexão sobre um feminismo “descolonizador” e “classista”, sobre a diferença entre se reconhecer feminista e ser feminista na política, sobre as mulheres estarem protagonizando os maiores processos de mobilizações políticas, a pertinência de se pensar no papel da mulher na política e na militância partidária, sobre reinventar o modo de fazer política para que não seja de “um jeito masculino”.

No tocante à organização, construção e articulação dos mandatos municipais das vereadoras, alguns dos pontos expostos foram: oficinas preparatórias para o mandato, potencializar a participação dos “excluídos” através dos mandatos, realizar mais espaços como aquele seminário, processo de construção coletivo e contínuo com periodicidade anual e semestral e sistematizar uma comissão para articular os projetos e as propostas. Como propostas a serem desenvolvidas pelos mandatos, abordaram temas, como concessão de passe livre para as mulheres vítimas de violência, desenvolvimento de políticas públicas para mulheres com necessidades especiais, contraposição simbólica do machismo presente na cidade, realização de campanhas de combate ao assédio e à violência contra a mulher e elaboração de projetos de lei de ampliação da licença-paternidade, como outros mandatos do PSOL já haviam realizado.

A respeito de temas de caráter mais amplos e nacionais, as participantes do seminário comentaram sobre a relevância do combate às reformas que prejudicam as trabalhadoras, como a reforma da previdência e a reforma trabalhista, o enfrentamento de temas polêmicos, como a legalização do aborto, combate ao assédio nos espaços públicos, criação de um debate nacional sobre multa por assédio na rua e campanhas como escola sem machismo, com vídeos e cartilhas, aplicação de multas às empresas que não pagam salários iguais para homens e mulheres, prioridade às mulheres chefes de família em programas sociais, batalhar contra a cultura do estupro e do machismo, realização de um encontro nacional de mulheres e articulação em nível

regional com feministas na América Latina, citando um encontro que iria acontecer na Argentina.

Após a minha definição do novo tema da pesquisa do doutorado – a análise da trajetória política e educacional das jovens vereadoras do PSOL eleitas em 2016 – comecei a escrever o novo projeto e continuei acompanhando as vereadoras nas redes sociais. Essas informações iniciais, a partir do meu próprio engajamento na campanha eleitoral de 2016, a respeito da minha participação, da conjuntura, do cenário eleitoral, das articulações e das expectativas após as eleições, são necessárias para explicitar como o cenário foi se desenhando naqueles meses.

No dia 14 de março de 2018, a vereadora Marielle Franco e o seu motorista Anderson Gomes foram brutalmente assassinados no Estácio, bairro da cidade do Rio de Janeiro, quando ela voltava de uma atividade política. Manifestações aconteceram em todo o país e em diversas partes do mundo. As redes sociais foram tomadas por esse tema, inclusive com as chamadas *fake news*<sup>60</sup>, que difamavam a memória de Marielle. No entanto, o que sobressaiu foram a indignação e as mensagens como “não vamos nos calar”, “somos sementes”, “não seremos interrompidas”, entre outras.

A indignação se transformou em atuação política não somente com manifestações, mas também com a preocupação de dar continuidade às pautas e aos embates que Marielle estava travando com seu mandato<sup>61</sup>. No Rio de Janeiro, do total de 34 mulheres candidatas nas eleições de 2018 pelo PSOL, 19 eram negras, duas delas faziam parte do mandato da Marielle. Os *slogans* das campanhas se relacionam com o enfrentamento ao medo de ataques como o que ocorreu com Marielle, como “liberdade é não ter medo”<sup>62</sup> e “nos tiraram tanto que perdemos o medo”<sup>63</sup>. Talíria relatou que recebe ameaças<sup>64</sup> e, em seu primeiro dia de campanha em 2018, um policial levantou a arma para ela e outras pessoas próximas, recolhendo seu material de campanha numa atitude de abuso de autoridade<sup>65</sup>. Assumir um cargo eletivo público, sendo mulher negra com pautas feministas, parece ser também um risco de vida, acrescido do fato de que Marielle acionava temas relacionados ao medo e à violência.

Pessoalmente, fiquei profundamente abalada pela morte de Marielle, depois de algum tempo, voltei a pensar em como se encaminharia a pesquisa e percebi que, mesmo com a

---

<sup>60</sup> Disseminação de notícias falsas na Internet.

<sup>61</sup> Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/pre-candidatos-do-PSOL-querem-levar-as-urnas-a-luta-de-Marielle>. Acesso em: 10 ago. 2018.

<sup>62</sup> *Slogan* da campanha a deputada federal de Talíria Petrone.

<sup>63</sup> *Slogan* da campanha a deputada estadual de Monica Francisco (PSOL).

<sup>64</sup> Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/amiga-de-marielle-vereadora-de-niteroi-recebeu-ameaca-de-bomba-22500818.html>. Acesso em: 10 ago. 2018.

<sup>65</sup> Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2018/08/5566903-confusao-envolvendo-vereadora-Taliria-petrone-e-pm-assusta-passageiros-na-barca-rio-niteroi.html#foto=1>. Acesso em: 10 ago. 2018.

impossibilidade de entrevistá-la, deveria manter as quatro vereadoras fazendo os necessários ajustes metodológicos. A brutal execução de Marielle e a conjuntura de 2018, com novas candidaturas de jovens mulheres negras e as candidaturas à Câmara de Deputados Federais das vereadoras pesquisadas, trouxeram novos elementos a serem considerados na pesquisa. Além disso, nas candidaturas à presidência, houve uma preocupação com o voto feminino, maioria do eleitorado, por esse motivo alguns candidatos buscaram mulheres como vice em suas chapas presidenciais<sup>66</sup>.

Surgiram também alguns movimentos e plataformas, principalmente nas redes sociais, com o objetivo de divulgar e impulsionar candidaturas de mulheres. A Partida diz em sua descrição no Facebook que o “movimento funciona como um partido, a fim de impulsionar mulheres feministas para a ocupação do governo”<sup>67</sup>. Esse movimento criou a campanha “Meu Voto Será Feminista” para incentivar a candidatura e o voto em mulheres nas eleições de 2018, com a meta de aumentar a representação política das mulheres<sup>68</sup>, inclusive fazendo uma campanha de arrecadação para financiamento dessas campanhas<sup>69</sup>. A “Campanha de Mulher” é um projeto para apoiar candidatas nas eleições de 2018, dando suportes relativos à comunicação (*design*, fotografia, audiovisual, assessoria de imprensa, redes sociais)<sup>70</sup>. Outro movimento é “A Candidata”, cuja finalidade é criar uma rede de apoio para que mulheres se candidatassem em 2018 e para a construção de lideranças nas próximas eleições, oferecendo oportunidades de criação de redes e treinamentos para líderes políticas mulheres. As redes sociais tornaram-se um importante espaço de mobilização, divulgação e articulação. Dessa forma, meu momento seguinte de aproximação com o objeto de pesquisa foi através da observação participante das redes sociais das vereadoras brasileiras, a ser apresentada no próximo capítulo.

Ao final do ano de 2018, um pouco depois do processo eleitoral brasileiro para a Presidência, Senado, Câmara dos Deputados Federais, Governos Estaduais e Assembleias Legislativas Estaduais, fui para a Espanha realizar o período de doutorado-sanduíche. Apesar da vitória atingida através da eleição de Renata Souza e Daniella Monteiro, jovens mulheres negras para Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, e através da eleição de Talíria,

---

<sup>66</sup> Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/23/politica/1535024131\\_918245.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/23/politica/1535024131_918245.html). Acesso em: 10 ago. 2018.

<sup>67</sup> Disponível em: [https://www.facebook.com/pg/sigapartida/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/sigapartida/about/?ref=page_internal). Acesso em: 10 ago. 2018.

<sup>68</sup> Disponível em: [https://www.facebook.com/pg/meuvotoserafeminista/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/meuvotoserafeminista/about/?ref=page_internal). Acesso em: 10 ago. 2018.

<sup>69</sup> Disponível em: <https://benfeitoria.com/votofeminista>. Acesso em: 10 ago. 2018.

<sup>70</sup> Disponível em: <https://campanhademulher.org/#campanha>. Acesso em: 10 ago. 2018.

Sâmia e Áurea, para deputadas federais, além da organização de mulheres pelo voto e por candidaturas feministas e de mobilizações massivas, como o movimento “Ele Não”, contra o candidato Jair Bolsonaro, apesar de todas as conquistas, o país elegeu um candidato conservador de extrema-direita (PINHEIRO-MACHADO, 2019). Essa tendência já vinha dando sinais mundialmente, com a eleição do Donald Trump, nos Estados Unidos, em 2016.

Tão logo cheguei à Espanha, me deparei com essa tendência tomando força também naquele país, pois, pela primeira vez, o Vox, partido espanhol de extrema-direita, conseguiu eleger candidatos a um Parlamento espanhol (URBÁN, 2019). Com 10,97% dos votos<sup>71</sup>, o Vox entrava para o Parlamento de Andaluzia (URBÁN, 2019), comunidade autônoma da Espanha, cuja capital é Sevilha, aonde, naquela época, eu estava chegando para estudar e viver pelos próximos anos, e a cidade-sede do Parlamento andaluz. Em Andaluzia, a eleição de 2018 também foi marcante porque o Partido Socialista Obrero Español perdeu o governo andaluz, depois de quase quarenta anos no poder (URBÁN, 2019).

Antes da minha ida, eu acompanhava a conjuntura espanhola através de leituras de textos acadêmicos, do acompanhamento das redes sociais e dos meios de comunicação tradicionais. Meu objetivo era aproveitar minha estadia nesse país para vivenciar, no dia a dia, para além do intercâmbio acadêmico, a cultura e a política, trazendo elementos para refletir sobre o meu objeto de pesquisa. Para isso, durante o período que estive na Espanha, fiz anotações e arqueei documentos, importantes para a reflexão durante a escrita da tese. Ademais, comecei a seguir mais páginas das redes sociais, à medida que obtinha mais informações sobre personalidades políticas, movimentos e grupos políticos que seriam interessantes acompanhar para obter informações. Reativei minha conta no Twitter, pois observei que essa rede seria relevante para acompanhar o debate político no Brasil, por várias redes sociais, como Facebook e Instagram. Assim, consegui acompanhar o desenrolar da campanha política e do processo eleitoral por essas redes.

No entanto, foi na rua, saindo da universidade, que tive minha primeira aproximação política com um militante do Adelante Andaluzia, coligação de que fazia parte o partido político Podemos e outros grupos de esquerda para aquele pleito eleitoral ao Parlamento de Andaluzia, em 2018. Perto da universidade, havia uma banquinha com militantes fazendo campanha e distribuindo panfletos, me apresentei a um dos militantes que ali estavam, falei do meu interesse

---

<sup>71</sup>Disponível em: [https://elpais.com/politica/2018/12/02/actualidad/1543765846\\_278055.html](https://elpais.com/politica/2018/12/02/actualidad/1543765846_278055.html). Acesso em: 2 dez. 2018.

em conhecer um pouco mais da militância política na Espanha e trocamos contato telefônico, para que ficasse informada das próximas atividades.

A atividade seguinte foi a grande manifestação em Sevilha, após as eleições de 2 de dezembro de 2018. A entrada do Vox para a Câmara do Parlamento de Andaluzia mobilizou milhares de pessoas em protestos contra o facismo. As manifestações, convocadas pelas redes sociais para o dia seguinte após as eleições, aconteceram em capitais como Sevilha, Málaga e Granada<sup>72</sup>. Em Sevilha, participei da manifestação, que me pareceu com grande mobilização e adesão de populares, principalmente, sendo um protesto convocado de um dia para o outro. A concentração foi no centro da cidade, no monumento chamado “Las Setas”, onde se concentra a maioria das manifestações políticas na cidade. Após um tempo, os manifestantes foram caminhando pela cidade, de diversas janelas recebiam apoio dos moradores. Majoritariamente, faixas, cartazes e gritos se relacionavam com a luta antifacista: “Sevilla será la tumba del fascismo”; “Vox escucha, Sevilla está en la lucha”; “No pasarán, Andalucía libre”; o “Que no tenemos miedo” etc.

Após essa manifestação, houve uma assembleia na reitoria da Universidade de Sevilha para organizar o movimento antifacista. Foram indicadas assembleias por bairros para organizar o movimento e, no dia 18 de dezembro, houve outro protesto antifacista. Participei de algumas reuniões da assembleia do bairro de Triana. No dia da investidura dos novos membros do parlamento de Andaluzia, em 15 de janeiro, houve uma nova manifestação, dessa vez, a pauta feminista foi destaque: “Nuestro Derechos no se negocian! Ni un paso atrás en igualdad!”. Durante o período de estudos em Sevilha, participei de outras manifestações como as do Dia Internacional dos Direitos Humanos, as manifestações feministas do 8 de março, greve pelo clima, contra a violência machista, dia de Andaluzia etc.

Participei também de algumas atividades do partido político Podemos, como reuniões, plenárias, assembleias e comícios, e de algumas reuniões organizativas de atos contra a violência machista, da Assembleia Feminista Unitária de Sevilha. Apesar da minha entrada nesses espaços, as entrevistas com as vereadoras espanholas se deram a partir do contato de uma colega do grupo de pesquisa da minha orientadora na Universidade de Sevilha. Ela me pôs em contato com uma das vereadoras entrevistadas, que me facilitou a comunicação com as outras, entrevistadas em seguida, durante o primeiro semestre de 2019.

---

<sup>72</sup> Disponível em: [https://elpais.com/politica/2018/12/03/actualidad/1543865350\\_021829.html](https://elpais.com/politica/2018/12/03/actualidad/1543865350_021829.html). Acesso em: 2 dez. 2018.

No período em que estive na Espanha, presenciei alguns acontecimentos políticos, como as eleições municipais de 2019, em Sevilha, as eleições gerais de abril de 2019<sup>73</sup>, quando, no mesmo ano, foram convocadas duas eleições nacionais, a segunda em novembro de 2019, em ambas, o PSOE foi vitorioso<sup>74</sup>. As eleições de 2019 sinalizaram a queda do desempenho do Podemos e de outros partidos, como o Partido Popular, e a ascensão do Vox nas eleições gerais ao Congresso, com porcentagem similar àquele das eleições de Andaluzia, em 2018 (URBÁN, 2019). No final de 2019, PSOE e a coligação Unidas Podemos anunciaram um governo de coalizção<sup>75</sup>, em que Pablo Iglesias foi apresentado como vice de Pedro Sánchez, presidente eleito pelo Parlamento espanhol. Essa gestão governamental foi muito atacada pela extrema-direita, até que, em maio de 2021, o líder do Podemos, Pablo Iglesias desistiu de sua vida política<sup>76</sup>. No entanto, o partido seguiu participando do governo com o PSOE.

Neste tópico, apresentei alguns eventos de que participei, a partir da minha observação participante como militante política, no Brasil, e da minha experiência política vivendo na Espanha. Esses eventos ajudam na compreensão do objeto da pesquisa. Apesar dos eventos chaves para o início da pesquisa serem o 15M e a Primavera das Mulheres, outros citados através da observação participante ajudam a compreender o contexto das jovens vereadoras e da própria pesquisa. No próximo capítulo, apresento a pesquisa e a observação participante realizada nas redes sociais das vereadoras.

---

<sup>73</sup> Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/28/internacional/1556464385\\_092351.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/28/internacional/1556464385_092351.html). Acesso em: 21 abr. 2019.

<sup>74</sup> Disponível em: <https://www.france24.com/es/20191111-psoe-gana-elecciones-ultraderecha-tercera-fuerza>. Acesso em: 21 abr. 2019.

<sup>75</sup> Disponível em: [https://elpais.com/politica/2019/12/30/actualidad/1577717188\\_495072.html](https://elpais.com/politica/2019/12/30/actualidad/1577717188_495072.html). Acesso em: 19 dez. 2019.

<sup>76</sup> Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-05-05/pablo-iglesias-deixa-a-politica-apos-fracasso-da-esquerda-nas-eleicoes-de-madri.html>. Acesso em: 20 maio 2021.



#### **4 AS TRAJETÓRIAS DAS JOVENS VEREADORAS E A RELAÇÃO ENTRE PAUTAS POLÍTICAS, COTIDIANO, PRIVACIDADE, IMAGEM E SUBJETIVIDADES NO CONTEXTO DIGITAL**

No capítulo anterior, foram mencionados alguns movimentos políticos que tiveram a internet, em especial, as redes sociais, como um importante meio para impulsionar suas ações coletivas. O ambiente digital está cada vez mais atrelado ao cotidiano, seu desenvolvimento e impacto afetam todas as áreas da atividade social (SÁDABA e GORDO, 2008), logo, a análise da trajetória política das vereadoras também passa pela relação que elas promovem nesse contexto. Além do mais, é um espaço aberto e acessível, o que facilita uma primeira entrada em campo, para levantar informações e observar como se apresentam em suas redes sociais.

O objetivo principal da pesquisa no contexto digital foi entender como as jovens vereadoras se apresentam nesse ambiente, com as seguintes perguntas: Qual é a narrativa apresentada nessas plataformas e redes sociais? Quais as dimensões biográficas que compartilham? Quais são os contextos educacionais? Quais as principais pautas políticas colocadas? A pesquisa no contexto digital contribui para entender as trajetórias de engajamento político das jovens vereadoras, sobretudo pela possibilidade de relacionar a análise com as pautas políticas, o cotidiano, a perspectiva da privacidade, da imagem e as subjetividades no ambiente digital.

Nas últimas décadas, as transformações tecnológicas relacionadas à comunicação digital trouxeram mudanças relevantes em nossa forma de sociabilidade e de compartilhar informações, afetando, em diferentes graus, até mesmo a organização social (Sádaba e Gordo, 2008). Castells (2013) afirma que essas transformações se ampliam para todos os domínios da vida social e estão em constante mudança, sendo, ao mesmo tempo global e local, genérica e personalizada. Ou seja, apesar do caráter global e genérico desses espaços digitais, existe um processo de construção de significados, que é diverso e leva em conta as especificidades locais. As tecnologias utilizadas não são apenas um recurso ou uma ferramenta, mas estão em permanente diálogo com a realidade social trazendo mudanças culturais, sócio-históricas e econômicas (SÁDABA e GORDO, 2008).

Segundo Castells (2013), essas mudanças estão ligadas às relações de poder, por estarem diretamente relacionadas à comunicação de massa, com um imenso potencial de transmissão de informações em nível global, fornecendo certa autonomia para os atores sociais envolvidos. Tais plataformas, espaços digitais e redes sociais vêm sendo utilizados em diferentes níveis e

intensidade, não apenas para acessar informações ou transmitir uma mensagem, mas para criar conteúdos (POSTILL, 2012) e se relacionar de diferentes formas.

Isso está relacionado ao contexto histórico e cultural dessa geração, que, inserida nesses ambientes, compartilha seu cotidiano, suas opiniões e formas de ver o mundo. De acordo com Hine (2004), “los usuarios de Internet dan sentido a sus prácticas a través de una comprensión compartida, que surge tanto de la producción de una página web como del uso de un grupo de noticias, y que constituyen nada menos que acción social” (HINE, 2004: 21). Nessa forma de ação social, além de utilizarem esse veículo para produzir informações, divulgar eventos, notícias e enviar mensagens, compartilham as suas experiências de vida e o seu cotidiano por meio de textos, fotos e vídeos, e algumas vezes em tempo real. Segundo Castells (2013), “os cidadãos da era da informação tornam-se capazes de inventar novos programas para as suas vidas com as matérias-primas do seu sofrimento, suas lágrimas, seus sonhos e esperanças” (p. 14). Logo, há uma dimensão subjetiva considerável para se investigar nos estudos relacionados ao contexto digital.

Nas últimas décadas, formou-se um importante campo de metodologias e técnicas de pesquisa sobre/em/no contexto digital. Esse espaço social tem “una serie de peculiaridades y características que lo convierten em um objeto de investigación – sociológica – por sí mismo” (PLANELLS, 2008: 102). Além disso, por esse contexto estar extensamente em nossa vida social, torna-se difícil, de alguma forma, não levá-lo em consideração nas pesquisas sociais (HORST e MILLER, 2012; BOELLSTORFF, 2012).

No caso das jovens vereadoras brasileiras, cujas trajetórias são analisadas nesta pesquisa, uma reflexão sobre como elas participam nesse espaço é fundamental para entender também suas trajetórias políticas, não só de engajamento, mas também seus contextos educacionais, de aprendizagens e de jovens mulheres na política que compartilham seus desafios e suas rotinas em diferentes ambientes da internet. Além disso, é preciso refletir como elas utilizam esses ambientes digitais para colocarem suas agendas de lutas sociais.

#### 4.1 PESQUISANDO NO CONTEXTO DIGITAL

A pesquisa qualitativa, de forma mais sistemática, nas redes sociais (Instagram e Facebook), no site oficial e no Currículo Lattes das vereadoras brasileiras foi iniciada a partir do primeiro semestre de 2018 (nas redes sociais, já ocorria desde 2016). A principal técnica de pesquisa utilizada foi a observação participante, que consistia em ser seguidora das jovens nessas redes, curtindo e comentando algumas publicações, copiando e colando algumas frases,

textos, salvando e/ou fotografando as publicações mais relevantes para o objetivo da pesquisa e fazendo anotações no meu diário de campo. Do site oficial e do Currículo Lattes, foram levantados os dados relacionados aos objetivos da pesquisa, com a finalidade de encontrar informações sobre formação educacional, trajetória profissional, dados pessoais e características dos mandatos de vereadora.

O resultado parcial dessa observação foi apresentado no texto da primeira qualificação do doutorado no final de 2018. Essa primeira aproximação com o campo da pesquisa expôs dados e observações relacionadas aos temas, palavras-chaves, dimensões políticas e pessoais compartilhadas nesses espaços, formação educacional, profissional, pautas políticas, atuação como vereadoras, atuação dos mandatos etc. Além disso, a partir dessa primeira observação, verificou-se que as publicações do Facebook e do Instagram eram muito similares na maioria dos conteúdos. No entanto, o Instagram tem uma dimensão biográfica e pessoal muito maior, além disso, mostra mais o cotidiano das vereadoras. A página do Facebook acabava se voltando mais especificamente para divulgações e textos com um caráter de comunicação oficial do mandato de vereadora (conteúdos que também são compartilhados no Instagram), com menor dimensão subjetiva do cotidiano, da rotina e das relações pessoais.

Entre 2019 e o início de 2021, segui com a observação participante no Instagram. Nesse período, o número de publicações diárias aumentou, coincidindo com uma utilização maior dessa rede social no Brasil, assim como, da ferramenta *stories*. Em 2020, se realizou uma coleta de dados quantitativa do Instagram referente às postagens do ano de 2017, primeiro ano do mandato de vereadoras. Essas publicações seriam utilizadas como uma amostra das publicações das vereadoras nessa rede social. O ano foi escolhido por ser aquele em que todas as vereadoras estavam no primeiro ano do mandato, o ano seguinte foi o do assassinato de Marielle, no mês de março. Com as palavras utilizadas nas frases dos *posts*, após copiar e colar todos os *posts* daquele ano, montou-se um mosaico das vinte palavras mais frequentes, dando um panorama dos principais temas abordados por elas no Instagram. A observação nas redes sociais das vereadoras se encerrou em abril de 2021, quando elas já eram deputadas. Nessa época, foi feito um último levantamento de dados dos *posts* de 2021, com uma amostra entre março e abril daquele ano.

Diferentemente das vereadoras brasileiras, as vereadoras espanholas não tinham perfil de figura pública. Assim, optei, por questões éticas e de privacidade, não fazer a observação participante e o levantamento de dados relativos às publicações nas redes sociais. De todas as formas, essa constatação já se tornava um dado relevante da pesquisa para reflexão. Elas

também não tinham um site oficial nem Currículo Lattes, já que é uma plataforma brasileira de currículos acadêmicos. As vereadoras espanholas compartilharam os *links* das suas redes sociais no questionário da pesquisa, e eu as adicionei nas minhas redes sociais. Nesse período, fiz algumas observações. Mas, como disse, o objetivo não era fazer uma observação participante, no entanto, como “seguidora”, pude entender algumas diferenças nos usos dessas redes, que analiso conjuntamente a partir da literatura sobre o tema ao final deste capítulo e no capítulo 5.

#### 4.2 RESULTADOS DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE NAS REDES SOCIAIS E DO LEVANTAMENTO DE DADOS DO SITE OFICIAL E DO CURRÍCULO LATTES DAS VEREADORAS BRASILEIRAS

A apresentação dos resultados da pesquisa no contexto digital será dividida pelas plataformas onde se realizaram a observação e o levantamento de dados: 4.2.1. Site Oficial; 4.2.2. Currículo Lattes; 4.2.3. Instagram. Essa divisão foi pensada para também fazer uma breve apresentação do objetivo de cada um desses ambientes digitais. Antes de falar como se processa a utilização das redes sociais e como é a apresentação das vereadoras, torna-se necessário esclarecer essas informações, pois nem todos são nativos nesses espaços, e as mudanças também são muito rápidas nos tipos de usos, inclusive com a exclusão de plataformas e redes sociais que, depois de um tempo, não são mais utilizadas. Não é o caso até o momento das plataformas da nossa pesquisa, mas já aconteceu, por exemplo, com a rede social Orkut, muito utilizada no início dos anos 2000 e que foi deletada, não podendo mais ser acessada para verificar informações. Os registros de como funciona uma plataforma são importantes e podem se tornar dados históricos.

##### **4.2.1 Site Oficial: Apresentação das Vereadoras, Informações, Pautas Políticas, Trabalhos Realizados pelo Mandato, Prestação de Contas e Campanhas**

A pesquisa nas páginas oficiais foi realizada em 2018. Levantaram-se dados da apresentação e do perfil das vereadoras, informações gerais, pautas políticas reivindicadas, trabalhos realizados pelo mandato e prestação de contas. O objetivo não era fazer uma análise exaustiva, mas sim obter dados que pudessem contribuir com a pesquisa da tese em relação à trajetória política, aos contextos educacionais e como elas se apresentam no contexto digital. A partir de 2019, Talíria, Áurea e Sâmia iniciaram o mandato como deputadas federais, por isso, optei por não atualizar esse levantamento de dados no site oficial, mais voltado para o novo cargo em outra esfera pública.

Marielle era apresentada no site<sup>77</sup> como mulher, negra, mãe e “cria” da favela da Maré. Em um trecho da apresentação, dizia que ser mãe aos 19 anos “ajudou a me constituir como lutadora pelos direitos das mulheres e debater esse tema nas favelas”. Na página inicial, a *hashtag* #MarielleVive, muito utilizada nas redes sociais para demonstrar a indignação pelo assassinato, era destaque. Pelo site, era possível denunciar os boatos, as FakeNews, que surgiram após a morte de Marielle, com a finalidade de prejudicar a sua memória. Vídeos com homenagens, redes, ações e ilustrações em memória dela também eram divulgados nesta página inicial. Além disso, o Relatório da Comissão de Defesa da Mulher<sup>78</sup> da Comissão da Mulher da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, publicado pelo mandato após o assassinato de Marielle, relatando a atuação e ações durante o período em que ela presidiu a Comissão. Um Diário Coletivo que registrava o dia a dia do mandato com texto semanal de Marielle, de sua equipe, colaboradoras e parceiras sobre os desafios e conquistas dentro e fora da Câmara de Vereadores. O site também tinha alguns meios de interação como “dê a sua ideia”, “dê sua sugestão de projeto”, entre outros.

No item “O que já fizemos?”, algumas iniciativas eram apresentadas, divididas por meses. A primeira que aparece é a última atividade de que Marielle participou no dia em que foi assassinada, ao sair da Roda de Conversa Jovens Negras Movendo as Estruturas. A atividade era sobre ancestralidade e participação das mulheres negras na política e na vida. Diversas outras iniciativas são pontuadas entre os meses de janeiro de 2017 e março de 2018, como a conquista da presidência da Comissão da Mulher; o lançamento do primeiro Projeto de Lei do mandato de Marielle “Pra fazer valer o Aborto Legal no Rio de Janeiro”<sup>79</sup>; o lançamento do Projeto de Lei “Espaço Coruja”<sup>80</sup>, do Projeto de Lei “Por Mais Casas de Parto no Rio de Janeiro”, do Projeto de Lei para construção do Dossiê da Mulher Carioca<sup>81</sup> e do mapa “Redes Negras da Cultura”, que registra territorialmente pontos de defesa da cultura negra e da luta antirracista na cidade do Rio de Janeiro<sup>82</sup>. A organização e a participação do mandato em alguns eventos também se destacaram entre as iniciativas. A campanha “#CarnavalSemAssédio” foi

---

<sup>77</sup> Foram consultadas as páginas: <https://www.mariellefranco.com.br> e <http://www.votacao.mariellefranco.com.br>.

<sup>78</sup> Disponível em: <https://www.mariellefranco.com.br/relatorio-comissao-da-mulher>. Acesso em: 2 ago. 2018.

<sup>79</sup> O aborto é autorizado por lei em três casos: anencefalia, estupro e de risco de vida para a mãe. No Rio de Janeiro, apenas uma maternidade faz o procedimento por falta de treinamento e equipamento nas outras unidades de saúde. O projeto cria um programa que garante informação, capacitação e fiscalização para que a lei seja cumprida. Disponível em: <http://prafazervaler.mariellefranco.com.br>. Acesso em: 2 ago. 2018.

<sup>80</sup> O projeto tem por finalidade criar um espaço infantil noturno, onde mães, pais e responsáveis possam deixar as crianças enquanto estudam ou trabalham no turno da noite.

<sup>81</sup> Projeto com o objetivo de que a prefeitura disponibilize e organize os dados sobre a violência contra a mulher na cidade do Rio de Janeiro.

<sup>82</sup> Disponível em <http://redesnegras.mariellefranco.com.br>. Acesso em: 2 ago. 2018.

uma das últimas ações do mandato, distribuindo leques por toda a cidade durante o carnaval para conscientizar sobre o combate ao assédio.

O site<sup>83</sup> do mandato de vereadora de Talíria, na época do levantamento dos dados, estava voltado à campanha para deputada federal nas eleições de 2018, apresentando a candidata como feminista negra, professora de história e socialista. Sobre a eleição de 2016, descreve que foi a vereadora mais votada de Niterói e, por mais de um ano, a única mulher na Câmara da cidade. Afirmava que como vereadora seu mandato era “negro, feminista, LGBT e popular”. Sobre Marielle diz que “depois da execução política da nossa amiga, companheira de lutas e vereadora Marielle Franco, precisamos avançar ainda mais para ocupar a política com o nosso corpo e nossa voz, das mulheres negras, mães, professoras, faveladas, indígenas, quilombolas. Quiseram nos calar, mas viramos sementes de luta e coragem”. O site ainda tem formas de participação, financiamento e propostas, divididas em temáticas, a saber: “Pela liberdade de ser e amar”, “Mulheres no Poder”, “Negritude”, “Democracia e Economia”, “Território e Meio Ambiente” e “Segurança Pública e Direitos Humanos”.

No site<sup>84</sup> oficial da Sâmia, assim como no da Talíria, a campanha para deputada federal era destaque no momento da coleta de dados. No entanto, na página inicial, era possível escolher entre ir para o site da campanha para conhecer a candidatada, propostas, como financiar e participar da campanha ou ir para página de acompanhamento do mandato. A apresentação inicial, antes dessas duas páginas, dizia que Sâmia é “uma das mais atuantes e combativas vereadoras de São Paulo”. Sobre seu mandato, afirmava que “jovem e feminista levanta bandeiras que a maioria dos políticos não têm coragem de levantar”, composto por maioria de mulheres e jovens. Além disso, dizia que Sâmia chamou a atenção “por fazer das redes sociais uma ferramenta de aproximação e participação política e por não ter mudado seu estilo de vida depois de ter sido eleita”.

Na página do mandato de Sâmia, o item “Quem é Sâmia Bomfim” apresentava brevemente a trajetória da vereadora, inclusive com um pouco de sua dimensão familiar dizendo quem são seus pais e irmãos. Sua trajetória era caracterizada como “de engajamento político e de defesa dos direitos sociais”, com militância no movimento estudantil universitário. Com uma trajetória tão relacionada à universidade pública, essa mesma descrição destacava que sua atuação nunca se resumiu a esse espaço e apresentava Sâmia como “jovem e feminista”, uma “voz das ruas” que surgiu “a partir das manifestações de junho de 2013, em defesa do passe

---

<sup>83</sup> <https://www.taliriapetrone.com.br/>

<sup>84</sup> <https://samiabomfim.com.br/>

livre, dos direitos sociais e contra a corrupção”. Além disso, afirmava que ela vinha se se engajando em diversas manifestações, especialmente, ligadas aos direitos das mulheres. Inclusive, é única das vereadoras analisadas nesta tese, que cita em seu perfil e na sua trajetória a participação nas manifestações chamadas de Primavera das Mulheres.

Sobre a eleição de Sâmia, ressaltava-se que representou “o triunfo de um contraponto à ‘velha política’”. Sua origem política é colocada a partir dos movimentos sociais, e o trabalho na Câmara “busca repercutir as vozes dos trabalhadores e trabalhadoras, das minorias oprimidas e da periferia”, segundo a descrição da apresentação no site. Sobre o mandato, afirma que é “construído de forma plural e coletiva” e “cumpre papel central na resistência contra o conservadorismo e contra as medidas privatistas e elitistas”. Sobre as pautas em que vinha atuando como vereadora, enumerava algumas como educação, saúde, cultura, direitos humanos, defesa do funcionalismo público, direito à cidade, direitos das mulheres, direitos LGBT, direitos de negros e negras e da juventude.

No site<sup>85</sup> da Áurea, destacava-se que sua trajetória de mobilização social começou nas ruas, principalmente, em diálogo com o movimento hip hop e com iniciativas de promoção dos direitos humanos. Ela era apresentada como educadora popular. Como vereadora, afirmava-se que atuava pela construção dos direitos da maioria da população e na busca por igualdade, priorizando causas das mulheres, da negritude, LGBT, das juventudes, dos povos e das comunidades tradicionais e das pessoas que vivem nas periferias, prezando por uma política feminista e antirracista, e também pelo que chama de “política do afeto”. Construía na Câmara Municipal o que caracteriza um “mandato coletivo” junto com a vereadora Cida Falabella e a primeira suplente Bella Gonçalves, chamado de Gabinetona. O mandato coletivo é descrito como aberto e popular, exercido em coreanção. Essa experiência trouxe inovações que, segundo o site da vereadora, “contribuem para aproximar a população do sistema político”<sup>86</sup>.

Nos sites oficiais, encontraram-se informações e dados sobre o que as vereadoras buscam enfatizar na sua própria descrição, sobre sua trajetória política e a atuação do mandato. As vereadoras se apresentavam destacando características relacionadas com as suas pautas políticas, como gênero e raça. No perfil, buscava-se expor onde estava inserida a militância delas na busca por mais igualdade e direitos sociais, pelos direitos das mulheres, dos negros e negras, das juventudes, das pessoas que vivem nas favelas e periferias e pela diversidade sexual. Com isso, as principais pautas políticas eram enfatizadas, como educação, saúde, cultura,

---

<sup>85</sup> <https://www.aureacarolina.com.br>

<sup>86</sup> <https://www.aureacarolina.com.br/gabinetona.html>. Acesso em: 7 set. 2018.

direitos humanos, direito à cidade, direitos das mulheres, dos LGBT, dos negros e negras e da juventude. Também eram citados alguns dos principais trabalhos realizados na Câmara relacionados a essas pautas, um tipo de prestação de contas com a sociedade. Outras informações gerais eram colocadas, como as tentativas de inovação do espaço político institucional, canais de diálogo, sugestões e financiamento.

#### 4.2.2 Currículo Lattes: Trajetória Profissional e Acadêmica

A Plataforma Lattes, criada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e ligada ao Ministério da Ciência e Tecnologia, integra as bases de dados de currículos, de grupos de pesquisa e de instituições brasileiras. O Currículo Lattes é um padrão nacional no registro do percurso acadêmico e profissional de estudantes e pesquisadores do país, adotado pela maioria das instituições de fomento, universidades e institutos de pesquisa do Brasil<sup>87</sup>.

Dessa forma, para encontrar informações sobre o percurso acadêmico e profissional das vereadoras foi realizada uma busca no Currículo Lattes. A primeira informação relevante é que Sâmia não tinha currículo cadastrado, mesmo com uma trajetória ligada à universidade pública, como estudante e trabalhadora, ao que parece, não precisou se cadastrar na plataforma, condição que costuma ser exigida, para iniciação científica, inscrição em seleção de mestrado e para a maioria das bolsas de pesquisa. Sâmia também foi a única das vereadoras que não realizou mestrado, mas como as outras tinha experiência na área da educação, não só como trabalhadora da universidade, bem como professora na educação básica.

A última atualização feita por Marielle em seu Currículo Lattes (<http://lattes.cnpq.br/9314795985644167>) foi em 11 de novembro de 2015, antes de ser eleita vereadora e antes da campanha eleitoral, no ano seguinte. De acordo com os resultados da busca, ela se formou em sociologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) em 2007, onde obteve bolsa integral. Em 2009, fez um curso de especialização em Responsabilidade e Terceiro Setor na UFRJ, concluindo em 2011. Em 2012, cursou mestrado em Administração Pública na Universidade Federal Fluminense (UFF), defendendo, em 2014, a dissertação **UPP: a redução da favela a três letras**. Uma análise da Política de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro. Em 2018, foi publicada, em formato de livro, pela N-1 Edições.

---

<sup>87</sup>Disponível em: <http://memoria.cnpq.br/web/portal-lattes/sobre-a-plataforma;jsessionid=04181C91F400F022B1E5D56AF958694>. Acesso em: 25 abr. 2020.

Além dos cursos em nível de graduação e pós-graduação, alguns cursos de formação também foram enumerados em seu Currículo Lattes, realizados nos anos de 2005 e 2009, durante os estudos da graduação e um pouco depois de graduada. As temáticas desses cursos são relacionadas a políticas públicas, planejamento, gestão, conjuntura, teoria marxista, avaliação econômica de projetos sociais, teorias sociais da cultura e uso de bancos de dados.

Além do trabalho como colaboradora na Brazil Foundation (2007 a 2009) e como assessora parlamentar na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj), no período de 2007 a 2016, sua atuação profissional é desdobrada em experiências de estágios, como colaboradora e em trabalhos de curto período de duração. No Instituto de Estudos da Religião (Iser), atuou como pesquisadora entre 2011 e 2012, na Rummos Assessoria, Pesquisa e Avaliação (Rummos), entre 2009 e 2011, participou como colaboradora e pesquisadora. Entre 2001 e 2007, foi colaboradora do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (Ceasm) na Coordenação Administrativa, fazendo parte também do Conselho Gestor. Da época da graduação, alguns estágios são citados os realizados na Fundação João Pinheiro (FJP), estágio para consolidação da Revista Brasileira de Criminologia, com o Professor Doutor Gláucio Soares, do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj), na Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), através do Programa Nacional da Formação de Juventude Trabalhadora (PNFJ), como integrante da Comissão responsável pelo desenvolvimento do Programa de Formação Política, incluindo o relacionamento entre movimentos sociais e universidades, e na organização não governamental (ONG) Viva Rio, ministrando aulas, elaborando material pedagógico, participando de atividades culturais e elaborando relatórios.

As participações em alguns projetos de pesquisa também são detalhadas. Entre 2011 e 2012, participou do projeto “Governança Democrática no Brasil Contemporâneo: Estado e Sociedade na construção de Políticas Públicas”, cujo objetivo era analisar a relação entre Estado e Sociedade Civil, na formulação de Políticas Públicas, a partir do Conselho de Segurança Estadual. Entre 2009 e 2010, participou do projeto “O impacto da ação das milícias em relação às políticas públicas de segurança no Rio de Janeiro” teve como finalidade analisar e investigar o fenômeno das milícias no estado Rio de Janeiro e a produção de políticas públicas para enfrentamento na área de segurança. Participou do “Maré Ambiental”, entre 2007 e 2008, um projeto de Educação Ambiental, com vertente em Desenvolvimento Local, através de horta orgânica comunitária, para a construção de uma agenda de desenvolvimento social local e um programa de educação ambiental junto aos moradores do Complexo de Favelas da Maré.

No Currículo Lattes, também figuram apresentação de trabalhos, participação em diversos eventos e produção bibliográfica, assim como a atuação profissional, os projetos e a formação complementar. Temas como políticas públicas, direitos humanos, juventude, violência, milícias, favelas, Maré, território, pacificação, segurança pública, educação, desigualdades e projetos sociais fazem parte do quadro de palavras que permeiam o percurso acadêmico e profissional registrado no currículo dessa plataforma.

O Currículo Lattes da Áurea (<http://lattes.cnpq.br/0735481629348787>), assim como o de Marielle, teve sua última atualização em 2015, tinha informações sobre sua formação educacional e os temas de seu interesse na pesquisa acadêmica, como juventude, relações de gênero, relações raciais, feminismo, mulheres jovens, inclusão política, políticas públicas e instituições participativas. Cientista social formada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em graduação iniciada em 2002 e concluída em 2008, apresentou a monografia “Mulheres jovens e o problema da inclusão: uma análise textual do Plano Nacional de Políticas para as Mulheres”. Em 2010, realizou uma pós-graduação fora do país, após ser selecionada para uma bolsa de uma instituição internacional. Assim, entre 2010 e 2011, na Universitat Autònoma de Barcelona, na Espanha, realizou uma especialização em gênero e igualdade, com trabalho de conclusão intitulado “Análisis en perspectiva de género del plajovebcn 2006-2010 – Plan Director de la Política de Juventud del Ayuntamiento de Barcelona”. Pouco depois da especialização, entre 2013 e 2015, fez mestrado em Ciência Política, voltando para sua universidade de graduação, a UFMG, e concluindo com a dissertação **Ampliando os limites do Estado: conflito e cooperação entre agentes estatais e da sociedade civil na luta por inclusão das mulheres jovens na agenda governamental**. Os temas dos trabalhos de conclusão dos cursos de sua formação são relacionados a mulheres, jovens, inclusão e políticas governamentais, temáticas também de sua atuação e pautas como vereadora atualmente.

Os cursos de formação complementar, com curta duração, descritos são referentes a monitoramento de avaliação de políticas, formação feminista, hip hop, gênero, sexualidade, comunicação para a mobilização de redes culturais e relações raciais na sociedade brasileira. Alguns desses cursos têm como organizadores grupos ou coletivos, como Grupo Transas do Corpo e Coletivo Hip Hop Chama.

Sua última experiência profissional atualizada foi em 2015, como coordenadora da secretaria executiva do Fórum das Juventudes da Grande Belo Horizonte, do qual é uma das fundadoras. Além disso, também em 2015, foi subsecretária de Políticas para as Mulheres do Governo do Estado de Minas Gerais, órgão vinculado à Secretaria de Estado de Direitos

Humanos, Participação Social e Cidadania (SEDPAC). Em 2014, através da UFMG, foi tutora de curso em educação à distância de “Atualização EJA e Plano Juventude Viva – Juviva”. Segundo informações disponibilizadas no próprio currículo, o curso era “voltado para professores/as que atuam na Educação de Jovens e Adultos (EJA) em escolas públicas de municípios que aderiram ao Plano Juventude Viva, sobre relações raciais, juventude e violência”, realizado pelo Observatório da Juventude da UFMG, em parceria com a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação (Secadi/MEC). No Observatório da Juventude da UFMG, também foi bolsista de extensão, entre 2004 e 2005, no projeto de extensão “D.Ver-Cidade Cultural – Rede de Agentes Culturais Juvenis”. Na UFMG, também durante a graduação, no ano de 2003, participou do projeto executado pelo Centro de Estudos Urbanos da UFMG, por meio do Programa de Regularização Fundiária da Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte da Prefeitura de Belo Horizonte, realizando atividades de visita domiciliar e cadastramento de moradores do Conjunto Jardim Felicidade. Entre 2005 e 2006, foi bolsista do programa GRAL: Gênero, Reprodução, Ação e Liderança, coordenado pela Fundação Carlos Chagas, com o projeto “Hip Hop Chama para o debate – em foco: gênero, sexualidade e redução de danos”.

Além dessas experiências, foi coordenadora de projetos na Associação Imagem Comunitária – Grupo Pesq. Exp. em Mídias de Acesso Público, entre 2011 e 2014, na Diretoria de Metodologia e Pesquisa da instituição, coordenando o projeto “Fortalecimento do Fórum das Juventudes da Grande BH: comunicação estratégica, mobilização de base e ações educativas pelo fim da violência contra as juventudes” e, nessa mesma Associação, anteriormente, entre 2005 e 2007, participou como colaboradora e articuladora institucional, realizando atividades de “mobilização social, coordenação da agência de notícias *online* do projeto “Rede Jovem de Cidadania”, assessoria de imprensa, elaboração e avaliação de projetos, criação do conselho de mídias juvenis da entidade, produção de vídeos, produção cultural, desenvolvimento de metodologias em educação midiática, capacitação de grupos em comunicação comunitária”. Entre 2009 e 2010, foi analista de promoção social no Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo, realizando atividades de “elaboração de projetos, notas técnicas, pareceres e relatórios, assessoria a Unidades Estaduais do Sescop em temas como empoderamento de mulheres, formação de lideranças juvenis e qualidade de vida no trabalho em cooperativas”. Na Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte, foi coordenadora artística, entre 2007 e 2008, com atribuições de gestão de equipe de arte/educadores, articulação intersetorial entre

políticas locais de cultura e assistência social com foco em adolescentes em conflito com a lei, desenvolvimento de metodologias em arte/educação e avaliação das ações implementadas.

Assim como suas experiências profissionais e acadêmicas, a sua produção bibliográfica e participação em eventos são relativos aos temas gênero, mulheres, hip hop, tecnologia, comunicação, cultura, mulheres, inclusão, políticas públicas, juventude, participação, educação, cidadania, feminismo e cidade.

Talíria é graduada em História, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. As informações disponíveis em seu Currículo Lattes (<http://lattes.cnpq.br/5108386566565792>), atualizado, pela última vez, em 29 de outubro de 2014. Cursou a graduação entre os anos de 2003 e 2009, seu trabalho de conclusão foi a monografia intitulada “Perspectivas educacionais no pensamento dos intelectuais eugenistas”. Em relação à atuação profissional, consta que foi assessora do mandato de Henrique Vieira, vereador de Niterói na época, também do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Na assessoria, acompanhava as pautas de educação e de combate às opressões. Outras experiências profissionais são descritas, todas como professora de história no ensino básico e em pré-vestibular popular, inclusive como professora em turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Lecionou no pré-vestibular popular, entre 2011 e 2012, na Associação Redes da Maré (Redes), e coordenou o Projeto “Rede de Saberes”, que tinha por objetivo preparar estudantes, especialmente moradores da Maré, para o ingresso no ensino superior. Algumas participações em eventos também são enumeradas, relacionadas a temas como feminismo, ensino da história, marxismo e socialismo. Apesar de não constar no Currículo Lattes, em uma publicação do Instagram, ela informou que concluiu o mestrado.

As informações coletadas no Currículo Lattes de Marielle, Áurea e Talíria demonstraram que elas tinham interesse em seguir a carreira acadêmica, cursando mestrado, participando de projetos de pesquisa, com produção bibliográfica. O percurso acadêmico e profissional é atrelado às áreas educacionais e sociais, o que pode constatar pelos temas dos cursos escolhidos e pelas pesquisas, com diversas experiências nessas áreas, sobretudo, Marielle e Áurea.

#### **4.2.3 Instagram: entre Fotos e Frases sobre Política, o Dia A Dia de Vereadora e a Vida Pessoal**

No Instagram, algumas publicações apresentam uma dimensão mais subjetiva ligada à sociabilidade na vida pessoal e no cotidiano como vereadora. Nessa rede social, as fotos têm mais destaques que os textos, pois seu objetivo principal é compartilhar imagens. A observação

participante foi iniciada, de forma mais sistemática, a partir do primeiro semestre de 2018 (já vinha acompanhando desde 2016). Como disse anteriormente, a utilização dessa técnica na pesquisa consistia em ser uma seguidora das quatro nessas redes, curtindo e comentando algumas publicações, copiando e colando algumas frases e textos, salvando ou fotografando as publicações mais relevantes para a pesquisa e fazendo anotações num diário de campo.

Ao iniciar a observação das páginas do Instagram, busquei publicações mais antigas e pude observar a transformação do perfil pessoal para o mais voltado para a campanha e, depois, o de figura pública, como vereadoras eleitas. As características de uma investigação nesse espaço, com a quantidade de informações e dados disponíveis, levam a uma necessidade maior de cuidado e clareza na delimitação do recorte da pesquisa, já que é tentadora a possibilidade de se perder em milhares (ou milhões) de fotos, *posts*, *stories*, *tweets* etc.

O objetivo foi entender como as jovens vereadoras se revelam nesse espaço e, para contribuir na realização desse objetivo, conjuntamente com a observação participante, foi feito um levantamento dos *posts* do ano de 2017, primeiro ano do mandato. A finalidade desse levantamento era observar quais as palavras utilizadas pelas vereadoras davam pistas sobre a narrativa apresentada por elas nessas redes sociais, quais as dimensões biográficas e de suas vidas pessoais e as principais pautas políticas expressas pela escolha vocabular recorrente nas postagens. Em seguida, os resultados: 1) da observação participante entre janeiro de 2018 e abril de 2021; 2) da primeira coleta de informações e observações em 2018; 3) e da coleta de dados do Instagram referentes às postagens do ano de 2017.

Na descrição do perfil de Marielle ([https://www.instagram.com/marielle\\_franco/](https://www.instagram.com/marielle_franco/)), ela é apresentada como “mulher negra, da favela, defensora de Direitos Humanos e socióloga”. Ao contrário da página oficial do Facebook, há publicações de fotos de viagens, momentos com sua família, sua filha, amigos e com sua companheira Monica Benício. A seguir, uma foto das duas postada no Instagram:

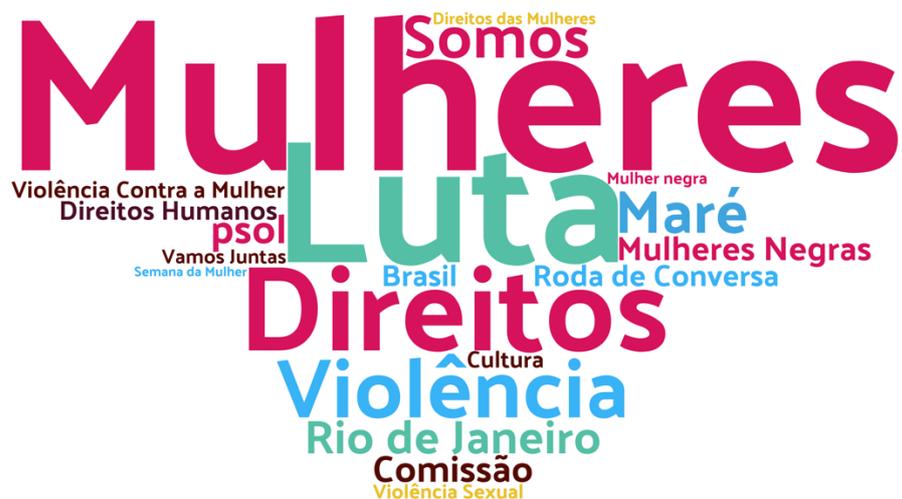


Após o assassinato da companheira, a relação, restrita a grupos mais próximos, se tornou pública, em razão do ativismo da viúva em torno da memória e na busca de justiça por Marielle. Em algumas das fotos juntas, Marielle escrevia a hashtag *#NossasFamíliasExistem*. A equipe do mandato continuou postando novas publicações e, assim como no Facebook, a última publicação é da divulgação do lançamento do livro de Marielle, resultado da dissertação de mestrado, no dia 14 de novembro de 2018.

O perfil de Marielle tinha 164 mil seguidores e 667 publicações<sup>88</sup>; em 2017, foram 308 *posts*, num total de 9.957 palavras. Com as palavras utilizadas nas frases dos *posts*, foi feita uma nuvem com as vinte palavras mais utilizadas, dando um panorama dos principais temas abordados por ela no Instagram. Como se pode ver na nuvem, as palavras mais recorrentes estão grafadas com letras maiores, já as diferentes cores têm o objetivo de facilitar a visualização:

---

<sup>88</sup>Acesso em: 21 abr. 2021.



Abaixo, as *hahstags* mais utilizadas por Marielle em 2017:



As publicações são relacionadas a fotos de participação de Marielle em mesas, debates, manifestações, atividades políticas etc. Os assuntos abordados são relacionados aos seguintes temas: mulheres, mulheres negras, juventude negra, mulheres como liderança, mulheres na política, campanha por mais mulheres na política, garantia de direitos, direito à favela, direito à mobilidade das mulheres, representatividade, movimentos sociais, atividades e homenagens a negros e negras na Câmara Municipal, em defesa dos LGBTT, da diversidade, da saúde da mulher, contra o racismo, contra a redução da maioria penal, contra a cultura do estupro,

sempre reafirmando a importância da presença da mulher nos espaços de elaboração e execução de políticas públicas.

No Instagram de Talíria (<https://www.instagram.com/taliriapetrone/>), sua primeira publicação foi em fevereiro de 2014, com poucas publicações de fotos até fevereiro de 2016, quando, no comentário de uma foto em uma reunião, diz que está aprendendo a utilizar essa rede social. A partir desse dia, as publicações ficam mais constantes. As fotos publicadas eram de sua infância, com amigos, com trechos de poesia, paisagens, reuniões de mulheres, seminários, atividades culturais, em manifestações (como num dos atos da Primavera de Mulheres), de uma escola ocupada pelos estudantes, de manifestações de secundaristas etc. Como legendas dessas fotos, muitas frases e textos relacionados a luta, mulheres, feminismo, organização, feminismo negro, combate ao racismo e outras pautas políticas. Alguns exemplos de frases utilizadas são: Só a luta muda a vida! Carnaval sem violência contra as mulheres! Se organizar pra transformar! Se organizando a gente desorganiza! Moradia é direito!

A primeira foto com legenda foi postada em 17 de junho de 2016 e registra uma reunião de construção da pré-candidatura para vereadora. As publicações se tornaram mais frequentes, cotidianas, enfocando mais na dimensão pessoal, registrando os amigos, a família e momentos de lazer, mas já há o compartilhamento de fotos de atividades da candidatura e da campanha na rua, de atividades do partido, manifestações, reuniões, atividade de formação política, debates etc. Nesse período, as legendas das fotos e as pautas colocadas se relacionaram à campanha para eleição de 2016, como: Nosso lugar é aonde a gente quiser! Nosso lugar é na política! Educação é pra transformar! Bora pra rua enfrentar o machismo e o racismo com nossa campanha coletiva! Nosso lugar é na rua! Vai ter mulher negra na política! Bora mudar Niterói! Vai ter mulher negra feminista na Câmara! Algumas relacionadas também com a conjuntura nacional, como: Negritude contra Temer! Não vai ter retrocesso!

Após ser eleita, as publicações ficaram ainda mais frequentes, algumas vezes, várias por dia. O universo das postagens se amplia e abarca a rotina de trabalho como vereadora, com fotos na Câmara, conversando com moradores de favelas, em reuniões em praças, durante atividades culturais, em visitas a maternidades e escolas, recebendo homenagens na Câmara, prestando contas do mandato na rua, em reunião com trabalhadores, em reuniões do partido e durante audiências públicas. As postagens também registravam a participação de Talíria em debates como convidada, quando abordava temas que norteavam sua militância política: gênero, raça, classe, encarceramento das mulheres negras, papel da juventude negra, luta da negritude pela vida e por direitos, estratégias para enfrentar a violência LGBT, desigualdades

de gênero, políticas públicas, resistências das mulheres nas cidades, violência contra mulher, legalização do aborto, segurança pública, direitos humanos, necessidade de um feminismo negro e educação.

Grande parte das publicações se relacionavam com as pautas políticas do mandato, tais como iniciativas na área da educação, cultura, direitos humanos, mulheres, feminismo, combate à discriminação racial, combate à violência contra a mulher e ao assédio, contra o armamento de guardas municipais, a favor da política de adoção, da garantia dos direitos da criança e do adolescente, enfrentamento à Lgbtfobia, garantia ao abortamento previsto em lei em Niterói e ao atendimento às mulheres vítimas de violência sexual e à saúde da mulher. As legendas das fotos referentes à atuação do mandato têm relação com as pautas políticas. Além disso, ela enfatizava muito a necessidade de organização política, fazia denúncias (por exemplo, contra a intervenção federal no Rio), divulgava manifestações, notícias, atividades do partido, fazia alguns vídeos e utilizava muito a ferramenta *stories* do Instagram, por meio da qual podem ser publicados pequenos vídeos e fotos, disponíveis por 24 horas, também oferece a opção de fazer transmissão de vídeo ao vivo.

A seguir, a nuvem de palavras e as *hashtags* mais utilizadas de um total de 10.181 palavras, dos *posts* de Talíria em 2017:





Talíria e Marielle eram muito amigas, o que fica explícito em suas publicações. Após o assassinato de Marielle, Talíria publica homenagens e fotos juntas com *hashtags* como *#MarielleVIVE* *#MariellePresente* e legendas sobre a dor e a importância de continuar a militância, como: Não irão nos calar! e Eu não tenho a menor dúvida que essa dor faz pulsar nossa resistência. Nos últimos meses de 2018, as publicações eram, em sua maioria, referentes à pré-campanha e à campanha a deputada federal.

A primeira publicação da Áurea (<https://www.instagram.com/aureacarolina/>) foi em maio de 2016, um mês antes de anunciar sua pré-candidatura. Grande parte de suas publicações são para a divulgação de eventos políticos e culturais, campanhas políticas, propostas, audiências públicas, manifestações e debates com temas como direitos sociais e participação feminina, negra e periférica no poder, cultura, representatividade, educação, direitos das mulheres e participação democrática, novas formas de fazer política, política feminista e antirracista, entre outros.

Além das divulgações, as fotos publicadas são relacionadas ao cotidiano da vereadora participando desses debates, de manifestações, de outras atividades políticas, com militantes, amigos, família, atividades de campanha eleitoral, apoiando estudantes e trabalhadores, recebendo visitas no gabinete, no carnaval, no plenário, em reuniões, em viagens etc. Algumas frases são recorrentes nas legendas das fotos, como, por exemplo: Sonhamos e fazemos outra cidade possível. Nenhum passo atrás! Seguimos na resistência antigolpe. Juventude é pra viver! Ocupar a cidade é um direito! Democracia é convivência e participação. Por um mandato radicalmente democrático, vem com noiz! Moradia digna é direito de todas as pessoas! A juventude quer viver! Mulheres negras resistimos! Representatividade importa e transforma!

Toda força à luta pelo direito de ser e viver das pessoas trans e travestis! Vamos amplificar nossas vozes, potencializar nossos corpos políticos, megafonizar nossas lutas. Machistas, racistas, transfóbicos não passarão!

Abaixo a nuvem de palavras e as *hashtags* mais utilizadas por Áurea, em 2017, de um universo de 11.211 palavras:



O perfil do Instagram da Sâmia (<https://www.instagram.com/samiabomfim/>) teve sua primeira publicação em abril de 2013. A partir dessa data, fez diversas publicações com fotos de momentos da sua rotina com amigos, família, animais de estimação, na universidade, em festas, férias, de leituras, livros, flores, da infância, casa da família, divulgações de eventos, comida, manifestações, atividades do partido, paisagens, comida, frutas, campanhas políticas, greve na universidade, atividades do movimento sindical, viagens, estudos, manifestações de

mulheres (como a Marcha das Vadias, sendo pintada para a manifestação, vestida de lilás, falando no megafone) e participando de programa de televisão. As legendas de suas fotos eram curtas, algumas com poucas palavras ou *hashtags* como: *#ForaCunha #LuteComoUmaMenina #feminismo #feminism #juntas #carnaval #carnavalsemassédio #mulherescontracunha #foracunha #pilulaficacunhasai #legalizaoaborto #abortolibre #AbortoLegal #lutecomoumamulher #primaveradasmulheres*.

Em 10 de abril de 2016, Sâmia fez uma postagem nessa rede social afirmando que seria pré-candidata a vereadora de São Paulo. Depois da pré-candidatura e de ser eleita como vereadora, as publicações de atividades políticas aumentaram, como, por exemplo, em debates em universidades, sobre feminismo, encontro de estudantes secundaristas, acampamento de juventudes, sobre representatividade e empoderamento feminino. Além disso, muitas fotos do cotidiano da campanha, dos apoiadores (alguns famosos), conversando com trabalhadores, visitando escolas e hospitais, audiência pública sobre mulheres encarceradas, manifestações de mulheres, apoiando os professores das escolas municipais, em defesa da cultura e dos serviços públicos do município, com *hashtags* como: *#foratemer #emponderamento #legalize #LuteComoUmaMulher #CidadeDasMulheres #PSOL #MulheresOcupandoaPolítica #ALutadaMulherMudaOMundo #Feminismo #naoaculturadoestupro #mulherescontratemer #sermulhersemtemer #NiUnaMenos #acidadeénossa #OcupaPaulista #ContraAsReformas #GreveGeral #MulheresNaPolítica #disque180 #carnavalsemassédio*.

Outras pautas políticas se colocam entre essas fotos e legendas, tais como, por emprego, saúde, educação, moradia, em defesa da população LGBT, contra os cortes de verba e privatizações, com frases como: Pelo fim da guerra às drogas! A nossa luta é todo dia, somos mulheres e não mercadoria! A cidade é nossa! Somos muitas e estamos juntas. Aposentadoria fica, Temer sai. Cultura não é mercadoria! Com os professores municipais em luta! Viva a luta das mulheres! A luta das mulheres muda o mundo! Não tem arrego e fora Temer! Ocupa a Cultura! Basta de feminicídio! Basta ao assédio! A luta não começou e não termina hoje! Pelo fim da Cultura do estupro! Estamos na luta em defesa da educação! Pelo direito à moradia e contra toda repressão e censura! Vamos pra rua!

A seguir, a nuvem de palavras e as *hashtags* mais utilizadas, em 2017, por Sâmia, de um total de 5.974 palavras:

Violência CPI da Mulher  
**Luta**  
 Nosso Mandato Juventude Povo sem medo Comissão  
 Brasil Vamos Ocupação  
**Mulheres**  
 Mulher Povo Mandato  
 Congresso **psol** Todos  
 São Paulo Luta das Mulheres  
 Violência Contra a Mulher

#juntas  
 #mulheresnapolitica  
 #feminismo  
**#foratemer**  
 #diretasja  
 #racaonao  
**#nemumaamenos**  
 #paradalgbt  
 #mtst  
 #greuegeral

Sâmia, assim como Talíria e Áurea, também postou muitas homenagens a Marielle. Em 2018, se apresentou como candidata a deputada federal, e seu Instagram ficou orientado para as atividades do mandato e para as eleições daquele ano, mantendo sempre a dimensão do cotidiano da vereadora, principalmente através dos vídeos e fotos nos *stories*.

Entre 2019 e 2020, a utilização da rede social Instagram cresceu, e isso também pôde ser constatado pela observação participante, já que, em 2017, as publicações diárias eram uma, duas ou, no máximo, 3, alguns dias nem tinham publicações, em 2021, já chegava a, pelo menos, mais de quatro por dia. Além disso, há uma replicação de publicações de outros perfis entre as redes sociais. Muitas publicações do Instagram e do Facebook eram iguais, como apontei anteriormente, uma publicação do Instagram podia ser automaticamente publicada nas duas redes sociais. Nos anos seguintes, além dessa possibilidade, foi possível compartilhar publicação do Instagram de outras pessoas através de um aplicativo. Com o Twitter não havia essa possibilidade, mas, como alternativa, através da foto de uma publicação, compartilhavam

um *tweet* no Instagram. Ou seja, há uma integração das principais publicações nas redes sociais das vereadoras. O uso da ferramenta *stories*, em que podem ser publicados fotos e/ou vídeos de alguns segundos, disponíveis por 24 horas, podendo ser gravado nos destaques do perfil pelo proprietário da conta, também ficou ainda mais constante, com diversas publicações diárias. Nesse período, também foi incluída uma ferramenta de transmissão ao vivo utilizada para transmitir algum evento em tempo real.

Entre 2019 e 2021, as publicações permaneceram com as mesmas abordagens que antes, mas com maior frequência. Dos temas que surgiram, destaco as situações de ameaça sofridas por Talíria, a mudança de casa para sua proteção, as denúncias de violência política de gênero, o cotidiano de deputada federal, a mudança na conjuntura, o combate às *fake news*, o governo Bolsonaro, os pedidos de *impeachment* e a pandemia de Covid-19. Das publicações entre 2020 e 2021, destaco as relacionadas à maternidade, que mostram os desafios de ser mãe atuando como mulheres parlamentares, inclusive foi divulgada erroneamente a licença- maternidade da Áurea como se fossem faltas. A seguir, algumas fotos publicadas pelas deputadas:



 **aureacarolina**  
Alegria de viver



 Le gusta a **as\_muitas** y **1.540 personas más**

**aureacarolina** Aaaa, tá linda demais a  
#ViradaDaAlegria, gente! 🥰💖🎉👏👍👉👈👉👈

É assim que a vamos virar, BH: com ousadia,  
alegria, felicidade, dignidade e Áurea pra cidade  
hihi ❤️!

 **samiabomfim**



 Le gusta a **mitieclaudia** y **24.805 personas más**

**samiabomfim** 30 semanas passaram voando

Ver los 362 comentarios

As agendas políticas apresentadas nas publicações para divulgação de eventos, fotos e campanhas têm como pontos: educação antirracista, representação na política, participação democrática, enfrentamento da violência contra as mulheres, garantia de direitos na cidade, desmilitarizar a cidade, defesa do direito à moradia, contra a especulação imobiliária, educação infantil de qualidade, creches públicas em tempo integral, uma cidade sem racismo, fortalecimento da participação popular, fim da cultura do estupro, justiça econômica, enfrentamento do genocídio da população negra, descriminalização do aborto, defesa da dignidade e da cidadania da mulher, políticas públicas para a juventude etc.

A observação nas redes sociais das vereadoras foi encerrada em abril de 2021, quando elas já eram deputadas desde 2019. Em 2020, com a pandemia de Covid-19, as redes sociais deixaram de ser o local da mera divulgação dos fatos para ser o ambiente dos próprios eventos das deputadas, com as transmissões ao vivo, chamadas de *lives*, criando possibilidades e estratégias de mobilização. Durante a observação participante pude verificar as mobilizações que as deputadas apoiaram, disseminaram e participaram. Algumas que se destacaram no período da pandemia foram os painéis, campanha “Pão, Vacina e Educação”, carreatas, manifestações antifascistas, dos entregadores de comida de aplicativos e pelo auxílio emergencial.

No Instagram, a subjetividade do cotidiano se torna cada vez mais política, seus perfis se relacionam às instituições, ao ativismo e ao dia a dia das vereadoras, com suas reflexões e fotos. Há uma dimensão biográfica em suas publicações, que também estão relacionadas ao seu cotidiano e político, ativando o discurso público pela experiência pessoal, como afirmou Regina Novaes (2017).

#### 4.3 AS VEREADORAS ESPANHOLAS NO CONTEXTO DIGITAL

No caso das vereadoras espanholas, eu não as conhecia através das redes sociais antes de entrevistá-las. O meu primeiro contato foi justamente para me apresentar e solicitar as entrevistas, posteriormente, as adicionei nas redes sociais. Numa primeira observação, as redes sociais não apareceram como uma questão fundamental para investigar da mesma forma como no caso das vereadoras brasileiras, que têm milhares de seguidores, mandato com equipe de comunicação e dedicação profissional exclusiva a essa tarefa política. As vereadoras espanholas entrevistadas para essa pesquisa eram de pequenos municípios, não tinham dedicação exclusiva a essa tarefa, nem uma equipe de mandato e não eram figuras públicas com milhares de seguidores. Eram contextos materialmente diferentes, essa foi a primeira constatação.

No questionário complementar, respondido após as entrevistas, indicaram as redes sociais que utilizavam. Eu não as encontrei quando tentei buscar antes das entrevistas, somente quando elas me enviaram o *link*. Das quatro vereadoras, apenas uma estava nas três redes sociais citadas por mim no questionário (Twitter, Facebook e Instagram). Duas disseram que tinham perfil no Twitter, uma delas disse que não, e a outra disse que atualmente não, sugerindo que anteriormente utilizava. Ela deu a mesma resposta com relação ao Facebook, as outras três têm perfil nessa rede social. No Instagram, também são três. Esses perfis não eram de figuras públicas, nem públicos, é possível fazer um perfil profissional e/ou deixar público para que todas as pessoas possam ver. Não era o caso delas, que, além de não ser um perfil profissional, era necessário solicitar permissão para fazer parte das redes delas como seguidora. Diante disso, por questões éticas, não realizei a mesma coleta de dados e a observação participante realizadas com as vereadoras brasileiras, mas pontuei algumas questões importantes, observadas como seguidora delas nas mídias digitais, para a posterior análise conjuntamente com as entrevistas.

O Facebook era a rede social mais utilizadas por elas. As três com perfil tinham entre 300 e 1.300 amigos/seguidores. Apesar de conter conteúdos políticos, a rede social não era utilizada prioritariamente com esse objetivo, exceto uma que colocava na sua descrição que era vereadora, imagem com a logo do Podemos e compartilhava mais informações sobre o trabalho na câmara municipal. A sua rede social era a que mais tinha pontos em comum com as das vereadoras brasileiras. De maneira geral, o Facebook delas apresentava uma variedade de interesses culturais e informativos. Apesar de não mostrar o cotidiano e a rotina diária, as suas redes sociais apresentavam um pouco do núcleo familiar e das amizades, através de algumas fotos e lembranças compartilhadas, as que tinham filhos, compartilhavam fotos do/e com o bebê/criança. Algumas também colocavam fotos de algumas atividades militantes e/ou de campanhas de que participavam.

Em grande parte as publicações eram compartilhadas de outras páginas, algumas vezes, com algum comentário mostrando o motivo do compartilhamento. Tinham como temas a educação pública, cultura (músicas, filmes, e divulgando atividades culturais locais), direito à moradia (contra os despejos e pela regulação dos preços dos aluguéis), esporte (sobretudo o futebol), pandemia (falando das medidas e defendendo apoio aos afetados, principalmente, com relação à aprovação do ingresso mínimo vital), maternidade (desafios da maternidade e a importância da licença-paternidade para a divisão igualitária das tarefas), feminismo (contra o machismo e a violência contra a mulher), saúde pública, violência política (sobre os ataques que sofriam da extrema direita, principalmente o líder do Podemos, elas fizeram publicações

sobre a opção pelo término da carreira política dele), contra o que chamam de “política do ódio”, apoio ao movimento LGBT, do movimento ambientalista (questão da emergência climática), aos direitos dos animais (compartilhando pedidos de ajuda e iniciativas dessa temática), contra o racismo, a homofobia, a transfobia e a bifobia, pela diversidade sexual, exigindo medidas contra o desemprego e a exclusão social, entre outros. Além disso, as questões municipais eram muito destacadas, com notícias, vídeos, sobre as eleições e a política local, os espaços públicos, a história do município, incentivando o comércio local e a rede de solidariedade, divulgando reuniões, eventos e as pautas municipais. No dia 8 de março e no dia de Andaluzia, escreviam publicações próprias sobre o significado de datas comemorativas como essas.

Compartilhavam muitos memes e notícias, assim como, material da página do Podemos ou da página articulação local desse partido, da qual elas faziam parte, inclusive chamando ao voto nas campanhas. Com relação aos temas políticos principais, havia muitas publicações contra o franquismo e que criticavam a monarquia, afirmavam seu antifascismo. Denunciavam a extrema-direita a partir de suas pautas, das perseguições contra a esquerda e divulgavam notícias que relacionavam esses grupos a casos de corrupção. Um tema muito relevante nas publicações era a questão da imigração. Citavam a defesa de alguns projetos de lei que seriam discutidos como a lei da eutanásia e a da liberdade sexual. Uma notícia sobre o caso ainda não resolvido do assassinato de Marielle foi compartilhado por uma das vereadoras.

Quando escreviam alguma publicação própria, para além de momentos políticos ou pessoais, falavam de situações vividas com caráter reivindicativo, de reclamação e político ou sobre alguma situação marcante, como no caso de uma delas que escreveu que tinha finalmente conseguido um emprego. Utilizavam situações cotidianas para comentar temas políticos, mas não era frequente esse tipo de publicação. Uma delas escreveu sobre o fim da etapa como vereadora, contando como esse período foi importante e que pensa em um dia voltar a se candidatar, quando estiver mais estável profissionalmente.

Apesar de três das vereadoras terem perfil na rede social Instagram, não a utilizavam muito. Uma delas tinha poucas fotos e quase não publicava na ferramenta *stories*. A que mais publicava era a que tinha mais seguidores e publicações também no Facebook. Ainda assim, havia algumas centenas de fotos publicadas e seguidores, utilizava a ferramenta *stories* com mais frequência que as outras. Ao contrário do seu perfil no Facebook, seu Instagram está mais voltado para o cotidiano familiar, com muitas fotos do seu filho e do marido, animais de estimação, da época em que estava grávida, momentos de lazer, futebol, comida, livros, entre

outros. Uma das fotos que publicou, no exercício do seu mandato como vereadora, é de quando está amamentando seu filho enquanto dá uma entrevista pelo celular a uma rádio, mostrando os desafios de conciliar maternidade e política. De modo geral, pode-se observar que o Instagram não é muito utilizado pelas vereadoras espanholas entrevistadas.

#### 4.4 AS VEREADORAS ESPANHOLAS E BRASILEIRAS NO CONTEXTO DIGITAL: ALGUNS APONTAMENTOS

No contexto digital, a pesquisa teve lugar nos ambientes onde informações são produzidas e significadas, como o site oficial e o Currículo Lattes, e nas redes sociais onde, cotidianamente, práticas e experiências da vida das vereadoras são compartilhadas. Cada mídia, ferramenta e plataforma digital fazem parte de uma ecologia mais ampla, onde o uso de qualquer uma depende de sua relação com as outras (Horst e Miller, 2012). A literatura sobre as pesquisas, nesse contexto, dissolveu a oposição e dicotomia entre o *offline* e *online*, real e virtual (SEGATA, 2016; MISKOLCI, 2013; MILLER e SLATER, 2004; POSTILL, 2012), pois, a todo momento, sentido e sociabilidade estão sendo construídos nesses ambientes, em permanente mudança e negociação. De acordo com Horst e Miller (2012), “the digital, as all material culture, is more than a substrate; it is becoming a constitutive part of what makes us human” (p. 4). Dessa forma, durante a observação participante no contexto digital, não encontrei apenas dados, mas um espaço de sociabilidade, com formas organizacionais e simbólicas (SEGATA, 2016).

Observei que os ambientes digitais pesquisados requeriam a constante manutenção e atualização de informações. No entanto, há mudanças entre o antes de tornar-se vereadora para o depois, no caso das brasileiras. O antes tinha o Currículo Lattes atualizado, o Instagram não tinha publicações com tanta frequência. A partir da campanha eleitoral, as redes sociais começam a ser atualizadas com mais frequência, e a página oficial é criada. O Currículo Lattes, que tinha um caráter mais acadêmico, deixa de ser atualizado.

Os ambientes digitais utilizados com mais frequência em determinado período se relacionam com os objetivos profissionais e pessoais daquele momento, ou seja, dependendo das mudanças podem ser deletados ou deixar de serem atualizados de acordo com a sua funcionalidade. As transformações nas práticas digitais podem ser desencadeadas por eventos de vida (BROADBENT, 2012), como uma mudança de emprego ou uma mudança de cidade, por exemplo. Ao se candidatarem e serem eleitas, as redes sociais das vereadoras brasileiras deixaram de ser uma esfera de laços mais íntimos de amigos, familiares e conhecidos para ser um conjunto de contatos mais amplo, de milhares de seguidores.

Esse momento de mudança para as vereadoras brasileiras pesquisadas é no processo eleitoral em 2016, quando iniciam a candidatura e as publicações começam a ficar mais constantes, com mais informações sobre a campanha, sobre as pautas políticas e as atividades de que participavam. As redes sociais ganham cada vez mais importância nas eleições recentes, principalmente a partir das eleições de 2010, tornando-se um espaço estratégico nas campanhas eleitorais, utilizado para compartilhar fotos, informações, vídeos, divulgação de eventos, entre outros. Nos Estados Unidos, desde 2000, pesquisas acadêmicas se debruçam sobre campanha política digital pelo amplo uso da Internet e de tecnologias móveis nas campanhas presidenciais (HARA 2008; POSTILL, 2012).

Nas páginas oficiais, as vereadoras se apresentavam destacando características relacionadas com as suas pautas políticas, buscando enfatizar onde estava inserida a militância delas na busca por mais igualdade e direitos sociais, expondo as principais causas políticas dos seus mandatos como vereadoras, além de serem citados alguns dos principais trabalhos realizados na Câmara, prestando contas com a sociedade. Entre outras informações encontradas, destaco as tentativas de inovação do espaço político institucional, como no caso de Áurea, com a “gabinetona” e a busca por canais de diálogo e participação da sociedade em geral, facilitados pelas ferramentas de um site, que disponibilizam comentários e envio de mensagens.

No Currículo Lattes, pude encontrar dados sobre o percurso profissional e acadêmico das vereadoras. Sâmia foi a única das vereadoras brasileiras que não tinha currículo cadastrado, mesmo com uma trajetória ligada à universidade pública, também foi a única que não cursou mestrado. Na página oficial, obtive informações de que, como as outras, ela tinha experiência na área da educação, como professora na educação básica e como trabalhadora da universidade em que estudava. Marielle e Áurea eram as que apresentavam em seus currículos maior trajetória acadêmica, com participação em projetos de pesquisas. O percurso de cada uma delas é atrelado às áreas educacionais e sociais, evidenciando que o seu interesse pela política e suas pautas também se relacionam com suas escolhas profissionais e acadêmicas.

Durante a observação nas redes sociais das vereadoras brasileiras no Facebook e no Instagram, percebi que, para o objetivo da pesquisa, a observação participante, os dados e as informações do Instagram já seriam suficientes, pois a maioria das publicações eram igualmente compartilhadas nas duas redes sociais. No entanto, o Instagram ia além, pois as publicações têm também uma dimensão biográfica e pessoal muito mais abrangente, como também uma dimensão do cotidiano das vereadoras, que não compartilhadas no Facebook. Durante o trabalho de campo nesses espaços, percebi que, no caso das vereadoras brasileiras, a página

delas no Facebook acabava se voltando mais para divulgações de eventos, informações e textos com um caráter de comunicação oficial, com menor dimensão subjetiva. O Instagram, possibilitou o contato com uma dimensão mais subjetiva ligada à sociabilidade na vida pessoal e no cotidiano como vereadora.

Na observação participante feita no Instagram, pude perceber que a dimensão biográfica de suas publicações se relaciona com seu cotidiano e atuação política, buscando ativar o discurso público pela experiência pessoal. De acordo com (MISKOLCI, 2013), “há muitas evidências de politização da intimidade e constituição de laços a partir de características individuais anteriormente invisibilizadas, ignoradas ou, pura e simplesmente, recusadas coletivamente” (p. 20). Segundo Novaes (2017), “falar em ‘direitos’ e acionar sentimentos e experiências individuais faz parte da fala pública e justifica as ações coletivas de jovens desta geração” (NOVAES, 2017, p. 7). As pautas políticas acionadas nas publicações das vereadoras brasileiras têm como pontos: fim da violência machista, educação antirracista, representatividade na política, participação democrática, enfrentamento da violência contra as mulheres, assegurar os direitos na cidade, desmilitarizar a cidade, especulação imobiliária, defesa do direito à moradia, educação infantil de qualidade, creches públicas em tempo integral, cidade sem racismo, fortalecimento da participação popular, fim da cultura do estupro, justiça econômica, enfrentamento ao genocídio da população negra, descriminalização do aborto, defesa da dignidade e da cidadania das mulheres, políticas públicas de juventude, entre outras.

Apesar do caráter global dos ambientes digitais, permanecem distinções regionais, já que estão em diálogo com diferentes tradições políticas locais (HORST e MILLER, 2012). As vereadoras espanholas entrevistadas para a pesquisa não tinham perfil público nas redes sociais, algumas nem tinha Instagram e outras não tinham Facebook. As redes sociais não eram fundamentais na rotina como vereadoras, como no caso das brasileiras que utilizavam como um canal de comunicação oficial. Havia algumas poucas publicações com pautas políticas, com pontos em comum com as pautas das vereadoras brasileiras, mas algumas diferenças contextuais por serem de países diferentes. Em menor medida, apesar de ser um perfil pessoal, havia alguma dimensão biográfica em algumas publicações relacionadas à política. Apenas uma das vereadoras espanholas entrevistadas tinha um perfil que buscava divulgar mais as informações da rotina e do trabalho como vereadoras.

Certas pistas sugerem alguns motivos para essas diferenças: 1) elas eram de pequenos municípios; 2) não tinham dedicação exclusiva a essa tarefa; 3) não recebiam remuneração como vereadoras; 4) não tinham uma equipe de mandato de comunicação; 5) não eram figuras

públicas com milhares de seguidores; 6) e por diferenças culturais, buscando separar o pessoal do político e manter a privacidade nas redes sociais. Eram contextos, entre as brasileiras e espanholas, material e culturalmente diferentes. Segundo Miskolci (2013), a tecnologia “não funciona autonomamente, pois se insere em uma realidade cultural previamente existente, na qual passa a interferir, mas que também passa a transformá-la” (p. 15). No capítulo seguinte, serão apresentados os resultados das entrevistas com as vereadoras espanholas. Os resultados aqui expostos também serão analisados no último capítulo em conjunto com os resultados das entrevistas.

## 5 JÓVENES CONCEJALAS ESPAÑOLAS

En este capítulo presentaré el método y los resultados de la investigación realizada con concejales del partido político español Podemos. En los resultados son presentadas las narrativas de las concejales sobre sus biografías hasta que llegaron a ser concejales, sus experiencias como jóvenes mujeres concejales y las relaciones en los espacios de socialización en ese proceso. Teniendo en cuenta que “el significado de los recuerdos específicos que convierten cada vida en una trayectoria singular” (FEIXA, 2019: 107), primero presentamos la trayectoria de cada una de las concejales entrevistadas por separado. Posteriormente, presentamos el análisis, con la síntesis de las entrevistas y comparaciones de sus historias de compromiso político hacia llegar a ser concejales.

### 5.1 MÉTODO

#### 5.1.1 Participantes

La búsqueda de las posibles concejales para las entrevistas empezó en enero de 2019 a través de dos procedimientos: búsqueda por las páginas web y por contactos de conocidos, cercanos a Podemos o que pudiesen conocer alguna concejala de ese partido.

Primero se buscó por Internet en la página web de Podemos si había alguna lista de las concejales de ese partido, pero no había. Así que la búsqueda se cambió a las páginas de los ayuntamientos. El primero fue el Ayuntamiento de Sevilla<sup>89</sup>, la ciudad de la cual está ubicada la universidad en la que se realizaba la estancia de doctorado. En el Ayuntamiento de Sevilla, en esa fecha, había tres concejales de Podemos, dos concejales con más de 40 años, y un chico joven. A través la página web <https://www.ayuntamiento.es/> se puede acceder a las páginas web de todos los ayuntamientos de España. Desde ahí, empecé a buscar por las principales ciudades de España, empezando por aquellas con mayor número de habitantes.

Inicialmente, había delimitado la edad para las entrevistadas, como máximo, a tener 35 años en el momento de la entrevista, pero en esa búsqueda inicial observé que sería muy difícil conseguir una muestra con este criterio, ya que había pocas jóvenes concejales. Se cambió entonces el criterio para incluir a mujeres que empezaran como concejales en el año 2015 con un máximo de 35 años, y ese fue el criterio utilizado.

---

<sup>89</sup> <https://www.sevilla.org/ayuntamiento/concejales>

Con ese nuevo límite de edad, fueron encontradas dos concejales en Madrid, cuatro en Barcelona, una en Zaragoza y una en Palma de Mallorca. Conviene señalar que la búsqueda fue muy compleja y difícil, ya que las páginas web tenían muy poca información y escasos datos sobre las concejales y los concejales en general. Cuando todavía no se tenían las cuatro, intenté el contacto con una concejala de Barcelona, le enviamos un e-mail, pero no fue contestado, quizá porque en ese momento de las entrevistas se acercaba el período de nuevas elecciones y se notaba que había muchas actividades políticas.

De hecho, lo más eficiente fue el contacto a través de conocidos, que me pusieron en contacto con una ex concejala de un pueblo de Sevilla. En su entrevista indicó otras dos que encajaban con lo que se necesitaba para la investigación y en la segunda entrevista se logró el último contacto que quedaba para las cuatro concejales, todas de la provincia de Sevilla, en total de tres municipios. Ese método, Feixa (2019) lo llama “método de encadenamiento”, cuando, con contactos iniciales, se va ampliando la red por los informantes que ponen en contacto con otros posibles entrevistados.

Aunque no se hizo un recorte regional, por la facilidad del contacto lo que acabó sucediendo fue que todas las concejales eran de la provincia de Sevilla. No identificamos esos lugares para preservar el anonimato de las entrevistadas. Se entrevistó a cuatro jóvenes concejales del partido político Podemos. Esas cuatro entrevistas fueron suficientes para que se mostraran diversas y singulares trayectorias vitales. Las entrevistadas empezaron en la concejalía de sus respectivos municipios en 2015, cuando tenían entre 23 y 34 años. En el momento de la entrevista tenían entre 27 y 38 años. Son utilizados pseudónimos para preservar el anonimato de las participantes. En el siguiente cuadro están los datos básicos de las concejales según informaron en el momento de la entrevista.

Datos Concejalas					
	Edad cuando empezó como concejala en 2015	Edad en el momento de la entrevista	¿Tienes hijo/s o hija/s?	Nivel de estudios en el momento de la entrevista	El nivel de ingresos de la unidad familiar
<b>Lidia</b>	23 años	27 años	No	Terminando el Grado	Vivimos relajadamente, aunque sin lujos
<b>Ángeles</b>	34 años	38 años	No	Bachillerato o Formación Profesional	Cubrimos gastos si no llegan gastos extra
<b>Carlota</b>	30 años	34 años	Sí	Grado	Vivimos relajados/as económicamente
<b>Marga</b>	27 años	31 años	Sí	Grado	Vivimos relajadamente, aunque sin lujos

Cuadro con los datos de las concejalas españolas

Dos son madres y tres tienen estudios universitarios. El nivel de ingresos se encontraba entre medio-bajo y medio-alto, según las opciones del cuestionario.

### 5.1.2 Instrumento

Para responder al objetivo de la investigación se realizó un estudio cualitativo con entrevistas semiestructuradas, utilizando el método biográfico. Este método nos permitió profundizar y comprender a través de las biografías el proceso de construcción del compromiso político de las cuatro jóvenes concejalas.

Las entrevistas tenían cuatro partes diferenciadas. En la primera, debían identificar los hitos/momentos/situaciones más importantes que a lo largo de la vida contribuyeron a que llegaran a ser concejalas. Para ello, se pidió que las entrevistadas cumplieran un cuadro (adjunto con los apéndices de la tesis). Este cuadro solicitaba cinco hitos junto a la edad en la que estos hechos ocurrieron o su fecha aproximada, el motivo por el que fue importante en su trayectoria política y las personas o hechos que habían sido relevantes para ello. El objetivo en esa primera etapa era que ellas se acordasen de esos momentos importantes y los tuviesen en cuenta durante el transcurrir de la entrevista. En la segunda parte, para que las entrevistadas construyesen sus propias narrativas y reflexiones de ese proceso, se les realizaron las siguientes preguntas: ¿Cómo ha llegado hasta aquí?, ¿Cómo los hitos/situaciones que ha escrito contribuyeron con su trayectoria política para que llegara hasta concejala? En la tercera parte,

dependiendo de la respuesta anterior y teniendo en cuenta los cinco escenarios del guion de preguntas semiestructuradas (1. Familia; 2. Escuela, universidad y otras experiencias educativas; 3. Carrera/Profesión/Oficio; 4. Amigos/Socialización; 5. Militancia política/Carrera política) se indagó en aquellos escenarios que no habían surgido de forma espontánea en las preguntas anteriores, sobre los cambios surgidos después de la experiencia como concejales y sobre el futuro. Esos temas fueron pensados para abordar de forma amplia aspectos de la vida de las concejales que, en sus trayectorias y a través de la mediación entre ellos, pudieron predisponer hacia su toma de decisión por el compromiso político y también para abordar las transformaciones en esos ámbitos durante el proceso de compromiso político hasta la elección como concejales, los cambios surgidos y lo que pensaban para el futuro. Las preguntas del guion no eran cerradas y tampoco rígidas. Tenían por objetivo ordenar y aportar preguntas sobre las cuestiones principales involucradas en el compromiso político, como espacios de sociabilidad (familia, escuela, universidad, carrera, profesión, amigos) y la propia experiencia que habían tenido en la militancia política que no habían sido mencionados en la pregunta anterior o que no habían sido profundizados. Por último, ellas contestaron a las preguntas del cuestionario complementario con informaciones sobre los datos demográficos básicos, como la edad, formación educacional, si tenían hijo/s y su nivel socioeconómico.

### **5.1.3 Procedimiento**

Los primeros contactos con las entrevistadas fueron por llamadas telefónicas y mensajes por WhatsApp. Tras la aceptación de las concejales para participar en el estudio, se envió la carta de presentación y se concertaron las entrevistas. Las entrevistas fueron concertadas por *e-mail* o mensajes de WhatsApp en locales y horarios elegidos por las propias concejales. Tres se desarrollaron en alguna cafetería y una de ellas fue en la casa de la entrevistada porque tenía un bebe y prefería estar en su casa. La duración media fue de 40 minutos y todas fueron realizadas por mí.

Iniciaba la charla presentando los objetivos de la investigación. Una vez más enseñaba la carta de presentación que había enviado por *e-mail*, aclaraba que se mantendría el anonimato y solicitaba el consentimiento para la grabación del audio (el termo de consentimiento que ellas firmaron está adjunto con los apéndices de la tesis).

En la revisión de las transcripciones, ya empecé el trabajo de interpretación y análisis, a través de la selección y ordenamiento del material por temas, por el orden y forma en que fueron dichas en la conversación. En una planilla de *Excel* fueron ordenados y clasificados los

principales fragmentos de las entrevistas divididos por los temas y etapas de las entrevistas, así como mis comentarios y la identificación de las páginas y líneas de los fragmentos seleccionados (Cousin 2010)<sup>90</sup>, como se ve en el ejemplo de la figura:

Etapa 2 - Hablan de su vida hasta el momento			
	Identificación	Principales Fragmentos	Comentarios Investigadora
Lidia			
Angeles			
Carlota			
Marga			

Figura Etapa 2 – Ejemplo de la planilla de organización del análisis de las entrevistas<sup>91</sup>

En el apartado siguiente presentaré las narrativas biográficas de las concejales a partir de las entrevistas y del cuestionario complementario. La descripción de las entrevistas cambia a veces el orden de algunas cosas que fueron habladas, para agrupar los temas que surgieron y suprimir lo que estaba repetido. No obstante, siempre se ha respetado lo que fue dicho, el tono, la forma y la estructura. La opción de no presentar las historias biográficas de las concejales juntas es para que la narrativa no se quedara interrumpida, preservando la unicidad y mostrando la construcción y reflexión que las entrevistadas hacen cuando piensan en sus vidas hasta llegar a ser concejales, utilizando muchos fragmentos de sus propias palabras, para que sus propias voces narren sus vidas en la descripción. Posteriormente a la presentación de sus historias contadas en las entrevistas, hice el análisis de los resultados.

## 5.2 LAS ENTREVISTAS DE LAS JÓVENES CONCEJALAS ESPAÑOLAS

### 5.2.1 Lidia<sup>92</sup>

La primera entrevistada tenía 27 años en el momento que ocurrió la entrevista. Ya no era concejala, había estado en ese puesto entre junio de 2015 a junio de 2017. Actualmente, estaba terminando doble grado en Derecho y Ciencias Políticas y de la Administración. El primer contacto fue por teléfono, donde ella aceptó participar de la entrevista. A continuación, fue enviado un correo electrónico con la carta de presentación de la investigación para formalizar la solicitud y acordamos el día, sitio y hora para la cita.

<sup>90</sup> La planilla fue inspirada en el método de Análisis Textual Discursiva (COUSIN, 2010), aunque no fue utilizado ese método, algunos elementos de la planilla que utilizan ayudaron a organizar el trabajo entre la transcripción, elaboración del texto biográfico de las entrevistas y el análisis.

<sup>91</sup> Son utilizados pseudónimos para preservar el anonimato.

<sup>92</sup> Son utilizados pseudónimos para preservar el anonimato.

La entrevista sucedió en una cafetería en el barrio de Triana, en Sevilla. Por casualidad, en ese espacio había una actividad de Adelante Sevilla (agrupación de Podemos con otros grupos políticos en esa ciudad) un poco después del horario que habíamos quedado. Por ese motivo, hubo un momento en el que empezaron muchos ruidos y casi tuvimos que cambiar de lugar para terminar la conversación, lo que finalmente no fue necesario.

En la primera etapa, ella apuntó dos hitos importantes de su vida para que llegara a ser concejala:

Etapa 1 - Cuadro de los hitos.			
Hitos/momentos/situaciones destacados	Edad a la que ocurrió o fecha aproximada	Motivo por el que es importante	Personas o hechos relevantes para ello
15 M (2011)	21 años	Movillización masiva popular y me impresionó	Partidos del bipartidarismo
Situación de maltrato hacia mi madre	15 - 21 años	Despertar hacia las desigualdades de género	Mi familia

Cuadro de los hitos de Lidia

El primer hito apuntado fue el 15 M, en 2011, el movimiento del que después surgiría el partido Podemos. Lidia tenía 21 años en esa época. El motivo por el que señaló ser importante en su trayectoria fue por ser una “movilización masiva popular y me impresionó”, como describió en la hoja del cuadro.

Durante la entrevista, en diversos momentos se refiere al 15M, pero no habla mucho de su participación, habla más de cómo fue esa manifestación política en España, las consecuencias en su vida y en las decisiones que tomó posteriormente. En uno de esos momentos, dijo que el 15M fue una especie de “reivindicación de lo político desde lo popular [...] Un poco, también, yo creo que fue una impugnación al sistema jerarquizado de la organización política”. En ese sentido, subraya que los “Partidos del bipartidismo”<sup>93</sup> fueron hechos relevantes para ese primer hito, como si ya estuviera cansada de esos dos partidos intercambiándose en el poder.

El segundo hito señalado fue la situación de maltrato hacia su madre, que sucedió cuando tenía entre 15 y 21 años. Para ella, el motivo por el que es importante fue el despertar hacia las desigualdades de género generadas por esa circunstancia. Afirma que esos dos hitos fueron sus momentos de mayor politización.

<sup>93</sup> Hace referencia al Partido Popular (PP) y al PSOE (Partido Socialista Obrero Español) que se alternaron en los gobiernos durante años, desde el fin del período de la Dictadura de Franco.

Al hablar de su vida hasta el momento, ya en la etapa 2 de la entrevista, empezó comentando sobre su socialización, intereses y curiosidad política iniciada en la escuela. Uno de sus mejores amigos estaba vinculado a la Juventud Socialista del PSOE, cree que por influencia familiar. Él acabó por llevarla, y a otros de sus amigos, a interesarse por política. Ella supone que su curiosidad política nace de ahí.

[...] yo cuando era pequeña, con 16 años, comencé a militar a juventudes socialistas del partido socialista obrero español. No fue algo tampoco muy... muy vocacional, sino que resultó de mi entorno, de mis amigos. Tenía amigos que resultaba que estaban muy politizados y como que el espacio de socialización era al final el espacio político ¿no? Entonces como que, un poquito sin querer, yo acabé ahí.

Considera que ese amigo de la escuela fue crucial para su trayectoria política. Había muchos encuentros de las juventudes en esa época y comentó que era divertido. Determinados valores se fueron impregnando en esa socialización, dijo Lidia. Ese amigo no estuvo en Podemos, pero mantuvieron la amistad.

Luego es curioso que, cuando he ido creciendo, a este amigo mío lo conservo todavía, es mi único amigo de la escuela que conservo a mi lado y él no entró en Podemos, él tuvo otro camino. Pero después, el resto de amigos con los que he interactuado y han sido verdaderos amigos durante mi vida, ninguno han sido personas politizadas.

Sobre sus amigos más cercanos actualmente, dijo que no están en la militancia política, aunque los considera progresistas. En la época que estaba como concejala o trabajando en Madrid, intuye que los descuidó un poco por hablar solo de política y tener menos tiempo, ahora afirma que están más cercanos otra vez. Con el tiempo, percibió que las personas que conoció en Podemos eran más compañeros militantes que amigos.

La entrevistada no tenía familiares militantes políticos, pero le contaban historias de un pariente que fue detenido por el franquismo. Por esa situación, por el miedo de los años del franquismo, su familia no presentaba la militancia política como una opción, pero transmitía valores demócratas, y considera que esos valores la han inspirado.

En mi casa había... se respiraba mucho el clima del franquismo de... 'no te metas en política. Mejor no te metas'. Ese miedo a que algo... porque la política no es un terreno seguro, la política no es un terreno apropiado para nadie ¿no? Entonces ese velo del franquismo sociológico está muy impuesto, pero, aun así, siempre me han transmitido valores profundamente demócratas. [...] Entonces, esa profunda convicción democrática sí que me la han inspirado.

A los 18 años, cuando tuvo que elegir su carrera, eligió derecho y ciencias políticas, a la que se refiere como “mundillo” y espacio de vanguardia. Para Lidia, las discusiones políticas que suceden en el espacio académico de esas carreras no solían salir de ahí hasta la sociedad, por eso dice “mundillo”. Empezó ese doble grado en la Universidad Pablo de Olavide en 2009,

cuando dijo que surgió un periodo que llama de “ebullición” en España, que sigue por los años 2010 y 2011, y ella lo vive desde de la Universidad, que considera como “islas”:

Y cuando cumpla 18 años pues me meto ya en la carrera de derecho y ciencias políticas, un doble grado, y... imagino iba por esa... ese mundillo. Porque, además, más que por el tema de oportunidades laborales, de futuro... era cómo... a mí me llamaba la atención que era el espacio como de la...de la vanguardia [...] Ya le digo, yo entro en la carrera en el año 2009; y entonces 2009, 2010, 2011 (que son unos años de ebullición, de crítica política y social en España) pues lo vivo en la universidad y en este espacio que es también tan particular dentro de la sociedad, porque al final las universidades son como islas ¿no? Islas donde todo se polariza un poquito más.

En 2011 comenzó a participar en la delegación de alumnos, lo que considera una forma más directa de colaboración. La cuestión de las desigualdades de género volvió a surgir en la entrevista, pero en esta vez en el ambiente de la militancia política.

[...] al ser un ámbito de movilización social pues también se habla mucho de desigualdades entre unos y otras, y no es tan fácil para nosotras participar. Entonces claro, era como: 'quiero colaborar', 'me siento rechazada por la dinámica del espacio, pero no me quiero quedar sin formar parte de esto'.

Mientras, inicia otras actividades extracurriculares en la Universidad, como parte de un grupo de admisiones a los nuevos alumnos, se pone en contacto con profesores y profesoras. Una de ellas destaca por su especialidad en estudios de género. Esa profesora estaba involucrada en un grupo de trabajo de Podemos y Lidia acabó por acercarse también para participar.

A la vez, en su vida familiar todavía estaba vivenciando la violencia y el abandono de su padre. Ella piensa que esas cosas que estaban pasando en su vida personal activaban también su lado político y su visión de la política. Así, reflexionó “[...] que son cosas que inevitablemente yo creo te activan a, por lo menos, plantearte las cosas como las veías”.

En ese momento también comenzó su interés por la política municipal. A través de la red social Facebook, empezó a enterarse de las actividades políticas de su pueblo y a entrar en contacto con la gente de ahí, personas con una óptica parecida a la que había conocido en su universidad, pero que se estaba movilizandando en la realidad social de ese municipio.

Para ella, fue interesante salir del espacio político universitario hacía el espacio político de su pueblo. Cuando inicia esa militancia política local, sólo tenía curiosidad, no obstante, luego se acercaron las elecciones municipales y estuvo cada vez más participativa. Se presentó como analista política por sus estudios en ciencias políticas, pero en poco tiempo se veía que estaba muy comprometida, más que la mayoría de las personas, se notaba la diferencia del compromiso y de la carga del trabajo entre los participantes, y, de hecho, llegó a ser la directora de la campaña.

La candidatura fue por agrupación de electores. Esa forma de presentación de lista para elecciones exigen un número de firmas. Empezaron la campaña en seguida, hablando con la

gente para conseguir las firmas necesarias. Comentó que fue todo muy seguido, rápido y al mismo tiempo natural: participar del grupo, venir el período de las elecciones, hablar con las personas del pueblo, conseguir las firmas y empezar la campaña electoral.

Sobre esa circunstancia, hizo una reflexión sobre la poca edad que tenía para ya ser la directora de una campaña electoral. Piensa que por ese motivo tomó algunas decisiones erróneas. No obstante, en general, hizo una evaluación positiva de ese período, dijo que estaba contenta de estar en frente de eso, de ponerse en contacto con la política de su municipio, ya que la política municipal le parece más popular, y el grupo en la que estaba inmersa le pareció muy entusiasta y de “tan buena vibra”.

Entonces como que todo salió porque salió natural, ¿no? Porque nos echamos a la calle a pedir esas firmas y como el caldo de cultivo estaba hirviendo... pues... mm... [se traba], conseguimos las firmas sin mucho esfuerzo. Y llegamos a un punto en el que de repente pues estábamos haciendo campaña. Y ya te digo, yo no sé qué edad tendría. Fue en 2015 pues... tendría yo 23 años, me vi de directora de campaña... tomando decisiones que ya te digo... [se ríe], tomando decisiones que claro, ya las he ido viendo y tomé muchas decisiones erróneas. Pero, por supuesto, ¿con 23 años qué se podría esperar?

La entrevistada distingue la campaña de otras que pagan para entregar papeletas. La suya era una campaña humilde porque ellos mismos entregaban papeletas y hacían todo lo demás: “[...] apostamos también a la hora de la austeridad ¿no?, de hacer una campaña humilde, ‘con poco se puede hacer mucho’, y nos íbamos con la mochila casa por casa... con los sobrecitos a echarlos en los buzones de los vecinos...”

Su evaluación sobre la campaña y la candidatura fue satisfactoria, a pesar de algunos errores y algunas veces haber pensado en desistir. Además, cuenta que fue divertido participar de la campaña con ese grupo: “Cometimos errores, pero nos divertimos porque yo creo que formaba parte de esa espontaneidad con la que al final salió todo”. Al final de las elecciones, en 2015, consiguieron elegir tres concejales y ella fue la concejala más joven de su pueblo. Ella apuntó como positivo tener esa experiencia con 23 años, haciendo ese tipo de política, tornarse la concejala más joven de su ciudad y además conseguir 3 concejales en esa candidatura, un número muy bueno para aquel municipio.

A pesar de su familia no estar involucrada en la política y tener sus reservas con ese tipo de participación ciudadana, ella se sintió muy amparada por ellos:

Y, aun así, me acuerdo que el primer mitin que yo di, la primera vez que yo hablé en público delante de un auditorio, ellos vinieron a verme enfrentarme al Partido Popular y estaban muy orgullosos, disfrutaron mucho. Yo es verdad que en ese sentido me sentí muy respaldada por ellos porque vinieron todos.

No obstante, tenía mucha preocupación por el pequeño negocio familiar de su madre, porque se viera afectado negativamente por su actuación en la política municipal. Por eso, ella

razonaba que debería tener mucha más responsabilidad y cuidado con lo que decía y como actuaba como concejala, puesto que podría afectar a su fuente de ingreso, de su madre y de su hermana.

En el primer momento como concejala pensaba que en ese período en la concejalía también iba a conseguir terminar lo que quedaba para obtener su carrera universitaria. Cuando pudo percibir que no, decidió entonces que terminaría la universidad después y no seguiría intentando hacerlo simultáneamente. Cuando habló de eso, refirió que es una persona muy intensa en las cosas que hace, a lo que se unía las tareas en la concejalía, donde tenía mucho trabajo y se le exigía dedicación. Estar en ese espacio le generaba también un mérito personal que la hacía sentirse bien por estar en una labor pública.

Lo iba dejando hasta que, yo creo que fue ya febrero de ese mismo año, de yo decir: 'voy a parar, voy a ser honesta conmigo misma, voy a aparcarlo y cuando pueda retomar lo voy a retomar'. Pero la verdad que es complicado porque, ya te digo, creo que fue un problema mío, que soy una persona que se vuelve muy intensa con las cosas que tengo entre manos; entonces, si estoy solo con la universidad pues soy tan intensa que la saco pronto, pero como estaba también con estas dos cosas y la concejalía me generaba una especie de mérito personal o me hacía sentir bien, veía que estaba haciendo una labor pública, pues volcaba todo en eso.

Sobre la relación de su carrera en la universidad con el trabajo como concejala, ella habló que, más que el contenido, el espacio de la militancia y de las tareas como concejala se convirtieron en una verdadera clase de ciencias políticas y que, al mismo tiempo, los conocimientos del grado le fueron útiles. Ella no había estado trabajando antes, solo con las prácticas de la carrera en un despacho de abogados durante un año más o menos. La mitad de ese trabajo no fue remunerado y el tiempo que remuneraron fue en términos de becaria.

[...] estar en la carrera en ese espacio que se convierte en una clase de ciencias políticas, que es una especie de micro laboratorio poli-ideológico maravilloso porque hay personas con ideas bastante claras. Son personas que suelen tener un análisis de lo que piensan, de dónde se posicionan (o en qué coordenadas se posicionan), y se forman. Entonces hay unos argumentos, un intercambio intenso. Entonces, yo creo que me llevo esa socialización, ese crecimiento en un espacio tan, tan politizado ¿no?

La experiencia como mujer concejala le proporcionó un cambio de perspectiva que considera positivo. Dijo en la entrevista que hay que aprovechar todos los espacios en los que se pueda hablar, no para sí misma, pero sí para las mujeres y para la comunidad:

Pues me ha dado un poco de perspectiva el ser concejala, en general. Perspectiva de lo que es la política en sí... o sea, de que es un espacio que tiene sus propias reglas, y que a veces son reglas un poco poéticas [ríe]. Y eso me ha ayudado mucho, porque yo llegué allí con una inocencia y un corazón abierto que casi me comen. Y también me ha enseñado un poco a valorar mi voz también, bueno a darme cuenta de... al estar tanto tiempo compartiendo con otras compañeras, sobre todo mujeres y demás; de lo importante, por mucho que nos duela el síndrome del impostor, por mucho que nos duela la falta de autoestima o la ansiedad, lo importante que es que las pocas mujeres que tenemos la oportunidad de tomar la palabra, la tomemos.

Acerca de los machismos en el ámbito de la concejalía, dijo que existían principalmente en los enfrentamientos políticos. Sobretudo con relación a su compañera concejala, indicó que cuando tomaba la palabra en público los hombres concejales de otros partidos políticos, la interrumpían y ridiculizaban en una clara actitud machista hacia ella.

Sin embargo, sentía un mayor descredito por parte de los concejales de los grupos más antiguos en ese espacio porque eran “los nuevos”. Las cuestiones generacionales estaban muy presentes. Por eso, razonaba que tenían que hacer todo muy bien, ya que los otros concejales estaban siempre esperando y buscando algún engaño para hacer acusaciones y también decir: “son los nuevos, son los antisistema”. Ella cree además que los subestimaron y que se fueron ganando el respeto de los otros por trabajar mucho en los recursos y en todas las tareas en la concejalía.

En junio de 2017, deja de ser concejala, después de cerca de 2 años. Los motivos que menciona para su salida son: 1) acredita que es importante que esos puestos sean rotatorios; 2) que se puede hacer política en distintos espacios; 3) porque necesitaba pensar en su futuro profesional, ya que la concejalía no le pagaba un salario.

Haciendo una revisión sobre ese tiempo como concejala, apunta que lo más emocionante fue la posibilidad de ayudar las personas:

Ay, pues me emocionaba poder ayudar a gente, la verdad. Me gustaba... Yo sé que la política no debe de ser existencial, para eso está la administración ¿no? El tema de ir al caso concreto y solucionarlo. Que la política yo creo que tiene que generar soluciones más amplias, para todo el mundo. Pero yo creo que había una labor más existencial como concejala que era muy importante, que era escuchar a la gente que te buscaba como punto de referencia [...].

Lo más difícil fue a nivel personal:

Es que hay varias perspectivas. Lo más difícil a nivel personal fue verme demasiado pronto en ese espacio, pero por el tema de madurez personal. Y ya luego de cosas concretas, me pareció horroroso el tema de que como había mayoría absoluta en el municipio, cuando a lo mejor la oposición llevábamos unas reivindicaciones de algún grupo, esas reivindicaciones ya no se cumplían porque las llevábamos nosotros. Lo hacían en modo de revancha.

Al mismo tiempo que describe que empezar como concejala con tan poca edad es un aspecto negativo, a lo largo de su discurso, cambia y piensa que también fue positivo, y reflexiona que si no hubiese optado a esa oportunidad no sería la persona que se ha tornado. En diferentes ocasiones de la entrevista habló de la poca edad como un aspecto positivo y otras como negativo. Señala que a nivel profesional tuvo experiencias prácticas que no se suelen obtener en la carrera con relación a políticas públicas, por ejemplo.

[...] quizás me metí demasiado que no pensé en mí, que no pensé en cómo esto podía afectar a mi desarrollo profesional, como esto podía afectar también a mi desarrollo

vital [...] Y eso es de verdad es lo que muchas veces me planteo, de si de verdad fue el momento adecuado ¿no? Después con todo lo que he aprendido quizás fue así porque tuvo que ser así.

Posteriormente, estuvo como asesora de Podemos haciendo análisis de discursos, como asistente de candidatos, de imagen y otras cosas, pero en poco tiempo tomó la decisión de salir del partido, también en 2017. Para ella fue difícil porque sabía que estaba cerrando una etapa que había sido “muy intensa”: “[...] la toxicidad del espacio político a nivel personal a mí me “hizo mucho en qué pensar y necesitaba volver a disfrutar”.

Buscó un trabajo en Ecuador, a través de un programa de cooperación al desarrollo, entre 2017-2018. Cuando volvió en 2018, estuvo viviendo un par de meses en Madrid buscando oportunidades de empleo. En 2015, cuando empezó como concejala, estaba en el último año del grado y no había conseguido terminar. Cuando vuelve de Madrid a Sevilla en 2018, sentía la necesidad de acabar la carrera para dar un impulso a su vida profesional, personal y académica. En el momento de la entrevista estaba concluyendo: “y volví y ya estoy terminando aquí la carrera, porque, cuando me pilla esto en 2015, yo estaba en el último año de la carrera y me pasó por delante todo, entonces no fui capaz de terminarlo”.

En el momento de la entrevista también estaba ayudando a sus compañeros que estaban formando la lista para las elecciones del año 2019, pero no quería estar en la lista, solo ayudando como simpatizante y militante. Dijo que estaba en un momento de análisis personal, con muchas preguntas. Para ella, que entró en la política tan joven no se trataba de mantenerse para siempre en eso.

[...] yo llevo un momento de análisis personal también de... bueno, “¿qué he hecho yo con mi vida? ¿cuál ha sido mi papel en la política? ¿qué sentido tiene? ¿cómo puedo yo aportar algo nuevo a la política?” Porque volvemos a lo mismo, yo ahora tengo 27 años, tengo una mínima experiencia con cooperación al desarrollo, tengo experiencia en análisis con partido, pero de eso no se trataba, que una persona tan joven entrara y se mantuviera ¿sabes?

Asimismo, comentó que actualmente hay una coyuntura distinta, que ya no hay el clima político del 15M, al revés, piensa que hay un movimiento al otro extremo. Ese clima político, que incitaba a la participación política en 2015, desde su perspectiva, siente que ha terminado, y que en este momento la movilización política es más difícil.

En ese momento prefiere asentarse, construirse y, una vez tenga construida una memoria más allá de la experiencia como concejala, piensa en quizá pueda volver a aportar algo en la política dentro de unos años: “[...] ahora mismo me toca centrarme un poco más en mi dimensión individual. Porque para poder seguir aportando, o que mi voz pueda aportar algo, yo también tengo que tener algo que ofrecer”. Para el corto plazo “me toca construirme a mí”,

mencionó que no estaba vinculada a ninguna organización institucional, ningún partido desde 2017, pero sí a una asociación, a un movimiento social que tiene un carácter más cultural, relacionado a temas como feminismo, antirracismo, anticlasismo y la identidad andaluza.

Después de tantas experiencias y cambios en su vida, cree que todavía lo que permanece para sí misma es: “Mi convicción por la necesidad de la lucha en la política por los derechos de las mujeres, mi convicción por la defensa del feminismo. Yo venía con eso previo y creo que salgo con más argumentos [ríe]”.

### **5.2.2 Ángeles**

Ángeles, la segunda entrevistada, tenía 34 años cuando empezó en 2015 como concejala. La primera entrevistada, Lidia, me puso en contacto con ella. Yo le envié un mensaje por WhatsApp y la carta de presentación por correo electrónico. Ella me contestó por mensaje para quedar en una cafetería en Sevilla, cerca de su trabajo.

Antes de empezar la entrevista, enseñé nuevamente la carta de presentación y al final el termo de consentimiento de la entrevista, de que los datos serían utilizados para la investigación, lo cuál ella firmo concordando con los termos. La entrevista duró cerca de 45 minutos.

En la primera etapa, apuntó los cinco hitos importantes en su vida para que llegara a ser concejala:

Etapa 1 - Cuadro de los hitos de Ángeles			
Hitos/momentos/ situaciones destacados	Edad a la que ocurrió o fecha aproximada	Motivo por el que es importante	Personas o hechos relevantes para ello
Acuerdo Izquierda Unida (IU) + PSOE Andalucía	32 años	Me decepcionó mucho que IU se uniera a quien estaba antes.	Parlamentares Andaluces
Desahucio de amigos y familiares	33 años - hoy	Vi que no se preocupan la gente desde la administración	Personas de mi entorno
Separación de mis padres con injusticia hacía mi madre	15 años	Vi que se trataba de forma injusta al débil y se desprotegian	Jueces
Vivencias de cerca de necesidades de familias	33 años - hoy	Participando de forma activa con colectivos vi la injusticia hacia gente necesitada y la impotencia	Plataforma PAH
Enchufismo de los cargos políticos en mi pueblo	28 años - hoy	Favorecen a sus amigos anteponiéndolos a gente que lo necesita	Gente de mi pueblo

Cuadro de los hitos de Ángeles

Dos de los hitos fueron relacionados con personas de su entorno personal:

1) La separación de sus padres, donde apunta la injusticia hacía su madre. Ella tenía 15 años en aquel momento. Escribió que el motivo por el que es importante fue que se dio cuenta “que se trataba de forma injusta al débil y le desprotegían”. Las personas relevantes para este hecho, según señaló, son los jueces.

2) Lo segundo que apunta, y tiene que ver directamente con su entorno personal, son los desahucios de amigos y familiares. Empezaron a ocurrir cuando tenía 33 años. Tal y como señala, en ese momento: “vi que no se preocupan de la gente desde la administración”.

Además, puso dos hitos que tienen relación con la política en general, como un acuerdo entre Izquierda Unida (IU) y el PSOE en Andalucía, cuando tenía 32 años, y lo que llama de “enchufismo de los cargos políticos”, que empieza a observar en su pueblo cuando tenía 28 años. Ella escribió que hacen eso para favorecer a sus amigos “anteponiéndolos a gente que lo necesita”.

El quinto de los cinco hitos tiene que ver directamente con su militancia política. Escribió que: “participando de forma activa con colectivos vi la injusticia hacia gente necesitada y la impotencia”. Menciona su participación en la Plataforma de los Afectados por la Hipoteca (PAH)<sup>94</sup>, con la participación en ese movimiento social vio de cerca familias que estaban muy necesitadas de ayudas.

En el segundo momento de la entrevista, cuando pedí que hablase de su vida hasta el momento de la entrevista y como esos hitos contribuyeron a que llegara hasta concejala, Ángeles empezó indicando que su familia había sido siempre humilde y trabajadora y que habían pasado por muchas dificultades: “Mira, yo siempre he sido de una familia humilde. Trabajadora, pero... y con poco dinero, y... La verdad es que hemos pasado muchas penurias y nunca... Ayudaron a mi familia en nada de las situaciones [...]”.

Volviendo al tema de la separación de sus padres, habla de la violencia psicológica que sufría su madre por parte de su padre, que además las echó de casa: “Luego ya, con 15 años, mis padres se separaron. Mi padre... tenía un carácter muy fuerte y maltrataba a mi madre psicológicamente. Entonces hubo un momento, pues... nos echa de casa a mis hermanas y a mí, que éramos menores las tres...”.

Esa situación familiar y las injusticias que sufrió por parte de los sistemas legislativos y jurídicos, que deberían haberla protegido por ser menor de edad, la marcaron. Tuvo que convivir en la misma casa sus padres divorciados y después por meses con su madre en una tienda de campaña. Ella caracteriza eso como un golpe muy duro en su vida, como cuenta en la siguiente citación:

Mi madre pone ese mismo día una denuncia de que nos había echado y eso, y no pasa nada. Al día siguiente, mi padre puso una denuncia porque... por abandono de hogar a mi madre, y fueron a buscar a mi madre. Y... bueno, yo viví 9 meses en una tienda de campaña con mi madre en ese tiempo y en esos meses se divorciaron mis padres. Como la casa donde vivía no era de mi padre ni de mi madre, el juez dictamina que tenemos que convivir con mi padre, en esa casa... porque no es de ninguno. Y, bueno, pues... ese fue un golpe muy duro para mí porque vivíamos mal con mi padre y teníamos que seguir estando así por... por una injusticia que nos obligaba la ley. Ehm... Luego, ya después, pues... seguimos allí con malestar en casa, y...

Contó que cuando fue madurando, fue entiendo mejor las cosas que estaban ocurriendo: “Bueno... ya cuando va ya una madurando, te vas dando más cuenta de lo que hay a tu alrededor”.

---

<sup>94</sup> La PAH, según la propia página de la organización, es una iniciativa de la ciudadanía para conquistar el derecho a la vivienda. Página Web: <https://afectadosporlahipoteca.com/2019/05/23/aclaracion-la-pah-es-y-seguira-siendo-apartidista-2/> acceso en 21 de enero de 2020.

En el momento que empieza la crisis económica en España, derivada de la crisis financiera global de 2008, las personas cerca de ella sufren con desahucios, mudanza de ciudades y hasta de país. En esa coyuntura se acerca a los movimientos sociales por las viviendas. En ese ambiente conoce a mucha gente humilde y trabajadora que son afectadas por la crisis, que no encuentran trabajo y son desahuciadas de sus casas.

Y pues ya empezó a llegar la época de la crisis; yo siempre he estado trabajando... Me fui pronto de casa, con 21 años, pero siempre cerca de donde vivía a mi madre. [...] Pues, llegan los desahucios. Y a gente muy cercana, por ejemplo, a una de mis hermanas, la desahuciaron y ahora está en otro sitio viviendo. Mi otra hermana también estaba de alqu... de... tenía ella su hipoteca y su alquiler social con el banco porque le quitó la vivienda y ahora, al final, está en Badajoz. Ehm... Tengo a uno de mis sobrinos trabajando en Alemania porque aquí... no encuentra nada y...

Trabajando para ayudar a las personas, una vez más se decepcionó con el poder público, pues observaba que la administración pública no actuaba como debería, con soluciones para los problemas sociales que estaba sufriendo la población: “Y entonces vas trabajando con la gente y vas viendo todas las cosas que ya no son solamente la vivienda, sino que la administración tampoco los ayuda como debe...”. Además, mencionó otra vez que los que estaban en el gobierno ponían a sus amigos en los cargos políticos.

Ángeles considera que siempre fue de izquierdas, pero no tenía mucha opción de partido político hasta que surgió Podemos y empezó a participar: “Llega un momento que... Yo siempre he sido de izquierdas, y nunca he votado a un partido hasta que llegó Podemos. [...] Ya me he quedado sin opciones, ¿no? Y cuando salió Podemos pues empecé a participar”.

Ella y su grupo político en su municipio no se veían preparados para presentar la candidatura, por no tener experiencia política, pero sí veían que hacía falta un cambio en la realidad del pueblo y deciden presentarse para aquellas elecciones. Lograron conseguir tres concejales y ella fue una:

Y... al principio no nos veíamos preparados para presentar una candidatura porque no sé, ninguno éramos políticos, no habíamos estado nunca en ningún partido, éramos novatos y... pero bueno, que como veíamos que hacía falta un cambio realmente allí en el pueblo, pues decidimos dar el paso. Pusimos una asamblea para ver si intentábamos presentarnos y salió que sí. Y nosotros pues, desde ese momento, intentamos presentarnos. Al final conseguimos tener un programa, conseguimos tener a la gente, conseguimos tener las firmas para hacer la candidatura popular... Y, bueno, sacamos tres concejales [...].

En esos años como concejala cree que las pocas cosas que consiguieron la dejaron satisfecha, pues contó que era una lucha diaria con mucho trabajo. Como estaban la oposición, los logros eran pequeños, pero señaló que pudieron ayudar y hacer sus contribuciones. Cuando se desarrolló la entrevista ya se preparaba para las siguientes elecciones:

[...] y la verdad es que, hasta ahora, pues los 3 años, casi 4 ya que llevamos trabajando, pues hemos seguido poquitas cosas porque somos oposición, pero sí es verdad que hemos conseguido algunas que te alegran un poco con el trabajo y la lucha que tiene diaria...pues, algunas cositas que te alegran de... pues mira, hemos podido ayudar en algunas cosas. Y bueno, ahora estamos preparándonos para la... la siguiente.

En el tercer bloque de la entrevista pregunté, de acuerdo con el guion, sobre los temas que no había hablado o profundizado en respuesta de la pregunta amplia. En primer lugar, hice preguntas sobre la familia, para saber que papel había tenido en su trayectoria política.

La entrevistada considera que su familia es de izquierda, pero que no son militantes. Recordó un caso hace unos años que estuvieron involucrados en contra del plan de organización del territorio, ya que querían quitar una parte de viviendas de su pueblo, que pertenecían a gente mayor y una de ellas de su abuela. Sus familiares estuvieron en las manifestaciones, al final consiguieron que se parara el plan de organización del territorio. Esa es la única situación que considera que su familia estuvo más involucrada en la política.

Dijo que su familia la apoya como militante, sobretudo su madre que dice que está muy orgullosa. No hubo cambios en las relaciones familiares o desaprobación una vez que empezó su carrera política. Lo que considera que ha cambiado es la falta de tiempo, pues, como concejala tiene muchos compromisos y menos horas para estar con ellos.

Sobre la influencia de la escuela y la universidad en su militancia, cree que no hay. Habla de un profesor de izquierda que tenía, pero tampoco él hablaba mucho sobre eso en las clases: “En el instituto sí tuve a un profesor que era así, más de izquierdas y además te lo demostraba, pero realmente no... realmente, lo que son los estudios, no han influido en eso...”.

Ella sí tenía un gran interés por la lectura que le fue dando información fuera de esos espacios formales educativos. En cualquier caso, ya se consideraba de izquierdas en el instituto: “Vamos, de hecho, yo cuando ya estaba en el instituto ya tenía mi idea de que yo era de izquierdas, y todavía ni votaba [ríe]”.

En la universidad casi no ingresa, pero finalmente empezó Química. Salió en poco tiempo por tener que trabajar y no conseguir conciliar estudios y trabajo: “La Universidad entré, pero me tuve que quitar porque no podía compaginarlo con el trabajo, pero los profesores no me han... de lo que es precisamente político, no me han repercutido de ninguna manera”.

Ella tiene formación de sanitaria y se dedica a trabajar con mayores. Cree que las vivencias de la profesión la influyen en querer ayudar a la gente:

Yo soy sanitaria, estudié sanitaria, y me dedico a trabajar con gente mayor, con el chaval éste ciego, por ejemplo... Y, bueno, yo lo he hecho siempre por vocación. Es una cosa que siempre me ha gustado desde chica. Yo siempre decía que quería ser enfermera para ayudar a la gente, y siempre me ha gustado lo de la gente. Y, claro, tuve la situación de muchas personas mayores que están esperando que le aprueben la

dependencia, que necesitan a alguien porque no tienen familia, y... las tienen ahí, sin cubrir, medio abandonadas. [...] Pues esas cosas te afectan, claro, vamos, y te influyen... Y ves que no están atendidos... la gente.

Como no recibe un salario como concejala, ella sigue trabajando como antes, pero siente difícil compaginar el trabajo con sus labores como concejala:

Cada ayuntamiento tiene unas normas, tiene un dinero... Entonces claro, en nuestro ayuntamiento, por ejemplo, los concejales de la oposición ni tenemos liberados, y entonces lo que nos pagan, por ejemplo, es la asistencia a plenos por comisiones, con un máximo al mes. Entonces, claro, yo sigo trabajando en mi trabajo.

Sobre sus amigos, comentó que la mayor parte no son militantes: “La mayoría sí es verdad que son de izquierdas, pero no todos son tampoco de Podemos, sino que hay algunos del PSOE, otros de Izquierda Unida... tengo algunos incluso de derechas, pero... intentamos no hablar de política [ríe]”. Después de empezar la militancia mantuvo los amigos que tenía anteriormente y ha conocido a gente nueva participando de Podemos. Las relaciones con los amigos de antes no habían cambiado, lo que pasó fue lo mismo que con la familia, que tenía menos tiempo para estar con ellos. En varios momentos de la entrevista mencionó que tiene muchas tareas, compaginando su vida política de concejala y manteniendo su trabajo, lo que le acaba quitando el tiempo para estar con familia y amigos.

Respecto al tema de la militancia política y la carrera política, inició la militancia política hace cinco años y antes tuvo experiencias de participación política puntuales:

De hace 5 años para acá, realmente. Yo no... No... Ni he militado nunca. Lo único que hacía, a lo mejor... Por ejemplo, ahí... cuando yo tenía 16 años y por ahí, pues un grupo de chavales... que algunos eran del partido y los otros no éramos de nada, pues queríamos hacer una plataforma de juventud... Nos movimos para hacerla y eso... Pues cosas así, sí. Pero de partidos, nunca.

Para la candidatura como concejala no se veía preparada:

Yo estaba pensándome que, claro, siempre tiene que ser gente preparada, los mejores... Y yo no me veía preparada, yo no me veía de la mejor, yo... no me iba a presentar. Y entonces, varios compañeros hablaron conmigo: “no, que tú vales, porque tú no sé qué...” y yo no iba muy convencida.

Entró en lista por el gran incentivo de sus compañeros, que dijeron a Ángeles que debería estar por toda su labor:

Primero, cuando empezamos a formar la lista, es verdad que las mujeres somos menos... de pensar que podemos hacer ese trabajo. Siempre era “ay, no veo yo ahora mismo... no preparada para eso”. Y sí es verdad que, bueno, por el empuje, a lo mejor, de otros compañeros, de decir “que chiquilla, que tú tienes que estar en la lista, que tú vales, que tú te lo curras, que tu...”, pues das al final el paso. No por ti misma, a lo mejor, sino por la gente que tienes detrás diciéndotelo.

Cuando comenzó como concejala, dijo que al principio fue difícil entender las tareas de la concejalía. Preguntaban a compañeros de Podemos que tenían más experiencia, buscaban lo

que no entendían y leían mucho: “Pues mira, por ejemplo, nosotros cuando empezamos no teníamos idea de nada. Entonces, claro, los primeros dos o tres meses fueron de estar dándote porrazos con todo... De, ‘Uy, esto no sabemos lo que es’, y ahora hártate de leer... Pregunta a uno u otro...”.

El partido empezó a ofrecer cursos sobre municipalidad y otros cursos de formación que les ayudaron también. Sobre todo, cree que fueron muy autodidactas. En ese proceso por ejemplo, crearon un grupo de Telegram para compartir informaciones con concejales de Podemos de otros municipios: “luego hemos sido mucho autodidacta los tres, porque claro, te salía alguna cosa y te ponías a buscar... Preguntabas a uno, preguntabas a otro, mirabas por Internet las leyes...”.

Cuando le pregunté sobre cómo es ser una joven mujer en ese espacio político, Ángeles dice que tiene que aguantar muchas cosas de los que dicen que son feministas y al final pasa por muchas situaciones machistas:

Después, claro, tienes que llevar tu casa [ríe], tienes que llevar el papeleo... Y preparar los plenos. Y reunirse con la gente y... de ir con un compañero, y que le hablen a él en vez de a ti. Y tú: “Viene acompañándome. La concejal soy yo; a lo mejor no es concejal”. Y, pues de ignorarte directamente, y tú: “Ehmm, te estoy hablando”.

Sobre los momentos que más le hicieron ilusión como concejala, describió varias oportunidades en que pudo ayudar a la gente de su municipio que pasaba por situaciones como falta de agua y otras de mucha necesidad: “la verdad es que esas cosas son las que nos han ido dando más empuje para seguir”. Como momento difícil, cuenta una situación que están viviendo actualmente, para tornar la ciudad más accesible a quién necesita de silla de ruedas. Hablando de ese caso, indica que lo que complica es que se ponen muchas “barreras” para ayudar a la gente.

Este tiempo como concejala, le ha permitido conocer como funcionan las cosas, los políticos que non son fiables y los que no hacen nada, pero siguen teniendo votos: “No sé, yo creo que eso: algunas cosas decepcionantes, otras cosas de ilusión, de ‘pues mira, se han podido hacer cosas’, y la madurez esa de aprender a controlarte un poco [ríe]. Morderte la lengua”. Señaló que aprendió a esperar el mejor momento para hablar y hasta callarse en algunas situaciones: “Aprendes también a callarte... Cuando ves cosas, intentas esperar para contestar de otra manera, porque si no contestas así, en frío, te dejan a ti mal y... Un poquito de más paciencia”.

Evaluó que en general su tiempo como concejala fue positivo, que aprendió mucho y conoció a mucha gente. Como señalé anteriormente, en la época de la entrevista ya había

tomado la decisión de postularse otra vez en las próximas elecciones. Cree que todos se deberían involucrar más en la política para que las cosas puedan cambiar realmente:

Y claro, después, en general, general, para mí es positivo. A mí me ha gustado y, de hecho, voy a repetir. Yo no sabía si repetir o no y, al final, voy a repetir. Y... bueno, yo creo que además es necesario; creo que la gente se debería involucrar más y poder cambiar las cosas realmente. Que se informen bien de lo que pasa y de lo que no pasa, porque es muy fácil decir 'no, es que esta gente...'. Y luego, a lo mejor, si te metes un poquito más, pues a lo mejor sí que es verdad, pero te das cuenta de otras cosas, de otro trasfondo. Y yo creo que todo el mundo se debería implicar un poquito más.

Señaló como negativo las ocasiones en las que no pudo demostrar que las cosas no estaban bien y no había manera de cambiarlas. Algunas veces, dijo Ángeles que hasta las leyes impiden el cambio: “Hay veces que te das cuenta de cosas, te enteras de cosas, y te enfadas porque no sabes, no tienes... No puedes demostrar, a lo mejor, algo, y tú estás viendo que no es legal, o lo que sea, pero no tienes forma de demostrarlo y te... te da rabia”.

Cuando pregunté lo que permanecía de la misma forma en su vida después de esa experiencia en la política como concejala, ella contestó que casi todo: “Y la política, realmente, pues no me ha cambiado mucho. Al menos, a mí. Yo creo que sigo siendo igual; yo sigo con los mismos amigos, sigo intentando ver a mi familia siempre que puedo”.

Apuntó como un cambio en su vida en ese período el hecho de que conoció a su pareja en la militancia la política. Citó una vez más que ahora tiene menos tiempo en su vida personal: “Yo creo que lo que cambia, realmente, es eso: el tiempo que tú pierdes de tu vida personal y de tu ocio, porque, claro, tú tienes también tu tipo de trabajo igual, no lo pierdes”.

Por ese motivo, por lo agotador que es compaginar la vida con la función de concejala y también por creer que hay muchas formas de ayudar las personas, había decidido que la próxima será su última legislatura como concejala. Ella está satisfecha con su ocupación y no quiere la política como carrera/profesión: “Bueno, yo tengo muy claro que mi vida política va a ser muy corta, porque yo no quiero vivir de la política, ni mucho menos”.

### **5.2.3 Carlota**

Carlota, la tercera concejala entrevistada, también fue recomendada por Lidia, la primera entrevistada. Lidia comentó con Carlota la investigación y le pareció bien participar. Tenía 30 años cuando empezó como concejala y 34 años en el momento de la entrevista, tenía pareja y un hijo de algunos meses, vivía con ellos y ya había terminado su carrera de grado en educación primaria con mención en educación especial.

Yo la llamé por teléfono y envié la carta de presentación por mensaje de WhatsApp. Como tenía su hijo bebé, quedamos para la entrevista en su casa. La entrevista duró alrededor

de 40 minutos, su pareja estaba en la casa y se quedó con el niño mientras estábamos en la charla de la entrevista. Algunas veces nos interrumpió el sonido del timbre o el llanto del bebé por su madre, pero fueron intervalos muy breves y la entrevista trascurrió muy bien.

Como en las otras entrevistas, empezamos con la primera etapa para rellenar el cuadro con los hitos.

Etapa 1 - Cuadro de los hitos de Carlota			
Hitos/momentos/situaciones destacados	Edad a la que ocurrió o fecha aproximada	Motivo por el que es importante	Personas o hechos relevantes para ello
Charlas políticas en mi casa	Desde que tengo uso de razón	Mis padres crearon conciencia política en mí a base de hablar entre ellos o a mí	Madre y padre
Situación de mi país	29 años	Esta situación de desesperación social me hizo empoderarme y dar un paso al frente	15 M
Injusticias sociales	A lo largo de mi vida	Siempre he sentido la necesidad de defender a las personas que están en situación de desigualdad	Mi familia

Cuadro de los hitos de Carlota

Después de rellenarlo, pasamos a la segunda etapa, donde la entrevistada comenzó hablando de lo primero que había escrito en el cuadro: las charlas políticas en su casa. Contó que había crecido con sus padres hablando con naturalidad de asuntos políticos en los ambientes familiares, y que ahí empieza su interés por el tema:

En mi familia, en general, siempre se ha hablado de todo. De todo y delante de mí, siempre. Dentro de... unos filtros, obviamente, por ser una niña, pero yo desde que tengo uso de razón, en mi casa se ha hablado de drogas, de... de sexo a lo mejor no tanto, pero de drogas, de política, de cosas de la actualidad en ese momento... siempre. Entonces, a lo mejor, mientras estábamos comiendo, para mí era lo más normal del mundo que el telediario estuviera puesto, que mis padres entre ellos mismos, a lo mejor, estuvieran hablando: 'que si el presidente del gobierno tal, que si tal ministro ha hecho esto, que no sé que'. Entonces, para mí ha sido siempre como algo muy normal... de estar escuchando en mi casa hablar de política, igual que, a lo mejor, yo pienso que en otras familias es un tema como tabú. O bueno, no tan... Simplemente que no les interesa. Pues en mi casa era algo normal. Ehm... Y yo creo que, eso; pues lo fui cogiendo como una normalidad, y cuando ya fui siendo mayor y tal me empezó a interesar bastante la política.

La primera opción que barajó para empezar su compromiso político fue ingresar en el PSOE, pero nunca estuvo segura: “En un primer momento, quise entrar en el PSOE, en el Partido Socialista... Lo que pasa es que no me... no me llegaba. Había algo que no me llegaba”. En esa época tenía entre 24 y 25 años, hasta fue a informarse del partido para empezar a participar. Piensa que fue mejor no haber ingresado:

Pues quizás unos 24... 25. Pero no me cuadraba. Había algo que me frenaba. Llamé y todo para informarme, para entrar en las juventudes y tal, pero no... había algo que me chocaba. Y... al poco tiempo de eso, empezaron a salir los casos de corrupción del PSOE y tal, y me alegré de no haberme metido porque creo que habría sido, así un poco entre comillas, una mancha en mi expediente, ¿No? (ríe). El haber pertenecido a ese partido.

No tiene esa duda cuando surge Podemos, el partido con el que se siente más identificada y representada. Ella tenía 29 años cuando les votó en las elecciones europeas y luego empezó a participar del grupo de ese partido que se formaba en su municipio. Creía que era importante tener ese compromiso social y lo veía como una obligación para contribuir de alguna manera con la sociedad:

Cuando yo me decido ya a meterme en política activamente, que fue en Podemos, ahí sí que no lo dudé en ningún momento. Yo pensaba que era el partido que mejor me representaba y que... con el que yo me sentía más identificada por sus ideas. Entonces, pues... Fue justo al surgir Podemos. Podemos empezó, si mal no recuerdo, ¿un 2014 o 2015? Yo tenía, pues, unos 29 años y... Se presentó a las elecciones europeas y yo los voté. Y al nada, se creó ya el círculo en [nombre del municipio], que es donde yo estaba viviendo en ese momento. Ahora, no. Y... y es que me sentí como en la obligación. Era como... Es muy raro [ríe], porque era como una obligación moral y era como un compromiso social. Yo... yo pensaba que tenía que contribuir de alguna manera en la sociedad.

Cuando empezó a participar del círculo político de Podemos no imaginaba que sería concejal, dijo que fue una cosa que “surgió”. La idea de Carlota de presentarse como candidata en las elecciones municipales fue al principio del grupo:

Ellos vieron potencial por... los motivos de los que hemos estado hablando y me lo propusieron. Y a mí, es que siempre me ha gustado... a mí, el hablar, hablar en público, el tratar con gente... como me encanta, pues lo vi chulo. Cuando me dijeron ‘oye, creemos que tú puedes ser una buena candidata’, dije ‘bueno, pues para adelante’. Yo... siempre digo... casi siempre digo que sí a todo; entonces fue ... Pero fueron ellos, no fue algo... Yo me iba a presentar a las listas. Yo quería ir en las listas del partido, pero no se me había pasado por la cabeza ser la número 1, la candidata.

Habló sobre el último hito que había puesto en el papel, que fue “las injusticias sociales”. Ese hito ella lo relaciona mucho a una necesidad que siente de ayudar a las personas en situaciones de desigualdad y se identifica como “justiciera”. Se acordó que su madre veía en ella esas características:

Y luego, lo último que te puesto ha sido ‘injusticias sociales’, ¿vale? Yo, a lo largo de mi vida, desde que tengo uso de razón, siempre me he sentido en la necesidad de ayudar a desprot... no tanto de proteger, no; de ayudar a las personas desfavorecidas,

a las personas que por x motivo y x situaciones, pues están en ries... Lo qué te he puesto; te he puesto 'en situación de desigualdad'. Por el motivo que sea, yo siempre he sido muy justiciera, ¿no? Desde chiquitita. Mi madre siempre me decía que yo era muy madre, porque yo iba protegiendo a todo el mundo, ¿no? [ríe]. Y pendiente de que todo el mundo estuviera bien.

Identifica esa característica con los valores que recibió de su familia, sobre todo de su madre:

Entonces, pues, también yo creo que es algo que me ha inculcado mi familia; mi madre es, sobre todo, una persona que siempre intenta que todo el mundo se sienta bien, que estén cómodos, que estén cuidados... Entonces, pues... Yo creo que lo he aprendido de ella y fijate que es uno de los motivos que... creo que a mí me empujaba a eso, a... hacer algo por la gente. Y ya está.

Cuando terminó de hablar sobre su vida a partir de los hitos que había escrito, pasamos a la tercera etapa de la entrevista. Al principio pregunté algunas cosas más sobre su familia. Carlota se acordó de sus tíos que eran militantes políticos: "[...] cuando yo era pequeña, mis tíos (los hermanos de mi madre), estaban en Izquierda Unida. Y, a parte, también uno de mis tíos era (de estos dos)... era... un líder sindical en su trabajo". También recuerda que su madre, cuando era joven, estuvo un tiempo en el Partido Comunista. Contó un recuerdo que tenía de su primo muy pequeño con 3/4 años en un mitin y explicó que en su familia la política era algo muy natural, lo que la fue influyendo.

Afirmó que sus padres se sienten orgullosos de que sea concejala, aunque sientan también un poco de miedo. Ese sentimiento de miedo ella supone que viene de la dictadura franquista, que después de décadas sigue en la memoria.

Ellos sienten orgullo de que yo sea lo que soy y a donde he llegado. Sí es verdad que a mi madre le da un poco de miedo, porque... quieras que no, aquí en España, aunque hay libertad, entre comillas, ehm... el miedo de la dictadura todavía sigue. ¿Cuánto hace? Cuarenta años después, o cincuenta ya; ese pequeño miedo sigue, y entonces mi madre muchas veces me dice 'No, no te señales. No te... No seas tan clara, ten cuidado siempre, ¿sabes? No pongas en redes sociales tus ideas tan claras', y yo siempre le digo que no tengo que ocultarme, que no... yo no tengo porqué engañar a nadie, que mis ideas son las que son.

Además del orgullo y de cierto miedo de sus padres porque ella demostrara ideas políticas tan claras, dijo que no hubo cambios en las relaciones familiares en ese periodo, solo que tiene menos tiempo para estar con ellos: "*No solo la concejalía, sino la política en general, porque yo tengo más... me dedico a más cosas dentro del partido, y ahí he tenido que sacrificar un poco la familia y los amigos*". Comentó también que llevaba a su hijo pequeño, de pocos meses en el momento de la entrevista, a las actividades políticas en las que participa.

Con relación a la universidad y la escuela, piensa que la primera no influyó mucho, Tampoco participó en la delegación de estudiantes o agrupaciones parecidas en esa época. La escuela le influyó en una doble perspectiva, una negativa y otra positiva.

Mi maestra de... durante los primeros 4 años de la primaria, era franquista. Era horrible; nos trataba súper mal y eso sí que me afectó bastante y... Y ahí se quedó la cosa. Luego, durante los dos años siguientes, era una maestra comunista. Eran como la noche y el día. Y yo creo que sí que me influyó. Tanto una para saber lo que no quiero, como la otra para abrirme la mente. Era una educación muy, muy pionera para la época. Yo soy maestra de... O sea, mi carrera universitaria es magisterio, y yo... hay muchas cosas que he estudiado en la Universidad, de técnicas de enseñanza, que me he dado cuenta de que las llevaba a cabo mi profesora, la comunista, cuando yo era una niña. Entonces, aluciné, porque dije 'en esa época, eso no lo hacía nadie'. Entonces, yo creo que ella... O sea, las dos, me han influenciado en saber qué quiero y qué no quiero en la vida.

La entrevistada es maestra, pero todavía no había conseguido ejercer su profesión y había tenido empleos con contratos precarios y malas condiciones, lo que le había impedido tener estabilidad. Reflexiona, en el momento que habla, que quizá esa situación de precariedad laboral también haya influido en sus ideas y participación política:

Quizás, lo único... bueno, sí, que el tipo de contrato que tengo allí es completamente injusto y no es ni medio normal. Entonces, sí, puede ser que a lo mejor el trabajo me haya hecho ver que el tipo de... (ay, que no me sale; es que he dormido poco por el niño). El tipo de... contrato que se les hace a las personas jóvenes, sobre todo, pues... no favorecen una estabilidad, no favorecen que podamos tener un futuro digno, que podamos plantearnos comprar una vivienda... Pues sí. Y claro, todas esas desigualdades, que las vives en primera persona, te hacen también que tú digas 'coño', voy a luchar por esto porque, es que tiene que haber un cambio'. Un cambio en eso. Por ejemplo, en los tipos de contrato, en... a nosotros nos contratan a través de empresas externalizadas de trabajo temporal y... Pues todas esas cosas hacen que tú no puedas tener una estabilidad... una estabilidad laboral. Pues sí, claro, puede que eso haya influido.

A pesar de las malas condiciones que tenía en el trabajo, tuvo un jefe que entendía cuando Carlota necesitaba cambiar los días de trabajo para participar de alguna actividad política:

He tenido la suerte de que a mi jefe le gustaba; o le gustaba o le parecía gracioso, o lo que fuera, el tema de que yo me hubiera metido en política, y me dejaba muchísimo... muchísimo tiempo libre. Si yo le decía que tenía una reunión con un colectivo, o tenía que dar un mitin, o que tenía que dar... cuando nos presentábamos a las elecciones, me daba el día libre siempre.

Pretende en el futuro cercano trabajar como maestra, lo que es su formación universitaria y su vocación. Para ella, la política es muy agotadora y no piensa en seguir con una carrera política:

Yo no quiero vivir de la política. Primero, porque la política agota psicológicamente, y segundo, porque yo no me he metido en política para ser política profesional ni para vivir de la política toda la vida. Mi vocación es ser maestra. Yo soy de educación primaria y de educación especial. Entonces, yo el día de mañana quiero trabajar con niños y quiero vivir de mí... lo que yo he estudiado.

En el tema de la socialización y de las amistades, dijo que sus amigos: "[...] respetan; saben que somos políticos y... pero... yo cuando estoy con mis amigos, no soy política [ríe]. Soy yo, y no he cambiado, ni nada, en ese aspecto". Dice que lo único que ha cambiado en la

relación con los antiguos amigos es que ahora tiene menos tiempo verlos. Además, cuando habla de sus amigos, diferencia su grupo de amigos de los compañeros de militancia. Igualmente separa su vida personal de la política:

Sí es verdad que hemos hecho muy buenas amistades dentro de la política, pero no... no los definiría tampoco como un grupo de amigos. Son... compañeros. Si tengo que quedar con ellos para tomarme algo, se queda, pero yo tengo... Mi vida política y mi vida personal las tengo muy separadas.

Sobre como es ser una joven mujer concejala, dijo que en un primer momento puede parecer que no haya diferencia con los otros compañeros, pero afirma que en los pequeños detalles se notan las diferencias: “Pues, a priori, así a rasgos generales, puede parecer que es normal, ¿no? Que si yo me siento igual que mis compañeros y no hay diferencias... Pero luego, si analizas, hm... en pequeños detalles, sí que... sí que se nota la diferencia”. Antes de presentarse en las elecciones municipales, en una reunión con otro partido, la llamaron “guapa” y se sintió muy ofendida. Respondió a “gritos” que se dirigieran a ella con respecto. Igualmente, refiere que al empezar en el ayuntamiento la llamaban “niña” en una tentativa de descalificarla por ser una joven mujer en la política:

Ehm, bueno, detalles... A lo mejor, enterarme que... cuando entramos, ¿no?, ya en el Ayuntamiento, yo era ‘la niña’, ‘la niña esa’. ‘Porque la niña esa de Podemos...’. Siempre como un poco despectivo, ¿sabes? Te intentan infravalorar por dos motivos: por ser joven y por ser mujer.

Hasta con sus compañeros de partido hubo situaciones complicadas por tener que demostrar que tiene “facultades” más allá de las relacionadas con su edad y genero:

Entonces, pues sí, es complicado, porque también... Yo me mosqueaba mucho con mis compañeros al principio, porque cuando ya se decidió que yo fuera, un poco, la... la portavoz, la líder del movimiento en el pueblo, la cabeza visible, ¿no?, ehm... Algunos daban el motivo como que ‘bueno, como eres una mujer, eres joven, eres así atractiva, vende más, así que podemos conseguir más votos’. Y yo decía siempre que... es que me... me da muchísimo... pero yo decía siempre que... es que yo creía que tenía más méritos que los que ellos veían. Que yo había luchado mucho, y que yo tenía muchas más facultades que ‘ser joven y mujer’, entonces, me... me... yo me enfadaba un montón. Me hería, porque, *joder*, que una trabaja mucho para que luego destaquen eso, ¿no?

Relató una situación en la que un hombre le intentó explicar a ella lo que era una huelga feminista. A pesar de situaciones como esa, dijo que tiene ganado el respecto tanto de los compañeros en el ayuntamiento como del partido:

Entonces, era cómo ‘¿Te crees de verdad tan superior a mí, por ser hombre, que me vas a explicar lo que es la huelga feminista? ¿Encima de que soy mujer y encima de que tengo el cargo de enlace del feminismo, me vas a explicar...?’. Sí, tenemos que aguantar ese tipo de cosas... y mucho. Mucho, mucho, mucho. Pero bueno, yo me he ido ganando poco a poco, y más o menos, el respeto. El respeto tanto de mis compañeros como del resto de partidos.

Para ganar ese respecto, cree que ha tenido que demostrar más durante ese período como concejala que sus compañeros, y eso por ser mujer:

[...] a lo mejor, me he tenido que ganar el respeto más que, a lo mejor, si yo hubiera sido un hombre... joven. Joven, o mayor. Yo he tenido que demostrar algo que a lo mejor mi compañero no ha tenido que demostrar. Nadie le ha, hmm, pedido que demuestre cosas que yo he tenido que demostrar.

Piensa que ese paternalismo divide a las mujeres en jóvenes o viejas, sin medias:

Además, aparte que es gracioso que me digan 'la niña esa', que tengo 34 años, vamos. Que no es que sea tampoco una niña, pero ese paternalismo hace que siempre... parece que las mujeres siempre seamos... niñas, ¿no? Al fin y al cabo... Y luego somos viejas, ¿no? (ríe). No tenemos... a medias.

Pregunté sobre los momentos más emocionantes y los más difíciles en ese tiempo como concejala. Ella contestó primero en general que lo que más le emociona es cuando es reconocida por su trabajo con ánimos y elogios: "Entonces, a mí cada vez que alguien me dice 'te admiro', o 'te...', o... 'sigue así', que te da ánimos, que te alaba tu trabajo... a mí eso, me... me gusta mucho, la verdad. Me da mucha vergüenza, pero me... me gusta". Apuntó como momento difícil sus peleas con el alcalde. Subrayó como lo pasaba muy mal al principio, y que no esperaba que la política fuera tan dura:

Mis peleas con el alcalde. Yo es que... me peleo muchísimo con él. [...] y sobre todo, al principio, lo pasaba muy mal. Yo... me temblaba hasta la voz cuando hablaba por el micro porque... entre los nervios del principio y la... para mí es muy duro la ... Yo no me esperaba la política así. El... la realidad. Para mí fue muy dura... es muy dura la realidad de la política. La política es sucia, es... asquerosa. Con perdón de la palabra. Entonces, para mí es fue... es muy duro porque no me gusta. Yo no me he metido en política para pelearme todos los días con el alcalde, pero es que me tengo que pelear con él. Entonces, pues... es muy duro.

Las experiencias en ese tiempo como concejala la han enseñado a tener más paciencia, dedicación, responsabilidad y prudencia, también a tener cuidado con las cosas que dice, ya que es representante de muchos votantes:

Yo creo que me ha... Al final, todas las experiencias de nuestra vida te sirven para enriquecerte, ¿no? O, por lo menos, tienes que intentar que te enriquezcan. Puedes dejar también que te hundan, pero... Hay que sacar siempre... Hay que aprender ¿no? ... de las experiencias. Y yo creo que la... la concejalía... pues me ha... me ha enseñado a tener más paciencia, a... tener más dedicación, porque... me roba muchas horas de mi vida. Entonces, pues eso; a ser más paciente, a tener más dedicación, a... ser muy responsable porque, al fin y al cabo, eres representante de muchas personas, de miles de personas que te han votado, entonces, pues... esa es una gran responsabilidad. A ser muy prudente también, porque tienes que tener mucho cuidado con lo que dices y cómo lo dices. A ser políticamente correcta, en muchas ocasiones. Yo antes era mucho más... Decía las cosas tal como me salían; ahora mido mucho mis palabras y... intento no ofender con... a ningún colectivo, o tener mucho cuidado con... con lo que digo, porque sé que también todo lo que diga me puede influir negativamente.

Como recuerdo positivo se acordó de una situación en la que ayudó a una familia, pero son pocos los recuerdos buenos, admitió: "Y... recuerdos buenos... hay pocos [ríe]". Indica

como recuerdo negativo los ataques con mentiras a su persona por el partido de extrema derecha: “O sea, una serie de cosas que eran... Era un ataque a mi persona que yo no sabía por qué... por qué me estaban haciendo eso y... yo lo pasé muy mal. Muy mal”.

A pesar de los cambios y las vivencias, que cree que la han enriquecido, dijo que en esencia continua la misma persona, no se ve como una persona nueva:

Yo no he cambiado. Yo... o sea, he cambiado lo que te he dicho y tal, ¿no? De ser más responsable, sí, pero mi esencia, mi persona, no ha cambiado. Yo sigo pensando igual, sigo viendo las cosas igual, no... la política no me ha hecho que me crea ni mejor ni peor persona... hmm... yo soy la misma de antes; enriquecida por las vivencias, pero no soy una persona nueva. A mí... no ha sido ‘yo antes era...’. No. No he dejado que la... política me haga cambiar. Yo en mi vida y con mi gente, sigo siendo la misma.

Los próximos 4 años son los últimos que puede presentarse como concejala por la limitación de mandato. Después de eso, Carlota quiere continuar aportando en el partido con sus experiencias de ese periodo, “pero en un segundo plano... porque tiene que entrar otra gente y, otra gente tomar nuestros puestos. Y nosotros, pues... les ayudaremos en todo lo posible, les asesoraremos, les contaremos nuestras experiencias... pero desde atrás”.

#### **5.2.4 Marga**

Marga fue la última entrevistada, fue indicada en la segunda entrevista por Ángeles. Tenía 31 años en el momento de la entrevista y 27 años cuando empezó como concejala en 2015. Yo la llame por teléfono para presentarme, después envié un mensaje por WhatsApp solicitando su correo electrónico para remitir la carta de presentación de la investigación.

Fue la concejala que más tardó en contestarme para quedar para la entrevista, pues estaba cambiando de ciudad y no siempre estaba en su municipio. Por fin, quedamos en un fin de semana en una cafetería.

Empezamos la primera etapa y mientras escribía en el cuadro fue haciendo algunos comentarios.

Etapa 1 - Cuadro de los hitos de Marga			
Hitos/momentos/ situaciones destacados	Edad a la que ocurrió o fecha aproximada	Motivo por el que es importante	Personas o hechos relevantes para ello
El momento más importante fue el comienzo del movimiento 15 M	2015 me uní al grupo político de mi pueblo	Por mis ideales	Mi Padre, siempre he compartido el interés de la política con él.
El entorno económico-social del momento		Por la lucha feminista	Por mi madre, el modelo a seguir en mi lucha feminista.
		Por la desigualdad social	Por todos mis compañeros de carrera, porque nos ha tocado un mal momento económico.
		Porque si no luchó por lo que creo no puedo ser feliz	

Cuadro de los hitos de Marga

El primero hito que mencionó es el movimiento 15 M, al escribir comentó:

Ehmmm, el momento más importante así que me hizo más sentir la chispa y todo eso... he puesto que fue... cuando se levantó el movimiento del 15-M, ¿No sé si lo recuerdas o sabes lo que es? Este momento dio una luz de esperanza para los jóvenes para que pudiéramos meternos en este mundo, yo creo que ese es el momento que te puedo poner ahí...

El segundo hito fue el entorno económico-social, pues la crisis económica causó muchos cambios en la vida de las personas a su alrededor:

Otro motivo importante fue el entorno económico-social. Estábamos... en medio de una crisis económica que esto también provocó bastantes cambios a mi alrededor, ehmm en familiares, amigos, y ver como un día estaban arriba ... de repente estaban abajo del todo, entonces hay había.... que hacer algo, había que hacer algo... y yo que creo que estos son los dos puntos más importantes que me...provocaron... decir: vamos para adelante que hay que hacer algo.

Cuando pregunté sobre otros hitos, ella mencionó que la política siempre la interesó bastante y estuvo presente en su vida, pues desde chica hablaba sobre temas políticos con su padre:

Es que durante toda mi vida hmmm, la política me interesa bastante, no es que en un punto hay dicho... Uhmm hoy... Hmmm me interesa ¡no!, desde pequeña siempre con mi padre he hablado mucho de política, hemos discutido mucho... eso ha sido lo que más...no sé, es que toda la vida, toda la vida... he tenido... la política presente en mi vida.

Además del 15 M, los otros hitos que puso en el cuadro no tienen una fecha o edad aproximada, sí que son puntos que desde pequeña observa en sus experiencias de vida:

Otro... punto también que te puedo poner, pero claro... es que eso es mi día a día, es que eso... es desde chica también... el feminismo. Eso... no te puedo decir el momento concreto de mi vida, eso siempre ha estado conmigo, y eso gracias a mi madre, no porque mi madre me haya inculcado el feminismo, sino por ver... como a mi madre el patriarcado y el machismo le ha... azotado ¿sabe? pero que no ha sido un momento, sino un motivo ¿vale?

Mientras estaba escribiendo, al leer en el cuadro la pregunta sobre los motivos por los que el hito es importante mencionó que: “por mis ideales... más que otra cosa...”.

Al terminar de escribir, pasamos a la segunda etapa de la entrevista, donde pedí que hablara de su vida hasta el momento: ¿Cómo ha llegado hasta aquí?, ¿Cómo los hitos/ situaciones que ha escrito contribuyeron para que llegara a ser concejala?

Inició la contestación a la pregunta volviendo a lo que ya había hablado, que durante toda su vida le había interesado la política, añadió que, principalmente, en los temas de la desigualdad social y las injusticias, que siempre provocaron en ella la intención de movilización para el cambio social:

Pues como te comentaba antes, uhhh... durante toda mi vida... ehmm... me ha interesado bastante la política, siempre... me he fijado mucho en las desigualdades sociales, en... las injusticias un poco que... nos trae el dinero, “tanto tienes, tanto vales”, es una de las cosas que siempre me ha “chocado” bastante, y me ha provocado que... como que... no nos podemos quedar quietos, siempre tenemos que intentar levantarnos ¿no?, para intentar evitar ese tipo de situaciones.

Ese interés, como había dicho al empezar a rellenar el cuadro, viene desde pequeña, en las conversaciones con su padre. Eso no se compartía en toda la familia, pues a la mayoría de sus familiares no les interesan los asuntos políticos. Después que empieza como concejala, ellos la buscan cuando quieren saber algo de ese tema. Esa apatía cree que ocurre en toda España:

Pues desde... desde chica prácticamente me han interesado estos temas, entonces en mi casa, con mi padre, pues siempre cuando veíamos noticias y cosas esas... comentábamos mucho los temas políticos, es verdad que el resto de mi familia no... nunca les ha interesado. Hoy en día, cada vez que necesitan saber algo de un político o de un partido, cualquier cosa, siempre me preguntan a mí, porque no es un tema que importe, si te das cuenta no se si te habrá dicho o lo habrá escuchado, pero en España la política no interesa, no interesa...

Como notaba el desinterés por la política en la mayoría de las personas que conocía, eso la hacía sentirse un poco diferente: “[...] a parte que no existe memoria, no... la gente no se interesa... no se interesa por la política. Entonces pues yo en ese sentido siempre me he visto un poco... diferente...”.

Al empezar a participar en el partido Podemos, acercándose las elecciones del pueblo, se fijó en que no había jóvenes como candidatos en dicho partido. No ver ningún joven y creer en la necesidad de representación y de buscar nuevas oportunidades para los que, como ella, están en esa franja etaria, la hizo inscribirse en la lista para ser concejala:

[...] a la gente de mi edad nunca le ha interesado la política, y una de las cosas que me hizo meterme un poco más es porque estaba viendo que en partido donde me estaba metiendo, la lista que estaba formando no había jóvenes, es que no había personas jóvenes, y yo lo que pienso es que vale... que cada uno vamos a estar en la lucha con nuestros tiempos y con nuestras edades, y... hay muchas veces que... los jóvenes ehmm nos quedamos atrás, no tenemos oportunidades... también es porque no existen personas jóvenes representándonos en ningún lado. Entonces una de las razones también importantes fue esa, a la hora de... al ver la lista.

Además de no haber candidatos jóvenes, nadie quería ser el principal candidato. Por esos motivos, ella resolvió presentarse: “[...] pues dije mira pues voy para adelante que tengo muchas cosas por la que luchar”.

Hasta empezar la participación en la política como concejala, no sabía que había tenido militantes en su familia. Al principio la política había llegado a ella a través de las charlas con su padre, pero descubrió que por parte de madre tenía algunos familiares que habían sido del Partido Comunista, algunos hasta víctimas del franquismo:

Fue solo hablando, pero cuando ya me metí en política yo empecé a hablar con tíos de mis abuelos, cosas de eso... y por lo visto, por parte de mi madre, no de mi padre, sino por parte de mi madre, había muchos militantes del partido comunista y... también ya cuando nos hemos puesto a mirar... la lista de represaliados en el franquismo, es decir, las víctimas del franquismo, de aquí de [nombre del municipio], que hicimos un homenaje aquí en el ayuntamiento, he visto que había muchos familiares míos por esa, por esa rama, por la rama de mi madre. Su padre era del partido comunista por lo visto, pero ya te digo que, yo con ellos no... con mi madre no... he hablado apenas nada de política que ha sido con mi padre, que con mi padre no es que... hayamos tenido... ni mi padre era militante, ni nada de nada.

Desde que empezó tiene el apoyo de la familia en su trayectoria política, pero ellos ven también difícil ser una joven mujer en ese ambiente: “Siempre me han apoyado muchísimo... me apoyan muchísimo, pero también están viendo como que... es difícil ¿vale?, porque cuando eres joven y mujer no te toman en serio...”.

En ese período, su madre empezó a interesarse y hablar sobre política. Después de que la hija se hizo concejala, hasta se hizo más feminista y aumentó su conciencia de las opresiones del patriarcado que sufre y sufrió a lo largo de la vida.

[...] mi madre la verdad que empezó a interesarse muchísimo, mi madre ahora habla muchísimo, mi madre ahora está mucho más puesta, me pregunta muchísimo, e incluso uhmmm es más feminista y cada vez más, cada vez más... y la verdad que me encanta porque se está dando cuenta como que era... que ella era, que ella no era consciente de lo víctima que ha sido toda su vida del patriarcado.

Carlota afirma que está muy satisfecha de que su madre se haya ido con ella a actividades políticas, tenga más conciencia y hablen sobre el tema.

[...] entonces como que mi madre no era consciente y... con el paso del tiempo, hablando con ella mucho de política, se ha venido conmigo a varios movimientos, manifestaciones y todo eso, ha tomado conciencia y la verdad es que el hecho de que me haya metido por este camino, ha hecho de que ella también tome conciencia y la verdad es que está bastante contenta.

Ella siente que la familia la apoya y hasta están más interesados por los temas políticos, pero viendo las dificultades que una joven mujer pasa en ese medio, la familia prefiere que no vuelva a presentarse como concejala.

[...] hay mucho interés, entonces como ven en ese sentido que lo puedo pasar un poco mal, me animan a que no me vuelva a presentar, no me voy a presentar pero porque me he mudado a otro sitio, no puedo, pero vamos que ya estoy buscando por allí donde puedo apuntarme.

Carlota estaba casada y tiene un hijo pequeño, su marido no tiene inclinación hacia la política y hasta para votar ella tiene que convencerlo de que es importante. De todas formas, él la apoya y la anima para que haga sus tareas políticas, y es consciente de la responsabilidad de la educación del hijo en el feminismo.

No le gusta la política nada. Ahora también me apoya mucho, si hace falta quedarse con el niño para que vaya al pleno o para que me estudie al pleno o algo de eso, él sin problema, esa parte la toma y... no es un apoyo activo que venga conmigo a los plenos o a las manifestaciones, pero si me apoya bastante y me anima, pero lo que pasa es que después no puedo hablar de política con él porque es que no le gusta, aunque me ha dicho que me va a apoyar a criar al niño en el feminismo, y yo con eso me conformo.

La Universidad influyó de doble manera en sus ideales políticos. Primero porque, al estudiar Administración y Dirección de Empresas, pudo entender mejor como funciona el sistema capitalista, y eso la hizo pensar que debería “luchar”, pues desde su visión, hay que cambiar ese sistema económico. El otro punto fue acompañar las dificultades y las trayectorias de sus compañeros. Ella también tuvo dificultad para pagar la matrícula y tuvo que quedarse un año sin estudiar.

Me ayudó mucho conocer a mis compañeros que no podían pagar la matrícula de la universidad, ehmm el cambio del Plan Bolonia que nos reventó... ahora tenemos una... formación pero que no vale prácticamente para nada, por ese cambio político que hicieron ahí, cada dos por tres nos están cambiando el sistema educativo, entonces ese tipo de cosas pues también me animan bastante, pero sobre todo eso el hecho de que mis compañeros... es que tenía compañeros que no podían pagar la matrícula, ¡es más! a mí me echaron un año por no poder pagar la matrícula.

Pregunté si había participado de movimientos de estudiantes en la escuela o en la universidad y se acordó de cuando se presentó con un grupo de compañeros a delegación de alumnos de la Facultad de Económicas. Esa experiencia la considera importante para después empezar su militancia en el ámbito de la municipalidad.

En la universidad nos presentamos a la delegación de alumnos de la Facultad de Económicas, con un grupo de compañeros de clase, nos presentamos, pero no salimos, pero mira también fue una experiencia muy bonita y eso también me ayudo bastante a... decidirme a meterme a nivel del pueblo.

En cuanto a su experiencia en la escuela, fue muy distinta, y no la considera importante para su disposición hacia la política. En su opinión, España no tiene cultura de participación política: “La escuela no, la escuela no... me ha servido nunca nada... en la política, nada... en la escuela no se habla no en el colegio. [...] ya te digo, es que aquí en España no hay nada de cultura política, una pena...”.

Su carrera, además de influir de la doble manera que aclaramos arriba, la ayudó también técnicamente con las tareas como concejala, pues ya conocía los temas de presupuestos, contabilidad y tesorería: “el hecho de conocer los presupuestos, la contabilidad y todo eso me ha ayudado bastante a... ver ehmmm el tema de tesorería, presupuesto del ayuntamiento, me ha ayudado muchísimo”.

Todavía no había conseguido un trabajo en su profesión. Las ocupaciones en que estuvo hasta el momento de la entrevista eran de dependienta, taquillera y camarera, lo que muchas veces era difícil compaginar con los plenos de la concejalía.

[...] es que yo de mí profesión tengo la carrera pero no he conseguido trabajar todavía de eso, eso también nos pasa aquí en España, que no tenemos oportunidades, entonces ehmm yo estaba trabajando de taquillera en un cine... de dependienta en tiendas, camarera, de lo que me va saliendo...

Estaba buscando cursos para formarse más y aprender otros idiomas, para así conseguir trabajo en la carrera que estudió, pero siguiendo aparte con la política.

[...] es más ahora estoy mirando cursos de cosas esas para formarme un poquito más, mirando otros idiomas y eso para intentar trabajar de eso, aunque ya te digo quiero seguir también con la política aparte, pero porque siempre seguiré con la lucha, entonces... pero mi intención es dedicarme a mi carrera.

En el tema de las amistades, mencionó que las relaciones con sus amigos de antes de empezar su compromiso político continuaron igual, aunque empezaron a hacer bromas sobre eso en algunos momentos.

[...] sí, te voy a comentar que alguna vez he tenido algún... tira y afloja con algún amigo que es de otra ideología política y como no... en las comidas, donde estamos todo el mundo, como soy la concejala en la política siempre se vienen para mí me tiran de broma que a lo mejor muchas veces empiezan “oye te estás pasando con la bromita, pues si tu piensas así”... pero... vamos que la relación siempre ha sido la misma y un poco más ¿no? llega más allá de la broma.

A la mayoría de sus amigos no les interesa la política, pero fue a través de una amiga que supo de las actividades del partido que se estaban desarrollando en su municipio: “[...] lo máximo ha sido que he conocido, que conocí a esta gente del partido gracias a una amiga, pero que vamos que ella ni siquiera estaba metida dentro del partido, sino que se enteró que ellos estaban quedando y eso y me lo comentó porque sabe que me interesaba”.

En el círculo de la política, le parece a la entrevistada muy difícil hacer amigos. Para ella son muchos los intereses que las personas tienen en ese espacio, algunos no están por sus “ideales”, comentó ella. En general, dijo que prefiere tomar distancia, pero menciona a un compañero que empezaron juntos en la militancia política y se tornaron amigos.

En la política he conocido gente la verdad que bastante encantadoras, y mi compañero con el que empecé desde cero ese sí lo considero ya mi amigo y una relación de amistad ya con la familia y todo que es una bastante bonita. Pero ya te digo que en la política es difícil hacerte amigos, porque... hay muchos intereses, no sé como será en otros pueblos y eso, pero en [nombre del pueblo]... es muy difícil, muchos intereses, gente que vienen enfadados de otros partidos, no se meten por ideales, se meten por cosas muy feas, entonces muchas veces prefieres tomar distancia.

Los desafíos de ser una joven mujer concejala la hicieron ser más fuerte y tener más ganas, afirmó durante la entrevista. Demostrando lo que sabía y que podía hacer su trabajo, citó varias frases que tuvo que oír, cuando le llamaban niña y decían que no iba a “poder” o “saber”. Incluso señaló que algunas veces no la escuchaban en reuniones.

Pues me ha hecho mucho más fuerte, porque he visto como me han intentado uhmmm pisotear por eso, “da igual es la niña”, “ahí viene la niña”, “no va a saber”, “no va a poder”, “no va...” y les he demostrado que he podido, que sabía y lo que hacía falta. También está que él que no te toman en cuenta, estás en una reunión y ni siquiera te escuchan. Y luego está él que te trata como padre: “venga, vete que te van a hacer daño, que te van a tratar mal, que a ti no te hace falta esto, que ya cuando seas más mayor”, pero eso lo único que ha provocado ha sido que tenga más ganas todavía, y que me haga mucho más fuerte y más dura, y esto lo que ha conseguido a mí... al final es que cuando me pongo delante de un grupo de gente, me puedo expresar mucho mejor que antes, antes a lo mejor era más tímida, “me iban a comer”, ahora no, ya me han comido todo lo que me tenían que comer, ahora mismo tengo mucha fuerza, la verdad que en ese sentido me han hecho mucho más fuerte.

Lo que más la emocionó como concejala fue luchar por el convenio de los trabajadores y estar al lado de ellos en ese proceso, porque llevaban sin renovar el convenio desde el año 2003: “Y ese proceso de estar con los trabajadores, de ver como le prometen una cosa y después no es así, ehmmm y estar con ellos y luchar con ellos y eso... ha sido lo más emocionante, estar al lado de los trabajadores”.

Veía como más difícil los momentos que tuvo que votar algo por exigencia del partido y en contra de lo que pensaba que debía hacer:

Los momentos más difíciles... cuando tienes que votar algo en contra de tus condiciones, porque el partido te lo exige, lo he tenido que hacer varias ocasiones, hasta que decidí dejarlo de hacerlo y empezar a votar lo que yo... lo que me decía el corazón la verdad... Es verdad que en política hay que tener mucha cabeza y muy poco corazón, pero también hay veces que tienes que poner el corazón.

Evaluando ese período, citó como más positivo tomar conciencia de que no siempre es posible hacer lo que crees que es el mejor, pues antes hay que tener en cuenta las prioridades y los presupuestos del ayuntamiento:

[...] lo más positivo es que muchas veces creemos que las cosas son más fáciles de la que realmente es, porque tú quieres a lo mejor darle becas a todo el mundo, pero cuando tu abres el libro de cuentas del ayuntamiento te das cuenta que a lo mejor es imposible [...] Eso ha sido... el hecho de estar dentro del ayuntamiento me ha hecho tomar consciencia de eso, y que muchas veces tenemos que tener un poquito... dejar el corazón e imponernos con la cabeza, mirar los números para ver si es posible o no es posible y cómo buscar las alternativas para que se siga haciendo eso.

De lo más negativo apuntó el individualismo y la falta de verdad, y señala que el espacio político debería luchar por lo colectivo y no por los intereses de cada uno: “[...] lo más negativo de la concejalía es que hay gente que te defraudan de verdad, eso es lo peor, los intereses de cada uno. En la política no se puede tener intereses individuales. Si estamos en la política es por colectivo y hay mucho individualismo, muchísimo...”

Además de la mudanza y necesitar de tiempo para conocer la nueva localidad, sobre el futuro contestó que tiene que estar más con su bebé y dedicarse más a formarse para trabajar en su carrera. Para eso necesita un descanso de la política, pero breve, según ella, pues más adelante piensa en volver.

En el futuro, ya te digo, ahora mismo uhmmm estoy en un punto, vamos a llamarlo un punto... y ya más adelante... seguimos [ríe] porque me acabo de mudar a otra provincia, no conozco apenas a nadie, no conozco círculos, no conozco... tengo que tomar contacto con el sitio. También tengo un bebé chiquitito, que este año lo he notado muchísimo porque necesita mucho tiempo. Y también si me quiero dedicar a mí carrera, a lo que estudié, necesito tiempo para formarme, pues ya te digo, necesitamos gente jóvenes, pero es que... como te digo antes es casi imposible compaginar la... tu vida personal con la política, la política necesita mucho tiempo y la necesita porque es necesario...pero entonces me estoy viendo que ahora mismo me voy a tomar un descansito... y quiero que sea breve, porque ya me está... [ríe] dando un poco de pena irme la verdad... así que más adelante volveré [ríe].

Cuando le pregunté sobre lo que en ella misma permanece desde antes de su inicio en la vida política como concejala, ella contestó que sus ideales permanecen de la misma forma. La importancia que da a lo colectivo dijo que nunca cambiaría: “Mis ideales, siguen igual que antes, pero exactamente igual. [...] Entré con el mismo pensamiento y nunca lo voy a cambiar, creo que es necesario la sinergia de las personas. La sinergia creo que es muy importante y eso lo sigo manteniendo y mis ideales, que no se lo tocan [ríe]”.

### 5.3 SÍNTESIS Y COMPARACIONES ENTRE LOS RESULTADOS DE LAS ENTREVISTAS

En el apartado anterior hemos leído las narrativas de las concejalas sobre sus biografías hasta que llegaron a ser concejalas, sus experiencias como jóvenes mujeres concejalas y las relaciones en los espacios de socialización en ese proceso. Ahora presento un análisis, con la síntesis y comparaciones de sus historias de compromiso político hasta que llegaron a

concejalas, los escenarios que, en las tres etapas de las entrevistas, influyeron en el compromiso político y las experiencias como jóvenes mujeres concejalas.

### 5.3.1 Escenarios que Influyen en el Compromiso Político

Los resultados de las entrevistas identificaron los escenarios que influyeron en el compromiso político de las concejalas entrevistadas: coyuntura política, género, familia y escuela/universidad. En el cuadro se presentan los hitos/momentos/situaciones destacados en la etapa 1 por las entrevistas:

Hitos/momentos/ situaciones destacados	Edad a la que ocurrió o fecha aproximada	Motivo por el que es importante	Personas o hechos relevantes para ello
<b>Lidia</b>			
15 M (2011)	21 años	Movilización masiva popular y me impresionó	Partidos del bipartidarismo
Situación de maltrato hacia mi madre	15 - 21 años	Despertar hacia las desigualdades de género	Mi familia
<b>Angeles</b>			
Acuerdo Izquierda Unida (IU) + PSOE Andalucía	32 años	Me decepcionó mucho que IU se uniera a quien estaba antes.	Parlamentares Andaluces
Desahucio de amigos y familiares	33 años - hoy	Vi que no se preocupan la gente desde la administración	Personas de mi entorno
Separación de mis padres con injusticia hacia mi madre	15 años	Vi que se trataba de forma injusta al débil y se desprotegían	Jueces
Vivencias de cerca de necesidades de familias	33 años - hoy	Participando de forma activa con colectivos vi la injusticia hacia gente necesitada y la impotencia	Plataforma PAH
Enchufismo de los cargos políticos en mi pueblo	28 años - hoy	Favorecen a sus amigos anteponiéndolos a gente que lo necesita	Gente de mi pueblo
<b>Carlota</b>			
Charlas políticas en mi casa	Desde que tengo uso de razón	Mis padres crearon conciencia política en mi a base de hablar entre ellos o a mi	Madre y padre
Situación de mi país	29 años	Esta situación de desesperación social me hizo empoderarme y dar un paso al frente	15 M
Injusticias sociales	A lo largo de mi vida	Sempre he sentido la necesidad de defender a las personas que están en situación de desigualdad	Mi familia
<b>Marga</b>			
El momento más importante fue el comienzo del movimiento 15 M	2015 me uní al grupo político de mi pueblo	Por más ideales	Mi Padre, siempre he compartido el interés de la política con él.
El entorno económico-social del momento		Por la lucha feminista	Por mi madre, el modelo a seguir en mi lucha feminista.
		Por la desigualdad social	Por todos más compañeros de carrera, porque nos ha tocado un mal momento económico.
		Porque si no luchó por lo que creo no puedo ser feliz	

Cuadro con los hitos de todas las concejalas españolas

La coyuntura política, el género, la familia y la escuela/universidad son los escenarios que más influyeron en el compromiso político de las concejalas entrevistadas. A continuación, serán analizados cada uno de estos escenarios. No obstante, y como síntesis general se puede decir que, respecto a la carrera profesional, hablaron mucho sobre las dificultades de conseguir un empleo en el área que estudiaron. Sobre las amistades, entre otros aspectos, señalaron que mantienen diferenciado el mundo de sus amistades de los y las compañeras y compañeros de partido, o sea, diferencian amistad de colegas de partido. En cuanto a la militancia y a la carrera política, para la mayoría el trabajo como concejalas les ha dejado muy poco tiempo para su vida personal. Además, para un par de ellas, su implicación política influyó en otros familiares para que se acercaran a ese tema.

#### 5.3.1.1 Coyuntura política

Los aspectos relacionados con la coyuntura política fueron mencionados sobre todo en el cuadro de los hitos. Uno de los más apuntados fue el 15 M, una movilización importante de carácter nacional. Lidia y Marga mencionaron ese evento como un hito destacado y Carlota lo mencionó como hecho relevante para un hito.

Todas las concejales entrevistadas apuntaron otros hitos que también tienen que ver con la coyuntura política de carácter más nacional. Carlota escribió como hito destacado “la situación de mi país”, considerando como hecho relevante para eso el 15 M. Marga, por su parte, escribió: “el entorno económico-social del momento. Ambas estaban refiriéndose a lo mismo.

Además de la coyuntura nacional, Marga señaló aspectos de la coyuntura municipal, como las “vivencias de cerca de necesidades de familias” a través de la participación en la Plataforma de los Afectados por la Hipoteca (PAH)<sup>95</sup>. Marga mencionó cuestiones de la política local que podrían estar relacionados con la decepción y la falta de ética respecto a algunos grupos políticos.

En el momento de la entrevista que hablaron de sus carreras, surgió el tema del desempleo en Andalucía, afectado por cuestiones de la coyuntura nacional y mundial de la crisis económica y por las desigualdades regionales. Carlota y Marga ya habían terminado la carrera en el momento de acceder a la concejalía y tuvieron algunas experiencias de trabajo, pero ninguna todavía relacionada con lo que habían estudiado. Marga comentó que estaba buscando cursos para formarse más y aprender otros idiomas para conseguir una ocupación relacionada con la carrera que estudió. La dificultad de conseguir trabajo en su área de formación y las condiciones de los empleos que habían conseguido son situaciones que afectan muchos a los y las jóvenes andaluces, especialmente a las mujeres. Carlota piensa que quizá eso haya influido en sus ideas y movilización política: Y claro, todas esas desigualdades, que las vives en primera persona, te hacen también que tú digas “voy a luchar por esto porque, es que tiene que haber un cambio”.

#### 5.3.1.2. Género

El tema de la violencia de género surgió en las entrevistas como uno de los escenarios destacados. Lidia y Ángeles mencionaron las desigualdades de género en los hitos, sobre todo,

---

<sup>95</sup> La Plataforma de los Afectados por la Hipoteca (PAH), según la página de la organización, es una iniciativa ciudadana para conquistar el derecho a la vivienda (PAH 2019).

con relación a sus madres. Lidia escribió que la situación de maltrato hacia su madre fue un “despertar hacia las desigualdades de género”. Ella tenía entre 15 y 21 años.

Ángeles escribió que vio con la separación de sus padres como “se trataba de forma injusta al débil y se desprotegían”. Eso ocurrió cuando tenía 15 años. Afirmó que hubo injusticia hacia su madre por los jueces. En la entrevista, habló de la violencia psicológica que sufría su madre por parte de su padre, incluyendo el echarlas de casa. Tuvo que convivir en la misma casa con sus padres divorciados y después, durante meses, con su madre en una tienda de campaña. Ella considera esa experiencia como un golpe muy duro en su vida.

Esa situación familiar y las injusticias que sufrió por parte de los sistemas legislativo y jurídico, sistemas que deberían haberla protegido al ser menor de edad, la hizo despertar a las injusticias sociales. Las dos concejales, Lidia y Ángeles, relataron que las situaciones de violencia familiar que vivenciaron las hicieron reflexionar sobre las desigualdades de género y las injusticias. Lidia dijo que las cosas que habían pasado en su vida personal activaron su lado político y su visión de la política, refiriéndose a la violencia sufrida por su madre: “[...] que son cosas que inevitablemente yo creo te activan a, por lo menos, plantearte las cosas como las veías”.

Ese tema surgió también cuando Lidia cuenta que colaboró en el grupo de admisiones de su universidad y en un grupo de trabajo de Podemos. Se acercó a ese grupo a través de una profesora que ella destaca por su especialidad en estudios de género, tema que ella y otras concejales señalan por su importancia en sus trayectorias hacia el compromiso político.

### 5.3.1.3 Familia

El escenario de la familia fue el que las concejales más mencionaron como importante para su compromiso político. Los contenidos que surgieron en ese tema fueron: las charlas con algún familiar sobre política, el franquismo<sup>96</sup>, el apoyo de los padres con un poco de preocupación, la falta de tiempo para estar con la familia, la existencia de familiares no cercanos militantes y las dificultades económicas.

Carlota, ya en el cuadro de los hitos, mencionó las charlas políticas en su casa como importantes para llegar a ser concejala. Ella creció con sus padres hablando de asuntos políticos con naturalidad en los espacios familiares y así empezó su interés por el tema. Dijo que siente necesidad de ayudar a las personas en situaciones de desigualdad y relaciona esa característica con los valores que recibió de su familia, sobre todo de su madre.

---

<sup>96</sup> El franquismo es referente al período de la dictadura de Francisco Franco, que empezó en 1939 y terminó con la muerte del dictador en 1975, en ese período hubo muchas persecuciones, muertes y desapariciones en España.

En el caso de Marga, fueron las conversaciones con su padre las que iniciaron su interés por la política, principalmente, en relación con los temas de la desigualdad social y las injusticias, que han provocado en ella la intención de movilización para el cambio social. Eso no era compartido por toda la familia, ya que a la mayoría no les interesan los asuntos políticos. Ahora que es concejala se ha convertido en una referencia para ellos y la buscan cuando quieren enterarse de algo en ese tema.

Ángeles habló de la situación económica de su familia. Además, apuntó también los desahucios de amigos y familiares como hito destacado. En su casa, dijo que han sido siempre humildes y trabajadores, han pasado por muchas dificultades y nunca tuvieron ninguna ayuda. Considera que ellos son de izquierdas, aunque no estén involucrados con la militancia política. No obstante, citó un caso específico en que se movilizaron: fue contra el plan de organización del territorio, donde iban a quitar una parte de viviendas de su pueblo.

Carlota en la entrevista se acordó de sus tíos, que eran militantes, y también de que su madre, cuando era joven, estuvo un tiempo militando en el Partido Comunista. Marga descubrió hace poco que por parte de madre tenía algunos familiares que habían sido del Partido Comunista, algunos hasta víctimas del franquismo.

Al hablar de la familia, en tres de las entrevistas surgió el tema del franquismo, y en algunas, de doble manera: con relación al miedo que todavía permanece en sus padres que vivieron en ese período, y en el recuerdo de familiares distantes que se oía, o se descubrió, que eran militantes en esa época. Marga comentó que había descubierto hacía poco tiempo que por parte de madre tenía familiares víctimas del franquismo. Lidia dijo que escuchaba historias de un familiar que fue detenido por el franquismo. El miedo de los años del franquismo estuvo presente durante muchos años en su familia. Por eso cree que en ese ambiente la militancia política no se presentaba como una opción, pero sí se transmitían valores democráticos, valores que la han inspirado.

Carlota contó que a pesar de que sus padres se sientan orgullosos por el hecho de ser concejala, al mismo tiempo sienten un poco de miedo de la exposición pública de sus convicciones políticas. Esa preocupación ella cree que viene por la dictadura franquista que sigue en la memoria. Marga, Ángeles, Lidia y Carlota tienen el apoyo de la familia en su trayectoria política, aunque saben que sus familias ven la dificultad de ser una joven mujer en ese ambiente.

La familia se presentó en las entrevistas como un contexto determinante para la implicación en política de las cuatro concejalas, por acontecimientos concretos que las han

situado frente a la injusticia en la propia familia, por sus ideales a través de charlas y/o por su apoyo.

#### 5.3.1.4 Escuela y Universidad

Sobre la escuela, Lidia y Carlota consideran que fue importante para su compromiso político, Ángeles y Marga no. Lidia incluso dijo que inició su socialización, intereses y curiosidad política en la socialización escolar, a través de uno de sus mejores amigos que estaba vinculado a las juventudes socialistas.

Para Carlota, la escuela influyó de una manera negativa y otra positiva. De forma negativa por su maestra de los primeros 4 años de la primaria, que era franquista. Trataba mal a sus estudiantes y eso afectó bastante a Carlota. Después ella tuvo una maestra comunista, lo que recuerda de manera positiva. Tener esas dos perspectivas la ayudó: “Tanto una para saber lo que no quiero, como la otra para abrirme la mente [...] O sea, las dos, me han influenciado en saber qué quiero y qué no quiero en la vida”.

Los estudios universitarios fueron importantes para Marga y Lidia en el sentido de que sus experiencias ahí solidificaron los aportes políticos que ya tenían. Lidia a los 18 años, en 2009, empezó el doble grado de derecho y ciencias políticas. La carrera que Lidia estudiaba tenía mucho que ver con sus tareas como concejala y los conocimientos adquiridos en su formación le vinieron muy bien. En 2011, comenzó de forma más efectiva a participar de las actividades políticas en la universidad, justamente en el año del 15M. Colaboró en la delegación de alumnos y en otras actividades, en el grupo de admisiones de su universidad y en un grupo de trabajo de Podemos.

A Marga la universidad la influyó de doble manera: en sus ideales y en su trayectoria política. Estudiar administración y dirección de empresas le dio perspectiva para entender el sistema económico actual, y eso la hizo ser más crítica y pensar en los cambios que hay que realizar para conseguir una sociedad más justa. La experiencia personal que vivió, su dificultad de pagar la matrícula, las experiencias de sus compañeros y compañeras y la socialización en ese ambiente, la hizo ver también las dificultades: “es que tenía compañeros que no podían pagar la matrícula, ¡es más! a mí me echaron un año por no poder pagar la matrícula”. Cierta vez Marga se presentó con un grupo de compañeros a delegación de alumnos de la Facultad de Económicas. Señaló esa experiencia como importante para su decisión de presentarse como concejala.

Para la trayectoria política de Ángeles no tuvo ninguna influencia ni la escuela y ni la universidad, de la que salió en poco tiempo después de ingresar por tener que trabajar. Ángeles

creo que su formación profesional de sanitaria y las situaciones vivenciadas en su profesión la activan a querer ayudar aún más a la gente: “Y, bueno, yo lo he hecho siempre por vocación. Es una cosa que siempre me ha gustado desde chica. Yo siempre decía que quería ser enfermera para ayudar a la gente, y siempre me ha gustado lo de la gente”.

De manera general, los espacios educativos formales no han tenido una influencia determinante y directa para la mayoría de las concejales entrevistadas, aunque para algunas de ellas sí como fue presentado en ese apartado. No obstante, las concejales creen que la carrera que han estudiado y el trabajo que están buscando tienen que ver con su trayectoria política y reflejan su preocupación por aspectos sociales.

### **5.3.2 El Ser Joven y Mujer: dos Hechos Identitarios que Confluyen en la Experiencia Política de las Concejales**

Las participantes han narrado en las entrevistas muchas situaciones machistas y desafíos que afrontaron como jóvenes concejales. Desde el descrédito con relación a sus capacidades en la función política, hasta paternalismo, cuando las llaman “niña”, o no las escuchan en diversos momentos. Ellas relatan que tienen que demostrar más su trabajo y sus capacidades que si fueran hombres, pero alcanzaron el respeto de sus colegas con el tiempo y se dicen más fuertes ahora.

Lidia sentía por parte de los otros concejales descrédito. Eran llamados “los nuevos”, así que para ella las cuestiones de generación estaban muy presentes cuando empezó en la concejalía. Sus adversarios políticos siempre buscaban sus errores para hacer acusaciones y decir: “son los nuevos, son los antisistema”. Ella cree además que los subestimaron, que fueron ganando el respeto de los otros por trabajar mucho y por su dedicación. Existían también los enfrentamientos en los plenos con actitudes machistas, principalmente con relación a su compañera cuando tomaba la palabra en público, interrumpiéndola y ridiculizándola. Para ella, lo importante es aprovechar los espacios para hablar por las mujeres y la comunidad: “por mucho que nos duela la falta de autoestima o la ansiedad, lo importante que es que las pocas mujeres que tenemos la oportunidad de tomar la palabra, la tomemos”. Lidia dijo que, después de tantas experiencias y cambios en su vida, cree que todavía lo que permanece para sí misma es la: “convicción por la necesidad de la lucha en la política por los derechos de las mujeres, mi convicción por la defensa del feminismo”.

Ángeles apuntó que, ya cuando se estaba formando la lista de candidatura para las elecciones, las cuestiones de género aparecieron: había menos mujeres que hombres, lo que significaba para ella que son pocas las que piensan que pueden hacer ese trabajo. Afirmó que

siempre se escuchaba de la mayoría de las mujeres: “ay, no me veo yo ahora mismo... preparada para eso”. Para su decisión de estar en la lista de candidatos, fue fundamental el incentivo de otros compañeros y compañeras. En el ayuntamiento dijo que se enfrentó a mucho machismo, hasta de quien decía que defendía el feminismo. Señala que, a pesar de todo su trabajo y esfuerzo, muchas veces se dirigían a sus compañeros no concejales y la ignoraban, teniendo que afirmar todo el tiempo que ella era la concejala.

Carlota afirmó que suponía que no tendría ninguna diferencia con los otros compañeros, pero en los pequeños detalles se notaba la diferencia. Cuenta situaciones de hombres queriendo explicar a ella cuestiones de feminismo. Escuchaba palabras como “guapa” y “niña”, usadas para descalificar las mujeres en esos espacios, intentando hacer que ellas se sintieran despreciadas: “Te intentan infravalorar por dos motivos: por ser joven y por ser mujer”. Eso para ella evidencia el machismo y el paternalismo existente. Ella mencionó como momento difícil sus peleas con el alcalde. Afirma que no esperaba que la política pudiese ser tan dura.

Los compañeros de partido, al revés, pero igualmente de una forma machista, querían utilizar la edad y género como los mayores valores/activos de Carlota como candidata: “Que yo había luchado mucho, y que yo tenía muchas más facultades que ser joven y mujer, entonces, me... me... yo me enfadaba un montón”. A pesar de esas situaciones, dijo que con el tiempo fue ganando el respeto, tanto de los compañeros en el ayuntamiento como del partido, pero para eso ha tenido que demostrar más trabajo, capacidad y esfuerzo que sus compañeros hombres.

A Marga los desafíos de ser una joven mujer concejala la hicieron ser más fuerte y tener más ganas. Como las otras concejalas, tuvo que demostrar lo que sabía y que podía hacer su trabajo como concejala. En la entrevista, citó varias frases que tuvo que oír, igual que Carlota, llamándola “niña” y tratándola de una forma paternalista. Pasar por eso le dio más seguridad y facilidad también de hablar en público y expresarse mejor. Las concejalas sufrieron con situaciones machistas y han tenido muchos desafíos por el hecho de ser jóvenes y mujeres.

En este capítulo, hemos presentado las narrativas de las concejalas españolas sobre sus biografías hasta que llegaron a ser concejalas, sus experiencias como jóvenes mujeres concejalas y las relaciones en los espacios de socialización en ese proceso. En el análisis de los resultados se observan los puntos en común y algunas diferencias entre las trayectorias de las concejalas hacia el compromiso político, y en los escenarios que influyeron en el compromiso político y en las experiencias como jóvenes mujeres concejalas. En el próximo capítulo se presentarán los resultados de las entrevistas con las concejalas brasileñas.



## **6 JOVENS VEREADORAS BRASILEIRAS**

Neste capítulo, apresento o método e os resultados das entrevistas realizadas com as vereadoras do partido político brasileiro PSOL. Nos resultados, são apresentadas as entrevistas com a trajetória de cada uma das vereadoras entrevistadas separadamente, suas narrativas de suas biografias até chegarem a vereadoras, as relações nos espaços de socialização durante esse processo e suas experiências como jovens na Câmara Municipal de suas respectivas cidades.

### **6.1 MÉTODO**

#### **6.1.1 Participantes**

Diferentemente das entrevistas com as vereadoras espanholas, as participantes brasileiras já estavam determinadas desde o início do projeto de pesquisa, pois foi, a partir da eleição delas, que surgiram as primeiras indagações da investigação.

Três jovens vereadoras do partido político PSOL foram entrevistadas: Talíria, Áurea e Sâmia. Na época das entrevistas, elas eram deputadas federais. No caso da Marielle, brutalmente assassinada em 2018, para mantê-la na pesquisa, a entrevista foi realizada com Mônica Benício, sua viúva. Também entrei em contato com o Instituto Marielle Franco solicitando entrevista com a irmã de Marielle, Anielle Franco, mas só obtive resposta quando a fase das entrevistas já havia terminado, estando o texto da tese já quase finalizado.

As vereadoras começaram seu mandato na Câmara Municipal dos seus respectivos municípios em 2017, quando tinham entre 27 e 37 anos. Na época da entrevista, tinham entre 31 e 37 anos. Marielle tinha 38 anos quando foi executada e teve seu mandato, com 1 ano e 3 meses, interrompido. Por serem figuras públicas, facilmente reconhecidas, coloquei como opção, no termo de consentimento da entrevista, o anonimato ou não, porém todas as entrevistadas optaram por terem seus nomes revelados na pesquisa. Na tabela a seguir, encontram-se os dados básicos das vereadoras, segundo as informações do questionário a que responderam:

<b>Dados Vereadoras Brasileiras</b>					
	<b>Idade quando começou como vereadora em 2017</b>	<b>Idade no momento da entrevista</b>	<b>¿Tem filho/s ou filha/s?</b>	<b>Escolaridade no momento da entrevista</b>	<b>Nível de renda da unidade familiar</b>
<b>Marielle</b>	37 anos	38 anos em março de 2018	Sim	Mestrado	Vivíamos relaxadas, mas sem luxos.
<b>Talíria</b>	31 anos	35 anos	Não tinha quando era vereadora	Mestrado	Cobrimos as despesas se não houver gastos extras.
<b>Áurea</b>	33 anos	37 anos	Não tinha quando era vereadora	Mestrado	Podemos sair de férias e pagar gastos extras.
<b>Sâmia</b>	27 anos	31 anos	Não tinha quando era vereadora	Superior completo	Podemos sair de férias e pagar gastos extras.

Quadro com as informações básicas das participantes brasileiras

Marielle era a única das vereadoras que tinha uma filha na época em que iniciou o mandato. Quando a entrevista foi realizada, Talíria tinha uma filha, Áurea, um filho, ainda bebês, e Sâmia estava grávida. Marielle e Áurea tinham pós-graduação (mestrado), Talíria estava cursando mestrado quando era vereadora, e Sâmia tinha o ensino superior completo. O nível de renda delas era entre médio-baixo e médio, de acordo com as opções colocadas no questionário (em anexo no apêndice da tese).

### 6.1.2 Instrumento

Conforme apresentado na introdução da tese, foi realizado um estudo qualitativo com entrevistas semiestruturadas, utilizando o método biográfico. Para responder às questões de pesquisa e para posteriores possíveis comparações, foi utilizado o mesmo roteiro das entrevistas com as vereadoras espanholas, com a devida tradução e adaptação linguística.

As entrevistas se dividiram em quatro etapas. Na primeira, as entrevistadas deveriam indicar cinco marcos/momentos/situações que, ao longo da vida, foram importantes e contribuíram para que se tornassem vereadoras, a idade em que esses marcos/momentos/situações ocorreram ou sua data aproximada, o motivo pelo qual foram importantes e as pessoas ou eventos que foram relevantes. Nessa primeira etapa, centralizou-se o objetivo em relembrar aqueles momentos importantes e os levar em consideração durante a entrevista.

Na segunda etapa, para que as entrevistadas construíssem suas próprias narrativas e reflexões sobre esse processo, foram feitas as seguintes perguntas: Como você chegou até aqui? Como os marcos/momentos/situações que você escreveu contribuíram?

Na terceira parte, dependendo da resposta anterior, perguntava-se sobre os contextos não mencionados nas perguntas semiestruturadas do roteiro de entrevista, formuladas a partir dos seguintes temas: 1. Família; 2. Escola, Universidade e outras experiências educativas; 3. Carreira/Profissão/Trabalho; 4. Amizades/Socialização; 5. Militância política/Carreira política, e sobre as mudanças que surgiram após a experiência como vereadoras e sobre o futuro.

Por fim, respondiam-se as perguntas do questionário complementar (anexo ao apêndice da dissertação), com informações sobre dados básicos, idade, escolaridade, ter ou não filhos e nível socioeconômico.

### **6.1.3 Procedimento para realização das entrevistas**

A primeira tentativa de realização das entrevistas foi em 2018, antes da ida para o doutorado-sanduíche na Espanha. No entanto, por estar em período eleitoral, não foi possível agendar, pois as vereadoras, na época, eram candidatas a deputada federal. As entrevistas foram adiadas para o retorno, porém, devido à pandemia de Covid-19, em 2020, encontros presenciais ficaram impossibilitados. Diante disso, foram solicitadas entrevistas na modalidade remota através da plataforma de videoconferências Zoom, realizadas entre setembro de 2020 e janeiro de 2021.

Os primeiros contatos foram pelo endereço de *e-mail* disponível em suas páginas/sites oficiais. O procedimento era este: envio da solicitação da entrevista e da carta de apresentação (anexada aos apêndices da dissertação). Quem me respondia era alguém da assessoria, demorei a receber as respostas e tive muita dificuldade em conseguir agendar. Em alguns casos, procurei por colegas que conheciam alguém que trabalhava no mandato, para eu entrar em contato diretamente com a assessoria pelo WhatsApp.

Após a aceitação em participar da pesquisa e do agendamento, eu já enviava o quadro da etapa 1 e o questionário para que elas já preenchessem e me enviassem antes da entrevista. Isso porque a assessoria delimitava um horário restrito para a realização da entrevista, por conta de outros compromissos já agendados. Entretanto, nenhuma delas recebeu essas informações e, na hora da entrevista, fiz as respectivas perguntas e pedi que elas respondessem, ou seja, elas acabaram não preenchendo e sim respondendo oralmente.

A duração média das entrevistas foi de 40 minutos e foram todas feitas por mim. Eu começava me apresentando, depois citava rapidamente os objetivos da pesquisa e solicitava o consentimento para a gravação, posteriormente, enviava por e-mail para elas assinarem o termo de consentimento livre e esclarecido (em anexo, nos apêndices da tese).

Após as transcrições, iniciei o trabalho de interpretação e análise, através da seleção e ordenação do material por tema, pela ordem e forma como foram ditas na conversa. Em uma planilha Excel, os principais fragmentos das entrevistas foram organizados e classificados, divididos por tópicos e etapas das entrevistas, bem como meus comentários e a identificação das páginas e falas dos fragmentos selecionados (COUSIN, 2010).

No próximo subcapítulo, apresentarei as biografias das vereadoras a partir das entrevistas, preservando a singularidade das suas histórias e mostrando a construção e a reflexão que as entrevistadas fazem ao pensar em suas vidas e trajetórias de engajamento político até se tornarem vereadoras.

## 6.2 ENTREVISTAS COM AS VEREADORAS BRASILEIRAS

### 6.2.1 Marielle

A primeira entrevistada foi Monica Benicio, viúva de Marielle Franco. A solicitação da entrevista foi enviada por *e-mail* em julho de 2020, junto com a carta de apresentação da pesquisa. A assessoria conseguiu agendar a entrevista para o início de setembro. Após a aceitação em participar da pesquisa e do agendamento, enviei o quadro da etapa 1 e o questionário para que Monica preenchesse e me enviasse antes da entrevista. Na época, ela era candidata a vereadora e estava com pouco tempo disponível. Entretanto, Monica não havia respondido antes da entrevista e, após a minha apresentação, de explicitar os objetivos da pesquisa e explicar que as perguntas eram sobre a trajetória de Marielle, pedi para que preenchesse o quadro dos marcos mais importantes. No caso do questionário, ela respondeu oralmente ao final, após as perguntas semiestruturadas do roteiro. A entrevista ocorreu na plataforma Zoom e durou cerca de 50 minutos.

Na primeira etapa, ela indicou os cinco marcos que considera importantes na trajetória de Marielle para se tornar uma vereadora:

Etapa 1 - Quadro dos marcos /momentos/ situações destacadas			
Marcos /momentos/ situações destacadas	Idade que ocorreu ou data aproximada	Motivo pelo qual é importante	Pessoas ou acontecimentos relevantes para a situação destacada
Assassinato da amiga na adolescência	17 anos	Fez ela se mobilizar em uma manifestação por justiça	Amigos da igreja
Campanhas eleitorais em 2006	27 anos	Participou do núcleo PSOL Maré para construir a campanha para deputado estadual do Marcelo Freixo	Amigos de CEASM (curso pré-vestibular em que trabalhava como secretária)
Se tornou assessora do Marcelo Freixo na ALERJ	27 anos	Passa conhecer a política institucional internamente.	Marcelo Freixo
Se tornou coordenadora da Comissão de Direitos Humanos na ALERJ	32 anos	Passou a atender famílias vítimas de violência	Marcelo Freixo e equipe do mandato
Aceita a proposta de se candidatar a vereadora. / concorreu as eleições	2015/2016	Amadureceu a ideia de vir candidata / tornou-se vereadora	Amigos, familiares, Marcelo Freixo, colegas de partido, eu.

Quadro dos marcos/momentos/situações destacadas de Marielle por Monica Benicio

O primeiro marco apontado por Monica como importante para o engajamento político de Marielle foi o assassinato de uma amiga na adolescência, quando ela tinha cerca de 17 anos. Essa tragédia fez Marielle se mobilizar em uma manifestação por justiça junto com amigos da igreja. Segundo a percepção de Monica, esse foi o principal momento para o início da militância de Marielle como ativista de direitos humanos:

Bom, ela tem ali um episódio dramático no final da adolescência dela que foi a perda de uma amiga né, vítima de violência do Estado, e isso faz com que ela comece a se mobilizar mais num sentido de ativista de direitos humanos. Ela tinha – eu chutei a data aqui tá – acho que uns 17 anos de idade, não sei exatamente. E isso muito articulado ali com colegas da adolescência dela né, que eram mais ou menos ali nessa época um núcleo de amigos da igreja que era com quem ela tinha um forte vínculo, [...]. E aí tinha essas relações, enfim, começa a presenciar um pouco mais esse momento que faz ela se tornar ali da pauta dos direitos humanos né, de ter essa provocação.

O segundo marco foi a campanha eleitoral de 2006, quando Marcelo Freixo se candidatou, pela primeira vez, a deputado estadual. Elas participaram da campanha pelo núcleo do PSOL-Maré:

Nós participamos da campanha dele na construção pelo núcleo do PSOL-Maré, então era um grupo de amigos da Maré ali que ‘tava construindo a campanha do Marcelo, ela tinha 27 anos na época. Então ela faz essa participação pelo núcleo do PSOL, a gente constrói a campanha, faz toda mobilização por dentro da Maré, articulações, roda de conversa com o Marcelo, constrói essa campanha ali e ela era.

Ainda que não tenha apontado pessoas ou acontecimentos como relevantes para o engajamento político de Marielle, Monica ressaltou a importância dos amigos do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (Ceasm), organização não governamental (ONG) situada no conjunto de favelas da Maré, no Rio de Janeiro. Marielle estudou no curso pré-vestibular comunitário do Ceasm, depois foi secretária e fez parte do colegiado. Para Monica, foi nesse espaço que Marielle ampliou a rede de contatos com pessoas que discutiam mais sobre política e começou a participar da campanha do Marcelo Freixo em 2006:

Mas ali ela ampliou a rede dela de contatos né, com... com... de amizade, então com os professores também, e um pessoal que era muito politizado, então que fazia uma discussão sobre a política, sobre uma cidade mais crítica né, um pensamento mais crítico e essa era uma galera que já ‘tava mais junta né, inclusive através dessas pessoas que ela faz parte da campanha do Marcelo né, quem aproxima a gente nessa campanha do Marcelo.

O outro marco vem em seguida. Marcelo Freixo venceu as eleições, começou o mandato em 2007. Marielle se tornou sua assessora na Alerj: “e aí a gente tirou ali no nosso núcleo Maré uma pessoa que ‘taria acompanhando o gabinete do Marcelo, e a gente votou na Marielle e aí a Marielle passa a trabalhar com ele na Alerj”. Para Monica, foi importante, pois Marielle começou a conhecer a política institucional internamente.

O quarto marco foi quando Marcelo Freixo assumiu a Comissão de Direito Humanos. Marielle começou a trabalhar nesse espaço como coordenadora, acompanhando e atendendo muitas vítimas de violência. Monica relaciona esse trabalho a sua militância pelos direitos humanos desde que perdeu a amiga: “E passa a ter um contato muito, muito pessoal né, com essa, essa relação da violência do Estado nas favelas, um combate que ela já fazia desde esse o período da adolescência que ela perde a amiga”.

O último marco citado foi o momento em que Marielle aceitou a proposta de se candidatar a vereadora e concorreu nas eleições de 2016. Monica afirmou que ela sempre teve uma postura de liderança:

E aí ela sempre teve uma, uma postura que era uma postura de liderança, era uma mulher que tinha uma personalidade muito forte. Então, dentro desse trabalho dela em todos os mandatos do Marcelo Freixo, ela acaba se tornando uma figura interessante ali dentro do partido, ajudava a fazer a construção do partido também, plenária, debates e tal, sempre acompanhando muito o Marcelo Freixo, e aí o partido passa a olhar pra ela como sendo um possível quadro pra disputar as eleições de 2016. Então em 2015 isso começa a ser construído.

Para Monica, foi nesse momento que Marielle amadureceu a ideia da candidatura e tomou a decisão, sendo a própria Monica, os amigos, familiares, o Marcelo Freixo e colegas de partido relevantes para essa situação destacada. Ela disse que Marielle gostava de ter

protagonismo e se animou com a candidatura. Além disso, conversou com familiares, amigas e amigos quando ainda estava se decidindo, buscando apoio:

Ela se anima com a ideia né, sempre gostou muito dos holofotes, então ela ficou animada de ter aí um protagonismo nesse lugar. Passa a conversar com familiares, com amigos, pra ver se teria o apoio né, das pessoas que estão cercado no campo do afeto, pra enfim, sabia, fez muitas campanhas, sabia que era um processo difícil, que era um processo violento né, na vida indi... na vida particular da pessoa. Então ela foi conversar com amigos que que achavam, pessoas que eram referências pra ela, família, etc, etc, e encontrou esse apoio e fez a campanha e aí foi uma campanha que começou ali muito modesta né, não era uma campanha que... que... era uma campanha que era pra ser feita, mas não tinha num primeiro momento uma grande expectativa, muito pelo contrário, né.

A campanha, no início, pequena, sem muitas expectativas, foi crescendo. O resultado foi surpreendente para todos os envolvidos, inclusive para Marielle, como a quinta mais votada:

Os mais otimistas achavam que a Marielle podia ter uns 5 mil votos ali, pelo final da campanha achavam que a Marielle teria 10 mil votos, e a Marielle fez uma campanha linda né, com a juventude, com a mobilização das ruas, as pessoas somando. Foi uma campanha que foi tomando corpo durante o seu período de campanha e ela acaba sendo eleita pra surpresa de todos, inclusive da própria, com 46.502 votos, né, foi a 5ª pessoa mais votada da cidade, a 2ª mulher mais votada do Brasil, na campanha de vereadora [...]. Então ela se torna essa figura, né, um expoente da política, fez uma campanha linda nas ruas que foi sendo somada pela militância e que foi ganhando esse corpo aí.

Quando perguntei sobre a relação da família com a trajetória política, Monica respondeu que houve apoio, sobretudo, na ajuda nos cuidados da filha de Marielle, para que ela pudesse trabalhar e estudar:

O que eu posso dizer é que teve apoio. Em alguns momentos da vida uma relativa resistência, até pela questão da... de muita agenda que ela fazia, a Luyara pequena. Mas ela sempre teve muito apoio da família, inclusive nesse cuidado né, a Luyara sempre ficou muito aos cuidados da avó pra Marielle poder trabalhar, tinha uma carga horária muito difícil. [...] Marielle sempre se desdobrou muito pra poder 'tá pagando escola, mas sempre teve muito apoio da família nesse lugar de... de... de acolher mesmo e dar condições pra que ela tivesse tempo de trabalho, amadurecimento, enfim.

Na época em que era vereadora, Marielle, sua filha e Monica moravam juntas. No relacionamento das duas, sempre houve muito apoio e parceria, inclusive porque Monica também era militante de direitos humanos: “Então a gente sempre foi muito parceira nisso né, pra além de companheiras né, de vida, a gente tinha muita afinidade política, é aí inclusive uma das coisas que nos aproximou muito. Então, a nossa construção, ela foi muito parceira nesse sentido, não tinha resistência”.

Quando perguntei sobre a importância da escola na trajetória política de Marielle, Monica respondeu que não sabia muito bem, mas sublinhou que: “ela sempre meio que teve que estudar e trabalhar ao mesmo tempo né, então sempre foi muito corrido isso”. Na época do pré-vestibular, Marielle, inclusive, faz uma pausa nos estudos, pois ficou grávida e sua filha

nasceu nesse período, mas, após o nascimento da filha, retomou e manteve o vínculo mesmo depois de terminar o curso:

Ela interrompe ele em determinado momento porque ela engravida muito jovem, ela tem a filha dela com 19 anos de idade, então para os estudos e depois retoma os estudos do pré-vestibular de novo e aí não perde mais o vínculo com o pré-vestibular porque aí ela vira secretária, depois chefe das secretárias, depois faz parte do colegiado, do próprio... da própria organização.

Para Monica, o pré-vestibular do Ceasm foi o primeiro lugar que começou a formar Marielle criticamente. Essa experiência permitiu que ela conhecesse outros espaços e tivesse uma visão crítica mais apurada da sociedade, pensando mais politicamente:

E ali ela foi conhecendo outras coisas né, porque começou a participar de atividades fora dos muros da Maré né, pra fora, era um curso que se fazia... aula muito pra fora, tipo aula na Floresta da Tijuca pra ter aula de geografia, de biologia, que eram aulas integradas, e a gente não tinha essa oportunidade dentro da escola né, então acaba que o Ceasm ele é o primeiro espaço que começa a formar mesmo o senso político, a visão crítica de sociedade, então tem um papel muito importante.

Além do pré-vestibular, Monica destacou também a graduação em Ciências Sociais na PUC-Rio, localizada na zona sul do Rio de Janeiro. Esse deslocamento apresentou um outro lado da cidade, de classe média alta, onde havia mais infraestrutura. Essa experiência trouxe um propósito ainda maior de mudança social e de melhoria do seu lugar de origem:

Agora, ela fez a graduação dela né, de ciências sociais na PUC-Rio e isso teve uma grande diferença né, porque enquanto mulher favelada ela conheceu uma outra cidade né, porque assim a gente vem de uma realidade da Maré e, ao fazer PUC, são mundos muito paralelos né, são completamente diferentes. Então isso apresenta uma outra cidade pra gente e também provoca né, um desejo de modificação no lugar da onde a gente vem, que é um lugar que o Estado sempre trabalhou com violência, com truculência, e ao mesmo tempo a gente estudando num lugar que tinha muita qualidade de vida, muita infraestrutura.

A graduação em Ciências Sociais trouxe também ferramentas teóricas, formando-a academicamente, oferecendo acesso a um conhecimento que a fez questionar ainda mais a sociedade, vinculando e dialogando com a sua identidade de mulher negra e favelada:

Então isso, sem dúvida nenhuma, além de provocar, né, esse choque de... de... de cidades, né, ali dentro, na nossa construção de identidade também, é o lugar que, é o lugar que forma ela academicamente da perspectiva da cientista social, então obviamente ela conhece ali muito material, tem acesso a muita informação pra questionar ainda mais a sociedade, promove ainda mais, atrelado à identidade dela né, de mulher, negra, favelada, dá ferramentas pra disputar uma outra cidade, pra construir uma outra sociedade.

No entanto, a socialização no ambiente universitário era restrita. Pelas dificuldades de conciliar trabalho e maternidade, além dos deslocamentos e das distâncias entre a universidade, local de moradia e trabalho, sua vivência universitária era quase exclusivamente cursando as disciplinas e assistindo às aulas, com pouco tempo para participar do movimento estudantil e de se socializar com os colegas e as colegas de curso.

Eu não sei se ela chegou a trabalhar em centro acadêmico ou alguma coisa assim, mas eu ousou te dizer que não porque a Marielle sequer teve vida... uma vida social com os amigos da faculdade, porque como o horário era muito curto, tinha que trabalhar, tinha que estudar, então o horário ficava muito apertado pra poder fazer essas transições, até porque a Gávea é a contramão da Maré né, então você ‘tá do outro lado da cidade, tinha que pegar dois ônibus, gastava muito tempo de deslocamento, ela teve pouca... pouca oportunidade de viver a universidade pra além dos horários da sala de aula.

De todas as formas, a universidade ampliou e salientou a sua visão crítica, apresentou possibilidades relacionadas à transformação social, ampliação de direitos sociais e disputa política dentro da sociedade. Marielle associou tudo isso à sua própria identidade e origem:

E aí dentro desse espaço só foi reforçando né, o material, os pensadores, as visões críticas, reforçando o quanto que uma outra sociedade seria possível de ser construída, principalmente considerando a formação dela, da identidade dela, enquanto mulher negra, favelada né, que sempre foi privada de determinadas coisas na sociedade, querer disputar outras coisas né, disputar para que houvesse uma quebra nesse sistema, pra que todas as mulheres, todas as mulheres negras, todas os corpos de mulheres negras pudessem ter acesso amplo a essa... a todas as camadas da sociedade né, a todos os direitos que deveriam ser adquiridos por todas e todos.

Todas essas experiências relacionadas às trajetórias educacional e de vida direcionaram também o percurso profissional, quando ela se tornou assessora parlamentar e, posteriormente, ao se colocar na disputa desse espaço como candidata a vereadora:

Então isso forma muito a visão crítica dela, tanto que ela passa, né, a questionar mais uma visão política do mundo e também a política institucional, se torna assessora parlamentar, e dentro disso vai disputar política institucional no campo da vereança, que era ali um primeiro momento onde ela achava que podia fazer uma modificação social efetiva né, colocando o saber dela à disposição dessa construção, enfim, acho que mais nesse sentido.

Antes do cargo como assessora parlamentar, Marielle teve um percurso profissional com outras experiências importantes e relacionadas ao trabalho social, como na Brazil Foundation, onde teve outros espaços de formação e outras perspectivas:

Ela teve, ela trabalhou antes de se tornar assessora né, e ali já depois com uma que ela sai do Ceasm, ainda assim ela teve outros trabalhos, um deles foi na Brazil Foundation, então era uma fundação que... que acaba dando outras oportunidades pra ela também né, tipo dando outras formações, porque tinha que estudar pra poder ‘tar trabalhando ali naquele espaço, então acaba que ela tem outros acessos.

Entre outras experiências profissionais, como já apontado na análise do Currículo Lattes, no capítulo 2 desta tese, ela também teve experiência profissional como professora:

A Marielle também, num determinado momento, ela foi professora, eu não lembro se isso acontecia na igreja, mas de alunos de alfabetização, então ela se reivindicava, né, desse lugar de professora, então foram espaços também que em alguma medida auxiliaram na formação”. Ademais, Marielle era mestre e tinha planos de seguir a carreira acadêmica cursando um doutorado: “ela ‘tava com planos de fazer aí o doutorado dela, de começar a estudar pra poder disputar aí o doutorado.

A socialização no pré-vestibular, no trabalho como assessora do mandato, na militância de direitos humanos e no PSOL trouxeram também uma rede de amizades para Marielle. Monica sublinhou, ainda, que esses grupos a apoiaram no seu luto.

Quando ela ‘tá como assessora ali na Alerj, tem um certo um grupo que era o mesmo do pré-vestibular né, então depois disso tem uma ampliação porque ela acaba ficando muito mais atuante na militância de direitos humanos e esses grupos eles foram se mantendo, fizeram campanha pra ela e foram os mesmos grupos de amizade que foram tocados ali enquanto ela ‘tava vereadora, são grupos que inclusive que me acolheram no meu luto. Então torna-se ali uma amizade né, vão se formando ao longo... obviamente que todo mundo né, ganha mais, perde mais... é da vida isso, mas são grupos, assim, tem um determinado núcleo que acompanha, um outro núcleo que se forma, e que são vínculos muito fortes, construídos a partir dessa militância de direitos humanos, a partir dessa visão de mundo, dentro dessa base do PSOL.

Monica disse que esses vínculos se formaram a partir de uma visão de mundo, foram pessoas com quem Marielle conversou e escutou antes de tomar a decisão da candidatura de vereadora, recebendo um grande apoio:

Então foram pessoas que apoiaram muito, foram pessoas que ela ouviu muito antes de tomar decisão, e o núcleo de amizade sem dúvida nenhuma tem uma importância ímpar, assim. [...] enfim, mas que ela sempre manteve, que tinha uma importância muito grande pra ela. A Marielle sempre teve uma... uma... um exercício de escuta antes de tomar as decisões que era muito grandes.

Monica também afirmou que Marielle gostava de manter vínculos de amizade para além da militância, grupos mais antigos, como as amigas da igreja, da época da adolescência:

As amigas da igreja né, que era um núcleo construído ali na adolescência dela, então de vez em quando elas faziam encontros né, da... da... desse pessoal, que foi da época da adolescência dela, da igreja. A Marielle era uma pessoa que gostava muito de manter vínculos né, então por mais que ficasse separado ela... ela visitar ou ter contato, ela ainda assim se esforçava pra manter de alguma medida.

As relações de amizade não mudaram depois que Marielle se tornou vereadora. No entanto, ficou com menos tempo disponível, tendo mais dificuldade para encontrar as amigas e os amigos fora do círculo da militância política, esses ela encontrava nas atividades políticas, conforme contou Monica no trecho da entrevista abaixo:

A mudança das relações foi mais por uma questão de agenda né, ela acabou vendo cada vez menos determinadas pessoas, porque como as amigas da igreja, por exemplo, como não ‘tavam no grupo da militância, porque outros amigos acabavam se encontrando pela relação da militância, né, pelos espaços em comum de frequentar, fosse uma roda de samba, fosse uma praça que os amigos se reuniam e tal. Como tudo ‘tava dentro do campo da militância acabavam alguns se vendo mais. As amigas de igreja, por exemplo, se viam menos, né, porque não ‘tavam no grupo da militância, como ela fazia um volume de agenda muito grande acabava sendo difícil conciliar, ‘tar em determinados aniversários porque aí ‘tava fazendo uma agenda, ou tinha feito muita agenda e ‘tava cansada. Acabou que algumas coisas da vida pessoal foram diminuindo.

Depois de ser eleita vereadora, além da falta de tempo, ocorreram outras mudanças na vida de Marielle. A primeira mudança que Monica destacou foi a questão da religiosidade,

mudança que começou na época em que Marielle era assessora. Sua religião sempre foi a católica, mas começou a buscar conhecer mais as religiões de matrizes africanas e a utilizar alguns dos seus símbolos buscando proteção:

Ah mudou muito e muitas coisas. Inclusive até na religiosidade, a Marielle sempre foi muito católica [pausa] e tinha muita fé, então com essa coisa de... [...] E aí a Marielle, já lá na Comissão dos Direitos Humanos, passa a ter uma relação também com essa...essa questão das relações das religiões de matriz africanas. E a conviver com muitas pessoas né, do candomblé, da umbanda, então... [pausa] ela passa, como vereadora, até procurar proteção nesse sentido. Então além de ir às missas, que ela ia, ela passa a ter... ela passa a andar com fio de conta, que uma mãe de santo tinha dado pra ela, passa a fazer determinadas coisas para se proteger espiritualmente. Era mais por uma questão de energia, dessa coisa de atrair boas coisas e tal, mas ela continuava católica, se reivindicando católica.

Outra mudança apontada por Monica foi a autonomia que o posto de vereadora trouxe, não só financeiramente, mas perante a sociedade. Isso fez com que elas assumissem a sua relação, que vinha de uma certa instabilidade entre idas e vindas durante anos, trazendo estabilidade para o relacionamento.

Então... mas isso muda a postura dela diante da vida, diante da sociedade, diante da família, porque só quando ela está ali como vereadora né, logo depois das eleições, é que a gente finalmente assume e banca a nossa relação. Porque em outros momentos a gente assumiu, e por não ter condições financeiras, e por ter dependência da família em alguma medida, a gente sempre acabava terminando e voltando, terminando e voltando, e isso durante muitos anos. Então essa relação também muda né, que é a autonomia, é a autonomia financeira, é a autonomia pra sociedade, é a autonomia pra tudo.

Monica via essas mudanças como um empoderamento, quando Marielle se apropriou da sua identidade. Inclusive, disse ela na entrevista, que se podia perceber essa mudança visualmente, na diferença das roupas e do cabelo. Além disso, subjetivamente também se percebiam essas mudanças, por exemplo, na sua postura diante da vida, com mais força e determinação para realizar o trabalho como vereadora, estendendo-se a todas as outras esferas:

Então... e você vai acompanhando a evolução, até se você ver, assim, do momento que ela entra até ela ser executada, se você for olhar pra postura, a roupa, cabelo, tudo foi mudando, ela foi se apropriando do corpo, da identidade, da vida. Foi um processo muito bonito de ver, assim, Marielle teve um... um... um salto de qualidade impressionante, da... da... de como ela se comportava pra vida, sabe, com muito mais força, com muito mais determinação. Então estudava muito pra poder 'tar fazendo, né, o trabalho de vereadora, então ela foi ganhando, se empoderando, sabe, de todas as camadas da vida dela, foi impressionante.

Quando perguntei como era ser uma jovem mulher, vereadora, negra, favelada e como a identidade de Marielle influenciava no papel de vereadora, Monica afirmou que o marcador social juventude não era o principal que atravessava a vida dela naquela época, mas sim o de mulher negra, vereadora, que estava num relacionamento lésbico:

Olha... ela 'tava... com 30 e... [pausa e calcula] 7 anos, se não me engano, quando disputou, quando entrou. [pausa] Enfim, então... ela tinha outra, pra além de ser jovem, vereadora, eu acho que outros marcadores atravessavam a vida da Marielle

antes né, que era o fato dela ser uma mulher negra disputando aquele espaço da política institucional, construindo afrontosamente né, porque o corpo dela já era por si só já era uma afronta àquele sistema, ocupando aquele espaço. Pra além da política combativa que ela fazia, se ela não fizesse por si só já seria uma afronta. Estava num relacionamento lésbico, então, assim, tinham muitos marcadores ali pra antes desse.

Monica afirmou que ser jovem na Câmara era mais um problema para os conservadores daquele espaço institucional, mas não era o principal. O que ela destacou desse aspecto foi o papel que Marielle pôde desempenhar como representante de juventudes e o diálogo que tinha com o campo juvenil que queria a transformação da política, para ela, isso era muito importante e a estimulava:

Mas o que eu vejo nessa questão da... dela ser uma jovem vereadora ali, a repercussão que isso tem pra fora é muito positiva, né. Se pra dentro era mais um problema, mas que estava de longe de ser o problema ou o principal problema, pra fora tinha uma questão positiva que ela se torna uma representante da juventude né, dialoga muito com uma galera muito mais jovem, que 'tá querendo fazendo uma política diferente pra cidade, que 'tá ali representando esperança né, revivendo esperança, então é desse lugar acaba que isso influencia muito né, porque ela consegue dialogar muito com um campo mais jovem, que é hoje quem faz a transformação da política de fato. Então ela se torna uma representante que tinha muita empatia né, com a juventude, com as mulheres, com a favela, e aí ela era muito acolhida pela juventude, então ela saía nas ruas era muito comum ver jovens pedindo pra tirar foto com ela, dizendo o quanto que ela representava. Essa parte era uma parte muito bonita né, do processo todo, era uma parte que animava muito ela, então mais pra fora que pra dentro isso fazia muita diferença.

O momento mais difícil vivido por Marielle como vereadora, destacado pela Monica, foi a recusa do Projeto de Lei da Visibilidade Lésbica na votação da Câmara. Na entrevista, ela recordou que Marielle havia ligado chorando. Além da recusa, havia as piadas de outros vereadores. De alguma forma, essa situação afetava a vida pessoal dela, pelas dificuldades de viver o relacionamento lésbico devido à lesbofobia e outras questões impostas socialmente.

Olha, os momentos mais difíceis... eu acho que o momento mais difícil foi a recusa do PL da visibilidade lésbica, foi a primeira vez que eu vi a Marielle muito abalada ali. Porque também, assim, era uma Casa extremamente fundamentalista, lesbofóbica, então a recusa do PL da visibilidade lésbica acabava que falava mais uma vez de uma recusa da nossa relação, que por muitos anos foi... cerceada de poder viver né, plenamente por questões de lesbofobia, seja da sociedade, seja da família. Então esse foi um momento muito difícil, a Marielle me liga do plenário chorando depois do PL ter sido recusado e era recusado como tudo né, pra... pra... pros LGBTs em geral com requintes de crueldade né, então, assim, tiveram piadinhas, etc, então fica mais difícil ainda.

Para Monica, o que mais emocionava Marielle como vereadora era o acolhimento que ela recebia pela população em geral, das pessoas e dos movimentos sociais que acompanhavam o mandato e de sentir que estava fazendo diferença naquele espaço. Ou seja, o mais emocionante era ter um retorno positivo do trabalho como vereadora, de perceber que, efetivamente, estava conseguindo realizar o papel de representação:

Agora a parte bonita era a acolhida, né, assim, a Marielle foi muito acolhida pelos movimentos sociais, pelas pessoas de forma geral. Então ela gostava muito de fazer essas rodas de conversa pra fora. A construção efetiva de uma modificação, né, a Marielle tinha um mandato que era muito mais dinamizado pra fora daquele espaço da Câmara do que pra dentro. Então toda essa... essa... o acolhimento que ela tinha né, o reforço positivo que ela tinha das pessoas dizendo o que ela representava, de que era uma inspiração e colocando ela nesse lugar de uma mulher que fazia a diferença ali, isso era uma parte que ela gostava muito né. E como boa leonina ela gostava de ‘tá nesse lugar do holofote e tinha isso com muito carinho, né... o... o... a Marielle era uma pessoa que tinha um índice de rejeição muito baixo, ela era pouquíssimo atacada, fosse nas redes sociais, fosse nas ruas, não era uma coisa comum de se ver, muito pelo contrário, as mensagens de carinho e de afeto eram muito maiores.

Ao perguntar quais seriam as recordações positivas desse período, Monica lembrou de um comício da campanha na Lapa, quando percebeu que Marielle estava se sentindo realizada:

[...] que aí quando a Marielle já ‘tava ali na cara das eleições e tal, e a Marielle já tinha explodido na campanha, e quando ela sobe no palco da Lapa, assim, a Lapa quase vem abaixo gritando o nome dela, e eu tinha ido logo pra frente do palco, assim, pra poder filmar. E eu lembro de quando eu olhei a Marielle com aquela multidão gritando o nome dela... a Marielle tinha uma luz impressionante, assim, você via como ela tava realizada ali.

Já dentro da Câmara como vereadora, a recordação positiva foi de uma atividade com religiões de matriz africana e a entrega da medalha da Câmara para a escritora Conceição Evaristo. Monica disse que esse tipo de atividade marcava muito o trabalho de vereadora de Marielle por não serem habituais naquele espaço:

E aí vem a eleição e tal, ela é eleita, os momentos positivos sempre quando ela conseguia fazer um trabalho que era efetivo dentro da Câmara. Teve uma atividade que ela fez justamente com... com... religiões de matriz africana, que ela botou um monte de religião lá dentro, e era um bateção som de tambor, gente de branco, fazendo aquele negócio, defumando a Casa, um negócio lindo de se ver, ela tinha ficado muito feliz porque, assim, não tem nada, né, parecido naquela Casa. A entrega da medalha pra Conceição Evaristo. Foram momentos que marcavam muito, quando ela conseguia marcar o trabalho dela com uma ação que não era comum naquela Casa.

De recordação negativa, Monica voltou a lembrar do PL da visibilidade lésbica que foi recusado pela Câmara. Além disso, mencionou as questões e dificuldades do cotidiano e os preconceitos que sofria no espaço institucional: “Pra além disso, as questões do dia a dia, assim, existia um desgaste muito grande, né, que ‘tava ali muito pautado no preconceito, de não aprovar o projeto, de ter dificuldade pra negociar as coisas, mas eu acho que o negativo mesmo é esse, porque ela chora então acho que isso mexeu muito comigo”.

As mudanças, após ser eleita, foram muitas. Segundo Monica, o que permaneceu em Marielle foi a simpatia e a simplicidade, de continuar sendo uma pessoa que não tinha interesse pelo poder, nem estava deslumbrada pela repercussão da mídia. Permaneciam, em sua vida, os lugares que ela gostava de frequentar, continuava gostando das mesmas coisas de antes e estava sempre disposta a acolher as pessoas, conforme disse no trecho a seguir:

Da Marielle antes pra depois? [pausa] Eu acho que só mesmo a simpatia e simplicidade, assim, Marielle não foi uma pessoa que se vislumbrou com poder ou com repercussão midiática, nada disso. Ela continuava gostando de frequentar os mesmos lugares, fazendo as mesmas coisas... continuava acolhendo muito as pessoas na rua que queriam falar com ela. Eu acho que isso porque de resto, assim, a modificação foi muito grande, né.

Marielle tinha vários planos para o futuro até que foi interrompida pelo brutal assassinato em março de 2018. Monica e ela tinham planos de se casarem, Marielle queria fazer um doutorado, além disso, gostaria de seguir a carreira na política, sobretudo, concluindo o período do mandato como vereadora: “Olha, ali em 2018 foi o ano eleitoral, um desejo... é óbvio que o partido tinha outras aspirações políticas pra ela, então ela ainda não tinha decidido ali o que que viria. [...] Eu falei: “ah, mas que que ‘cê quer?” [...] ela falou “cara, eu quero terminar meu mandato”. Infelizmente, isso não foi possível”.

### **6.2.2 Talíria**

A segunda entrevistada foi Talíria Petrone. A solicitação da entrevista e a carta de apresentação da pesquisa foram enviadas por e-mail em julho de 2020. Nessa época, ela estava de licença-maternidade e não foi possível agendar. Entrei em contato novamente no mês de outubro, depois do período de licença. Após algumas trocas de *e-mail* com a assessoria, conseguimos agendar para o início de dezembro.

Antes da entrevista, enviei o quadro da etapa 1 e o questionário para que Talíria preenchesse e me enviasse antes da entrevista. Entretanto, como ela não havia respondido antes da entrevista, logo após a minha apresentação e de explicitar os objetivos da pesquisa, pedi para que ela citasse oralmente os marcos mais importantes, assim como no caso do questionário, que ela respondeu também oralmente ao final, após as perguntas semiestruturadas do roteiro. A conversa ocorreu na plataforma Zoom e durou cerca de 50 minutos.

Na primeira etapa, ela indicou quatro marcos que considerou importantes na sua trajetória política até se tornar vereadora:

Etapa 1 - Quadro dos marcos /momentos/ situações destacadas			
Marcos /momentos/ situações destacadas	Idade que ocorreu ou data aproximada	Motivo pelo qual é importante	Pessoas ou acontecimentos relevantes para a situação destacada
Sala de Aula	20 anos, 21 anos	Perceber a sala de aula como elemento transformador foi um... sem dúvida importante pra eu me organizar politicamente pra me tornar vereadora	Alunos de uma escola que eu dava aula no Portão do Rosa em São Gonçalo
Minha experiência no movimento da igreja católica	Por volta dos 13 anos	O espírito comunitário da pastoral da juventude eu acho que também foi bem importante	
O esporte, eu fui atleta.	Dos 10 aos 20 anos	Foi a experiência mais coletiva, de maior coletividade que eu já vivi, de necessidade da coletividade	
Lembrança da minha mãe, um em cada braço, outro na barriga, subindo a ladeira da Riodades.	Infância	Essa lembrança da... da vida... do corre, sabe, do quanto minha mãe exausta, mas ao mesmo tempo presente, guerreira, sem dúvida foi minha primeira experiência de relação com uma mulher feminista sem saber que era	Mãe

Quadro dos marcos/momentos/situações destacadas de Talíria

O primeiro marco apontado por Talíria na entrevista foi a sua experiência na sala de aula como professora. Ela recordou a falta de perspectiva observada em alguns alunos de uma escola em que dava aulas no município de São Gonçalo, no estado do Rio de Janeiro. Dessa forma, considerou importante se organizar politicamente e se tornar vereadora, para, posteriormente, acompanhar o processo de transformação daqueles alunos e a ampliação de suas perspectivas.

Eu acho que a sala de aula, sem dúvida, e aí eu lembro de um momento, assim, ter uma conversa com alunos de uma escola que eu dava aula no Portão do Rosa, em São Gonçalo, e nessa conversa era muito chocante a perspectiva, a não perspectiva daqueles alunos. Eu brinco assim de... de... de viver e experimentar o mundo pra além do viaduto ali, que tinha ali, então era a perspectiva de trabalho, era trabalhar no supermercado, trabalhar na vendinha, vender a bala na... é... e... uma escola privada inclusive, precarizada, mas privada. E foi muito lindo o processo de o quanto a sala de aula se tornou um processo de emancipação daqueles alunos, assim, não na minha aula, mas na troca ali. E, assim, até hoje essa turma em especial tenho alunos aí que ‘tão fazendo aí seu doutorado... então perceber a sala de aula como elemento transformador foi um... sem dúvida pra eu me organizar politicamente pra me tornar vereadora.

O segundo marco destacado por Talíria foi a sua experiência na igreja católica. Ela disse não se considerar mais católica e, no momento da entrevista, tinha mais referência nas religiões de matriz africana. Todavia, quando tinha cerca de 13 anos, o “espírito comunitário da Pastoral da Juventude” foi primordial para o seu posterior engajamento político.

Desse período, lembrou que participava de “missões”, com esses grupos viajava para lugares com grandes desigualdades sociais. Ela disse que dessa experiência o mais significativo foi aprender o sentido de acolher. Apesar de ter observado pessoas conservadoras nesse ambiente, via também outras que conseguiam seguir um tipo de socialismo na igreja, tendo entendido depois o significado disso:

Na igreja tinham muitas missões que a gente chamava assim, que eram viagens pra... pra locais mais... precarizados. Então um pouco... essa... essa lógica da caridade, que vai mudando o nosso olhar sobre o que é caridade, mas eu fico pensando o quanto a gente tem que ser mais igreja também um pouco no sentido de acolher de... Então, acho... eu convivi com pessoas que... conservadoras, que hoje eu sei que são, mas com pessoas muito... que viviam muito plenamente o socialismo na igreja e hoje eu entendo o que que... o que que era isso, então...

Talíria foi atleta, jogadora de vôlei, dos 10 aos 20 anos. O esporte foi o seu terceiro marco, pois o considerou como a maior experiência de coletividade já vivida: “E... eu acho... a... a experiência mais coletiva, de maior coletividade que eu já vivi, de necessidade da coletividade foi... foi no... no esporte coletivo que é o vôlei”. Na entrevista, disse que costumava sempre fazer comparações entre a dinâmica das quadras com a política: “eu sempre faço muitas comparações entre o que é, o que que é... são as quadras e o que que é... o que que é a política, assim”.

Refletindo sobre as experiências da sua vida, ela disse que sempre pensa em sua mãe. O quarto marco foi a relação e a vivência com ela. Através de uma lembrança da infância, enfatizou as dificuldades, a força de criar os filhos e de se fazer presente. Talíria considerou esta a sua primeira experiência com uma feminista:

A minha lembrança da infância, que é uma lembrança que a gente até, assim, às vezes até apaga, mas que eu tenho visto, vindo muito, é uma lembrança da minha mãe um em cada braço, outro na barriga, subindo a ladeira da Riodades. Essa lembrança da... da vida...do corre, sabe, do quanto minha mãe exausta, mas ao mesmo tempo presente, guerreira, sem dúvida foi minha primeira experiência de relação com uma mulher feminista sem saber que era.

Talíria recordou da infância e foi destacando o que acredita ter contribuído para sua trajetória de engajamento político até se tornar vereadora. Primeiro, ela sublinhou que, desde criança, sentia um incômodo com a desigualdade social percebida à sua volta.

Sim, então, eu desde pequena eu tenho uma lembrança de um incômodo muito grande com a desigualdade. [...] E tenho uma lembrança de me incomodar muito com as pessoas em situação de rua, eu lembro que eu sentava pra conversar e minha mãe “vamo pra casa, menina, para com isso, vamo pra casa!”

Aprofundando-se mais sobre o papel do contexto familiar em sua trajetória política, Talíria recordou dos estímulos que recebeu de sua mãe pelo fato de ser professora e de seu pai por ele ser artista, músico e pintor: “Eu... a lembrança que eu tenho da minha casa é assim:

minha mãe professora, meu pai artista plástico, é músico e... pintor. Então cresci com arte, com meu pai estimulando ‘lê jornal’”.

Apesar desses estímulos positivos, as relações familiares eram difíceis, Talíria disse que, posteriormente, foi entendendo que os conflitos eram relativos às desigualdades de gênero e ao machismo presente na sociedade refletido nessas relações. Perceber isso a fez se tornar a feminista e parlamentar que é atualmente: “Eu hoje tenho muita nitidez do quanto isso me fez feminista, me fez parlamentar, me fez... não tenho a menor dúvida”.

Da escola, recordou que estudou em colégios privados. Por sua mãe ser professora, sempre contava com uma bolsa de estudos para a filha estudar nos colégios em dava aulas. Nesse espaço, era uma das poucas crianças negras e era chamada por alguns apelidos que faziam referência à sua cor. Na entrevista, declarou que, em alguns momentos, sentia um não pertencimento àquele lugar:

Eu era uma estudante de escola particular bolsista, minha mãe é professora, então sempre estudei de graça numa escola particular. E eu era, que eu me recorde, uma das poucas meninas negras, que também não me identificava enquanto negra porque não... sabe... eu não tinha essa... mas eu era a bombom da tia do terceiro período sabe, eu lembro dessa... é... desse... não lugar em alguns momentos, né.

Sobre a possível influência que a escola pode ter tido em seu engajamento, considera que essa experiência naquele espaço talvez tenha exercido influência em sua decisão. Citou alguns professores com quem tinha um bom diálogo:

Eu tive um ou outro professor interessante... Eu num... eu tenho lembrança de alguns professores que travavam bons diálogos, Altair foi meu professor de geografia e Carlos Alberto, professor de história, lembro desses dois professores em especial. Um inclusive me deu um livro de Hobsbawn pra ler no terceiro ano e abriu um pouco a minha cabeça, falava de marxismo, assim, um pouco...

Aos 18 anos, surgiu a oportunidade de Talíria ser jogadora de vôlei em Portugal. Foi um momento muito difícil pela desaprovação de seu pai à possibilidade de ela sair do país. Sua mãe a apoia e ela viaja. Talíria sublinha o quanto sua mãe foi forte, sendo, em diversos momentos de sua vida, seu apoio e fortaleza. Nesse período, ajuda sua família enviando dinheiro. Depois de dois anos, ela decidiu voltar pela saudade que sentiu ao viver longe dos familiares:

Pra mim foi um negócio muito difícil porque meu pai não queria que eu fosse, minha mãe bancou. Essa é uma lembrança que eu tenho muito forte, do... da minha... da fortaleza que é a minha mãe, assim, em vários momentos da minha vida. [...] E aí eu fiquei 2 anos jogando vôlei lá e ajudava minha mãe quando eu voltava, mandando dinheiro pra cá, e voltei porque eu ‘tava com muita saudade, né, dessa relação, com a família...

Quando Talíria retorna ao Brasil, sua mãe e seu pai haviam se separado. Para ela, mesmo sendo a filha mais próxima de seu pai, viu o rompimento da relação dos seus pais como uma mudança importante para a sua mãe. Durante a entrevista, ela citou algumas situações difíceis

vivenciadas na infância e na adolescência, como a configuração da sua casa, ciúmes e brigas: “A gente não tinha qua... uma casa, a casa era o ateliê dele. [pausa] E ao mesmo tempo era tudo em função dele na casa, sabe... Quanto minha mãe virou outra quando rompeu com essa relação, quanto até hoje eu... eu sou a filha mais próxima do meu pai, assim”.

No seu retorno, viu que sua família estava passando por dificuldades financeiras: “Aí quando eu chego ali, falo ‘cara, não tem condição, acabei de ficar 2 anos fora, cresci pro mundo’, e aí minha mãe ‘olha, mas a gente não tem condição de alugar um lugar’”. Talíria começou a trabalhar com *telemarketing*, conciliando com a faculdade, na UERJ, de São Gonçalo: “Aí eu lembro que eu voltei a traba... eu comecei a trabalhar com *telemarketing*, ‘não, eu te ajudo’, eu trabalhei uns 3 anos com *telemarketing*... e... enquanto fazia minha faculdade na UERJ de São Gonçalo, que era uma faculdade... é um... é um *campus* bem popular”.

Nesse momento da entrevista, ela fez um parêntese sobre a importância desse município na sua trajetória. Apesar de não ser a cidade onde morava, representou, pelas diferenças, uma outra experiência na sua trajetória: “Minha experiência com essa cidade São Gonçalo me constituiu muito, que é uma cidade muito diferente de Niterói, da onde eu sou”.

Durante a época em que cursava a faculdade em São Gonçalo, Talíria começou a ter mais interesse por política. No entanto, não se identificava com o movimento estudantil, pois sentia que não se encaixava na sua vida de estudante trabalhadora: “Na faculdade eu comecei a me interessar mais por política partidária, por... mas eu achava... eu nunca me identifiquei com o movimento estudantil, porque a minha vida não cabia no movimento estudantil, sabe”.

Ela procurou uma amiga, que era filiada ao PSOL e próxima ao MST, e começou a participar de algumas atividades. Após participar de uma campanha eleitoral, consolida sua militância nesse partido, lugar onde ela diz que se encontrou:

[...] e aí na verdade uma amiga minha, a Luane, que estudou comigo, moradora de São Gonçalo também, que estudou comigo na UERJ, foi quem me apre... falei “cara, tô muito angustiada, quero fazer alguma coisa, mas não é isso”. Ela já era filiada ao PSOL, mas ela era muito próxima do MST... do... fazia muito vinculada às vivências do MST. Aí comecei a acompanhar um pouco, de longe, alguma coisa, e participei de uma campanha do PSOL e aí não saí mais. Isso foi uma... com todas as contradições, foi um lugar onde de alguma maneira eu me encontrei.

Talíria acentuou que, na faculdade, ao aprofundar seus conhecimentos de história, observou que alguns caminhos começaram a fazer mais sentido para o seu percurso, como, por exemplo, não seguir mais a religião católica: “Eu acho que a faculdade de história foi... me fez romper com a igreja... primeiro de tudo, assim, embora isso tenha marcas ainda, né, mas conhecer a história, entender como a gente chegou até aqui foi muito fundamental pra eu entender quais eram as saídas, né”.

Além disso, a experiência de estar numa universidade em São Gonçalo, a identificação com os estudantes que, como ela, conciliavam o trabalho com os estudos, sentir e ver esse esforço foram importantes naquele momento em que ela começou a buscar um espaço para o engajamento político: “O espaço da universidade, estar numa universidade em São Gonçalo... com aquelas pessoas, normalmente eram como eu, trabalhavam durante o dia e de noite ‘tavam lá no corre...”.

Como já havia destacado no início da entrevista, quando citou os marcos, a sua experiência na escola como professora foi determinante para o engajamento político. Ela acreditava que, nessa profissão, ajudaria a mudar o mundo e continuou acreditando nisso, mas, ao se dar conta de que as contradições da sociedade também estavam ali presentes, percebeu a necessidade de uma luta política mais ampla para também contribuir com aquele espaço e buscou a organização em um partido político.

Porque eu achava, quando eu escolhi ser professora eu falava “eu quero ser professora porque eu acho que é uma profissão que vai me ajudar a mudar o mundo”, e eu continuo achando que a escola é isso tudo mesmo, só ao mesmo tempo o mundo ‘tá dentro da escola. Quando ‘cê chega na escola você é um aluno que... ‘tá... chegou pra comer na escola, é a escola que vai fechar porque teve um tiroteio que matou um estudante, é a falta de pilot. A escola é o local, é um... que todas contradições de fora dela ‘tão ali, então eu passei a entender que ali era insuficiente pra eu... que eu precisava de um lugar que juntasse as lutas pra mudar também a escola, pra incidir também sobre a escola, e é aí que busca o partido, né.

Antes de entrar no partido, como docente, teve sua primeira experiência política militante no movimento grevista: “Eu entendo que a minha primeira experiência política organizada foi na sala de aula, assim, sabe. [pausa] Foi um período... fiz greve, eu era contratada da Faetec, fiz greve, lembrei disso, a ameaça de demissão porque eu era contratada, não era concursada, então... isso antes de estar no PSOL né, antes do partido”.

Quando Talíria iniciou sua militância política, encontrou resistência do seu pai. No entanto, diferente de quando foi para Portugal e também teve a desaprovação dele. Nesse momento, ela já tinha alcançado sua autonomia financeira e morava sozinha: “Aí quando... aí quando eu começo a militar tem muita resistência do meu pai, muita, muita assim. Só que aí eu já ‘tava também morando sozinha, já era uma trabalhadora, já não tinha relação com o meu pai, tinha quando ele resistiu ao vôlei, sabe, assim”.

À medida que foi se engajando politicamente, descobriu que seu avô foi militante do Partido Comunista e havia sido torturado na época da ditadura militar no Brasil. A memória do seu avô, transmitida anteriormente pela família, não revelava o seu posicionamento político, sua militância política e o que sofreu da opressão do regime ditatorial no seu passado. A família destacava outros aspectos. As revelações dessa memória do avô militante despertaram o

interesse de Talíria de saber mais sobre a sua vida, mas, avaliando o impacto nas suas próprias escolhas, diz que ele não influenciou no seu engajamento, até porque ela não teve esse conhecimento anteriormente.

Meu avô foi mi... foi... torturado na ditadura, foi comunista do partidão. Mas olha que doideira, meu pai sempre fala do pai, né, [...], mas ao mesmo tempo meu pai só começa a falar do meu avô comunista quando eu entro pra política. Era o meu avô poliglota, meu avô... Eu inclusive quero ter um tempo pra investigar mais a história do meu avô, meu avô ‘tava lá na mobilização de Volta Redonda... Quando foi a primeira duramente reprimida na ditadura. Então é muito forte isso também, mas... se você me perguntar... “a história do seu avô te fez estar na política?”... Não. Não sabia e quando eu... quando descobri isso foi muito interessante né, porque eu já era uma militante. Não era ainda parlamentar, mas era uma militante.

Ela associou a desaprovação que teve do seu pai, com relação ao seu engajamento político, a essa experiência que ele vivenciou como filho, com seu pai militante, as dificuldades e opressões sofridas na época da ditadura militar.

O meu pai... [pausa] Eu acho que pela experiência que ele viveu. A casa do meu pai foi metralhada na infância, depois eu fui sabendo disso tudo né, meu pai foi pra um internato [...]. Então eu entendo, assim, um pouco esse lugar que colocaram o meu pai, né. A relação do meu pai com o comunismo, com a... ao mesmo tempo essa é a história dele, não é a minha, né.

As lembranças, sobretudo com relação à sua família, foram acionadas durante a entrevista e a fizeram refletir sobre o quanto essas experiências de vida “o quanto isso... quanto isso... constitui a gente enquanto ser político, enquanto mulher política né, no sentido mais amplo”. As desigualdades de gênero, o machismo presente em algumas relações familiares, a experiência do trabalho com *telemarketing* ao mesmo tempo em que fazia faculdade, as dificuldades financeiras vivenciadas pela família, entre outras situações, Talíria as sintetizou e afirmou que essas vivências a constituíram, numa trajetória de engajamento político:

E aí Bia, assim, eu acho que essa coisa desses corres todos, pensando assim, essa coisa do trabalho do *telemarketing* que só tinha 5 minutos pra fazer xixi, sabe, da minha mãe subindo a ladeira, da... da gente e todo mundo no mesmo quarto, d’eu só passar a ter uma cama depois que eu mudei com a minha mãe, na minha casa era um colchonete, sabe, depois que eu mudei com a minha mãe pra... pra essa casa que a gente alugou, então tudo isso acho que me constituiu um ser político, uma mulher que fazia já política sem entender o que é política.

Talíria disse que, à medida que ela se aprofundava na política, as recordações mais antigas foram voltando. As vivências, as relações desiguais de gênero, somadas às lembranças da mãe trabalhadora, e à sua própria experiência como mulher trabalhadora foram consideradas muito importantes na autoavaliação de Talíria sobre sua trajetória de engajamento político:

Porque o machismo constituiu muito o meu pai, assim, muito, muito, muito, assim. E hoje eu tenho convicção que isso me fez ser um ser político... Então... então por um lado isso. O sofrimento da minha mãe... cada vez mais lembranças do sofrimento da minha mãe, [...]. Coisas que eu tinha esquecido e que cada vez mais que eu me joga na política isso também fica muito nítido, muito nítido. Então essas relações de gênero

e a relação de... a experiência de trabalhadora, né. Minha mãe trabalhadora, eu trabalhadora, eu acho que são duas questões que... que são muito fortes na minha constituição...

Quando Talíria iniciou sua trajetória política, não imaginava que um dia se tornaria parlamentar. Ela disse que as manifestações Primavera de Mulheres foram fundamentais para a candidatura. Antes, disse que observava, dentro do partido, as dificuldades que as mulheres tinham para estar em alguns espaços. Essa mobilização ajudou a amplificar a luta feminista para outros setores. Ela mesma diz que, quando começou a militar, apesar das suas vivências, ainda não tinha tanta clareza sobre o feminismo:

Agora eu acho que é muito mais forte isso, mulheres na política, mas antes, pra ter uma mulher na mesa, numa mesa era uma briga louca. Então eu acho que a Primavera das Mulheres visibiliza, amplifica, populariza a luta feminista. Populariza é... acho que é demais, mas, assim, sai um pouquinho daquela bolha... que eu não me sent... nem sabia o que era feminismo quando eu começo a militar direito, sabe. O feminismo... eu não entendia bem. Eu era uma militante, não era uma feminista. Feminismo foi... Então eu acho que sim a Primavera, pra candidatura de vereadora sim, eu acho que sim, sem dúvidas.

A construção da candidatura a vereadora se deu a partir do incentivo de algumas mulheres do PSOL que apontavam a necessidade de ter uma candidata feminista. Na época, Talíria já era uma dirigente do partido e aceitou: “A candidatura foi um negócio assim, um monte de mulher do partido: “tem que ter uma mulher aqui, isso é dirigido por homens, tem que ter uma mulher” e eu falei... eu era uma dirigente partidária já, mas, assim, “gente, eu tô aqui, deixa eu aqui”. Vamos, ‘vamo “tá bom, topo””.

O objetivo da candidatura, construída por mulheres, era levar a pauta feminista e antirracista para aquela eleição municipal. Alguns homens diziam que a campanha estava muito radical. Com todas as dificuldades e com poucos recursos, Talíria venceu as eleições e foi a mais votada da sua cidade:

Mas era uma candidatura pra levar a pauta feminista, antirracista pra cidade. Eu lembro que a gente usou como *slogan* “Niterói negra, popular e feminista”. Aí o que a gente ouviu dos homens foi: “muito radical, não dá pra usar feminista”. Falar negra, olha isso, foi 4 anos atrás, falar negra vai, vai... vai dificultar o voto. Nossa, cara, deixa a gente aqui, sabe. Então foi uma campanha muito... aparentemente artesanal, porque eram mulheres, só mulheres praticamente construindo, poucas, sem dinheiro, levando umas fitzinhas pra cada... Então a decisão foi muito atendendo a uma demanda coletiva da mulherada de ter uma candidatura. E aí foi um susto... a eleição... foi assim: “caraca, agora a gente tem um mandato, que que a gente faz?” Foi um... aí a gente teve que ter um mandato né, não teve jeito.

Quando Talíria foi eleita vereadora e, principalmente depois que Marielle foi assassinada, a desaprovação e as preocupações do seu pai aumentaram. Ela pontuou que a sua mãe também tem medo e preocupação, mas se sente fortalecida e apoiada por ela, inclusive com a participação dela no mandato e o surgimento de um interesse maior por política:

Com a minha mãe eu ent... eu acho que minha mãe se divide entre o medo... minha mã... Meu pai também tem medo, sabe, mas... não tenho dúvida disso, mas minha mãe demonstra o medo, mas me fortalece muito. Eu acho que eu e minha mãe nos libertamos juntas, assim. E o mandato cada vez mais... minha mãe se joga cada vez mais na política, também, minha mãe veio junto, eu acho sabe? [...] Embora...embora... minha mãe fala “não queria, mas ‘cê tá, então ‘vamo, então ‘vamo” [risos].

Também sente apoio da sua irmã e de seu irmão, que acabou se engajando politicamente também: “Sim, sim, meu irmão cada vez mais engajado... Minha irmã... assim, engajado do jeito dele, mas, assim, muito... firme ideologicamente, foi se tornando no processo”.

Sobre os grupos de amizade que fazem parte da sua vida, Talíria comentou que ainda tem contato com as amigas de infância e da escola:

É engraçado né, que eu tenho amigos que são desde sempre, né. Tem até um grupo de amigas da escola que a gente estudou a vida inteira juntas e até hoje somos amigas, mas são amigas que não têm um envolvimento com a política. [...] Então as amigas de escola... não têm um vínculo muito direto, né. Elas são diversas, algumas mais próximas da política, outras menos...

As amigas que conheceu na época da faculdade são as que considerou mais próximas da sua vida após se tornar vereadora. Talíria brincou dizendo que uma delas é a responsável por isso: “As amigas da faculdade eu acho que são as que ‘tão mais próximas da... da vida parlamentar. Inclusive, eu brinco com a Luane que foi minha amiga há mais de 10 anos, mas começamos essa amizade na universidade, eu falo que a culpa é dela, eu falo ‘a culpa é sua’”. Para ela, essas amigas a ajudaram a se encontrar politicamente.

Ela destacou também sobre os amigos e amigas que fez no partido político, que são os que ela acaba convivendo mais no dia a dia:

Tem os novos, né. Eu fiz novos amigos no PSOL e na...[pausa] os amigos de militância que já tem um tempo, né, porque já tem mais de 10 anos, então são amigos... que eu já entendo que são amigos de longa data. Eu acho que tem uma coisa da militância política e do estar parlamentar, assim, mas a militância política mesmo, que a gente acaba convivendo muito né, com quem tá ali, né.

Ela disse que não houve mudanças nas suas relações de amizade após se tornar vereadora, continuam da mesma maneira, mudou mais a relação com os colegas, mas por eles e elas passarem a vê-la de outra forma: “Eu acho que tem... pra colegas, muda, porque acho que os colegas te veem... passam a te ver como... como parte daquilo, primeiro, né, ou como... num outro lugar, sabe. Agora os amigos mesmo, de infância, eu acho que não mudou nada, assim”.

Ao mesmo tempo que não mudou o relacionamento com as pessoas mais próximas, ela sentiu que, com o aumento das tarefas como parlamentar, acabou deixando a vida pessoal mais de lado, afastando-se da convivência diária. Talíria tinha medo de que seus amigos e amigas não entendessem isso, mas, ao contrário, eles se fazem presentes em sua vida.

Eu acho que... tem uma coisa que pra mim foi muito difícil no início que eu tô tentando agora começando a entender que é: aumenta uma demanda de tarefas de... e que você acaba deixando a vida pessoal um pouco de lado e isso afasta você um pouco da sua convivência cotidiana. Eu sempre tive muito medo disso parecer uma mudança, sabe, “ah, mudou”, porque eu não consigo mais responder WhatsApp. Mas, olha, os meus amigos mesmo... sempre entenderam isso e, ao contrário, foram acolhedores no sentido de “não, Talíria não viu o WhatsApp, vamos ligar, a gente vai se encontrar aqui, ‘tamo te ligando, qual o dia que ‘cê, ‘pô, não sei quê, ‘pô, cadê você?’, então é muito bom.

Talíria relacionou o fato de ela não ter mudado e o esforço por manter as relações de amizade à importância que ela dá à “coletividade”. Essa era forma com que acreditava na construção da política antes e estava seguindo dessa mesma maneira na política institucional:

Eu acho que tem uma coisa também... [pausa] A gente ocupa política institucional talvez do mesmo jeito que a gente ocupa a... a luta, sabe, eu não sei, assim. E... e sempre tive uma coletividade que me tirou desse lugar, do espaço de poder perigoso, que tá ali, né, o poder é um horror, a gente quer o poder, temos que assumir o poder, mas temos que pegar o poder pra coletivizar e o poder é um horror. Então se você não tem uma coletividade que te puxe, filha, sai daí, cara, esse aí não é o caminho. Então eu acho que eu sempre tive uma coletividade que me... ocupou comigo o poder, então talvez seja por isso que não tenha mudado tanto.

Quando perguntei como é ser uma jovem, mulher, negra, vereadora, Talíria respondeu: “Cara, é um não lugar, é um não lugar”. Para ela, ser uma jovem, mulher, vereadora é uma ocupação distinta daqueles que figuram naquele espaço tradicional da Câmara Municipal, inclusive, por um período, ela foi única mulher vereadora daquela legislatura na cidade de Niterói. Especialmente no mandato de vereadora, conseguia estar ainda mais próxima do cotidiano das reivindicações sociais na rua. O mandato como deputada federal acaba sendo mais distante desse dia a dia na cidade. Quando era vereadora, ao mesmo tempo que sentia a importância disso, na rotina, percebia que as pessoas se identificavam com o trabalho que estava sendo realizado e o quanto era difícil lidar com o ambiente interno da Câmara Municipal.

Mesmo sendo eleita, inclusive a mais votada da cidade, ainda assim, Talíria passou por muitas situações de desrespeito por parte dos outros vereadores. Durante a entrevista, ela relatou algumas dessas situações e o quanto foi difícil, violento, horrível e chocante: “[...] até aceitarem que tinham que me respeitar foi bem difícil. E começou... mas foi tão chocante pra mim, assim, foi um negócio meio... foi muito... horror, foi um horror. Foi horrível. Tive a dimensão do horror que tava colocado. A política não é feita pra mulher, não é”.

O momento mais emocionante como vereadora foi justamente a apuração e a posse. Para Talíria, vencer as eleições e ser a mais votada mostrou que havia demanda na cidade por um mandato “popular” e “radical”, que fosse “raiz das questões”, palavras que usou na entrevista:

Foi muito... chocante a gente ser o mandato mais votado da cidade. Foi de um... de uma... a gente... a concretização de que a... a... acertamos politicamente, que havia uma demanda popular por um mandato radical, sabe, no sentido de ir na raiz das questões, foi muito emocionante. [...] A posse também foi muito... muito forte.

No período como vereadora, o momento mais difícil para Talíria foi o assassinato de Marielle, tanto pessoalmente, pois eram muito amigas, quanto por tomar consciência do risco que corria como figura pública, mulher e vereadora: “Acho que o mais difícil foi a execução de Mari. E quando eu tive... mais difícil pessoal né, porque cara, perdi minha amiga, mas foi quando eu tive a dimensão do risco que envolvia a tarefa que eu tava topando, foi desesperador, assim... [pausa] ... esse foi o mais difícil”.

Quando perguntei sobre uma recordação negativa como vereadora, Talíria novamente mencionou o assassinato de Marielle, que, entre muitas situações negativas, sem dúvida, foi a mais marcante: “Isso é muito marcante, eu não consigo... tem muitas coisas negativas, mas eu não consigo pensar em nada pra além... Isso vai atravessar a minha vida inteira, não tem como, assim, de pessoal e parlamentar, também, política, né”.

Talíria disse que teve muitos momentos positivos na época em que era vereadora, mas ela destacou o fato de o mandato ter sido, praticamente, composto por mulheres, normalmente, eram as únicas mulheres no plenário e se sentia muito fortalecida por elas, apesar das reações fortes que sofria naquele espaço: “As únicas mulheres que tavam lá normalmente eram as... as... as mulheres da taquigrafia... e aí fazia um discurso potente, preparado por mulheres, falado por uma mulher, sobre mulheres, eu acho que isso... isso sempre foi muito forte. Vinha muita reação, mas era... eu me sentia muito fortalecida”.

Durante a entrevista, Talíria mencionou algumas expectativas para o futuro. Disse que não pensa em sair do país, apesar das ameaças que recebe e de precisar de escolta policial: “Toda hora me perguntam: ‘cê vai sair do país?’, de jeito nenhum, gente. Não posso. Minha vida tá sendo muito violentada, sair do país não tá no meu horizonte”.

Quando perguntei se ela pretendia retomar a sua carreira de professora no futuro, já que é concursada do município do Rio de Janeiro, ela respondeu que isso era um dilema. Essa é a vontade dela, disse que pensa em retomar a carreira, mas, ao mesmo tempo, percebe que talvez seja inviável, respondeu com muita tristeza. As ameaças que sofre e a necessidade de segurança são algumas das questões envolvidas numa decisão como essa. Nesse sentido, avaliou que, como parlamentar, a política tirou muitas coisas de sua vida e talvez a possibilidade de exercer a sua profissão no futuro seja uma delas:

[...] penso que sim, mas penso que talvez seja inviável, assim. Eu sou concursada do município do Rio... na Maré, né, na 4ª CRE. E eu fico pensando com... o que a política tirou de mim, a política institucional tirou de mim e talvez tenha tirado isso também. Se eu deixo de estar parlamentar amanhã eu entendo os riscos que eu vivencio hoje não acabam de um dia pro outro. E talvez seja inviável, e talvez seja inviável porque talvez não tenha espaço pra mim também, nesse lugar hoje... na conjuntura política do Brasil, assim. Será que alguma escola particular vai me contratar? Muito difícil porque... bancar isso. Como é que seria a minha experiência numa escola pública como Maré? É possível? Então eu penso que o lugar onde a política institucional me colocou, — não é nem por falta de desejo, eu morro de saudade da sala de aula —, mas é com tristeza que eu penso que talvez seja inviável. É a primeira vez que eu falo isso, eu acho.

Ela não gostaria de ser uma parlamentar por toda a vida, também disse que gostaria de fazer um doutorado, mas vê muitos obstáculos com as ameaças que sofre:

É muito... é muito duro. Mas eu até fico pensando no futuro, não queria, não gostaria de ser uma parlamentar pra sempre. Isso a gente tem conversado aqui na nossa família um pouco, assim, como vai ser na transição, pra onde né. Penso em fazer um doutorado, né... [...] Porque com a minha profissão, porque eu não sou parlamentar né, eu estou parlamentar, eu sou professora, difícil, mas de repente dá, ‘vamo ver.

A maternidade mudou muitas perspectivas e a sua forma pensar o futuro. Talíria disse que estava sendo desafiador ser mãe estando na política:

Então, muito isso que eu acho que hoje consigo concretizar em relação à minha família, em relação ao futuro, em relação às impossibilidades, aceitar e pensar alternativas, eu acho que tem a ver com... com a maternidade, com esse desafio, assim. Esse duplo desafio, maternidade e estar na política, ‘tá sendo, assim, desafiador.

Durante o processo de engajamento político e sua atuação como vereadora, perguntei o que havia mudado na Talíria. Ela me respondeu que endureceu, para ela, a política “embrutece”:

O nascimento de sua filha, quando já estava como deputada federal, fez isso mudar outra vez: Acho que eu endureci. [pausa] Acho que eu... mas isso já depois mudou de novo depois que Moana nasceu. [risos] Eu endureci muito, assim. A política embrutece... e não é só porque... a política é... é um lugar bruto, né, mas é porque não tem como você sobreviver se você não criar uma casca, sabe, e eu sempre fui muito... leve. Então a política roubou isso um pouco de mim e Moana agora me devolveu. Então a maternidade também trouxe isso de volta pra mim, o que a política institucional roubou no início, e eu não vou deixar roubar de novo.

Ao refletir sobre o que permaneceu igual nesse período de tantas mudanças, Talíria disse que continuou sendo a mesma pessoa, mas que a necessidade de escolta a restringiu muito:

Ah, eu acho que eu continuo sendo como eu... o que permaneceu na minha vida... eu acho que eu continuo sendo... eu acho que sou a mesma Talíria, assim, no sentido de... mesmo endurecendo, como eu falei que endureci... é... a mesma relação com os amigos, com a família, com o boteco, com... mas num posso falar isso não que agora num posso mais porque eu ‘tô com escolta e, não sei, é uma chatice pensar o que permaneceu e mudou.

Ao final, Talíria afirmou que ela permaneceu e sobreviveu: “Eu permaneci, eu acho, eu sobrevivi. Eu acho que eu sobrevivi à política institucional, em todos os sentidos”.

### 6.2.3 Áurea

A terceira entrevista foi com a Áurea Carolina. Fiz a solicitação e enviei a carta de apresentação da pesquisa por *e-mail* em julho de 2020. Nessa época, ela era pré-candidata à prefeitura da cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, e não foi possível agendar. Primeiramente, a assessoria me informou que as entrevistas acadêmicas estavam suspensas até o primeiro semestre de 2021, depois de algumas trocas de *e-mails* e mensagens de WhatsApp, foi possível agendar para o início de dezembro.

Antes da entrevista, enviei o quadro da etapa 1 e o questionário para que Áurea preenchesse e me enviasse antes da entrevista. Entretanto, como ela não havia respondido antes, logo após a minha apresentação e de explicitar os objetivos da pesquisa, pedi para que ela citasse oralmente os marcos mais importantes, assim como, no caso do questionário, que ela respondeu também oralmente ao final, após as perguntas semiestruturadas do roteiro. A conversa ocorreu na plataforma Zoom e durou cerca de 1 hora.

Na primeira etapa, ela indicou quatro marcos que considerou significativos na sua trajetória política até se tornar uma vereadora. Como ela respondeu oralmente, acabou não citando o item do quadro “pessoas ou acontecimentos relevantes para a situação destacada”. A seguir, o quadro com as respostas:

Etapa 1 - Quadro dos marcos /momentos/ situações destacadas		
Marcos /momentos/ situações destacadas	Idade que ocorreu ou data aproximada	Motivo pelo qual é importante
Participação na cultura hip-hop	18, 19 anos	Foi daí que eu me engajei em vários outros coletivos né, que eu me inseri nas lutas sociais
Minha entrada como bolsista de extensão no programa Observatório da Juventude da UFMG.	2004	Quando eu me tornei bolsista de extensão do Observatório da Juventude, pra trabalhar com agentes culturais juvenis, eu consegui reconectar essas coisas[a minha atuação no hip-hop e a minha vida na universidade]
Minha participação no movimento Fora Lacerda	2012	Eu fiz parte dessa articulação, que depois tem um lastro no que vai ser o surgimento da movimentação Muitas da minha candidatura como vereadora, né, dentro de um projeto coletivo
Minha entrada na gestão governamental (governo Pimentel)	2015 (durante 5 meses)	Foi um momento muito importante pra eu entender também... um papel que eu poderia desenvolver né, na política institucional
A construção das Muitas	Março de 2015	A movimentação que levou à campanha coletiva em que eu me elegi vereadora

Quadro dos marcos/momentos/situações destacadas de Áurea

O primeiro marco apontado por Áurea no quadro destacado como o “grande marco” foi a sua participação na cultura hip-hop. Ela se tornou uma ativista desse movimento, por volta dos 18 anos e, posteriormente, se engaja em vários outros coletivos ligados a movimentos sociais: “Então eu me tornei uma ativista do movimento, fui cantora de rap, isso no final de 2002, então eu tinha... 19... pra... 19 anos... 18, 19 anos e... foi daí que eu me engajei em vários outros coletivos né, que eu me inseri nas lutas sociais”.

Ao contar um pouco mais sobre esse marco, Áurea disse que o hip-hop foi muito definidor em sua vida, relacionou-se com a sua formação, seu autoconhecimento, sua busca de identidades e da vontade de contribuir para melhorar o mundo.

Bom, essa história do hip-hop lá na adolescência pra mim é muito definidora porque tem a ver com... a minha... formação, assim... o meu autoconhecimento né, sobre a minha identidade né, ou pelo menos uma busca de identidades, né, sempre em transformação, assim, buscando também a... a possibilidade de contribuir de alguma forma né. Eu tinha muito esse desejo né, já tinha... algumas... passagens, assim... quando eu era... mais novinha, né, de querer fazer... alguma coisa pra... melhorar o mundo, né, esse desejo, assim.

Nesse momento de busca e autoconhecimento, ela se engajou no movimento hip-hop, onde encontrou possibilidade de atuação. Além disso, era também um espaço de socialização, onde ela fez vínculos de amizade e conheceu outras realidades, transitando mais pela cidade.

E o hip-hop foi onde eu encontrei essa possibilidade de atuar, né, que eu fiz muitas amizades, comecei a circular pela cidade, então foi uma descoberta de... outros universos que não faziam parte da minha realidade né, da minha experiência de vida e foi, assim... sei lá, eu costumo dizer que é um... portal que se abriu, né, pr’eu conhecer e conviver com... outras realidades.

Foi participando desse movimento, participação essa que se deu em diversos coletivos e espaços, que Áurea percebeu seu perfil de liderança, pois notou que o seu interesse ia além de apenas estar presente, uma vez que se dispunha a um cumprir papéis de organização, planejamento e articulação. Atualmente, tem mais consciência disso e nota que os papéis desempenhados no movimento hip-hop se relacionam com seu papel no parlamento.

E... do hip-hop é que eu vou entendendo que eu tinha também um perfil de liderança, né, isso de forma mais evidente, assim, então eu participei da organização de vários coletivos, de vários processos, né, sempre gostando muito de ‘tar nesse lugar, de, de... de organização, de planejamento, de... sabe, ajudar a articular, de... dar uma contribuição, assim, que não fosse só estar presente, só participar, né. Eu sempre aprofundi muito, assim, nessas passagens... e hoje é uma coisa que eu tenho mais consciente, né, na minha estrutura, assim, e tem a ver com o desempenho desse papel, né, de representante no parlamento.

O segundo marco apontado no quadro foi a sua entrada como bolsista de extensão no Observatório da Juventude da UFMG. Essa experiência na universidade marca o ponto de encontro entre o hip-hop e a sua vida universitária. Áurea era estudante de graduação em Ciências Sociais e tinha dificuldades de se inserir na universidade. Com esse marco, se

reconecta seus interesses, participando, posteriormente, de vários coletivos, movimentos e projetos socioculturais.

Eu já era estudante de graduação em Ciências Sociais, mas a minha atuação no hip-hop e a minha vida na universidade eram coisas completamente apartadas, assim, eu tinha até uma dificuldade muito grande de me inserir na universidade. Mas aí quando eu me tornei bolsista de extensão do Observatório da Juventude, pra trabalhar com agentes culturais juvenis, eu consegui reconectar essas coisas, porque tinha uma relação direta com jovens da cultura hip-hop que eram meus aliados, então esse é um marco muito importante... Depois, assim, eu tenho várias passagens né, em coletivos, em movimentos, em projetos socioculturais...

Após essa experiência no Observatório de Juventude, iniciada em 2004, Áurea apontou, como um marco no ano de 2012, sua participação no movimento Fora Lacerda. Esse movimento foi resultado da insatisfação com a gestão do prefeito de Belo Horizonte na época, Márcio Lacerda. Durante a entrevista, ela avaliou que esse foi um espaço muito importante em razão da convivência e da aproximação entre diversos grupos com enfoque de lutas sociais diversas: quando eu entro em 2012 esse movimento já ‘tava rolando, né, 2011, 2012 e... ali foi um espaço muito importante de... convivência, de aproximação entre lutas bem diversas, né, por moradia, o carnaval de rua, mobilidade urbana, culturas periféricas.

O quarto marco de Áurea foi a sua atuação como subsecretária de políticas para mulheres na gestão do Governador Pimentel, em Minas Gerais. Ela ficou apenas 5 meses no cargo, no ano de 2015, e saiu por discordâncias políticas. No entanto, essa experiência a fez perceber o papel que poderia desempenhar na política institucional.

[...] tem um marco intermediário que é a minha entrada na gestão governamental em 2015. 2014 teve o processo eleitoral, né, eu me engajei muito na campanha da Dilma e aí eu fui convidada pelo PT pra fazer parte do governo Pimentel, o governo estadual, como subsecretária de políticas pras mulheres. E aí eu fiquei um período curto de 5 meses apenas... eu pedi demissão do cargo porque eu tinha discordância com a linha que ‘tava... prevalecendo, assim, mas foi um momento muito importante pra eu entender também... um papel que eu poderia desenvolver né, na política institucional.

O quinto marco foi a construção do movimento Muitas em 2015. Áurea relatou que esse foi um projeto coletivo, alicerçado a partir da mobilização Fora Lacerda: “Então eu fiz parte dessa articulação, que depois tem um lastro no que vai ser o surgimento da movimentação Muitas da minha candidatura como vereadora, né, dentro de um projeto coletivo”.

A socialização escolar foi muito significativa para Áurea. Antes, seu espaço de socialização se restringia à família, posteriormente, é na escola que começa a conhecer e conviver com diferentes pessoas para além do universo familiar.

A escola foi muito importante pra mim porque... minha vida de criança era... eu sou irmã mais velha né, somos 3 meninas, então éramos nós 3 e minha mãe trabalhando, e às vezes, assim, uns primos, essas coisas de parentes, né. Então, eu nunca fui dessa criança que ficava na rua brincando, que tinha turma de amigos e tal, então a escola era o meu lugar de conhecer e conviver com outras pessoas.

Na escola, também teve acesso a espaços culturais como a biblioteca, começou a se interessar por artes, história e geografia.

E... e foi na escola que... que eu tive também acesso... a muita coisa que... não fazia parte mesmo, tipo, eu gostava muito de frequentar a biblioteca, ficar lendo livros de arte quando eu tinha uns 12, 13 anos, e aquilo pra mim era fantástico, assim, porque me levava pra outra dimensão, então eu ficava “mas gente, é isso, né”, é isso que me alimentava e me empolgava. Então eu... eu sempre gostei muito de história, geografia... porque era o que... o que me mobilizava mesmo né, eu nunca tinha muita paciência pra matemática, esses trem, assim, eu gostava de... aprender sobre outras culturas, né, entender a nossa história, então isso... sem dúvida nenhuma a escola foi sempre muito importante.

Áurea estudou em escola pública. Ela afirmou que, apesar da precariedade, foi um período muito bom em sua vida: “Então, assim, formada na escola pública, ali no meu bairro, né, que é um bairro periférico, João Pinheiro, e... mesmo com toda a precariedade foi maravilhoso”. Ela contou que estudou um ano numa escola particular, no entanto, sua mãe não teve condições de mantê-la, de todas as formas, foi uma experiência difícil: “Eu estudei em escola pública né, a vida inteira, eu tive um ano numa escola particular no ensino fundamental, mas minha mãe não tinha condição de pagar, foi uma experiência até bem difícil”.

Áurea não foi militante no movimento estudantil secundarista e não teve muitas experiências militantes no espaço escolar, contudo, foi ali, numa atividade cultural da escola, que se aproximou do hip-hop:

No ensino médio eu estudei no Cefet de Minas, que eu conheci o pessoal do hip-hop que foi assim a minha primeira liga... foi, foi numa atividade na escola, eles... foram numa... era uma espécie de feira literária, um festival literário, assim, aí eles foram e fizeram uma apresentação e eu fiquei, fascinada, “nossa, é isso aqui que eu quero”. Eu já gostava muito de rap, de pichação, de grafite, mas eu ainda não tinha... me enturmado, né, e, assim, esse evento... foi, assim, um... um acesso pra mim né.

Na universidade, ela também não participou do movimento estudantil, pois não tinha identificação com a linguagem e não fazia sentido em sua vida.

Na universidade, eu tinha antipatia total de movimento estudantil, achava que aquilo não fazia sentido nenhum pra mim, assim. Eu até participava de algumas coisas, mas quando tinha a ver com articulação com as comunidades né, como... como o próprio movimento hip-hop e tal. Então, assim, eu sempre evitei de... de colar em movimento estudantil, eu achava que aquela linguagem tinha nada a ver.

Áurea destacou também cursos de formação pra além da educação formal, que foram importantes na sua trajetória e giravam em torno de temáticas sobre feminismo, cultura e relações étnico-raciais: “Ah, eu fiz vários cursos livres que foram marcantes, assim. Cursos com grupos feministas, com agentes culturais... Na universidade, eu fiz cursos também... assim, cursos de curta duração né, sobre relações étnico-raciais. Então tem um bocado, assim, que foram importantes, com certeza”.

Ao perguntar sobre suas escolhas profissionais, por estarem ligadas a sua trajetória política, Áurea afirmou que são todas relacionadas por ela ter como objetivo a busca pela sua realização, essas escolhas fazem sentido para o seu propósito de vida: “Tem tudo a ver. Porque, assim, no fundo, Ana, as coisas vão se encontrar nessa busca por realização, né, algo que pudesse fazer sentido pro meu propósito de vida, que é uma coisa que eu ‘tô construindo sempre, né”.

A busca pela realização, que Áurea comentou, também convergiu na escolha do curso de graduação, quando ainda era adolescente e sentia toda a pressão de passar no vestibular, sua opção não era uma carreira tradicional para ter um salário alto, mas sim aquela em que pudesse continuar estudando e a fizesse feliz.

Então desde lá de trás o que tem me movido é essa busca... a minha escolha do curso de Ciências Sociais também tem a ver com esse momento na adolescência... de... de pensar assim: como que eu posso... continuar estudando, né, a pressão toda de passar pelo vestibular e estar na universidade, mas acreditando que... que eu ‘tô fazendo aquilo que, sabe... que vai me fazer feliz, né. ‘Tô dizendo dessa forma, mas, assim, tinha um sentimento desde lá de trás que não era uma profissão pra eu fazer carreira ou ganhar dinheiro, assim, eu nunca tive essa pretensão. Então isso me acompanha, então a escolha profissional... a escolha da formação, as escolhas profissionais eu acho que ‘tão muito atravessadas por isso.

Em determinado momento de sua vida, teve que trabalhar como atendente de *telemarketing* e isso a deixou muito insatisfeita: “Tanto que quando eu precisei trabalhar por sobrevivência, em *telemarketing*, em coisas que não tinham nada a ver, eu fiquei muito mal, né, entrei em processo de adoecimento, de muita insatisfação”.

Dessa forma, suas escolhas têm por objetivo conciliar sua formação e o trabalho com a subjetividade do seu propósito de vida: “Então eu tenho isso a vida inteira, então uma necessidade de reconciliar a minha formação, o meu trabalho, com essa minha constituição... de... sei lá, de... de... uma constituição mais subjetiva mesmo, né, assim, de... é isso, um senso de propósito pra minha atuação”.

Áurea destacou a relevância de seu trabalho na coordenação de projetos no Terceiro Setor e como subsecretária de políticas para mulheres para a aquisição de habilidades de gestão:

E eu resumiria, assim, que é a minha passagem por coordenação de projetos no terceiro setor e na gestão governamental me deram também umas habili... me deu umas habilidades de gestão mesmo, sabe, de processos, assim... sei lá, de... de... de orientação de grupos, né. Então é um lugar, assim, que eu acho muito importante, é bem específico, né, não é um perfil que a gente encontra...

Recordando as experiências obtidas em diversos espaços, como na militância em grupos auto-organizados, no terceiro setor, na gestão pública e em trabalhos em condições precárias, por esse afluxo em diferentes universos, Áurea avaliou ter desenvolvido uma boa capacidade de diálogo, de superação das adversidades e de mediação:

Então, assim, como eu passei também por lugares muito... diversos, então, eu tenho experiência na luta auto-organizada, né, em lutas autônomas, eu tenho experiência no terceiro setor, na gestão pública, eu também trabalhei de bico e trabalhei em empregos precários... empresas, né, então esse trânsito foi muito importante também pr'eu... desenvolver uma característica de diálogo, de abertura, né, de construção na adversidade, assim, eu fico mais confortável nesse lugar, que é um lugar muito difícil né, também, de mediar ações, de fronteiras. Mas é um lugar que... que eu boto fê, assim, que eu acho que é por onde a gente pode trazer mais gente, né, consolidar processos mais amplos, assim. Então embora eu tenha passado por grupos só de jovens, só de mulheres... eu fico mais à vontade no fluxo entre esses espaços, assim, e não estar exclusivamente no lugar de mulheres ou num de pessoas negras, sabe.

Declarou que observa dificuldades em desempenhar esse papel, mas acredita que seja fundamental, inclusive, sublinhou isso durante a entrevista, que essas características a levaram para a política institucional, na busca do diálogo entre as lutas populares e a institucionalidade: “Então eu acho que essa é uma característica que me traz, assim, pra política institucional também, de buscar... esse diálogo entre as lutas populares e a institucionalidade, né, colocar o mandato a serviço dessas mediações também, né, de ser um instrumento das lutas”.

Além disso, Áurea identificou que o cargo que agora ocupa na política institucional tem relação com a sua profissão e a sua carreira. Ela fez mestrado e tem vontade de continuar estudando, de cursar futuramente um doutorado. No entanto, lembrou o quanto foi difícil esse momento de sua vida na academia, por ter observado um modelo ainda muito colonialista do saber e pela dificuldade de conciliar com o trabalho, já que não teve e não teria condições materiais de se dedicar exclusivamente aos estudos:

Eu penso nisso o tempo inteiro, não sei como é que eu vou fazer. Então, assim, apesar da minha trajetória na universidade ter sido um pouco penosa, porque eu... tem um desajuste, assim, eu gosto muito da experiência de estudar, de aprender, mas eu tenho dificuldade com o enquadramento da universidade que ainda é muito colonialista, é um negócio cheio de problemas, a gente sabe, né. Então, assim, eu fiz o mestrado trabalhando sem parar, né. Eu trabalhava... trabalhava... com coordenação de projetos também, assim, um negócio que me exigia demais e o mestrado também, então os tempos eram muito incompatíveis às vezes. Então, assim, eu penso em fazer um doutorado, mas quando eu lembro do sufoco que foi pra eu conciliar essas coisas, e como que foi aos trancos e barrancos que eu defendi a minha monografia e defendi a minha dissertação, eu fico “ai, meu deus”. Então, assim, eu quero retomar isso, mas numa outra condição, sabe, com menos necessidade de sobrevivência como foi das duas vezes, assim, né, eu não tinha opção de escolher, ou eu estudo ou eu trabalho, eu tinha que me virar, eu tinha que me manter, e isso continua presente né, não sou rica, não tenho poupança.

Para Áurea, a possibilidade de retomar os estudos acadêmicos precisa vir atrelada à segurança material, para ter condições financeiras de ser manter nesse período. De todas as formas, ela disse que a vontade de aprender é muito grande. Além disso, destacou sua trajetória na educação popular e o desejo que tem de ser professora, apontando também ser essa uma possibilidade para o futuro.

Então, assim, continuar estudando pra mim tem que vir junto dessa segurança... mas, assim, do ponto de vista do conhecimento, da minha vontade, né... isso é muito forte. E eu penso também, como eu tenho trajetória com educação popular, trabalhei com formação de grupos durante muito tempo, eu gosto muito desse ambiente da educação, principalmente informal, né, nos territórios e... Então, assim, ser professora é uma possibilidade né, que ‘tá, assim, no meu horizonte... mas também não, num sei se é algo que um dia eu vou concretizar.

Sobre o papel do contexto familiar no seu engajamento político, Áurea disse que não vem de uma família de militantes políticos, mas tem algumas memórias de um avô, militante do PCB, e de uma tia, que participou do conselho de saúde. Durante a entrevista, ela afirmou que não teve referência de militância entre os seus familiares.

Eu não venho de uma família que tem uma tradição de participação política. Meu avô materno foi do PCB, foi um cara que mais ou menos... atuava, né, foi... um trabalhador na área... enfim, ele trabalhou com muitas coisas e... tinha essa memória né, na minha família, do nosso avô, que foi um cara idealista, que se preocupava com o social e tudo. Mas isso ficou ali, guardado, né, então... tem exemplos pontuais da minha tia que participou de conselho de saúde, de associação comunitária, mas nada, assim, como uma politização de um movimento com lutas, né. Então eu não tenho essa referência dentro de casa.

A mãe de Áurea sempre trabalhou muito e não havia muito espaço para conversar e refletir sobre algumas questões sociais. Para ela, o seu interesse e a busca pelo engajamento político foi um despertar na adolescência. De todas as formas, nunca foi um motivo de conflito familiar, mas, em alguns momentos, houve preocupação por parte de sua mãe.

Minha mãe sempre batalhando pela sobrevivência, ralando, então a gente não tinha um espaço de conversar, de refletir, né, então foi uma busca muito minha... nesse momento da adolescência, assim, como, nossa, um despertar, né. Então, eu vejo que é uma trajetória muito descolada da minha família... embora tenha uma aceitação e um acolhimento, assim, nunca foi um motivo de conflito, né, assim.

As preocupações foram maiores no momento inicial do seu engajamento político, porque tudo aquilo era uma novidade para a sua mãe. Quando se candidatou e se tornou vereadora, Áurea teve total apoio da família.

Eu acho que mais quando eu entrei no hip-hop mesmo, assim, porque esse foi... um momento de diferenciação né, então, acho que ali foi mais... sei lá, mais... conturbado, assim, né, um universo que minha mãe não entendia direito, mas também ela não ficava criando muito problema, não, na verdade. Já quando eu me tornei vereadora, foi um caminho natural porque eu já vinha há anos, né. Então num foi uma surpresa, assim, teve o apoio total da minha mãe, das minhas irmãs.

Desde 2009, Áurea tem um companheiro que também a apoia muito no seu engajamento político e na decisão de se candidatar: “Ele sempre me apoiou, sempre. [...] Mas desde o primeiro momento quando eu me candidatei a vereadora o Saulo sempre muito, assim, ‘vai, que é isso né, que ‘cê quer, e eu ‘tô aqui’”.

As relações de amizade foram relevantes na trajetória política de Áurea. Ela destacou que fez grandes amigos e amigas no hip-hop, os participantes do movimento costumavam dizer

que na rua têm uma família. Ela relacionou esses vínculos ao senso de pertencimento, de reconhecimento e de construção de uma comunidade.

Até hoje eu tenho grandes amigos assim que ‘tão na minha vida e que vêm do hip-hop e... No hip-hop a gente costuma falar, assim, que a gente tem uma família de rua, né, tem até um coletivo em BH que se chama Família de Rua, porque a gente vai tecendo essas relações, esses vínculos e... tem a ver com senso de pertencimento mesmo, de se reconhecer, de construir essa comunidade.

A maior parte de seus amigos e amigas são do ambiente da sua militância política, Áurea relacionou a amizade ao fazer político coletivo em que acredita, espaço de lutas onde se sente mais à vontade e com o qual se identifica.

Então meus amigos... boa parte deles... são também meus aliados de luta, né, de uma vida inteira, meus... assim, as pessoas mais queridas que eu tenho no meu convívio são bem desse lugar, né, e não só do hip-hop, mas ao longo da caminhada toda é assim que eu fui me vinculando, né. Tem uma coisa, assim, da amizade também ter a ver também com esse... esse fazer político coletivo né... não é um critério necessariamente, mas é onde eu fico mais confortável, né.

Para além do grupo de amigos e amigas da militância política, Áurea afirmou que tem outros grupos de amizade, da escola, por exemplo, mas com aqueles e aquelas que apresentam afinidade com a sua visão de mundo.

Eu tenho uns grupos, assim, oh, colegas de escola, mas que... uma ou outra que eu tenho uma afinidade muito grande exatamente por conta dessa... preferência... assim, né, de visão e de mundo, de compartilhar perspectivas. [...] Mas, assim, de amizade mesmo... acho que... aquelas em que eu me sinto bem são realmente aquelas em que eu tenho alguma afinidade de visão de mundo.

No geral, ela disse que as relações de amizade não mudaram depois que se tornou vereadora, mas teve uma ou outra situação em que ela sentiu que o cargo político abalou a relação, em uma delas, o rompimento foi traumático: “Ah, em geral não, mas tem um caso ou outro, assim, que isso estremece né, que a relação passa a ser... instrumentalizada, né, tem... tem inclusive uma situação, assim, de rompimento que é bem traumático... Mas em geral, assim, as amizades sinceras continuam”.

Sobre a decisão de candidatar-se, Áurea disse que acredita que a Primavera das Mulheres contribuiu para a sua candidatura para vereadora, dando um impulso: “Eu acho que foi, assim, um ânimo, né, também, uma coisa assim ‘vamoóó, é nosso, podemos’”. Essa decisão veio também por ela já se sentir muito “empoderada”, palavra que usou na entrevista, e reconheceu o potencial que tinha para esse papel de liderança, ao que chamou de liderança compartilhada e agregadora:

Então, assim, eu me sinto muito afirmada e muito empoderada, sabe, na minha trajetória, assim... então isso de eu mesma ir reconhecendo o meu potencial, assumindo que eu poderia ter uma função de liderança não da... da forma hierárquica, né, como se poderia pensar, né, numa lógica convencional, assim, mas uma liderança compartilhada, uma liderança agregadora, assim, são coisas que me orientam e que eu

fui aprendendo que eu poderia pegar pra mim, né, uma liderança realmente coletivizada.

Por ter consciência dessas características, que foram se desenvolvendo ao longo de sua trajetória, a decisão aconteceu naturalmente, até pelo seu papel ativo na construção do movimento Muitas e pela responsabilidade de viabilizar esse projeto que estava sendo construído. Áurea concluiu que o resultado foi “maravilhoso”, já que se elegeu como a mais votada da cidade.

Então a decisão da candidatura foi acontecendo naturalmente, assim, num tem um dia que caiu a ficha, sabe, eu fui entendendo que essa possibilidade... era pra mim, né, porque quando a gente falava assim “olha, vamos fazer uma campanha coletiva pra ocupar a Câmara Municipal de BH”, a gente queria ocupar a prefeitura, a gente queria tudo, a gente ficava assim “mas quem vai se disponibilizar, se não nós mesmo que tamo construindo aqui?”, então vamo pegar isso, né, e... e vamo... tornar real. Então como eu fui muito ativa em todo esse trabalho, né, das Muitas, da campanha coletiva, eu... me apropriei desse lugar mesmo, né, de que a minha candidatura era também uma responsabilidade pra... viabilizar aquele projeto, né, pra gente ter sucesso eleitoral, assim, então... e foi maravilhoso porque ainda por cima eu fui a mais votada, né, deu certo demais, assim.

Quando perguntei como foi ser uma jovem mulher negra vereadora, Áurea disse que, naquele momento da entrevista, quando já era deputada federal, poderia responder olhando após ter passado pela experiência. Afirmou que, se fosse responder quando começou, a resposta seria diferente: “O legal é que eu posso falar olhando pro que foi a experiência toda, né, certamente a minha resposta seria outra quando eu tivesse começando”.

Áurea contou que fez parte de um mandato coletivo, chamado “Gabinetona”, em que, além do trabalho na vereança, ela investiu muita da sua energia para que esse projeto desse certo. A “Gabinetona” se tornou uma referência de inovação democrática de compartilhamento de poder, segundo suas palavras.

Mas, assim, Ana... eu fiz parte de um mandato coletivo, a Gabinetona, que se tornou uma referência, né, em inovação democrática, em experimentação... de práticas... de compartilhamento do poder, de conexão com as lutas e... eu investi muita energia... na construção desse projeto. Então... além de ter uma atuação, né, como parlamentar com todas as pautas que nós priorizamos... o mandato em si foi... um objeto... desse trabalho, né, muito exigente, porque a gente não ‘tava ali só pra... exercer o mandato, a gente ‘tava pra... criar uma outra experiência de fazer política, né, de ocupação da política institucional.

Essa iniciativa foi muito desafiadora para Áurea, com resultados positivos, mas o trabalho também foi muito desgastante pelos obstáculos, impostos num ambiente hierárquico:

E a gente fez com isso com muita ousadia, né, a gente inventou um monte de coisa, foi muito desafiador, muito difícil, a gente conseguiu realizar muitas coisas, assim, tem várias entregas concretas, mas também foi um processo, assim, do ponto de vista... subjetivo muito desgastante, né, porque... não é fácil a gente... trabalhar na coletividade quando... o que impera é competição... é uma relação hierárquica, de poder, né, são... todas essas forças que incidem sobre nós, né. Então, assim, como vereadora, eu vejo que eu me dediquei sobremaneira a essa estruturação de um projeto coletivo que hoje continua.

A construção desse projeto fez pontes com movimentos, coletivos e outras iniciativas, como a rede Ocupa Política e o movimento A Partida: “Por outro lado, assim, como vereadora eu fui uma das articuladoras da Rede Ocupa Política, que é muito importante... da Partida, né... que é essa articulação feminista por mais mulheres no poder... e eu continuo nessas redes, né”.

Ela considera a sua participação nessas redes um investimento como vereadora, para além do trabalho como parlamentar, com o objetivo de impulsionar mais mulheres, negros, negras, LGBTQIA+, quilombolas e indígenas nos espaços de poder.

A minha participação nessas redes foi também esse investimento como vereadora, então, o trabalho parlamentar era só uma das... dimensões dessa minha vida de vereadora, né. Eu ‘tava muito empenhada e continuo empenhada na... assim... na construção de espaços pra que mulheres, negras, populares, de origem popular possam ocupar a política institucional, né, pessoas LGBTQIA+, quilombolas, indígenas, então, ‘cê entende, assim, boa parte do nosso trabalho tem sido pra impulsionar essa chegada de gente como a gente, mais de nós, nos espaços de poder, né, então, isso não é um trabalho que esses outros ficam fazendo aí, né, esses que ‘tão só se perpetuando no poder. E esse é um trabalho que às vezes não aparece tanto, né, porque não é quantidade de projeto de lei... sei lá, é um... é um investimento mesmo, né, pra que não sejamos tão poucas, né.

Áurea reiterou que sua meta de vida não é ficar para sempre em cargos políticos. Ela quer contribuir para que mais mulheres, negros, negras, LGBTQIA+, quilombolas e indígenas possam ser eleitos e eleitas: [...] porque... a minha meta de vida não é ficar me reelegendo em cargo... político, de jeito nenhum, né. Eu não ‘tô interessada em me perpetuar nesse espaço, eu quero, daqui a pouco eu quero fazer outras coisas e eu espero que eu tenha contribuído pra que cheguem muito mais mulheres, lutadoras, feministas, negras e por aí vai.

A construção do mandato coletivo foi apontada como um momento difícil. Como era uma experiência inovadora, com poucas referências, o caminho dessa construção, da ideia para a realidade possível, foi sendo descoberto durante o próprio processo, o que demandou muito trabalho, entre erros e acertos. Ela disse que observou a falta de análises sobre essas experiências, seus aprendizados e contribuições.

Mas eu diria, assim, que... essa fase, né, de acentuação... do projeto coletivo como algo que precisa ter mão na massa, né, e resolutividade, assim, como a gente transforma a ideia, o ideal em algo que... a prática que vai dizendo pra gente, né, não tem uma antecipação do ideal, assim, a gente quer muito dar resposta concreta, né. Então... eu vejo aí uma dificuldade muito grande, que é um tema que é... é pouco explorado porque... se...se quer tem conhecimento, né, se fala assim superficialmente da existência dos mandatos coletivos, mas eu acho que falta ainda uma análise mais criteriosa, né, mais dedicada nas minúcias, assim, sobre o que são essas experiências, né, e o que que elas vão deixando também, de aprendizado, né, de possibilidade, assim, pro nosso campo, já que a gente ‘tá buscando produzir uma outra política, né, uma política em que não haja... uma ruptura entre a nossa elaboração feminista, antirracista, tudo o que a gente traz com a nossa... presença institucional, né.

Como deputada federal, ela se desvinculou do mandato coletivo, começando a formular novos projetos, inclusive, refletindo sobre o seu papel: “Nesse momento, como deputada

federal, eu me desvinculo do mandato coletivo logo após as eleições municipais, porque agora a gente ‘tá traçando um novo rumo, uma reformulação *pro* mandato federal, e também até no pensamento sobre o meu papel”.

Áurea avaliou que o papel como vereadora trouxe um amadurecimento para suas habilidades. Com as inovações de um mandato coletivo, ela disse que o processo coletivo é um fazer político e foi se educando nesse modelo, muito diferente da política institucional com viés mais tradicional.

Eu acho que, por um lado, positivamente... vem um amadurecimento mesmo, né, sobre minhas habilidades, né, sobre... essa... essa vida de coletivo mesmo, né, é um negócio que nos educa profundamente, me educa muito, né. Tudo o que a gente passa, tudo o que a gente... precisa... intermediar, né, de escuta, de avanço aqui, recuo ali, concede, negocia, né, o processo coletivo é um fazer político... que tem... tem o seu modo de ser, assim, né, que é diferente da política institucional, então esse amadurecimento eu valorizo positivamente.

Pensando nas mudanças negativas durante o período como vereadora, Áurea falou que a política institucional, por um lado, “consume” muito e, por outro, tem também um lado violento. Por isso, ela sentiu que esse processo tirou um pouco da sua espontaneidade. Ela percebeu que, após tornar-se vereadora, teve que se proteger de muitas maneiras, desde como fala até como se comporta. Isso fez com que ela se sentisse restringida, pois, a qualquer momento, pode sofrer algum tipo de violência. Esses motivos a fazem pensar e disse que não quer ficar tanto tempo em cargos políticos na política institucional.

Agora, por outro lado, eu acho que a política institucional é um negócio que consome... o... o coletivo consome, mas a política institucional também tem outras coisas, tem suas armadilhas, tem sua violência, que é um traço constante... e eu sinto que de certa forma... me tirou um pouco, assim... da minha... sei lá, da minha espontaneidade, sabe... é um negócio que... a gente vai tendo que se proteger de tantas formas, né, como ‘cê fala, como ‘cê se comporta, porque o tempo inteiro ‘cê pode sofrer um abalo, ‘cê pode levar uma rasteira, ‘cê pode sofrer uma violência, então... é como se fosse também me restringindo assim, sabe, do provincial, do meu brilho... de poder ser mais livre... né, então tem um constrangimento, assim, na política institucional que é barra, é por isso que eu acho que, assim, eu não dou conta ficar muito tempo nisso porque é um negócio pesado demais, assim.

Ela observou, por sua experiência como vereadora, que as mulheres feministas e negras sofrem uma pressão pelo enquadramento comportamental nesses cargos na política institucional. Ir na contramão e questionar trouxe um desgaste muito grande, contou Áurea:

Então... eu acho que, assim, as mulheres na política, feminista, negra, então... a gente ‘tá sendo o tempo inteiro espremida, assim, pra um enquadramento, né, pra gente ter um... um comportamento... e lutar contra isso é também desgastante, né, então tem uma hora que ‘cê fala assim “ai, nossa, de novo? não vou falar nada porque num ‘guento mais”. Porque senão a gente tem que ficar o tempo inteiro, investindo, né, colocando aí... essa... essa energia de contestação, né, de... que... que é... é necessária, mas a gente, eu pelo menos num... num consigo ficar o tempo inteiro nesse registro, né, é um negócio que acaba sendo... muito pesado.

Quando perguntei sobre o momento mais emocionante durante o período como vereadora, Áurea recordou de uma emoção negativa, do assassinato da Marielle, fato que ela descreveu como de muita dor e preocupação. Ela contou que essa tragédia foi um divisor, tendo sido intensificados os trabalhos de mobilização e articulação no sentido de possibilitar candidaturas feministas, antirracistas e populares.

Assim, o... o grande acontecimento trágico desse período é o assassinato da Marielle, não tem dúvida nenhuma, né... também um divisor de águas pra gente acelerar e intensificar esse trabalho de mobilização, de articulações estratégicas do nosso campo, né, com todas as plataformas pra erguer candidaturas feministas, antirracistas, populares. Assim, um momento de muita dor, de... de muita preocupação né, e também de... dar uma sacudida na gente... pra continuar e... e aprofundar mesmo o trabalho, né, que a gente já vinha fazendo, mas... depois da execução da Marielle isso se multiplica, isso... passa a ser... sei lá, uma responsabilidade muito maior, né.

Recordações tristes ela disse são muitas, assim não conseguiu destacar uma durante seu período como vereadora, entretanto, disse que são relacionadas ao machismo e ao racismo: “Agora um momento triste mesmo... ai, tem tantos, assim... Tem tantos, é uma coleção, porque, assim... sempre tinha um comentário, uma piadinha, sabe... encostar a mão... dos colegas vereadores, homens, machistas, racistas...”.

Uma recordação positiva desse período foi um seminário do mandato contra genocídio da juventude negra e periférica em frente à Câmara Municipal, que estava fechada por conta da greve dos caminhoneiros. O Presidente da Câmara não permitiu que fosse aberta para a atividade que já estava agenda, mas o evento ao lado de fora foi um sucesso.

Por incrível que pareça, uma vez a gente ia fazer um seminário sobre... o genocídio da juventude negra e periférica e... calhou de ter aquela greve dos caminhoneiros e o presidente da Câmara... simplesmente na véspera resolveu fechar a Câmara, porque não tinha como... os trabalhadores irem, né, ‘tava aquele caos de greve dos caminhoneiros e ele cancelou, assim, da cabeça dele o seminário, seria no dia seguinte. E tentamo negociar com ele e tal e ele foi irredutível, mas aí a gente fez o seminário como uma ocupação na porta da Câmara e foi um momento — apesar de toda dureza, de toda tristeza que é o tema em si — foi um momento muito bonito, assim... e o seguranças da Câmara ‘tavam do nosso lado, sabe, apoiando, assim, dando mó força... e... como se a gente tivesse sido expulso da Câmara. Eu como vereadora não podendo coordenar o seminário que... que ‘tava tudo certo, já ‘tava programado há um tempão... mas mesmo com essa violência toda a gente fez daquilo um acontecimento maravilhoso, inesquecível, acho que foi, assim, histórico. Foi muito massa.

Apesar de muitas mudanças e dos obstáculos, Áurea disse que, na sua vida, permaneceram a sua empolgação por novos projetos, a sua característica de ser sonhadora e ter muitas ideias. Para ela, o processo de criação sempre a moveu em sua trajetória.

Ah, eu sou muito empolgada, sonhadora, sou cheia de ideia... então, assim, vem um projeto novo, né, então eu me engajo, assim, eu vou com tudo, então, assim, “ah, então vamo fazer a Gabinetona?” “vamo, vamo inventar isso, vamo inventar aquilo”, e agora já ‘tamo cheia de ideia de novo... então eu sou muito regenerada pela criação, né... isso me move muito e eu acho que é uma chama que eu tenho deesde lá de trás.

Pensando sobre o futuro, Áurea destacou que, atualmente, tem um “capital político” que não pode ser desperdiçado, já que é algo raro. Recordando de Marielle, afirmou que são necessários anos de formação e experiência para construir uma liderança política como figura pública na política institucional. Tendo participado de três campanhas, sendo uma para prefeita, ela observou avanços importantes em sua trajetória política já na institucionalidade, onde há um fortalecimento de sua figura política pública. As decisões sobre o futuro de sua carreira política já não passam mais por uma escolha individual. Ela disse que tem uma responsabilidade com o campo político em que está inserida.

À medida que... a gente vai consolidando uma trajetória na política institucional isso também se torna um capital político que é muito raro, muito escasso, né, então a gente não forma uma liderança como Marielle Franco da noite pro dia, né, nossa... são anos de formação, de experiência, né, de construção dessa figura pública e... eu ter passado por 3 campanhas eleitorais já, agora eu fui candidata à prefeita, então assim são saltos... muito importantes... e que não dá pra simplesmente jogar isso fora, né, então, assim... ‘tá em construção mesmo, não só a partir de mim... a... a necessidade, o fortalecimento da minha figura política, pública. O que que a gente fazer com isso? Uma reeleição como deputada federal? Uma outra candidatura? Ou não me candidatar? Em 2024, novamente uma candidatura pra prefeitura? Eu não sei, mas tudo isso ‘tá presente... que eu não posso simplesmente interromper e falar “então, gente, desisti, não quero saber de mais nada e tal”, porque eu tenho uma responsabilidade com o campo, não é mais sobre o meu desejo apenas, individual.

Essa responsabilidade também tem relação com a constatação de que a eleição de Áurea incentiva e fortalece outras candidaturas com os mesmos propósitos. Ela observou isso em 2018, em sua segunda campanha, quando se deu conta de que a sua candidatura como mulher negra incentivou outras mulheres negras. Depois de se candidatar a prefeita, ela também percebeu que o fato de ter se candidatado a prefeita num local em que nunca houvera uma candidatura com o seu perfil, trouxe outra perspectiva para a sua trajetória. Ela observou o mesmo em outros lugares e citou o caso do Rio de Janeiro, com a deputada estadual Renata Souza, mulher negra que também foi candidata a prefeita. Áurea disse que isso não pode ser interrompido e agora há uma emergência para uma ampliação.

Então a minha eleição, ou a minha candidatura, tem uma importância pra... fortalecer outras candidaturas, né, eu entendi isso rapidamente em 2018 quando foi a minha segunda campanha, né, então... nós nos ajudamos, nós, assim... mesmo inconscientemente, mesmo sem querer... a minha candidatura como mulher negra... em 2018, após a execução da Marielle Franco, foi um incentivo pra que outras mulheres negras também se colocassem pelo menos na nossa rede mais imediata, assim, sabe. Então... é nisso que eu penso, né, já agora em 2020 minha candidatura como prefeita, com toda essa trajetória... estabelece uma outra perspectiva que a gente nunca teve, nunca teve uma candidatura parecida com a minha pra prefeitura de Belo Horizonte, com esse perfil, né, então a gente tem a Renata Souza no Rio de Janeiro, a gente... começa a ter essa emergência, né, então não é uma coisa que a gente pode interromper assim.

Ao mesmo tempo que tem consciência da importância da continuidade de sua carreira política, Áurea admite estar muito cansada, sentindo a necessidade de ter mais tempo para o seu

autocuidado. Além disso, fala de seu filho, agora sua prioridade, além de ter uma família. As questões relacionadas à estabilidade financeira são uma preocupação relacionada ao futuro, já que, na época da entrevista, não tinha casa própria, mesmo com o cargo que ocupava, e sentia ainda vulnerabilidade econômica.

[...] porque eu 'to cansada, né, ao mesmo tempo tenho que olhar pra mim, pro meu autocuidado, porque eu sei o tanto que isso... me consome, né, então, assim, eu 'to com o meu neném, que é a minha prioridade absoluta, eu tenho a minha família, tem várias coisas, assim, eu... até hoje eu moro de aluguel, né, eu não constituí patrimônio, essa é uma preocupação que eu tenho, então, assim... vou ficar... nessa vulnerabilidade econômica mesmo tendo esse cargo, né?

Concluiu ressaltando que o seu projeto de vida se liga à sua trajetória política, ao futuro de sua trajetória, sendo candidata ou não, relacionando-se a estimular mais mulheres negras a estarem na política institucional. A entrevista aconteceu depois da campanha para prefeitura. Áurea afirmou que tudo estava muito recente e que seu futuro, tanto na vida pessoal como na vida política, estava ainda em aberto.

Então tem coisas, assim, de como eu... eu 'to construindo o meu projeto de vida... em que tudo isso 'tá junto e misturado, né, então... pra onde aponta a... a... a continuidade da minha trajetória na real... acho que diz de uma reconfiguração do campo político, né, das esquerdas, dessa força incontornável das mulheres negras, chegando cada vez mais, né, e do meu papel pra estimular isso, seja como candidata ou não, né. Então eu acho que como a gente acaba de sair do processo eleitoral... isso 'tá tudo ainda muito mexido, muito em aberto, né, mas são elementos que 'tão aí presentes que... que, né, daqui a 2 anos a gente pode conversar de novo e a gente vai entender pra onde que isso vai nos levar, né [risos].

#### **6.2.4 Sâmia**

A última entrevistada foi Sâmia Bomfim. Fiz a solicitação e enviei a carta de apresentação da pesquisa por *e-mail* em julho de 2020, assim como, para as outras brasileiras entrevistadas. No segundo semestre de 2021, ocorreram as eleições municipais. Ela não foi candidata, mas apoiou outras candidaturas e, nesse período, foi a líder do PSOL na Câmara dos Deputados, por isso, só conseguimos agendar a entrevista para o final de janeiro de 2021. A assessoria chegou a perguntar se a entrevista poderia ser por escrito, enviei o quadro e o questionário, etapas escritas da entrevista, mas, ao final, não me reenviaram respondidos. Dessa forma, logo após a minha apresentação e de explicitar os objetivos da pesquisa, pedi para que Sâmia citasse oralmente os marcos mais importantes em sua trajetória. Da mesma forma, ao final da entrevista, o questionário também foi respondido oralmente. A conversa ocorreu na plataforma Zoom e durou cerca de 30 minutos, sendo a entrevista com menor tempo de duração. Sâmia deu respostas curtas e objetivas.

Na primeira etapa, ela indicou cinco marcos que considerou fundamentais em sua trajetória política até se tornar vereadora. Como ela respondeu oralmente, acabou não citando

o item do quadro “pessoas ou acontecimentos relevantes para a situação destacada”. A seguir, o quadro com as respostas:

Etapa 1 - Quadro dos marcos /momentos/ situações destacadas		
Marcos /momentos/ situações destacadas	Idade que ocorreu ou data aproximada	Motivo pelo qual é importante
Debate com a Sara Winter na TV Folha	26 anos	Foi um vídeo que ganhou uma certa repercussão de redes e que foi significativo pra tornar o meu nome conhecido num público feminista online
Manifestações feministas de rua contra o Eduardo Cunha	Entre 24 e 25 anos	Eu ‘tava na organização, participei bastante ativamente desses protestos
Filiação ao PSOL	20, 21 anos	Foi um marco do ponto de vista da minha... minha organização mesmo quanto militante
Minha mudança	17 anos	Eu era do interior de São Paulo, quando eu me mudei pra São Paulo, foi quando eu entrei na faculdade, foi quando eu comecei de alguma forma a me interessar e a me engajar pela política
Experiências pessoais que tenham me levado a... conhecer o feminismo ou mesmo a militância política	22, 23 anos	Eu diria que isso foi durante a faculdade [...], assim, que foi um acúmulo de questões, de... de relacionamentos, com experiência no mundo do trabalho, com os debates que eu vivenciei na universidade

Quadro dos marcos/momentos/situações destacadas de Sâmia

O primeiro marco que Sâmia apontou como importante para chegar a vereadora foi um debate realizado pela TV Folha<sup>97</sup>. O vídeo ganhou repercussão, e, para ela, isso a tornou conhecida pelo público feminista das redes sociais e de outras mídias digitais: “eu tinha 26 anos à época, e foram alguns meses antes da eleição, que foi um vídeo que ganhou uma certa repercussão de redes e que foi significativo pra tornar o meu nome conhecido num público feminista *online*, né, foi um fator determinante”.

Sâmia apontou como segundo marco as manifestações da Primavera das Mulheres. Ela contou que estava na organização desses protestos: “Um segundo fator... tem a ver com as manifestações feministas de rua contra o Eduardo Cunha e ele tinha uma série de projetos de lei antifeministas e eu ‘tava na organização, participei bastante ativamente desses protestos. Isso foi em 2015, eu tinha entre 24 e 25 anos à época”.

Ela disse que conheceu o feminismo em 2012, a partir de coletivos da faculdade, quando já era filiada ao PSOL. Sâmia disse que tomou a decisão de se filiar por já estar militando no movimento estudantil e, naquele momento, acreditava que precisava ter outras experiências de vida. A sua filiação ao PSOL, em 2011, quando tinha cerca de 20 anos também foi um marco

<sup>97</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=TL4Au5nYPkU>. Acesso em: 8 mar 2021.

apontado por Sâmia, por ser importante do ponto de vista da sua organização militante: “Acho que destacaria minha própria filiação ao PSOL, né, que foi um marco do ponto de vista da minha... minha organização mesmo quanto militante”.

Sâmia nasceu em Presidente Prudente, no interior de São Paulo. Aos 17 anos, no ano de 2007, mudou-se para a cidade de São Paulo para estudar e trabalhar. Nesse momento, começou também o seu engajamento político: “Bom, eu nasci no interior de São Paulo, em Presidente Prudente, e me mudei pra capital aos 17 anos pra estudar e trabalhar, e foi lá que eu comecei a minha militância política”.

A mudança do interior para a capital foi fundamental para o seu engajamento político. Sâmia iniciou a faculdade e, nesse ambiente, começou a se interessar por política. Durante a entrevista, ela refletiu e disse que, se tivesse continuado no interior, tudo teria sido diferente e, provavelmente, não haveria se engajado.

Eu poderia dizer que foi a minha mudança, né, eu era do interior de São Paulo, quando eu me mudei pra São Paulo, foi quando eu entrei na faculdade, foi quando eu comecei de alguma forma a me interessar e a me engajar pela política, eu tinha 17 anos à época, foi em 2007, foi muito significativo porque se eu tivesse ficado no interior eu provavelmente não teria tido contato, né, a certo... a esse mundo.

Sobre o quinto marco, disse que não tinha uma situação específica, mas experiências pessoais que a levaram a conhecer o feminismo e a militância política. Ela destacou, nesse caso, aproximadamente o ano de 2013, quando tinha entre 22 e 23 anos, os relacionamentos e os debates vivenciados na universidade e as experiências laborais que teve nesse período.

Eu não consigo identificar um fato exatamente, mas talvez experiências pessoais que tenham me levado a... conhecer o feminismo ou mesmo a militância política. Eu diria que isso foi durante a faculdade mais ou menos em 2013, eu devia ter uns 22, 23 anos, assim, que foi um acúmulo de questões, de... de relacionamentos, com experiência no mundo do trabalho, com os debates que eu vivenciei na universidade.

Sâmia, que começou a trabalhar aos 18 anos, também enumerou um pouco de suas experiências trabalhistas até se tornar vereadora, a maioria relacionada com educação, sendo a última como técnica-administrativa da USP, da qual se licenciou para disputar as eleições de 2016: “Eu trabalho desde os 18 anos como... já fiz de tudo, fui estagiária em editora, dei aula na rede pública, dei aulas particulares, fui servidora da Universidade de São Paulo, concursada, né, onde, enfim, eu estive até as eleições de 2016, que foi quando eu me lancei candidatada”.

A conciliação entre faculdade, trabalho e militância era difícil para Sâmia, ainda mais pela distância de uma cidade tão grande como São Paulo. Ela recordou que usava seu tempo de almoço para se dedicar à militância. Já como trabalhadora da universidade, nos intervalos, participava de atividades e reuniões políticas.

Fo... era uma loucura, assim, sempre muito corrido, porque São Paulo é uma cidade muito grande, então os deslocamentos também contam, né. Mas me lembro de várias vezes almoçar qualquer coisa pra poder nos intervalos... participar do movimento. Quando eu já era servidora da universidade, me lembro que eu usava os meus horários de almoço também pra participar de atividades, fazer reuniões.

No segundo ano como servidora pública, participou de uma greve na universidade e, ao final, teve problemas por fazer parte do movimento grevista: “Logo no meu segundo ano como funcionária já teve uma greve muito significativa na universidade da qual eu participei também, tive problemas no trabalho por causa disso, natural, né, são questões do mundo trabalhista”. Ao final da sua reflexão sobre esse período, ela disse: “Então, é isso, eu ‘tava ali, mas sempre buscava o intervalo, um jeito eu poder fazer de fato o que eu gostava e o que eu queria fazer [risos]”.

Sâmia avaliou que a escola não teve um papel significativo no seu engajamento político para além de temas sociais levantados por alguns professores: “Na escola acho que tem mais a ver com aquela figura de um professor mais progressista que às vezes te desperta pra algum tema, mas eu não tive experiência, algumas pessoas têm de muito jovens, né, não tive na escola, foi mais a partir da inserção na universidade mesmo”.

Nos momentos em que temas sociais eram levantados em sala de aula, ela disse que lembra de sentir despertar um interesse, mas ainda não compreendia como essas questões a envolviam diretamente.

É... eu me lembro de professores de geografia, de português, nas aulas de redação, me influenciando de alguma forma, com temas talvez mais polêmicos, né, mais reflexões sociais, como reforma agrária, desigualdade, etc. E eu me lembro de nesses momentos me despertar a vontade, mas, assim, muito distante, ainda sem compreender, de que forma aquilo me envolvia diretamente, né.

A socialização na universidade foi fundamental para o engajamento político de Sâmia, lá despertou o seu interesse e conheceu espaços de militância política: “A universidade foi total e completamente, que foi onde eu conheci a militância, comecei a me despertar pelo gosto”.

No segundo ano da faculdade, Sâmia começou a participar do centro acadêmico dos estudantes e, durante todos os anos posteriores na universidade, participou do movimento estudantil, no diretório central dos estudantes, organizando greves e outras atividades como palestras sobre política e para o engajamento e mobilização de outros estudantes.

Porque na... eu estudei na FEST, na USP, lá eu me envolvi no centro acadêmico desde o segundo ano da universidade. Fui convidada por alguns colegas e eu passei todos os anos de faculdade, na verdade, atuando no movimento, do diretório central de estudantes, ajudei a organizar greves e processos de palestras e engajamento dos estudantes, então foi... junto, assim.

Seu engajamento foi tão intenso que, em certo momento, percebeu que necessitava diminuir a intensidade para se dedicar mais aos estudos e conseguir concluir a graduação, já

que se dedicava mais à militância que a faculdade. Durante a entrevista, ela avaliou que isso foi sintomático de que seu interesse e o que realmente gostava de fazer se relacionava à política.

Em determinado momento eu percebi até que eu precisava dar um... uma segurada pra conseguir concluir os meus estudos porque eu 'tava me dedicando mais à militância universitária do que à própria faculdade. Acho que na verdade era sintomático de que era o que que me movia, né, do que eu realmente gostava de fazer.

Sâmia cursou Letras e demorou 7 anos para concluir a graduação. Ela avaliou que a demora se deu, além da dedicação à militância, ao fato de que sempre teve que conciliar os estudos com o trabalho. Diante desses múltiplos espaços de atuação, a sala de aula nem sempre podia ser ou era a prioridade: “Eu fiz Letras, concluí a universidade, demorei, acho que demorei 7 anos pra conseguir concluir o curso justamente porque foi um processo que eu fiz junto com trabalho-militância, então a conciliação e a prioridade nem sempre era da sala de aula justamente pelo gosto que eu fui criando pela política”.

Sâmia disse que gostaria de voltar a estudar pois acredita que, pela dedicação a militância, acabou aproveitando o curso aquém do que poderia, no entanto, tem interesse em cursar Direito. De todas as formas, ela disse que é difícil organizar a vida atualmente para esse objetivo, mas que é um plano que ainda tem vontade de concretizar algum dia:

Eu penso... é, na verdade eu penso em voltar a estudar porque eu acho que fiz a faculdade de Letras por essas questões todas... aproveitei de uma forma aquém do que eu poderia, do que gostaria hoje, e eu entraria num novo curso, eu faria Direito hoje, entraria em outra área. É difícil organizar a vida nesse sentido, mas, enfim, é um plano que eu ainda tenho.

Sobre a sua família, Sâmia disse que eles não tinham tradição de participação política. No início do seu engajamento, não aprovaram, no entanto, quando se lançou candidata já estavam começando a entender seu interesse pela política e apoiaram a candidatura:

Minha família não tem tradição de militância, de organização política nenhuma. No início eles eram um pouco... não digo contrários, mas não gostavam tanto da ideia de eu militar. Eles só começaram a compreender quando eu me lancei candidata, me encorajaram, acharam bacana, só que não conseguiriam participar da campanha porque moram no interior e eu na capital, mas depois que eu me elegi eles adoraram.

Como moravam no interior, não puderam ajudar na campanha a vereadora, mas ficaram muito felizes com a eleição de Sâmia. Nas eleições seguintes, se engajaram na campanha a deputada federal e, aos poucos, foram cada vez mais se politizando até a filiação ao PSOL: “Tanto que nas eleições de 2018 eles já começaram a se engajar, hoje eles também são filiados ao PSOL, então eles foram se engajando e se politizando conforme o meu avanço e a minha participação na política, mas a princípio eles não gostaram [risos]”.

Sâmia disse que houve mudanças no ambiente familiar após ser eleita vereadora. O progressivo interesse de sua família por política os aproximou, por começarem a ter essa

afinidade. Antes, em cidades diferentes e sem esse ponto de compatibilidade, a relação era mais distante, até porque ela estava em processo de tornar-se independente. Percebe que a política trouxe um reencontro nas suas relações familiares:

Teve, a gente ficou mais próximo, acho que também por agora por compartilhar uma linguagem mais próxima, né. Talvez os anos que eu morei longe em São Paulo sem essa relação, sem essa... sem a política como uma intersecção... eram mundos mais distantes, acho que também tinha a ver com o processo... eu me mudei com 17 anos, ‘tava me tornando adulta, então tinha um processo aí talvez natural de ruptura, né, com... de ver as relações familiares, etc, mas acho que através da política foi um reencontro, na verdade nossa relação se fortaleceu depois disso, depois que eles também começaram a fazer parte desse universo.

Além do apoio da família, na época da eleição em que foi eleita vereadora, Sâmia tinha um companheiro e estavam numa união estável, moravam juntos, e ela se considerava casada. Os dois eram militantes do PSOL, e o seu apoio foi muito importante, não só pela ajuda na campanha, mas pelo apoio na vida pessoal: “Sim, quando eu me candidatei à vereadora tinha, eu era... casada, já morava junto com o Gustavo, que é o meu ex, também militante, também do PSOL e foi muito importante, ajudou muito na campanha, na vida pessoal, em todos os aspectos”.

Sobre o papel das amigadas na trajetória política, primeiramente, Sâmia comentou que, justamente por não ter essa afinidade, já quase não tem mais contato com os amigos e amigas de infância: “Os da época do interior, de Prudente, confesso que hoje já não tenho mais muita relação, destaco duas ou três pessoas que converso de vez em quando, sempre que vou pra lá os encontro, mas não é uma relação tão presente”.

O círculo de amigos e amigas mais próximos de Sâmia são os da militância política. Ela conheceu a maioria na universidade, é com eles que tem mais afinidade, pois gostam das mesmas coisas e são engajados, alguns estão no mesmo partido. Por terem interesses em comum, sempre compartilharam elementos e experiências. Alguns deles estão hoje no seu mandato ou militando no partido.

Agora, os da época da universidade, eu acabei fazendo amizade com aqueles que também gostavam das mesmas coisas que eu, né, que também se engajavam, inclusive muitos deles são hoje do PSOL, outros foram fazer outras coisas da vida, enfim. Mas então tinha esse elemento como compartilhamento do círculo de amizade também, né, a gente acaba... sei lá, acabei tendo um filtro social também um pouco nesse sentido. Tem gente que ‘tá no mandato hoje que desde à época da faculdade, dos primeiros anos, ‘tava comigo.

Sâmia não observou nenhuma mudança significativa nas relações de amizade mais próximas depois que foi eleita. Ela contou que continuaram compartilhando coisas em comum, como o trabalho e a militância política. O que ela observou de mudança foram maiores responsabilidades, não só pelo mandato, mas pelo avançar da idade e os compromissos que

muitas vezes se impõem: “Acho que na verdade não, acho que se tornou... não teve uma mudan... porque a gente seguiu trabalhando, atuando junto, compartilhando coisas. Acho que... não teve nenhuma ruptura, não teve, não vi uma mudança significativa. Claro, a gente ficou mais velho, com mais responsabilidades, mas não teve nenhuma mudança, não”.

Candidatar-se nunca foi um plano na vida pessoal de Sâmia. Ela identificou alguns fatores que a levaram à candidatura naquele momento, como o seu engajamento, a indicação do coletivo de mulheres de que participava de que havia necessidade de garantir um perfil de mulher jovem e feminista para as eleições na cidade de São Paulo.

Nunca tive um plano pessoal, assim, pra candidatura, o que aconteceu é que foram uma combinação de fatores, assim, eu sempre fazia campanhas pra outros candidatos, me engajava, mas em 2016 nosso coletivo de mulheres dentro do partido concluiu que era importante fortalecer um perfil de mulher jovem, feminista, que essa que tinha que ser a cara pro PSOL crescer em São Paulo. E deu certo, a gente conseguiu, eu fui a menos votada dos vereadores da cidade, foi a última vaga, mas foi...

A decisão pela candidatura, em 2016, veio de uma reflexão coletiva das mulheres feministas da sua organização política de que era o momento de ter uma jovem mulher candidata. Sâmia reunia essas características, havia conseguido uma visibilidade pela participação na Primavera das Mulheres e ainda obteve uma licença do trabalho para se dedicar às eleições. Ela aceitou o desafio sem muitas expectativas, ao final, foi eleita.

A gente ‘tava nessa discussão, entre nós, “não, precisa ter uma candidata mulher esse ano” porque... a gente ‘tava muito... muito atuante no feminismo, né, muito convicta disso, e aí porque como... eu tinha um perfil, era um... imagina, todas muito jovens, eu era uma das mais velhas na verdade entre nós, tinha 26 anos à época, como eu tinha tido alguma visibilidade por conta desses elementos que eu mencionei, acho que essa é a minha melhor candidata pro trabalho. Eu consegui à época me licenciar do trabalho pra me lançar candidata, então tinha mais elementos que... “não, acho que pode... pode ser ela” e eu falei “então tá bom, vamos em frente”, mas assim sem grandes perspectivas, e no fim acabou dando tudo certo.

Naquela eleição, apesar de ter sido a última candidata a se eleger, foi a mais jovem eleita, tinha 27 anos. Na bancada do seu partido, o PSOL, era só ela e mais um companheiro. Nas eleições seguintes, dois anos depois, em 2018, Sâmia se candidatou, foi eleita deputada federal e estava exercendo seu mandato quando foi realizada a entrevista.

À época eu fui a mais jovem, fui eleita com 27 anos, e era eu e mais um pela bancada do PSOL, e dois anos depois já fui eleita deputada federal, né, que é onde estou hoje. E foi um processo muito rápido na verdade, a gente optou pela candidatura em maio e em outubro já fui eleita, e aí agora na eleição de 2018 também... foi... arriscamos também, né, pra ver se daria certo, já consegui me eleger federal e foi possível.

Sobre sua trajetória até se tornar vereadora, ela avaliou que sempre gostou de se engajar no que identificou como “processos reais de mobilização”, principalmente na época das eleições e depois de eleita vereadora, sempre participando de manifestações políticas. Após ser eleita deputada federal, começou outra rotina, tendo que estar parte da semana em Brasília, o

que diminuiu um pouco sua participação assídua em outras atividades. Considerava-se muito ativista, e essa foi sua marca durante um tempo. Na época da entrevista, o Brasil e o mundo passavam pela pandemia de Covid-19. Assim, havia menos protestos presenciais, pela necessidade do isolamento social, como Sâmia citou no trecho da entrevista abaixo:

Num sei, é um resumo breve, assim, mas acho que eu sempre gostei de me engajar... de me engajar em processos reais, assim, de mobilização, e isso aconteceu principalmente à época da eleição pra vereadora, tanto que... depois que fui eleita também, eu sempre era vista em manifestações, em processo de luta. Hoje talvez, até pela dinâmica de Brasília, agora mais ainda, né, com o isolamento social, talvez isso não seja tanto uma marca minha, mas isso foi por um tempo, assim, né, como alguém bem ativista, atuante, e...

Ser uma jovem mulher vereadora foi desafiador, afirmou Sâmia. Ela e sua equipe não tinham experiência na política institucional, além disso, não se reconhecia naquele espaço. Mesmo com pouca experiência, começou com muita disposição, o que acabou gerando alguns conflitos com outros vereadores.

Foi muito desafiador porque eu não tinha experiência política institucional nenhuma, nem eu nem a minha equipe, então a gente chegou muito com a cara e a coragem e eu sempre me via como uma mulher jovem vereadora, ou seja, olhava, falava “bom, talvez esse lugar não seja muito pra mim, ninguém me conhece direito”. E como eu cheguei também com muita energia, né, muita... não digo muita sede ao pote, mas muita vontade de fazer e acontecer, tive alguns conflitos, criei algumas inimizades com outros vereadores na Câmara, algumas brigas, mas...

O que a motivava era o retorno positivo de muitas pessoas que acompanhavam seu trabalho como vereadora e por encorajar outras mulheres a se candidatarem.

[...] mas o que sempre me deixou contente era saber que tinha bastante gente que gostava, torcia, via muita mulher, menina na rua que se identificava, que se sentia encorajada a ser candidata, hoje, já 4 anos depois, né, da minha eleição, ainda encontro pessoas “ah, eu me lancei depois candidata porque te vi lá”, gente do Brasil, de outros lugares me escrevem, isso é muito... gostoso, né, você se fortalece bastante.

Além do apoio que vinha de fora da Câmara, Sâmia não se sentia sozinha ao lembrar que havia outras companheiras vereadoras em outras cidades. Ela considera como um “fenômeno” o engajamento de jovens mulheres, candidatando-se e sendo eleitas. Tal ocorrência a fazia se sentir mais tranquila e motivada.

Então acho que é por isso que, apesar de me sentir um pouco um peixe fora d’água dentro do espaço do Parlamento, essa força que vinha de fora sempre me motivou também, porque ‘cê vê que é um efeito real e que não é, não é... eu sempre observei que eu não era uma pessoa sozinha, eu ‘tava ali em São Paulo, mas tinha... no Rio tinha gente, em Niterói, ‘cê vê que tinha um fenômeno, né, assim, de mulheres jovens sendo eleitas e se engajando na política, então isso também me tranquilizava e me motivava a seguir.

Para Sâmia, o fato de ser jovem mulher vereadora contribuiu para trazer uma abordagem diferenciada a algumas pautas políticas discutidas na Câmara, trazendo um novo perfil e um novo olhar.

Eu acho que teve uma contribuição de arejar um pouco as pautas políticas da Câmara e de mudar o perfil dela porque, claro, já tinha vereadoras mulheres, ainda que sejam muito minoria como a gente sabe, que tratavam do tema dos direitos das mulheres, do feminismo, mas não com uma abordagem... por exemplo, tratasse do tema de direitos sexuais e reprodutivos, não que colocasse isso na centralidade, e eu acho que nesse sentido eu contribuí bastante.

Sâmia citou como exemplo um tema relacionado à juventude e que, se ela não estivesse como vereadora na época, teria sido discutido de outra forma, com outra abordagem.

Teve um tema muito polêmico que teve a ver com grafites e pichações na cidade de São Paulo, que eu tenho certeza se eu não tivesse lá teria tido outro viés, uma outra abordagem, e pra mim era muito natural ver de um jeito mais... como uma expressão artística, cultural, humana, que uma visão conservadora às vezes de quem ‘tá dentro daquele espaço, e eu vejo que houve uma mudança de perfil mesmo na Câmara, né.

Depois de 4 anos dessas eleições, ela avaliou que houve uma mudança no perfil da Câmara, com mais mulheres jovens e feministas se candidatando e sendo eleitas. Quando começou, levou para aquele espaço uma linguagem mais jovem, hoje em dia mais habitual e comum nas redes sociais.

Hoje, por exemplo, 4 anos depois, ‘cê vê que tem várias mulheres jovens feministas ocupando aquele espaço, então acho que teve essa contri... uma marca mesmo de trazer, como posso dizer? Uma política mais jovem, mais das redes sociais, essa linguagem pra dentro da política institucional... que à época era estranho, mas hoje é mais normal, tem mais pessoas assim e é mais compartilhado.

O momento mais emocionante da época em que era vereadora foi a mobilização grevista contra a reforma da previdência municipal. Sâmia recordou como se emocionou ao ver o papel fundamental do mandato na mobilização.

Acho que foi um processo que aconteceu, foi uma greve de servidores, que a maioria era de mulheres professoras, que era contra a reforma da previdência municipal, à época do Governo João Dória, que a gente conseguiu barrar, depois não, depois teve um novo processo que passou, mas isso foi muito emocionante porque ‘cê via... e o nosso mandato teve um papel bem importante à época. Isso foi muito legal porque era muita gente, eram milhares de pessoas, principalmente de mulheres, muitas delas mulheres jovens também, que... assim, se organizaram e venceram o prefeito da época, né, então foi muito muito legal, aquilo me marcou bastante.

Mais ou menos nessa mesma época, ocorreu o assassinato de Marielle no Rio de Janeiro que, para Sâmia, foi o momento mais difícil:

Acho que foi o mais difícil do ponto de vista subjetivo, eu acho, que foi quando teve o assassinato da Marielle no Rio, porque aquilo me assustou bastante, né, porque a gente tinha sido eleita no mesmo... era parte do mesmo... com diferenças, claro, mas do mesmo momento político, né, do mesmo fenômeno de eleição de mulheres vereadoras do PSOL.

Ela destacou que as duas faziam parte do que chamou “fenômeno de mulheres vereadoras do PSOL” e do mesmo momento político. Sâmia acredita que a execução de Marielle foi um sintoma da violência política e disse que as coisas têm piorado muito no país

desde o ocorrido: “Aquilo me assustou muito e... noto que de lá pra cá o país piorou muito, né, mas achei aquilo muito sintomático da violência política e do que fazem, aquele foi um momento muito difícil”.

Desde que se tornou vereadora, Sâmia observou muitas mudanças em si mesma, como um sentido de responsabilidade maior, busca por dimensionar as questões da vida pessoal e da vida política, busca por maior equilíbrio, mais cuidado com o que fala, com os locais que frequenta, com o que faz e com a segurança. Ela considera que mudou praticamente tudo:

Nossa, tudo, total e completamente, assim, eu não saberia, assim, nem por onde começar. Tudo, de maior responsabilidade de... ter que buscar equilibrar melhor, saber pensar o que são coisas pessoais do que... do que é Sâmia, pessoa Sâmia política... de mais cuidado com o que eu falo, com o que eu faço, onde eu frequento. Mudou completamente a minha vida, assim, cuidados com segurança, que antes eu nem... quer dizer, nem me preocupava, agora tem... de onde eu posso frequentar, tudo, mudou tudo. Acho que é difícil pensar o que se manteve [risos].

Para Sâmia, difícil é responder o que permanece diante de tantas mudanças na sua vida, mas elenca o que permanece: “Acho que são os meus gostos e hábitos pessoais, o meu jeito de ser, essas coisas não mudam, né, quem eu realmente sou e, enfim. São caract... isso, isso segue, eu ainda, sei lá, gosto muito de música, de filme, de descansar, de animais, e coisas do tipo, de tomar uma cervejinha, essas coisas não mudam, não”.

Sâmia citou como recordação positiva da época como vereadora o fato da movimentação do gabinete, sempre lotado, recebendo muitas pessoas, representantes da sociedade civil. Isso fazia com que ela, durante todo o tempo, estivesse vendo sentido no seu trabalho: “Acho que o que eu gostava muito era que o gabinete ‘tava sempre cheio de gente, assim, o legal de ser vereadora é isso, que sempre alguém bate na porta, você conversa com setores, representantes da sociedade civil. Eu adorava isso porque sempre era muito movimentado e eu acabava vendo sentido, né, no que eu fazia”.

A recordação negativa é das sessões na Câmara, em que Sâmia não se sentia bem, pois a maioria das pautas não estava relacionada com seus objetivos ali, não tinha muitos amigos e aliados. Ela se sentia sozinha e não conseguia se encaixar no lugar onde tinha que passar boa parte do trabalho.

Uma repercussão negativa, acho que das sessões, eu não gostava, eu não me sentia bem na sessão, porque na maioria das vezes eram pautas nada a ver, assim, com o que eu queria fazer, não era um ambiente que eu tinha muitos amigos, aliados, então eu me sentia ali meio sozinha, sabe, meio deprimida mesmo de ficar naquele espaço e tomava 3 dias da semana, não era uma coisa menor, mas eu não gostava. Não conseguia me entender, me encaixar ali naquele espaço.

Sâmia afirmou que ainda não sabe sobre os projetos futuros em relação à sua militância e à sua carreira política, mas disse que acredita que seguirá militando e não se vê mais

desvinculada da participação política. Disse também que poderia seguir em outros espaços, diferentes do que está agora, pois vinha observando que esse tipo de atuação cansa. De todas as formas, ela acredita que ainda tem coisas para fazer e viver na política.

Eu acho que vou seguir militando; onde, como, quando, eu não sei dizer, mas hoje eu já não vejo mais minha vida desvinculada da... da organização, da participação política. Talvez não necessariamente no Parlamento, porque uma hora também isso... cansa um pouco, mas acho que ainda tem algumas pra fazer, pra viver na política, assim.

### 6.3 SÍNTESE E COMPARAÇÕES ENTRE OS RESULTADOS DAS ENTREVISTAS

Na seção anterior, lemos os resultados das entrevistas com as jovens brasileiras sobre suas biografias até chegarem a vereadoras, suas experiências como jovens vereadoras e as relações nos espaços de socialização nesse processo. Apresento agora a análise, com a síntese e comparações, de suas histórias de engajamento político, os fatores que influenciaram o engajamento político e suas experiências como jovens mulheres nesse espaço.

#### 6.3.1 Fatores que Influenciam o Engajamento Político

Os resultados identificaram alguns fatores, que surgiram durante as entrevistas, indicativos de uma influência no engajamento político das entrevistadas: carreira/profissão/trabalho, escola/universidade e outras experiências educativas e amizades/socialização.

A tabela a seguir mostra os marcos/momentos/situações destacados na etapa 1 pelas entrevistas:

Marcos /momentos/ situações destacadas	Idade que ocorreu ou data aproximada	Motivo pelo qual é importante	Pessoas ou acontecimentos relevantes para a situação destacada
<b>Marielle</b>			
Assassinato da amiga na adolescência	17 anos	Fez ela se mobilizar em uma manifestação por justiça	Amigos da igreja
Campanhas eleitorais em 2006	27 anos	Participou do núcleo PSOL Maré para construir a campanha para deputado estadual do Marcelo Freixo	Amigos de CEASM (curso pré-vestibular em que trabalhava como secretária)
Se tornou assessora do Marcelo Freixo na ALERJ	27 anos	Passa a conhecer a política institucional internamente.	Marcelo Freixo
Se tornou coordenadora da Comissão de Direitos Humanos na ALERJ	32 anos	Passou a atender famílias vítimas de violência	Marcelo Freixo e equipe do mandato
Accepta a proposta de se candidatar a vereadora. / concorreu as eleições	2015/2016	Amadureceu a ideia de vir candidata / tornou-se vereadora	Amigos, familiares, Marcelo Freixo, colegas de partido, eu.
<b>Talíria</b>			
Sala de Aula	20 anos, 21 anos	Perceber a sala de aula como elemento transformador foi um... sem dúvida importante pra eu me organizar politicamente pra me tornar vereadora	Alunos de uma escola que eu dava aula no Portão do Rosa em São Gonçalo
Minha experiência no movimento da igreja católica	Por volta dos 13 anos	O espírito comunitário da pastoral da juventude eu acho que também foi bem importante	
O esporte, eu fui atleta.	Dos 10 aos 20 anos	Foi a experiência mais coletiva, de maior coletividade que eu já vivi, de necessidade da coletividade	
Lembrança da minha mãe, um em cada braço, outro na barriga, subindo a ladeira da Riodades.	Infância	Essa lembrança da... da vida... do corre, sabe, do quanto minha mãe exausta, mas ao mesmo tempo presente, guerreira, sem dúvida foi minha primeira experiência de relação com uma mulher feminista sem saber que era	Mãe
<b>Áurea</b>			
Participação na cultura hip-hop	18, 19 anos	Foi daí que eu me engajei em vários outros coletivos né, que eu me inseri nas lutas sociais	
Minha entrada como bolsista de extensão no programa Observatório da Juventude da UFMG.	2004	Quando eu me tornei bolsista de extensão do Observatório da Juventude, pra trabalhar com agentes culturais juvenis, eu consegui reconectar essas coisas[a minha atuação no hip-hop e a minha vida na universidade]	
Minha participação no movimento Fora Lacerda	2012	Eu fiz parte dessa articulação, que depois tem um lastro no que vai ser o surgimento da movimentação Muitas da minha candidatura como vereadora, né, dentro de um projeto coletivo	
Minha entrada na gestão governamental (governo Pimentel)	2015 (durante 5 meses)	Foi um momento muito importante pra eu entender também... um papel que eu poderia desenvolver né, na política institucional	
A construção das Muitas	Março de 2015	A movimentação que levou à campanha coletiva em que eu me elegi vereadora	
<b>Sâmia</b>			
Debate com a Sara Winter na TV Folha	26 anos	Foi um vídeo que ganhou uma certa repercussão de redes e que foi significativo pra tornar o meu nome conhecido num público feminista online	
Manifestações feministas de rua contra o Eduardo Cunha	Entre 24 e 25 anos	Eu estava na organização, participei bastante ativamente desses protestos	
Filiação ao PSOL	20, 21 anos	Foi um marco do ponto de vista da minha... minha organização mesmo quanto militante	
Minha mudança	17 anos	Eu era do interior de São Paulo, quando eu me mudei pra São Paulo, foi quando eu entrei na faculdade, foi quando eu comecei de alguma forma a me interessar e a me engajar pela política	
Experiências pessoais que tenham me levado a... conhecer o feminismo ou mesmo a militância política	22, 23 anos	Eu diria que isso foi durante a faculdade [...], assim, que foi um acúmulo de questões, de... de relacionamentos, com experiência no mundo do trabalho, com os debates que eu vivenciei na universidade	

### 6.3.1.1 Carreira/Profissão/Trabalho

Todas as vereadoras brasileiras entrevistadas mencionaram, ao menos, um marco relacionado ao mundo do trabalho como fator que influenciou no engajamento e/ou na candidatura a vereadora, mostrando, de diferentes perspectivas, que a relação entre engajamento e trabalho podem estar próximas.

No caso de Marielle, Monica mencionou seu trabalho como assessora de Marcelo Freixo na Alerj como um marco, pois, a partir daí, passa a conhecer a política institucional internamente. Nesse posto, tornou-se coordenadora da Comissão de Direito Humanos, onde

passou a atender vítimas de violência. Dos 5 marcos citados, dois estão relacionados com esse trabalho, resultado do engajamento na campanha eleitoral de 2006. Além disso, Monica citou o período em que Marielle foi secretária do pré-vestibular em que havia estudado e disse que ela teve outras experiências importantes relacionadas ao trabalho social e à sua carreira de cientista social, como na Brazil Foundation, onde teve também espaços de formação.

Áurea também mencionou o trabalho na política institucional como um marco, no seu caso, foi na política governamental, na gestão do então governador Fernando Pimentel (PT), em Minas Gerais. O trabalho que desempenhou como subsecretária de políticas para mulheres só durou cerca de 5 meses, saiu por discordâncias, mas serviu para entender o papel que poderia desenvolver na política institucional. Durante a entrevista, Áurea destacou também o seu trabalho na coordenação de projetos no Terceiro Setor. Ela avaliou que suas experiências profissionais estão ligadas à sua trajetória política, todas relacionadas à busca pela sua realização e ao seu propósito de vida, que ela disse “que é uma coisa que eu ‘tô construindo sempre, né”. Em determinado momento de sua vida, teve que trabalhar como atendente de *telemarketing*, o que a deixou muito insatisfeita, no entanto, transitar por diferentes espaços, trouxe capacidade de diálogo, de superação das adversidades e de mediação.

Talíria também trabalhou como atendente de *telemarketing*, sua família estava com dificuldades financeiras e teve que conciliar esse trabalho com a faculdade. Ela não colocou essa experiência no quadro dos marcos, mas citou, durante a entrevista que essa vivência, somando com outras dificuldades relacionadas a desigualdades sociais e de gênero, “me constituiu um ser político, uma mulher que fazia já política sem entender o que é política” e foram importantes para o seu posterior engajamento no PSOL. O primeiro marco que ela apontou foi relacionado ao mundo do trabalho, mas já no trabalho em sala de aula como professora. Nessa experiência, Talíria recordou da falta de perspectiva que observou em alguns alunos e acompanhar o processo de transformação daqueles alunos e a ampliação de suas perspectivas foi importante para se engajar politicamente: “então perceber a sala de aula como elemento transformador foi um... sem dúvida pra eu me organizar politicamente pra me tornar vereadora”. Além disso, inclusive, como docente, ela teve sua primeira experiência política militante no movimento grevista: “fiz greve, eu era contratada da Faetec, fiz greve, lembrei disso, a ameaça de demissão porque eu era contratada, não era concursada”.

No último marco citado por Sâmia, estão experiências pessoais que a levaram a conhecer o feminismo e a militância política. Ela apontou como importante experiências relacionadas ao mundo do trabalho. Sâmia começou a trabalhar aos 18 anos, a maioria das suas experiências

laborais se relacionam com educação: “já fiz de tudo, fui estagiária em editora, dei aula na rede pública, dei aulas particulares, fui servidora da Universidade de São Paulo, concursada, né”. A conciliação entre faculdade, trabalho e militância era difícil, ela usava seu tempo de almoço para se dedicar à militância e, como trabalhadora da universidade, nos intervalos, participava de atividades e reuniões políticas. Nesse último trabalho, teve a experiência de participar do movimento grevista dos trabalhadores e, ao final, teve problemas por isso.

As vereadoras brasileiras não tiveram exclusividade de seu tempo para os estudos universitários e sempre tiveram que conciliar trabalho e universidade. Isso poderia ter dificultado o engajamento político pela falta de tempo, mas, sob diferentes perspectivas, foi um fator importante para o engajamento, ou por escancarar as dificuldades e desigualdades sociais, ou por estar associado a questões políticas, educacionais e sociais, entre outras perspectivas.

#### 6.3.1.2 Escola, Universidade e outras experiências educativas

Também sob diferentes perspectivas a escola e/ou a universidade teve sua importância para o engajamento das jovens vereadoras. No entanto, a única delas que teve experiência no movimento estudantil universitário foi a Sâmia. Durante sua formação escolar, ela avalia que, excetuando-se temas sociais levantados por alguns professores, a escola não teve significância no seu engajamento político. Mas a mudança do interior para estudar na capital foi decisiva em seu engajamento político. Na faculdade, ela começou a se interessar por política, iniciou seu engajamento participando do centro acadêmico dos estudantes e, durante todos os anos posteriores na universidade, participou do movimento estudantil, no diretório central dos estudantes, organizando greves e outras atividades sobre política. A socialização e as experiências a levaram a conhecer o feminismo e a militância.

Nenhuma das vereadoras teve experiência de militância política no movimento estudantil secundarista. No entanto, no caso de Áurea, o espaço escolar foi importante para ela conhecer e ter acesso ao movimento do hip-hop através de uma atividade cultural: “No ensino médio eu estudei no Cefet de Minas, que eu conheci o pessoal do hip-hop que foi assim a minha primeira liga... foi, foi numa atividade na escola”. Além disso, ela considera que a socialização escolar foi muito significativa, pois, antes, seu espaço de socialização se restringia à família. Na escola, começa a conhecer e a conviver com diferentes pessoas para além do universo familiar, também teve acesso a espaços culturais, tais como a biblioteca, passando a se interessar por artes, história e geografia.

Áurea estudou em escola pública, apenas durante um ano estudou numa escola particular, mas sua mãe não teve condições de mantê-la e foi uma experiência difícil. Talíria

sempre estudou em escola particular como bolsista, disse que, em alguns momentos, sentia um não pertencimento a esse lugar, mas sua experiência naquele espaço pode ter tido certa influência no seu engajamento político. Ela era uma das poucas crianças negras e a chamavam por alguns apelidos que faziam referência à sua cor: “eu era a bombom da tia do terceiro período, sabe”.

Monica não soube avaliar, com exatidão, o papel da escola no engajamento político de Marielle, mas afirmou que o pré-vestibular foi fundamental. Embora não tenha sido considerado propriamente um marco, ela apontou pessoas ou acontecimentos relevantes para a situação destacada, ressaltando o pré-vestibular comunitário do Ceasm: “E ali ela foi conhecendo outras coisas né, porque começou a participar de atividades fora dos muros da Maré né, pra fora, era um curso que se fazia... aula muito pra fora, tipo aula na Floresta da Tijuca pra ter aula de geografia, de biologia”. Nesse espaço, Marielle conheceu pessoas que discutiam mais sobre política, lá começou a desenvolver uma visão mais crítica da sociedade e se engajou na campanha eleitoral do Marcelo Freixo a deputado estadual.

Para Marielle, a universidade teve sua importância porque apresentou um outro lado da cidade, onde se inseria a classe média alta. Essa experiência trouxe um propósito ainda maior de mudança social e de melhoria do seu lugar de origem. Ademais, trouxe ferramentas teóricas, formando academicamente e oferecendo acesso a um conhecimento que a fez questionar ainda mais a sociedade. Nesse mesmo sentido, deu-se a experiência de Talíria na universidade. Mas, ao contrário, fez com que ela conhecesse mais profundamente uma cidade com maiores precariedades que a sua de origem, além de encontrar colegas que tinham uma vida como a dela, pôde conciliar estudos e trabalho: “O espaço da universidade, estar numa universidade em São Gonçalo... com aquelas pessoas, normalmente eram como eu trabalhavam durante o dia e de noite ‘tavam lá no corre...”. Talíria também mencionou as ferramentas teóricas que contribuíram para sua formação crítica e foi através de uma amiga faculdade que se engajou no PSOL.

Para Áurea, a universidade foi importante para o seu engajamento político a partir da sua entrada como bolsista de extensão no Observatório da Juventude da UFMG, pois marca o ponto de encontro entre o hip-hop e a sua vida universitária: “pra trabalhar com agentes culturais juvenis, eu consegui reconectar essas coisas, porque tinha uma relação direta com jovens da cultura hip-hop que eram meus aliados, então esse é um marco muito importante”. Esse marco reconecta seus interesses, participando, posteriormente, de vários coletivos,

movimentos e projetos socioculturais. Ela destacou também cursos de formação importantes na sua trajetória sobre feminismo, cultura e relações étnico-raciais.

Os espaços da educação formal, para além das ferramentas educacionais e teóricas, trouxeram outras contribuições relevantes para o engajamento político das vereadoras, pelas oportunidades de diversidade cultural, de socialização com pessoas diversas, possibilidade de conhecer lugares diferentes dos seus de origem e de desenvolvimento de uma visão mais crítica da sociedade.

#### 6.3.1.3 Amizades/Socialização

As amizades e a socialização em diferentes espaços foram essenciais para o engajamento das vereadoras brasileiras. Talíria citou, durante a entrevista, na etapa do quadro dos principais marcos, a sua experiência e o espírito comunitário na socialização na Pastoral da Juventude da Igreja Católica. Ela também citou como um marco a sua experiência como atleta. Talíria considera a socialização, nesse espaço, a “experiência mais coletiva, de maior coletividade que eu já vivi, de necessidade da coletividade”. Além desses marcos citados, foi através de uma amiga da faculdade que ela se engajou ao PSOL. Talíria destacou também o grupo de amigas da faculdade, os amigos e as amigas que conheceu na militância política, que são suas amigas mais próximas e presentes atualmente na sua vida.

O primeiro marco para o engajamento político de Marielle foi o assassinato de uma amiga quando era adolescente. Durante a entrevista, Monica contou que esse acontecimento trágico fez Marielle se mobilizar por justiça. Naquele momento, os amigos da igreja foram relevantes nesse processo, assim como os amigos do Ceasm foram importantes para o engajamento de Marielle na campanha eleitoral de 2006 e, para posteriormente, tornar-se assessora do deputado Marcelo Freixo. A socialização no pré-vestibular do Ceasm, no trabalho como assessora do mandato, na militância de direitos humanos e no PSOL trouxeram uma rede de amizades que foram essenciais para a sua decisão de se candidatar: “Então foram pessoas que apoiaram muito, foram pessoas que ela ouviu muito antes de tomar decisão, e o núcleo de amizade sem dúvida nenhuma tem uma importância ímpar, assim”.

A socialização no movimento hip-hop foi fundamental na trajetória política de Áurea. Ela comentou que fez grandes amigos e amigas no hip-hop, que costumavam dizer que, na rua, têm uma família. Esses vínculos e outros construídos ao longo da sua militância política foram relacionados ao senso de pertencimento: “porque a gente vai tecendo essas relações, esses vínculos e... tem a ver com senso de pertencimento mesmo, de se reconhecer, de construir essa comunidade”.

Os amigos e amigas que Sâmia conheceu na universidade foram muito importantes para o seu engajamento político. Até hoje eles são a maioria dos amigos e amigas com quem ela tem mais afinidade, pois gostam das mesmas coisas e são engajados, alguns estão hoje no seu mandato ou militando no PSOL: “Tem gente que ‘tá no mandato hoje que desde à época da faculdade, dos primeiros anos, ‘tava comigo”. As vereadoras brasileiras têm amizades consolidadas na militância política. Além da socialização na escola e na universidade, outros espaços e redes de amizade foram relevantes nesse processo de engajamento, como a socialização no movimento hip-hop, na igreja e no esporte.

### **6.3.2 O Assassinato de Marielle, a Violência Política de Gênero e a Busca por Transformação na Política Institucional**

Nas experiências vividas como vereadoras, as jovens brasileiras convergiram, principalmente, em três pontos: o assassinato de Marielle, a violência política de gênero e a busca por transformação na política institucional. A execução de Marielle foi mencionada por todas as vereadoras quando se perguntava qual fora o momento mais emocionante e/ou mais difícil e/ou uma recordação negativa do período como vereadora. Talíria afirmou que esse trágico evento vai atravessar sua vida inteira: “Isso vai atravessar a minha vida inteira, não tem como, assim, de pessoal e parlamentar, também, política, né”.

Além da tristeza pela perda violenta de uma amiga e companheira de partido político, essa tragédia trouxe preocupação e medo por suas próprias vidas. Talíria sofre muitas ameaças, essas ameaças e riscos a levaram a temer por sua segurança e, por isso, mudou seu local de residência. Muitas pessoas questionam se ela vai sair do país, mas Talíria afirmou que, apesar do medo e dos riscos, não pensa nessa possibilidade.

Áurea e Sâmia também mencionaram que agora precisam se preocupar mais com a segurança e com os lugares que frequentam. Sâmia acredita que o assassinato de Marielle foi resultado da violência política “achei aquilo muito sintomático da violência política e do que fazem, aquele foi um momento muito difícil”. Para Áurea, o assassinato brutal de Marielle foi um divisor: “um momento de muita dor, de... de muita preocupação né, e também de... dar uma sacudida na gente... pra continuar e... e aprofundar mesmo o trabalho, né, que a gente já vinha fazendo, mas... depois da execução da Marielle isso se multiplica”.

As entrevistadas narraram, nas entrevistas, muitas situações de violência política de gênero que enfrentaram como jovens mulheres vereadoras. Talíria contou como foi horrível, violento, difícil e chocante o desrespeito por parte dos outros vereadores, durante uma parte de

seu mandato quando era a única vereadora mulher na câmara municipal da sua cidade. Ela se sentia em um não lugar como jovem mulher negra vereadora naquele espaço, pois fazia uma ocupação distinta daqueles que figuravam naquele espaço tradicional. Áurea mencionou os obstáculos de conviver num ambiente hierárquico e a pressão pelo enquadramento nesses cargos, além de diversos momentos de violência política que vivenciou: “Então... eu acho que, assim, as mulheres na política, feminista, negra, então... a gente ‘tá sendo o tempo inteiro espremida, assim, pra um enquadramento, né, pra gente ter um... um comportamento... e lutar contra isso é também desgastante”. Sâmia também mencionou conflitos com outros vereadores e a violência política que sofreu em diversas situações.

Monica contou que havia um desgaste muito grande no cotidiano de Marielle como vereadora. Segundo ela, um caso específico a recusa do projeto de lei sobre visibilidade lésbica foi o momento mais difícil de Marielle como vereadora. Essa foi a primeira vez que ela viu Marielle chorando por uma situação relacionada à vereança. Além da recusa do projeto de lei, ela ouvia piadas depreciativas por parte de outros vereadores: “Então esse foi um momento muito difícil, a Marielle me liga do plenário chorando depois do PL ter sido recusado e era recusado como tudo né, pra... pra... pros LGBTs em geral com requintes de crueldade né, então, assim, tiveram piadinhas, etc, então fica mais difícil ainda”.

Apesar das dificuldades narradas, as vereadoras compartilharam algumas das suas experiências positivas, na busca por uma mudança em um espaço onde elas não se reconheciam. Para Sâmia, sua presença naquele espaço trazia uma nova abordagem, um novo perfil e um novo olhar para as pautas políticas: “Eu acho que teve uma contribuição de arejar um pouco as pautas políticas da Câmara e de mudar o perfil”. Talíria mencionou que, naquela época, seu mandato era composto, praticamente, só por mulheres: “aí fazia um discurso potente, preparado por mulheres, falado por uma mulher, sobre mulheres, eu acho que isso... isso sempre foi muito forte”. Áurea contou a experiência de compartilhamento de poder através do “gabinetona” e o objetivo de construção de mais espaços para que mulheres negras populares pudessem ocupar a política institucional: “a gente não ‘tava ali só pra... exercer o mandato, a gente ‘tava pra... criar uma outra experiência de fazer política, né, de ocupação da política institucional”. O retorno positivo do trabalho foi mencionado por Monica como uma das coisas mais emocionantes do período de Marielle como vereadora, pois ela sentia que realizava o seu papel de representação. Sâmia também mencionou o apoio que recebia: “mas o que sempre me deixou contente era saber que tinha bastante gente que gostava, torcia, via muita mulher, menina na rua que se identificava, que se sentia encorajada a ser candidata”.

Neste capítulo, foram apresentadas as narrativas das vereadoras sobre suas biografias até se tornarem vereadoras, as relações nos espaços de socialização e suas experiências como jovens na política institucional. Na análise dos resultados, observaram-se alguns pontos de convergência nas trajetórias das vereadoras, fatores que, nas três etapas das entrevistas, influenciaram o engajamento político e as experiências como jovens mulheres vereadoras. No capítulo seguinte, será realizada a análise e a comparação entre as trajetórias de engajamento político das vereadoras brasileiras e das vereadoras espanholas entrevistadas.



## **7 TRAJETÓRIAS DE ENGAJAMENTO POLÍTICO, APRENDIZAGENS E CONTEXTOS EDUCACIONAIS DE JOVENS VEREADORAS**

Neste capítulo, serão sistematizadas as experiências compartilhadas nas entrevistas e na observação participante nos ambientes digitais. Segundo a abordagem da Educação Popular, a “sistematização das experiências” consiste em “interpretação crítica e resgate de aprendizagens de processos históricos, vitais, complexos, nos quais intervêm diferentes atores, que se realizam em um contexto econômico, social, institucional e cultural determinado” (JARA, 2020: 59).

Conforme mencionado na introdução da tese, o objetivo da análise e da discussão dos resultados da pesquisa não é simplesmente comparar os resultados apresentados e descritos nos capítulos anteriores, mas compreender seus atores e processos. Ou seja, a comparação é realizada quando plausível, serão analisadas as semelhanças e equivalências, mas, sobretudo, as diferenças e a diversidade, que ajudam a indicar pistas importantes para a compreensão do problema de pesquisa.

Ter realizado a pesquisa em dois países, sendo um deles diferente do meu de origem, com cultura, história e conjuntura diferentes da minha original, foi uma vantagem por possibilitar uma comparação mais apurada, percebendo melhor o que Barth (2000) chama de as “dimensões da variação” (BARTH, 2000). De acordo com o autor, percebendo variações, propiciam-se intuições e pistas sobre as características mais fundamentais para análise e descrição. Possibilitou também o estranhamento do que era familiar (VELHO, 2013) e mais próximo a mim, isto é, o contexto das vereadoras brasileiras. Isso me ajudou a relativizar e a fazer uma reflexão sistemática, transcendendo as minhas limitações de origem, como afirma o antropólogo Gilberto Velho (2013) no trecho abaixo:

[...] acredito que seja possível transcender, em determinados momentos, as limitações de origem do antropólogo e chegar a ver o familiar não necessariamente como exótico mas como uma realidade bem mais complexa do que aquela representada pelos mapas e códigos básicos nacionais e de classe através dos quais fomos socializados. O processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações (VELHO, 2013: 78).

Dessa forma, para discussão, análise e comparação dos resultados, divido a sistematização das experiências em duas partes. No primeiro subcapítulo, analisando o engajamento como processo a partir da teoria do desenvolvimento ecológico e, no segundo, analisando as aprendizagens e os contextos educativos a partir de teorias relacionadas à Educação Popular, ambas já explicitadas na introdução dos textos desta tese.

## 7.1 ENGAJAMENTO POLÍTICO COMO PROCESSO E A TEORIA ECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Na análise dos resultados, observaram-se os pontos comuns, as diferenças e as variações entre as trajetórias de engajamento político das vereadoras. Por meio da leitura, sistematização das experiências e interpretação dos dados das entrevistas, das respostas do quadro, da questão aberta e das questões semiestruturadas, a análise baseou-se no engajamento político como um processo individual e dinâmico (CARVALHO, 2013) e na teoria ecológica do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner (1979) como referencial para a compreensão de suas trajetórias de vida. Levando em consideração seus sistemas de relações, foram identificadas, nas dimensões, os fatores importantes para o engajamento político das vereadoras.

As escolhas e decisões ao longo da vida são permeadas por subjetividades e por sentimentos. Conseqüentemente, constatamos que os laços de amizade, a socialização familiar, na escola, no trabalho e em outros espaços foram decisivos na trajetória das vereadoras para o engajamento político. Da mesma forma, características contextuais macrossistêmicas como a conjuntura política, o momento histórico, a economia, a cultura e os costumes também foram fatores importantes nesse caminho de compromisso político.

A dimensão macrossistêmica foi identificada, sobretudo, no quadro dos marcos das vereadoras espanholas e explicada durante as entrevistas. Todas as entrevistadas da Espanha indicaram, pelo menos, um marco no que diz respeito a essa dimensão. Os mais proeminentes foram o 15M, a situação política e econômico-social da Espanha. Essas dimensões tiveram interconexões com as experiências individuais que viveram, como a decisão de ingressar no Podemos, as situações de amigos próximos e familiares que foram afetados pela crise e as decepções políticas. Pesquisas apontam que a crise econômica de 2008 afetou profundamente aquela geração de jovens na Espanha (BENEDICTO e FEIXA, 2015; SOLANILLAS e REVILLA, 2015; GAVIRIA, 2015; BENDICTO, 2017; GUERRERO e ECHAVES, 2017), foi também o que apontaram as jovens vereadoras nos seus marcos e durante as entrevistas.

O 15M, importante manifestação nacional, liderada principalmente por jovens, influenciou a situação política na Espanha, em 2011 (BRINGEL, 2015; FEIXA e NOFRE, 2013; PLEYERS, 2013), com reflexos até hoje, como, por exemplo, na criação do partido Podemos, que surgiu a partir desse movimento (BRINGEL, 2015). Uma das críticas desse movimento era ao sistema bipartidário que prevalecia na política nacional espanhola, com dois partidos que trocaram a presidência do governo por décadas, sem a necessidade de acordos com

partidos menores (BRINGEL, 2015; FEIXA e NOFRE, 2013; PLEYERS, 2013; BENEDICTO, 2017). Essa também foi uma das críticas comentadas em algumas entrevistas, sendo o movimento mais citado nos marcos das vereadoras espanholas.

Após o 15M, o protagonismo juvenil e uma nova cultura participativa ganharam destaque na conjuntura política e social espanhola (MORENO, 2015; BENEDICTO e MORÁN, 2015; FEIXA e GARCÍA, 2015), em oposição ao silêncio que as gerações anteriores sofreram após a ditadura de Franco, iniciada em 1939, mas que afetou as gerações posteriores (ALIJA & MARTÍN-ORTEGA 2016; BRUNNER, 2011; DRULIOLLE, 2015). As vereadoras espanholas mencionaram a preocupação que seus pais tinham por seu engajamento político, resultado das lembranças familiares do período ditatorial, quando muitas pessoas foram assassinadas e perseguidas por suas posições políticas (ARMAÑANZAS, 2012).

Com relação à dimensão do macrossistema, no caso das vereadoras brasileiras, apenas uma colocou como marco as manifestações da Primavera das Mulheres, entre 2015 e 2016. Esse foi um evento demarcador para esta pesquisa, já que, logo depois, elas se candidataram e foram eleitas. Justamente por isso, perguntei àquelas que não mencionaram a importância desse movimento para a candidatura. Elas afirmaram que foi muito importante para a consolidação das candidaturas, pelo apoio recebido, pelo impulso e ânimo. Duas vereadoras mencionaram como marco outros eventos, como as eleições de 2006 e o movimento Fora Lacerda.

Segundo Reis (2007), o engajamento político está relacionando ao interesse de posicionar-se sobre diferentes temas e problemas, tendo em vista certa intervenção e inserção na realidade social. Com isso, eventos sociais relacionados ao macrossistema podem mobilizar um interesse pela política por parte dos e das jovens. Podem-se notar, nas entrevistas desta pesquisa, alguns eventos que atuaram como mobilizadores para o engajamento e fortalecimento de processos políticos como candidaturas. Participando ou observando certos eventos políticos de grande impacto social, relacionados ao contexto do macrossistema, alguns atores tomam a decisão ou tornam seu compromisso político mais estável e, no caso deste estudo, se apresentam em eleições para cargos legislativos ou executivos em âmbitos municipal, estadual ou nacional.

Outra questão macrossistêmica relevante observada nas entrevistas, apesar de não terem citado claramente como um marco, foi perceber as desigualdades sociais, de gênero, o racismo e a violência. Por exemplo, quando uma delas falou sobre as desigualdades de gênero no ambiente familiar, a importância de conhecer outra cidade ou outra parte da cidade com mais infraestrutura, o fato de não se sentir bem estudando em uma escola particular e a violência social ao ter uma amiga adolescente assassinada. Questões macrosistêmicas, relacionadas à

economia, história, cultura, a valores e modos de vida, escancaradas em suas realidades, conformando inter-relações entre o microsistema, o mesossistema, o exossistema e o macrosistema.

As desigualdades de gênero foram citadas por todas as vereadoras entrevistadas, tanto as espanholas quanto as brasileiras, de diferentes formas, mas, principalmente, a violência política de gênero que sofrem nos ambientes políticos. Esses espaços reproduzem a lógica patriarcal branca colonial (MATOS, 2021), inclusive nos parlamentos, como afirma a pesquisadora Marlise Matos (2021): “os parlamentos têm rotinas, práticas e dinâmicas políticas baseadas em relações desiguais de gênero e raça, com hegemonia branca masculina” (p. 211). Esse tipo de violência desestimula, limita e interrompe a carreira política de mulheres (MATOS, 2021), autoras como Kroop e Sanin (2016), Sanin (2018) e Marlise Matos (2021) desenvolvem estudos sobre essa temática, destacando a importância da adoção de políticas para prevenir e erradicar esse tipo de violência nos espaços públicos.

Os cenários apontados *a priori* no roteiro semiestruturado da entrevista (1. Família; 2. Escola, Universidade e outras experiências educacionais; 3. Carreira/Profissão/Ocupação; 4. Amigos/Socialização; 5. Militância política/Carreira política) apresentavam alguns espaços da dimensão microsistêmica. As vereadoras de ambos os países coincidiram ao destacar a importância do ambiente da escola e da universidade no engajamento político, com algumas diferenças e particularidades. Segundo Jara (2020), a educação tem um papel fundamental como fator de socialização para a constituição de identidade e de construção de capacidades transformadoras, de afirmação de ideias.

Duas das vereadoras espanholas consideraram a escola importante para suas trajetórias políticas. Assim como as brasileiras, nenhuma delas teve experiência de militância no movimento estudantil secundarista. Pode-se constatar que, para as vereadoras, a socialização, nesse espaço, foi um fator significativo pela socialização e pelas experiências, seja por um amigo ou amiga, um professor ou professora, seja pelas aulas, pelas oportunidades culturais que foram oferecidas e pela possibilidade de conhecer pessoas diversas.

As outras duas vereadoras espanholas consideraram que os estudos universitários foram importantes, uma vez que as suas experiências na universidade solidificaram as contribuições políticas que já tinham. Uma brasileira e uma espanhola chegaram a ser militantes no movimento estudantil universitário, mas a maioria não se identificava com esse movimento. Da mesma forma como em relação à escola, a universidade se apresentou significativa pela socialização e pelas experiências, pela amiga que era do partido, por trabalhar e estudar ao

mesmo tempo, por conhecer a realidade de outro local etc. Acrescentem-se os estudos teóricos que deram mais ferramentas para a reflexão sobre temas sociais, históricos, políticos e econômicos.

As vereadoras espanholas entrevistadas destacaram as conversas com familiares e as desigualdades de gênero vivenciadas no ambiente familiar, especialmente, sofridas pelas mães, elementos centrais que moldaram sua identidade e seu compromisso político. A identidade como jovens mulheres e a tomada de decisão pelo compromisso político se articularam, em relação à esfera familiar, principalmente, quando afirmam que as desigualdades de gênero, presenciadas naquele espaço, influenciaram suas decisões. A influência da família nos primeiros momentos de suas vidas é muito relevante, pois, na infância e na adolescência, elas formavam seus valores. De acordo com Muxel (2008), os e as jovens procuram se identificar tanto com a geração de seus pais e mães quanto com a necessidade de inovar.

Como primeiro espaço de socialização política, segundo Muxel (2008), o ambiente familiar pode fornecer as primeiras referências, ou as primeiras deficiências, sobre o assunto, podendo desempenhar um papel decisivo na construção das opções políticas, estabelecendo predisposições, cujo impacto será verificado nos comportamentos e nas escolhas que podem ser feitas posteriormente (MUXEL, 2008), oferecendo apoio social fundamental (GARCÍA-MENDOZA, PARRA Y SÁNCHEZ-QUEIJA, 2017; ALBERTINI, 2010; HOLDWORTH, 2004; KINS *et al.*, 2014). No entanto, apenas uma das vereadoras brasileiras destacou, durante a entrevista, o papel da família no seu engajamento. Fundamentalmente, a questão da família atravessou muito mais a trajetória política das vereadoras espanholas. Pesquisas apontam grande relevância das relações familiares no período de transição vivido pela juventude nos países mediterrâneos, como a Espanha (GARCÍA-MENDOZA, PARRA Y SÁNCHEZ-QUEIJA, 2017; LECCARDI, 2010; BOSH, 2015; PARRA, OLIVIA Y REINA, 2013).

As vereadoras não vieram de famílias de ativistas políticos. Assim, apesar de terem alguns ancestrais com envolvimento político, tanto algumas das brasileiras como algumas das espanholas, os parentes mais próximos não estavam envolvidos nesse âmbito. Para as que destacaram o contexto familiar, a importância desse ambiente deveu-se aos discursos, às experiências e vivências nessa socialização, tanto positivas, devido às conversas, aos valores solidários da justiça social e democráticos, quanto negativas, devido ao sofrimento relacionado às desigualdades de gênero e à situação econômica de família. Do exossistema, uma das vereadoras espanholas apontou o despejo de amigos e familiares. Esses últimos fatores

apontados também estão relacionados ao macrossistema, relativo ao problema social das desigualdades de gênero e dos despejos pela situação econômico-social na Espanha.

Quanto à reação de pais e mães ao envolvimento político das jovens vereadoras espanholas, a maioria disse que os familiares sentem orgulho e as apoiam, mas também sentem preocupação, que vem principalmente da memória do regime franquista, citada pela maioria das entrevistadas espanholas, e pela memória da ditadura militar, mencionada por uma das vereadoras brasileiras. O apoio da família, ao mesmo tempo que a preocupação e o medo, é comum entre as espanholas e as brasileiras. Em alguns casos, após um tempo, alguns familiares começaram a se interessar mais por política, o que trouxe uma aproximação maior nessas relações. Logo, a militância política de um familiar, pode despertar a disposição para o engajamento de outros familiares e a proximidade nas relações, por partilharem convívio e interesses em comum.

O trabalho foi um contexto muito relevante na trajetória de engajamento político das brasileiras. Assim como as espanholas, elas também tiveram experiências em trabalhos precários, mas, diferente delas, tiveram mais experiência laboral na área em que cursaram o ensino superior. As vereadoras brasileiras não tiveram exclusividade de seu tempo para os estudos universitários. A dedicação exclusiva aos estudos não é uma ampla realidade para grande parte dos e das jovens no Brasil, educação e trabalho, em alguns momentos, são concomitantes (ABRAMO, 2016). A necessidade de conciliar trabalho e universidade poderia ter dificultado o engajamento político pela falta de tempo, mas foi um fator importante para o engajamento, no caso dos trabalhos que não tinham relação com as suas carreiras, por evidenciarem as dificuldades e desigualdades sociais. No caso dos relacionados, por estarem associados a questões políticas, educacionais e sociais, ou seja, também mesclando fatores do micro e macrossistema.

Outro fator relevante para o engajamento político das brasileiras foi a amizade e a socialização (para além da família e da escola/universidade). Uma delas citou a socialização no movimento hip-hop, e outra citou a igreja e o esporte. As vereadoras brasileiras têm amigas consolidadas na militância política, diferentemente das espanholas que deixaram claro, durante a entrevista, que existe diferença entre amigos e amigas mais próximos, que, em sua grande maioria, não se interessam por política, e os companheiros e as companheiras de militância, que não consideram amigos/amigas. Para as vereadoras brasileiras, com relação à amizade, compartilhar uma mesma visão de mundo é fundamental. Para as espanholas, o principal é separar a vida pessoal da militância política, mantendo os amigos que conheceram em outros

espaços e evitando alguns temas polêmicos. De todas as formas, segundo Seidl (2014), a militância é uma esfera da vida social, dependendo a sua intensidade também da interação com outras esferas da vida, como as amizades.

As trajetórias sociais devem ser compreendidas na singularidade do espaço social percorrido, um movimento em um campo de possibilidades (VELHO, 2013) que representa a geração, o segmento social e cultural em que se insere a história pessoal (NOVAES, 2017). Assim, e respondendo às principais questões de pesquisa, os dados indicam que o engajamento político das jovens vereadoras se desenvolve atualmente por meio de um processo complexo e dinâmico. Pontos em comuns foram observados entre as trajetórias, sobretudo, por serem da mesma geração, as questões macrossistêmicas compartilhadas influenciaram diretamente em suas vidas e decisões. No entanto, na dimensão microssistêmica podem ser observados fatores em comum, como a importância da escola e da universidade e outros com diferenças, como a família, o trabalho e as amizades.

De todas as maneiras, em suas trajetórias, as dimensões micro, exo, meso e macrossistêmica e a interconexão entre elas, de acordo com a análise dos dados, puderam predispor sua tomada de decisão pelo engajamento político. As dimensões exo e meso foram menos destacadas nas entrevistas e em próximos estudos seria interessante se aprofundar no papel do exossistema e mesossistema nas trajetórias.

As decisões das jovens partem de uma avaliação subjetiva baseada na interação nos espaços de sociabilidade, uma vez que a política se confunde com as relações sociais, onde ao longo do tempo são produzidas, atualizadas e transformadas (KUSCHNIR, 2007). As jovens entrevistadas passaram por várias transformações até se tornarem vereadoras e, da mesma forma, as mudanças subsequentes que surgiram a partir dessa experiência, constituíram a sua identidade e engajamento político.

## 7.2 APRENDIZAGENS E CONTEXTOS EDUCACIONAIS NAS TRAJETÓRIAS DE ENGAJAMENTO POLÍTICO

Como vimos, as influências, disposições e motivações para o engajamento político, nas trajetórias de jovens vereadoras espanholas eleitas em 2015 e brasileiras eleitas em 2016, estão relacionadas principalmente às dimensões micro e macrossistêmica e a interconexão entre elas, de acordo com a análise a partir da teoria ecológica do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner (1979). Nos resultados expostos nos capítulos anteriores, pode-se verificar também que o engajamento político está relacionado com aprendizagens, contextos e experiências educacionais.

Do ponto de vista da educação formal, apenas uma das entrevistadas não tinha o ensino superior completo. Ainda assim, ela tinha formação técnica e atuava na área da saúde. Ou seja, as vereadoras buscaram e tiveram a oportunidade de estudar e de ter uma carreira. As áreas dos cursos estavam relacionadas a ciências sociais, história, economia, educação, saúde e direito, que denotam interesses por questões sociais, econômicas e de cuidado. As brasileiras têm mais experiência e interesse na carreira acadêmica, apenas uma não tinha o mestrado acadêmico. Elas também demonstraram interesse de continuar estudando e de cursar um doutorado, indício do interesse de dar continuidade aos estudos acadêmicos. No entanto, uma delas destacou as dificuldades relacionadas a academia e ao saber ainda muito influenciado pelo colonialismo e a necessidade de superação disso.

O levantamento de dados do Currículo Lattes das brasileiras mostrou que três das quatro tinham currículos cadastrados nessa plataforma, a que trabalhava numa universidade não tem currículo Lattes e não fez pós-graduação, as outras três fizeram. Justamente ela, que tem o vínculo empregatício com a universidade e teve uma militância no movimento estudantil, disse na página oficial que a sua carreira não se resume a esse espaço. As outras três, tinham o currículo cadastrado e atualizado antes da candidatura e deixaram claro seu interesse pela carreira acadêmica. Esse ponto não tem a mesma repercussão nas trajetórias das espanholas. Três tinham graduação, uma pós-graduação, uma queria ser professora. A projeção na vida intelectual é diferente, para as vereadoras espanholas continuar estudando estava mais relacionado a conseguir um emprego na área em que se formaram.

As espanholas relataram as dificuldades de se inserirem no mercado de trabalho. A crise econômica de 2008 afetou profundamente a juventude na Espanha, aumentando desemprego e a precarização do trabalho (BENEDICTO e FEIXA, 2015; SOLANILLAS e REVILLA, 2015; GAVIRIA, 2015; BENDICTO, 2017; GUERRERO e ECHAVES, 2017). Andaluzia, no sul da Espanha, onde se localizam os municípios das vereadoras, tem um alto índice de desemprego entre jovens. A entrevistada, cuja situação laboral era mais estável, era a única que não tinha o ensino superior completo e trabalhava com a sua formação técnica. As outras falaram do interesse em realizar cursos ou mestrado em suas áreas para, melhorando o currículo, ter mais possibilidades de conseguir um emprego satisfatório na área que estudaram para seguir com as carreiras escolhidas. As situações de incertezas e desemprego que afetaram as juventudes espanholas (GENTILE, 2015) foram ainda mais difíceis para as mulheres (MORENO, 2015; SOLANILLAS e REVILLA, 2015), o que resultou na busca por um prolongamento dos

itinerários educacionais, para uma maior qualificação diante de um mercado de trabalho com poucas oportunidades (SOLANILLAS e REVILLA, 2015; GUERRERO e ECHAVES, 2016).

Por terem realizado cursos que, de alguma forma, estavam relacionados a assuntos em que o fazer político se debruça, as vereadoras espanholas e brasileiras disseram terem tido aprendizados no espaço universitário e na prática laboral que as ajudaram, teoricamente, a pensar questões políticas e sociais. Algumas acrescentaram que, inclusive, isso colaborou na prática como vereadoras.

Tendo em vista a teoria relacionada à Educação Popular, outros contextos de aprendizagens e contextos educacionais. Nas narrativas das jovens vereadoras espanholas, os principais que foram observados são aqueles relacionados à socialização com a família. Tais contextos de aprendizagens estão nas conversas no ambiente familiar e em outros tipos de experiências, como na constatação das desigualdades de gênero, observadas e sentidas nesse espaço.

No caso das vereadoras brasileiras, a socialização para além da família propiciou aprendizagens e contextos educacionais relevantes para o engajamento político, por meio de algumas situações específicas: 1) encontrando, na escola, um ambiente com uma diversidade cultural que não conheciam; 2) conhecendo uma outra parte da cidade e notando as contradições urbanas, resultado das desigualdades sociais; 3) na mudança de cidade para estudar; 4) na socialização no espaço universitário; 5) percebendo a fatalidade da violência, ao perder uma amiga; 6) aprendendo sobre a coletividade no esporte ou sobre o socialismo nas práticas do grupo jovem da igreja católica.

Apesar de destacarem mais o papel da família, as vereadoras espanholas também salientaram alguns outros contextos relativos a experiências de aprendizagem, como a socialização na escola e na universidade. Também podem ser percebidos os efeitos das crises econômicas e os problemas sociais nessas aprendizagens que as levaram ao engajamento político. Para isso, foram preponderantes a falta de oportunidades laborais, a experiência de trabalho precários, o despejo de familiares de suas casas e a mudança de país de alguns parentes, em busca de novas oportunidades. Com todas essas dificuldades sociais observadas, elas entenderam a importância de contribuir para a sociedade através da política.

Essas experiências, aprendizagens e contextos educacionais potencializaram a tomada de decisão das vereadoras para o engajamento político. Alguns mediadores, ou seja, pessoas que influenciaram ou motivaram o processo de engajamento político, foram importantes nesse processo. Como mediadores, as vereadoras espanholas apontaram pais, mães e, em menor

medida, amigos e professores. As vereadoras brasileiras apontaram como mediadores amigos e amigas, de diferentes espaços, sobretudo, aquelas amizades feitas nos diversos espaços frequentados, durante o percurso educativo, na escola, no curso pré-vestibular e universidade. Os mediadores estabelecem comunicações entre diferentes grupos e categorias sociais, por vezes, atuando como agentes de mudança, informação e valores (VELHO, 2013). Nesse sentido, a sociabilidade com esses mediadores se associou às escolhas relativas à solidariedade e à democracia (DAYRELL, 2007).

Partindo da perspectiva de que as trajetórias e biografias estão situadas num contexto histórico-social, a noção de *campo de possibilidades*, “como dimensão sociocultural, espaço para formulação e implementação de projetos” (VELHO, 2013: 132), pode ajudar a entender as trajetórias das vereadoras em sua diversidade de possibilidades, projetos, disposições, condição juvenil, classe, gênero e raça. Segundo a pesquisadora Regina Novaes:

A trajetória social de cada jovem representa suas possibilidades e movimentos dentro de um quadro relacional de postos, posições e disposições reservados aos jovens de sua classe, etnia/raça, gênero e geração. Assim, toda trajetória social deve ser compreendida como uma maneira específica de percorrer o espaço social em um determinado campo de forças. Se o campo está em permanente mudança, a trajetória de um jovem é o movimento dentro de um campo de possíveis à sua geração e, mais particularmente, ao segmento social em que sua história pessoal se situa (NOVAES, 2017: 7).

O antropólogo Gilberto Velho (2013) expõe ainda que:

Os projetos individuais sempre interagem com outros dentro de um campo de possibilidades. Não operam num vácuo, mas sim a partir de premissas e paradigmas culturais compartilhados por universos específicos. Por isso mesmo são complexos e os indivíduos, em princípio, podem ser portadores de projetos diferentes, até contraditórios. Sua pertinência e relevância serão definidas contextualmente (VELHO, 2013: 137).

As trajetórias políticas das vereadoras espanholas se relacionavam com seus projetos individuais profissionais, três delas buscavam se especializar mais em suas carreiras através de pós-graduação e cursos para a inserção profissional. Por esse motivo, algumas disseram que não se candidataria novamente, ao menos nas eleições seguintes, de fato, a carreira política delas foi curta, somente uma seguiu para um segundo mandato. No caso das brasileiras, por motivos de segurança e de projeto coletivo, deixar de se candidatar não parecia ser uma opção, no entanto, elas disseram que tinham vontade de voltar a estudar e de seguir em outros projetos individuais.

As mudanças e possibilidades de diferentes projetos relacionados a um campo de possibilidade (VELHO, 2013), no caso das vereadoras brasileiras, também pôde ser verificado na observação participante nos ambientes digitais. Logo no início da pesquisa nas redes sociais

das jovens vereadoras brasileiras, observei a mudança do perfil pessoal, relacionado ao cotidiano, ao perfil de candidatas voltado para a campanha política, até o perfil de figuras públicas, como vereadoras, apresentando o cotidiano e pautas políticas. Os ambientes digitais utilizados se relacionam com os projetos individuais e coletivos do período vivenciado, o Currículo Lattes já não era atualizado pelas jovens vereadoras. Por exemplo, durante as entrevistas, algumas relataram um interesse de cursar um doutorado, sendo uma plataforma digital acadêmica, o Currículo Lattes pode voltar a fazer parte da rotina de atualizações digitais na trajetória das jovens vereadoras.

O impacto de uma ferramenta tecnológica está relacionado à demanda da coletividade de consumidores, que está sempre em transformação, as necessidades impulsionam inovações no uso, não apenas os recursos da tecnologia, e as consequências subsequentes são criadas no contexto de cada lugar, não dadas pelas ferramentas (HORST e MILLER, 2012). No período da observação participante, a rede social Instagram ganhou mais importância, o Facebook começou a ser menos utilizado, o Currículo Lattes das vereadoras brasileiras cadastradas ficou desatualizado, por questão da utilidade pessoal e profissional. Ocorreram outras mudanças, o Instagram, por exemplo, agregou alguns recursos que possibilitavam ainda mais compartilhar o dia a dia, como a ferramenta *stories* e as transmissões ao vivo. As redes sociais das jovens brasileiras passaram a ficar cada vez mais profissionais, saindo de uma frequência de publicações que não chegava a ser diária para vários *posts* por dia, incluindo publicações feitas pela própria equipe, deixando de ser uma ferramenta pessoal para uma ferramenta profissional, contando com uma equipe de comunicação como administradores.

Ainda assim, elas compartilham alguns momentos pessoais e textos com uma entonação mais biográfica, dividindo experiências pessoais, como a maternidade. No caso das jovens vereadoras espanholas, o perfil seguiu como pessoal, mas compartilhando algumas informações e textos sobre temas relacionados à política. Como eram de pequenos municípios, não tinham recursos de uma equipe de comunicação como a das vereadoras brasileiras. Logo, no ambiente digital, as trajetórias das jovens vereadoras dialogam tanto com as constantes mudanças nesses ambientes quanto com as mudanças nas suas próprias vidas. A apresentação e as informações compartilhadas nos ambientes digitais levam em conta tanto os objetivos desses espaços quanto os projetos individuais naquele dado momento. A observação participante no contexto digital não traz apenas dados, mas mostra o resultado (SEGATA, 2016) das relações e variações nesse espaço de sociabilidade que está em constante negociação.

Durante a observação participante, constatei que as vereadoras brasileiras buscam compartilhar suas pautas políticas relacionadas a temas como raça, gênero, direitos sociais, diversidade sexual, entre outros, do ponto de vista informativo, compartilhando informações sobre os assuntos e as notícias do mandato como vereadoras, mas também compartilhando suas próprias experiências relacionadas a essas pautas, possibilitando uma identificação entre seus seguidores com suas experiências e desafios.

As tecnologias digitais podem proporcionar que ações físicas se transformem em vozes audíveis (HORST e MILLER, 2012). Ao compartilhar experiências pessoais biográficas, informações sobre os temas que acreditam serem importantes, observei um contexto e um espaço de diálogo de suas próprias aprendizagens com seus seguidores nas redes sociais. Segundo Miskolci (2013), pode-se perceber, na atualidade, o amplo espectro de impactos causados pelas novas mídias nas subjetividades, nas relações interpessoais e na vida coletiva, em que características pessoais e diferenças passam a ser motivos para articular contatos e promover socialização. Avtar Brah afirma que “articular discursos e práticas inscreve relações sociais, posições de sujeitos e subjetividades” (BRAH, 1996: 359). Ela aponta que a experiência é lugar de formação do sujeito, um processo de significação “como uma prática de atribuir sentido, tanto simbólica como narrativamente” (BRAH, 1996: 360), assim, as vereadoras buscavam atribuir sentido e aprendizagens, por meio do compartilhamento de suas experiências nas redes sociais.

No entanto, a experiência e a formação do sujeito não são entidades fixas, mas sim marcadas continuamente por práticas culturais e políticas cotidianas (BRAH, 1996). As diferentes práticas culturais e políticas cotidianas foram observadas durante a pesquisa. Nas entrevistas e na observação participantes nas redes sociais, por exemplo, constatei que as vereadoras brasileiras, apesar da transformação de suas redes sociais para cada vez mais profissional, a dimensão da vida pessoal ainda aparecem em textos biográficos e fotos compartilhando experiências pessoais e questões do cotidiano. Tanto nas entrevistas, quanto observando suas redes sociais, que em sua maioria não eram nem abertas publicamente, as vereadoras espanholas afirmavam que a vida política e a vida pessoal são dois âmbitos separados. É uma característica diferente do contexto político da juventude brasileira que utiliza suas vivências para falar sobre política. Uma pergunta que fica é o quanto do pessoal precisa estar publicamente na política.

Esse tema tem relação também com a segurança física e as ameaças que algumas vereadoras recebem, uma delas teve que se mudar, outra afirmou que agora tem que se

preocupar aonde vai e o que falar. As mulheres na política são muito afetadas pelas notícias falsas disseminadas nas redes sociais, esse tema se relaciona com a preservação do pessoal e com a violência política de gênero, um dos enfrentamentos por serem mulheres no espaço político (D'ÁVILA, 2021). Como vereadoras, relataram situações machistas que vivenciaram relacionadas a violência política de gênero, com constrangimentos, assédios e paternalismo. Algumas delas sentem que precisam trabalhar mais para que sejam reconhecidas nesse espaço da política institucional.

As trajetórias de vida se relacionam de forma dialética com suas carreiras políticas, mas com algumas tensões nesse processo. As tensões apontadas foram a preocupação por parte de pais e mães, o desemprego, a instabilidade profissional, já que não podem trabalhar com a formação cursada na universidade, a preocupação por autonomia financeira, a vontade de cursar um doutorado, de voltar a dar aulas, os desafios de conciliar a maternidade com o trabalho como vereadora, violências políticas de gênero e preconceitos, por serem jovens mulheres vereadoras. Essas duas últimas tensões estão relacionadas ao questionamento das referências hegemônicas e à afirmação da identidade (MIGNOLO, 2008) que as jovens vereadoras exteriorizam em um espaço ainda desigualmente ocupado pela maioria de homens brancos.

Quando perguntava o que havia mudado após serem eleitas, as vereadoras brasileiras diziam que muita coisa. Tanto as brasileiras quanto as espanholas coincidiam respondendo com relação a falta de tempo. Mas, no caso das brasileiras, havia também preocupações com a segurança, principalmente, depois do assassinato da Marielle. Pensar no futuro, trouxe também algum tipo de tensão, as vereadoras espanholas falaram da importância da rotatividade em cargos políticos como de vereadoras, suas maiores tensões se relacionavam ao seu futuro profissional, pois não conseguiam se inserir no mercado de trabalho.

As vereadoras brasileiras contavam com dedicação exclusiva ao trabalho na vereança, diferente das vereadoras espanholas, recebiam um salário pelo trabalho como vereadoras. Apesar de concordarem com a rotatividade, constataram o quanto seria difícil não concorrer mais a esses cargos, por questões de segurança e pelo capital político que tinham, onde já não era mais uma decisão pessoal, mas um projeto coletivo que não podiam abandonar. Elas comentaram a vontade de cursar, por exemplo, um doutorado e se dedicar a outros interesses. Ainda assim, comentaram que sentem felizes pelo que conseguiram realizar como vereadoras, o reconhecimento dos eleitores pelo trabalho realizado e a possibilidade de abrir espaço e incentivar mais mulheres, negros, negras, LGBTQIA+ a entrarem na política e a se candidatarem.

A pesquisa revelou que processos, contextos e experiências educativas formais, não formais e informais são fundamentais para o engajamento político, a educação é decisiva para o avanço em temas como paz, liberdade e justiça social (JARA, 2020). Concordando com o pesquisador Oscar Jara (2020), é necessário repensar “os fatores substantivos que possam contribuir a uma proposta educativa alternativa, mais além de suas formas, modalidades ou sistemas educativos” (p. 23). O autor acrescenta ainda que é preciso refletir sobre um paradigma educacional “que oriente os esforços dirigidos à transformação social e à formação integral das pessoas, com vistas à construção de novas estruturas sociais e novas relações entre as pessoas” (JARA, 2020: 23).

Dessa forma, é importante pensar uma educação crítica que estimule o engajamento político das mulheres para a transformação social e a construção de relações equitativas, em especial nos espaços de poder, como a política institucional que é o objeto desta pesquisa. As teorias e práticas relacionadas a Educação Popular podem contribuir nesse caminho, pois “buscam superar as relações de dominação, de opressão, de discriminação, de exploração, de iniquidade e de exclusão” (JARA, 2020: 25). O estudo sobre a trajetória de jovens vereadoras traz contribuições sobre os contextos e espaços importantes para o engajamento político, possibilitando a reflexão para construção de política públicas visando à participação política de mulheres e o aumento de sua participação na política institucional.

## 8 CONSIDERACIONES FINALES

El objetivo principal de la investigación fue analizar la relación entre el compromiso político y las experiencias educativas de jóvenes concejalas españolas elegidas en 2015 y concejalas brasileñas elegidas en 2016, con el fin de comprender el proceso de compromiso político en sus trayectorias, influencias, disposiciones y motivaciones. Así, el objetivo fue contribuir a la reflexión y a los estudios relacionados con los temas de juventud, compromiso político, género y educación.

Dos eventos sociales marcaron la motivación de esta investigación, la Primavera das Mulheres, en Brasil, y el 15M, en España. En el caso de la Primavera das Mulheres, algunas mujeres jóvenes postularon y fueron elegidas concejalas después de este gran movimiento. Como en el caso del 15M, algunos jóvenes afines a este movimiento crearon un nuevo partido, se presentaron a las elecciones y algunos resultaron elegidos en elecciones posteriores. Las jóvenes entrevistadas fueron electas después de estos movimientos en sus respectivos países, sus agendas y trayectorias políticas están especialmente relacionadas con temas relacionados con el género, la lucha por los derechos y la representación de las mujeres en la política y en otros espacios.

La disposición por el compromiso político involucra varios factores que cruzan las trayectorias individuales de los y las jóvenes. Es durante este período de la vida que la mayoría de las personas definirán sus elecciones afectivas, profesionales, religiosas y políticas (BERZONSKY, 2008). Mi curiosidad por este tema comenzó en mi tesis de maestría (SILVA, 2015), donde pude ver que la participación de los y las jóvenes en la política muchas veces ocurre después de experiencias biográficas individuales, a veces vinculadas al género, la raza y la sexualidad. Además, la escuela y la universidad se presentaron como una referencia importante para el compromiso político de los jóvenes entrevistados para mi tesis de maestría. Así, en esta investigación doctoral, decidí centrarme en el análisis de la relación entre el compromiso político y las experiencias educativas, a partir de las trayectorias de jóvenes concejalas españolas y brasileñas. La combinación de diferentes contextos, escalas y procesos, al realizar la investigación en dos países, fue importante para pensar globalmente en el compromiso político y en la trayectoria de las mujeres jóvenes en los espacios políticos representativos de los gobiernos locales.

Desde un enfoque interdisciplinario, se partió de la teoría ecológica del desarrollo humano de Bronfenbrenner (1979) y, considerando la educación más allá de los espacios formales de la escuela, es decir, en la conjunción de los diversos espacios de socialización, los

aportes del campo de estudios sobre Educación Popular (JARA, 2020) para analizar el proceso de compromiso político en las trayectorias de los entrevistados.

Al analizar los resultados de la investigación, una de las principales conclusiones es que los lazos de amistad, la socialización familiar, en la escuela, en el trabajo y en otros espacios del contexto micrositémico fueron determinantes en las trayectorias de las concejalas hacia el compromiso político. Las concejalas de ambos países destacaron la importancia del entorno escolar y universitario en el compromiso político, sobre todo las brasileñas. La influencia de la familia fue más destacada por las concejalas españolas. En cualquier caso, las españolas y brasileñas, en general, sienten el apoyo de la familia en la militancia política, al mismo tiempo que su preocupación y miedo. La socialización en el trabajo fue un contexto más relevante en la trayectoria de compromiso político de las concejalas brasileñas. Otro factor relevante para las brasileñas fueron los lazos de amistad y socialización en ambientes como el hip-hop, la iglesia y/o el deporte, algo que no estuvo presente en las españolas.

Algunas cuestiones contextuales macrosistémicas también fueron factores importantes, como la situación política, el momento histórico, la economía y la cultura. Algunos eventos de gran impacto social relacionados con el contexto del macrosistema fueron importantes para que algunos actores tomaran la decisión de comprometerse políticamente o estabilizaran dicho compromiso especialmente en el caso de las españolas que mencionaron el 15M, la situación política y las condiciones económico-sociales de España. Además, también fue evidente la relevancia, para el compromiso político, de percibir las desigualdades sociales y de género, el racismo y la violencia, estos dos últimos más en el caso de las brasileñas. La violencia política de género que sufren en los ámbitos políticos fue denunciada por todas las entrevistadas, indicando la urgente necesidad de adoptar políticas para prevenir y erradicar este tipo de violencia contra las mujeres.

Las influencias, disposiciones y motivaciones para el compromiso político en las trayectorias de las jóvenes concejalas entrevistadas están relacionadas con las dimensiones micro, exo, meso y macrosistémica y la interconexión entre ellas, según el análisis basado en la teoría ecológica del desarrollo humano de Bronfenbrenner (1979). Las dimensiones exo y meso fueron menos destacadas y en futuros estudios sería importante profundizar en el papel del exosistema y mesosistema en las trayectorias. Además, también se pudo ver que el compromiso político está relacionado con aprendizajes, contextos y experiencias educativas, desde la perspectiva de las teorías relacionadas con la Educación Popular (JARA, 2020). La investigación reveló que los procesos, contextos, aprendizajes y experiencias educativos

formales y no formales fueron fundamentales para el compromiso político de las concejalas entrevistadas de ambos los países.

Las cuestiones de género, raza y sexualidad han sido de gran importancia en el proceso de toma de decisiones para el compromiso político y la militancia. Estos temas son ampliamente utilizados en las redes sociales de las jóvenes concejalas brasileñas e incluso en sus trayectorias académicas, como se puede apreciar en la observación participante en el contexto digital. Durante la observación, pude inferir que las concejalas brasileñas buscan compartir sus agendas políticas relacionadas con temas como raza, género, derechos sociales, diversidad sexual, entre otros, compartiendo también sus propias experiencias relacionadas con estos temas, lo que permite una identificación entre sus seguidores y seguidoras con sus experiencias, dificultades y desafíos.

Este trabajo hace un aporte interesante por la realización de la investigación en dos países, revelando similitudes y diferencias que ayudan a analizar el objeto de investigación desde diferentes perspectivas y realidades. Así, por ejemplo, en la dimensión microsistémica se pueden observar factores comunes, como la importancia de la escuela y la universidad, y otros con diferencias, como la familia, el trabajo y las amistades. La importancia de las amistades fue mayor para el compromiso político de las mujeres brasileñas, mientras que para las españolas fue la familia. Las cuestiones de género que atraviesan sus elecciones, así como los obstáculos de las desigualdades en la política, son algunas de las similitudes. La diferencia en la forma de utilizar el contexto digital, la diferencia en el sistema político donde, en Brasil, las concejalas reciben salarios por este cargo y las concejalas españolas entrevistadas no, son otros ejemplos de diferencias encontradas y presentadas a lo largo de la tesis.

La investigación también presentó algunas limitaciones, la mayor y más difícil fue la imposibilidad de entrevistar a la concejala Marielle, quien fue brutalmente asesinada en 2018. Otras limitaciones se debieron al tiempo para realizar la investigación, los desplazamientos y la pandemia Covid-19. La limitación de tiempo también me impidió realizar más entrevistas y recolectar datos cuantitativos de más concejalas, aunque, por otro lado, pude profundizar en las trayectorias de las entrevistadas. Vivir en España hizo que fuera un poco difícil realizar entrevistas presenciales con las concejalas brasileñas, sin embargo, la pandemia de COVID-19 terminó llevando la mayoría de nuestras actividades al contexto digital. Debido a la pandemia, en cualquier caso, probablemente no habría podido realizar las entrevistas en Brasil en persona.

A pesar de estas limitaciones, esta tesis doctoral también tiene algunos aportes destacados. En primer lugar, presenta una investigación inédita sobre las trayectorias políticas

de jóvenes mujeres concejalas en Brasil y España. Así, este trabajo pretende aportar conocimiento sobre algunas lagunas en la investigación científica actual sobre las influencias, disposiciones y motivaciones para el compromiso político de las mujeres jóvenes, las dimensiones, mediadores y los contextos educativos involucrados.

En segundo lugar, esta tesis doctoral contribuye a la reflexión y estudios relacionados con los temas de juventud, compromiso político, género y educación. Por ese motivo puede contribuir al diseño de políticas públicas basadas en la evidencia, para incentivar a más mujeres jóvenes en la participación política. En este sentido, los resultados de la tesis doctoral exponen la necesidad de desarrollar políticas públicas con este objetivo, como, por ejemplo, el desarrollo de programas educativos para la participación política de las mujeres.

A medida que se desarrolló la investigación, surgieron nuevas preguntas que podrían dar lugar a nuevas líneas de trabajo en el futuro, lo que justifica la necesidad de continuar realizando estudios sobre este tema. Sería interesante, por ejemplo, realizar estudios como este en otros países de América Latina, que permitan comparar a las jóvenes concejalas latinoamericanas y sus contextos. Otra posible línea de investigación futura sería incorporar un mayor enfoque en algunas de las dimensiones de la socialización y/o en los contextos educativos de aprendizaje. En las últimas elecciones municipales en Brasil hubo muchas candidaturas colectivas, la investigación sobre el involucramiento de estas y estos jóvenes podría plantear importantes cuestiones a seguir en este tema. Otra línea de investigación podría estar relacionada con la situación provocada por la pandemia Covid-19 y los cambios en las formas de relación que ha promovido, y cómo ha afectado al compromiso político de los jóvenes y a las formas de ejercerlo.

En cualquier caso, la presente tesis doctoral contribuye a presentar una imagen más clara de los factores educativos, macro y microsistémicos que explican el compromiso político de las mujeres jóvenes en Brasil y España. Muchas preguntas han surgido y muchos caminos quedan por explorar. Espero que este trabajo además, anime a otros y otras investigadores a caminarlos.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como objetivo principal a análise da relação entre engajamento político e experiências educacionais de jovens vereadoras espanholas eleitas em 2015 e brasileiras eleitas em 2016, para compreender o processo de engajamento nas suas trajetórias, influências, disposições e motivações. Dessa forma, a perspectiva foi de contribuir com a reflexão e os estudos relacionados aos temas: juventude, engajamento político, gênero e educação.

Dois eventos sociais marcaram a motivação dessa pesquisa, a Primavera das Mulheres, no Brasil, e o 15M, na Espanha. No caso da Primavera das Mulheres, algumas jovens mulheres se candidataram e foram eleitas após esse grande movimento. Assim como, no caso do 15M, alguns jovens relacionados a esse movimento criaram um novo partido, se candidataram e alguns foram eleitos nas eleições subsequentes. As jovens entrevistadas foram eleitas após esses movimentos nos seus respectivos países, suas pautas e trajetórias políticas se relacionam especialmente com temáticas relacionadas ao gênero, a luta por direitos e representatividade das mulheres na política e em outros espaços.

A disposição pelo engajamento político envolve vários fatores que atravessam as trajetórias individuais de jovens. É durante esse período da vida que a maioria das pessoas definirá suas escolhas (BERZONSKY, 2008) afetivas, profissionais, religiosas e também políticas. A minha curiosidade sobre esse tema teve início na minha dissertação de mestrado (SILVA, 2015), quando pude constatar que o engajamento de jovens na política, muitas vezes, se dá após experiências individuais biográficas, ligadas, algumas vezes, ao gênero, à raça e à sexualidade. Além disso, a escola e a universidade se apresentaram como um referencial importante para o engajamento político dos jovens entrevistados para a minha dissertação. Dessa forma, nesta pesquisa de doutorado, resolvi me debruçar sobre a análise da relação entre engajamento político e experiências educacionais, a partir das trajetórias de jovens vereadoras espanholas e brasileiras. A combinação de diferentes contextos, escalas e processos, ao realizar a pesquisa em dois países, foi importante para pensar globalmente o engajamento político e a trajetória de jovens mulheres nos espaços políticos representativos de governos locais.

A partir de uma abordagem interdisciplinar, foi utilizada a teoria ecológica do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner (1979) e, considerando a educação para além dos espaços formais da escola, ou seja, na conjunção dos vários espaços de socialização, utilizou-se das contribuições do campo de estudos sobre Educação Popular (JARA, 2020) para análise do processo de engajamento político nas trajetórias das entrevistadas.

Ao analisar os resultados da pesquisa, uma das principais conclusões é de que a socialização familiar, na escola, no trabalho e em outros espaços do contexto microssistêmico foi decisiva nas trajetórias das vereadoras para o engajamento político. As vereadoras de ambos os países destacaram a importância do ambiente da escola e da universidade no engajamento político, sobretudo as brasileiras. Já a influência da família foi mais destacada pelas vereadoras espanholas. De todas as maneiras, as espanholas e as brasileiras, no geral, sentem o apoio da família na militância política, ao mesmo tempo que sua preocupação e medo. A socialização no trabalho foi um contexto mais relevante na trajetória de engajamento político das brasileiras. Outro fator relevante para as brasileiras foram os laços de amizade e a socialização em ambientes como o movimento hip-hop, a igreja e/ou no esporte, algo que não esteve presente para as espanholas.

Também se constituíram em fatores importantes algumas questões contextuais macrossistêmicas, como a conjuntura política, o momento histórico, a economia e a cultura. Pode-se notar que alguns eventos de grande impacto social, relacionados ao contexto do macrosistema, foram importantes para alguns atores tomarem a decisão pelo engajamento ou tornarem seu engajamento político mais estável, sobretudo no caso das espanholas que mencionaram o 15M, a situação política e as condições econômico-sociais da Espanha. Além disso, ficou evidente a relevância, para o engajamento, de se perceber as desigualdades sociais, de gênero, o racismo e a violência, esses dois últimos mais especificamente no caso das brasileiras. Todas as entrevistadas relataram a violência política de gênero sofrida nos ambientes políticos, o que indica a urgente necessidade de adoção de políticas para prevenir e erradicar esse tipo de violência contra as mulheres.

As influências, disposições e motivações para o engajamento político nas trajetórias das jovens vereadoras entrevistadas estão relacionadas às dimensões micro, exo, meso e macrossistêmica e à interconexão entre elas, de acordo com a análise a partir da teoria ecológica do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner (1979). As dimensões exo e meso foram menos destacadas e, em próximos estudos, seria importante um aprofundamento no papel do exossistema e mesossistema nas trajetórias. Além disso, pode-se verificar também que o engajamento político está relacionado com aprendizagens, contextos e experiências educacionais, na perspectiva das teorias relacionadas à Educação Popular (JARA, 2020). A pesquisa revelou que processos, contextos, aprendizagens e experiências educativas formais e não formais foram fundamentais para o engajamento político das vereadoras entrevistadas de ambos os países.

As questões de gênero, raça e sexualidade têm tido grande importância no processo de tomada de decisão pelo engajamento e pela militância política das vereadoras brasileiras e espanholas, sendo a raça e a sexualidade especialmente importante para as brasileiras. Esses temas são muito acionados nas redes sociais das jovens vereadoras brasileiras e, até mesmo, em suas trajetórias acadêmicas, como se pode verificar na observação participante, no contexto digital. Durante a observação, pude depreender que as vereadoras brasileiras buscam compartilhar suas pautas políticas relacionadas a temas como raça, gênero, direitos sociais, diversidade sexual, entre outros, compartilhando também suas próprias experiências relacionadas a esses temas, o que possibilita uma identificação entre seus seguidores com suas experiências, dificuldades e desafios.

Este trabalho traz uma interessante contribuição pelo fato de ter sido a pesquisa realizada em dois países, trazendo semelhanças e diferenças que ajudam a analisar o objeto da pesquisa a partir de distintas perspectivas e realidade. Isso tem como exemplo, na dimensão micro sistêmica, fatores em comum que puderam ser observados, como a importância da escola e da universidade, e outros que apresentaram diferenças, como a família, o trabalho e as amizades. A importância das amizades foi maior para o engajamento político das brasileiras, já para as espanholas foi a família. As questões de gênero, que atravessam suas escolhas, assim como os obstáculos das desigualdades na política são algumas das semelhanças. Diferenças foram observadas na forma de utilizar o contexto digital e no sistema político, uma vez que, no Brasil, as vereadoras recebem salários por esse cargo, enquanto as vereadoras espanholas entrevistadas não, esses são alguns dos exemplos de diferenças encontradas e apresentadas entre os dois países ao longo da tese.

A pesquisa também apresentou algumas limitações, a maior delas e a mais difícil foi a impossibilidade de entrevistar a vereadora Marielle, foi brutalmente assassinada em 2018. Outras limitações foram decorrentes do tempo hábil para a realização da pesquisa, dos deslocamentos e da pandemia de Covid-19. Com relação ao tempo, por não poder me aprofundar em algumas questões que surgiram nas entrevistas, mas pretendo me debruçar sobre elas em artigos futuros relacionados à tese. O tempo também me impossibilitou de realizar mais entrevistas e de fazer um levantamento de dados quantitativos. Por outro lado, pude me aprofundar mais nas trajetórias das entrevistadas. Morar na Espanha dificultou um pouco a realização de entrevistas presenciais com as vereadoras brasileiras, no entanto, a pandemia de Covid-19 acabou levando a maioria das nossas atividades para o contexto digital. Por conta da

pandemia, de toda a maneira, é muito provável que não teria conseguido realizar as entrevistas presencialmente.

Apesar das limitações citadas, esta tese doutoral também conta com algumas contribuições destacáveis. Em primeiro lugar, apresenta uma pesquisa inédita sobre as trajetórias políticas de jovens mulheres vereadoras no Brasil e na Espanha. Logo, este trabalho pretende aportar conhecimento a respeito de algumas carências existentes nas pesquisas científicas atuais no que concerne às influências, disposições e motivações para o engajamento político de jovens mulheres, às dimensões, aos mediadores e aos contextos educacionais envolvidos.

Em segundo lugar, esta tese de doutorado contribui para a reflexão e os estudos relacionados aos temas: juventude, engajamento político, gênero e educação. Por esse motivo, pode ajudar no delineamento de políticas públicas para o incentivo da inserção de mais jovens mulheres na participação política. Nesse sentido, os resultados da tese de doutorado expõem a necessidade de desenvolvimento de políticas públicas com esse objetivo, como, por exemplo, programas educativos para a participação política de mulheres.

À medida que a pesquisa foi se desenvolvendo, surgiram novas perguntas que podem dar lugar a novas linhas de trabalho no futuro, explicitando a necessidade de seguir realizando estudos nessa temática. Seria interessante, por exemplo, a realização de estudos como este em outros países da América Latina, que permitam comparar jovens vereadoras latino-americanas e os seus contextos. Outra possível futura linha de pesquisa seria incorporar um enfoque maior sobre algumas das dimensões de socialização e/ou sobre os contextos educacionais de aprendizagens. Nas últimas eleições municipais no Brasil, surgiram muitas candidaturas coletivas, a pesquisa sobre o engajamento desses e dessas jovens em mandatos coletivos poderia trazer importantes questões para seguir nesse tema. Uma outra linha de pesquisa poderia estar relacionada com a situação originada pela pandemia de Covid-19 e as mudanças nas formas de relações que promoveu, e como afetou o engajamento político dos e das jovens e as formas de exercê-lo.

De todas as formas, pode-se considerar que esta tese de doutorado contribui ao apresentar um quadro mais claro dos fatores educacionais, macro e micro sistêmicos que explicam o compromisso político das mulheres jovens no Brasil e na Espanha. Muitas questões surgiram e muitos caminhos ainda precisam ser explorados. Espero que este trabalho também estimule outros pesquisadores a percorrê-los.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. **Cenas Juvenis**. São Paulo: Scritta, 1994.

ABRAMO, H. W. Identidades juvenis: estudo, trabalho e conjugalidades em trajetórias reversíveis. *In*: NOVAES, Regina; VENTURI, Gustavo; RIBEIRO, Eliane e PINHEIRO, Diógenes (orgs.). **Agenda Juventude Brasil**: leituras sobre uma década de mudanças. Publicação do Grupo de Pesquisa Juventude: Políticas Públicas, Processos Sociais e Educação. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2016.

ALABAO, N. Prólogo: “Luchar em tempos de las identidades oscuras”. *In*: URBÁN, M. **La emergencia de Vox**. Barcelona: Editorial Sylone, 2019.

ALBERTINI, M. La ayuda de los padres españoles a los jóvenes adultos. El familismo español en perspectiva comparada. **Revista de Estudios de Juventud**, n. 90, p. 67-81, 2010.

ALIJA, R. A., & Martin-Ortega, O. Silence and the right to justice: Confronting impunity in Spain. **The International Journal of Human Rights**, v. 21, n. 5, p. 531-549, 2017. <https://doi.org/10.1080/13642987.2017.1307827>.

ALLEN, P. Gendered Candidate Emergence in Britain: Why are More Women Councillors Not Becoming MPs? **Politics**. [S.l.], v. 33, n. 3, p. 147-159, jun. 2013. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1467-9256.12017>. Acesso em: 20 ago. 2020.

ALVES, J.; CAVENAGHI, S.; CARVALHO, A.; SOARES, M. Meio século de feminismo e empoderamento das mulheres no contexto das transformações sociodemográficas do Brasil. *In*: BLAY, E.; AVELAR, L. (orgs.). **50 anos de feminismo**: Argentina, Brasil e Chile. 1. ed., São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, Fapesp, 2017.

ANDRADE, G. O. de. Presença da diferença: uma análise da atuação política de mulheres parlamentares (2003-2006). **Sociedade e Estado**. Brasília, v. 28, n. 2, p. 459-460, ago. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922013000200015>. Acesso em: 16 ago. 2020.

ARAÚJO, C. Rotas de ingresso, trajetórias e acesso das mulheres ao legislativo: um estudo comparado entre Brasil e Argentina. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 567-584, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2010000200016>. Acesso em: 3 ago. 2020.

ARMAÑANZAS, A. Elaboración transgeneracional del trauma: Guerra Civil española. **Norte de salud mental**, v. 10, n. 43, p. 13-17, 2012. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3969893>. Acesso em: 3 ago. 2020.

ARRUZZA, C.; BHATTACHAYA, T.; FRASER, N. **Manifiesto de un feminismo para el 99%**. Barcelona: Hender Editorial, 2019.

BAÍA, P. A cidade do Rio de Janeiro e as eleições de 2016. *In*: MONTEIRO, G e ISMAEL, R. (orgs.). **O Brasil nas Urnas**: Eleições Municipais 2016. Rio de Janeiro: Gramma, 2018.

BAMBIRRA, F. M.; MARQUES, M. de S. Mulheres, política e (sub) representação feminina: a ADI 5617 e as ações afirmativas para assegurar a participação feminina mínima nas casas

legislativas. **Revista do Direito**. Santa Cruz do Sul, n. 55, p. 120-135, maio 2018. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/direito/article/view/12080>. Acesso em: 17 jan. 2021.

BARBOSA, L. G. As mulheres no Legislativo municipal: representação feminina na Câmara Municipal de Juiz de Fora, MG. **Revista Parlamento e Sociedade**. São Paulo, v. 5, n. 9, p. 111-128, jul./dez. 2017.

BARNES, T. D.; CASSESE, E. C. American Party Women: A Look at the Gender Gap within Parties. **Political Research Quarterly**. Utah, v. 70, n. 1, p. 127-141, 2017. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1065912916675738>. Acesso em: 3 set. 2020.

BATURO, A.; GRAY, J. When Do Family Ties Matter? The Duration of Female Suffrage and Women's Path to High Political Office. **Political Research Quarterly**. Utah, v. 71, n. 3, p. 695-709, 2018. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1065912918759438>. Acesso em: 4 set. 2020.

BAUER, N. M. Running Local: Gender Stereotyping and Female Candidates in Local Elections. **Urban Affairs Review**. Chicago, v. 56, n. 1, p. 96-123, 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1078087418770807>. Acesso em: 4 maio 2021.

BENEDICTO, J.; FEIXA, C. Introducción. **Revista Estudios de Juventud**. Madrid, n. 110, p. 7-12, 2015. Disponível em: [http://www.injuve.es/sites/default/files/2017/46/publicaciones/revista110\\_completa.pdf](http://www.injuve.es/sites/default/files/2017/46/publicaciones/revista110_completa.pdf). Acesso em: 16 mar. 2019.

BENEDICTO, J.; MORÁN, M. L. La construcción de los imaginarios colectivos sobre jóvenes, participación y política en España. **Revista Estudios de Juventud**. Madrid, n. 110, p. 83-103, 2015. Disponível em: [http://www.injuve.es/sites/default/files/2017/46/publicaciones/revista110\\_completa.pdf](http://www.injuve.es/sites/default/files/2017/46/publicaciones/revista110_completa.pdf). Acesso em: 16 mar. 2019.

BENEDICTO, J. ¿Una generación marcada por la crisis? **Informe juventud en España 2016**. Madrid: Instituto de la juventud, p. 15-33, 2017. Disponível em: <http://www.injuve.es/sites/default/files/2017/24/publicaciones/informe-juventud-2016.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2019.

BHAVNANI, R. Do electoral quotas work after they are withdrawn? Evidence from a natural experiment in India. **American Political Science Review**. Cambridge, v. 103, n. 1, p. 23-35, fev. 2009. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/27798484>. Acesso em: 30 ago. 2020.

BORBA, J. Participação política: uma revisão dos modelos de classificação. **Revista Sociedade e Estado**. [S.l.], v. 17, n. 2, p. 263-288, mai/ago 2012.

BOSH, J. La transición residencial de la juventud europea y el Estado de bienestar: un estudio comparado desde las políticas de vivienda y empleo. **Revista de Servicios Sociales**. n. 59, p. 107-125, 2015.

BOURDIEU. P. Um “livro para queimar”? In: **Homo academicus**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

BOURDIEU. P. Juventude é apenas uma palavra. In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. *In*: FERREIRA, M. M. e AMADO, J. (orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Fundação Getúlio Vargas: Rio de Janeiro, 1996.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2018.

BRAGA, M. do S. S.; DALCIN, C. C.; BONI, M. C. Marchas e contramarchas da sub-representação feminina: desempenho nas eleições municipais de 2020. **Conhecer**: debate entre o público e o privado. [*S.l.*], v. 11, n. 26, p. 198–226, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revistaconhecer/article/view/4679>. Acesso em: 17 ago. 2021.

BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. *In*: **Cadernos Pagu**. [*S.l.*], v. 26, 2006, p.329-376.

BRANDÃO, G. A. **Ações afirmativas e participação das mulheres na política**: um estudo empírico das eleições municipais na cidade de Rio Grande, Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. 2018. Dissertação (Mestrado em Direito e Justiça Social). Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2018.

BRENNER, A. K. **Militância de jovens em partidos políticos**: um estudo de caso com universitários. 2011. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

BRINGEL, B. 15-M, Podemos e os movimentos sociais na Espanha. Trajetórias, conjuntura e transições. **Novos estudos**. CEBRAP, n. 103, pp. 59-77, 2015.

BRINGEL, B. Junho de 2013... dois anos depois: polarização, impactos e reconfiguração do ativismo no Brasil. **Nueva Sociedad**. Buenos Aires, v. 259, p. 4-17, 2015.

BRINGEL, B. **Protestas e Indignación Global**: los movimientos sociales en el nuevo orden mundial. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, Rio de Janeiro: Faperj, 2017.

BRONFENBRENNER, U. **The Ecology of Human Development**: Experiments by Nature and Design. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

BRUNNER, J. Ironías de la Historia española: observaciones sobre la política pos-franquista de olvido y memoria. **Historia Contemporánea**, v. 38, 2009. <https://doi.org/10.1387/hc.2732>.

BUTLER, J. Regulações de Gênero. **Cadernos Pagu**. [*S.l.*], v. 42, p. 249-274, jan./jun. 2014.

CAMERON, D.; SHAW, S. Constructing Women’s “Different Voice”: Gendered Mediation in the 2015 UK General Election. **Journal of Language and Politics**. [*S.l.*], v. 19, n. 1, p. 144-159, 2020. Disponível em: <https://www.jbe-platform.com/content/journals/10.1075/jlp.19086.cam>. Acesso em: 4 ago 2021.

CAMPOS, C. G. de. **Quebrando Barreiras**: uma análise descritiva das carreiras políticas das deputadas eleitas para Assembleias Legislativas/Distrital do Brasil nas eleições de 2010. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciência Política), Programa de Pós-Graduação em Ciência Política. Instituto de Filosofia, Sociologia e Política – Universidade Federal de Pelotas, 2015.

CARBY, H. V. ¡Mujeres blancas, escuchad! El feminismo negro y los límites de la hermandad femenina. In: FABARDO, M. **Feminismos negros**. Una antología. Creative Commons, 2012.

CARNEIRO, H. S. Rebeliões e ocupações de 2011. In: HARVEY, D. *et al.* **Occupy**. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2012.

CARRERAS, M. High-Profile Female Executive Candidates and the Political Engagement of Women: A Multilevel Analysis. **Political Research Quarterly**. Utah, v. 70, n. 1, p. 172–183, 2017. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1065912916680034>. Acesso em: 20 fev. 2020.

CARVALHO, A. M. de. O Engajamento Individual: entre interações, redes e estruturas. **Prelúdios**. Salvador, v. 1, n. 1, p. 57-52, jul./dez. 2013.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTRO, E. G. **Entre Ficar e Sair**: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2013.

CHAUÍ, M. A nova classe trabalhadora e a ascensão do conservadorismo no Brasil. CLETO, M.; DORIA, K.; JINKINGS, I. (org.). **Por que gritamos Golpe?** Para entender o *impeachment* e a crise política no Brasil. São Paulo: Ed. Boitempo, 2016.

CHAVES, A. M. Mulheres na política legislativa: literatura, discurso e prática. **Revista Foco**. Guarulhos, v. 10, n. 3, p. 106-124, 2017. Disponível em: <https://revistafoco.emnuvens.com.br/foco/article/view/152>. Acesso em: 3 fev. 2021.

COELHO, N. Por e para mulheres: uma análise sobre a atuação das parlamentares da Alerj, de 2015 a 2018. **Confluências**: Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito. Niterói, v. 21, n. 2, p. 37-53, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/conflu.v21i2.34702>. Acesso em: 18 set. 2020.

CONSUEGRA ANAYA, N. **Diccionario de Psicología**. 2. ed. Bogotá: Ecoe Ediciones, 2010.

CORNACCHIONE, T.; TUNING, R. Women Behaving Differently: Anti-Establishment Party Membership and Female Parliamentary Activity. **Journal of Women, Politics & Policy**. [S.l.], v. 41, n. 4, p. 457-476, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1554477X.2020.1731281>. Acesso em: 20 ago. 2021.

COUSIN, C. da S. **Pertencer ao navegar, agir e narrar**: a formação de educadores ambientais. Tese (Doutorado em Educação Ambiental), Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, 2010.

CROWDER-MEYER, M.; GADARIAN, S. K.; TROUNSTINE, J. Electoral institutions, gender stereotypes, and women's local representation. **Politics, Groups, and Identities**. [S.l.], v. 3, n. 2, p. 318-334, 2015. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/21565503.2015.1031803>. Acesso em: 4 out. 2020.

CRENSHAW, K. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. **Revista de Estudos Feministas**. [S.l.], v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002.

DAHLERUP, D. **Women, Quotas and Politics**. London: Routledge, 2006.

D'ÁVILA, M. **Sempre foi sobre nós: relatos da violência política de gênero no Brasil**. Porto Alegre: Instituto E Se Fosse Você, 2021.

DAYRELL, J. A escola “faz” as juventudes? reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**. Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000300022>. Acesso em: 10 jan. 2018.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIAS, M. Eleições municipais 2016. Análise dos resultados nas capitais e municípios com mais de 200 mil eleitores. *In*: MONTEIRO, G e ISMAEL, R. (org.). **O Brasil nas Urnas: Eleições Municipais 2016**. Rio de Janeiro: Gramma, 2018.

DRULIOLLE, V. Recovering historical memory: A struggle against silence and forgetting? The politics of victimhood in Spain. **International Journal of Transitional Justice**, v. 9, n. 2, p. 316-335, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/ijtj/ijv008>. Acesso em: 3 ago. 2020.

ELIAS, Norbert. **Mozart: Sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ELIAS, N. **Compromiso y Distanciamiento**. Ediciones. Michael Schröter. Barcelona: Ediciones Península, 1990.

ESPÍ-HERNÁNDEZ, A. Presencia de La Mujer y Brecha de Género En La Política Local Española. **FEMERIS: Revista Multidisciplinar de Estudios de Género**. Madrid, v. 2, n.1, p. 133-147, 2017. Disponível em: <https://e-revistas.uc3m.es/index.php/FEMERIS/article/view/3556>. Acesso em: 20 jan. 2020.

FEIXA, C., NOFRE, J. (eds.) **#GeneraciónIndignada: Topías y Utopías del 15M**. Lleida, Spain: Ed. Milenio, 2013.

FEIXA, C.; GARCÍA, J. S. De las culturas juveniles a los estilos de vida: etnografías y metaetnografías en España, 1985-2015. **Revista Estudios de Juventud**. Madrid, n. 110, p. 105-129, 2015. Disponível em: [http://www.injuve.es/sites/default/files/2017/46/publicaciones/revista110\\_completa.pdf](http://www.injuve.es/sites/default/files/2017/46/publicaciones/revista110_completa.pdf). Acesso em: 16 mar. 2019.

FEIXA, C. **La Imaginación Autobiográfica**. Las Historias de Vida Como Herramienta de Investigación. Barcelona: Editorial Gedisa, 2018.

FORTIN-RITTBERGER, J.; EDER, C.; KROEBER, C.; MARENT, V. How Party Systems Shape Local–National Gender Gaps. **Government and Opposition**. Cambridge, v. 54, n.1, p. 52–74, 2019. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/government-and-opposition/article/how-party-systems-shape-localnational-gender-gaps/FCE42365848B2FF70A23DBB54D8B2E3A>. Acesso em: 7 out. 2020.

FOX, R. L.; LAWLESS, J. L. If only they'd ask: Gender, recruitment and political ambition. **Journal of Politics**. [S.l.], v. 72, n. 2, p. 310-326, 2010. Disponível em: [https://digitalcommons.lmu.edu/cgi/viewcontent.cgi?referer=https://www.google.com/&httpsredir=1&article=1001&context=poli\\_fac](https://digitalcommons.lmu.edu/cgi/viewcontent.cgi?referer=https://www.google.com/&httpsredir=1&article=1001&context=poli_fac). Acesso em: 22 jan. 2020.

FRANCESCHET, S.; KROOK, M. L.; PISCOPO, J. **The Impact of Gender Quotas**. New York: Oxford University Press, 2012.

FRANCO, G.; MELO, J. C. de S.; AZOLIN, A.; BITENCOURT, M. Mulher e poder: a atuação política das vereadoras na Câmara Municipal de Curitiba CMC (2013-2016). **Revista do Legislativo Paranaense**. Curitiba, n. 2, p. 77-96, 2018. Disponível em: <http://revista.alep.pr.gov.br/index.php/escolalegislativo/article/view/125>. Acesso em: 2 dez. 2020.

FRANCO, G. C. O comportamento legislativo das deputadas federais brasileiras: uma análise da produção legislativa de 1987 a 2017. **Revista Eletrônica de Ciência Política**. Paraná, v. 11, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/recp.v11i1.74468>. Acesso em: 6 maio 2021.

FRASER, N. O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história. Dossiê: Contribuições do pensamento feminista para as Ciências Sociais. **Mediações**. Londrina, v. 14, n. 2, p. 11-33, jul./dez. 2009.

GARCÉS, M. Las historias de una idea (epílogo). In: ADICHIE, C. N. **El peligro de la historia única**. Barcelona: Penguin Random House Grupo Editorial, 2018.

GARCÍA-BLANCO, I.; WAHL-JORGENSEN, K. The Discursive Construction of Women Politicians in the European Press. **Feminist Media Studies**. [S.l.], v. 12, n. 3, p. 422-41, 2013. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14680777.2011.615636>. Acesso em: 8 fev. 2020.

GARCÍA-MENDOZA, M. C.; PARRA, A.; SÁNCHEZ-QUEIJA, I. Relaciones familiares y ajuste psicológico en adultos emergentes universitarios españoles. **Behavioral Psychology/ Psicología Conductual**. v. 25, n. 2, p. 405-417, 2017.

GASPAR, O. T. **Direitos políticos e representatividade da população negra na assembleia legislativa do Estado de São Paulo e Câmara Municipal de São Paulo**. 2017. Tese (Doutorado em Direito) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

GAVIRIA, S. Europa, juventud e investigación. **Revista Estudios de Juventud**. Madrid, n. 110, p. 239-253, 2015. Disponível em: [http://www.injuve.es/sites/default/files/2017/46/publicaciones/revista2110\\_completa.pdf](http://www.injuve.es/sites/default/files/2017/46/publicaciones/revista2110_completa.pdf). Acesso em: 16 mar. 2019.

GENTILE, A. Los estudios de juventud en el ámbito autonómico entre 1985 y 2015. **Revista Estudios de Juventud**. Madrid, n. 110, p. 49-67, 2015. Disponível em: [http://www.injuve.es/sites/default/files/2017/46/publicaciones/revista2110\\_completa.pdf](http://www.injuve.es/sites/default/files/2017/46/publicaciones/revista2110_completa.pdf). Acesso em: 16 mar. 2019.

GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In: Feldman-Bianco, B. (org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

GOLDENBERG, M. **A Arte de Pesquisar**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.

GOODE, W. J.; HATT, P. K. **Métodos Em Pesquisa Social**. 4. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1972.

GONZÁLEZ, A. **Contra la destrucción teórica**. Teorías feministas en la España de la Modernidad. Oviedo: KRK, 2018.

GUERRERO, T. J. Cada vez menos jóvenes y mas diversos. El contexto demográfico. *In*: BENEDICTO, J. (org.) **Informe juventud en España 2016**. Madrid: Instituto de la juventud, p. 37-57, 2017. Disponível em: <https://www.injuve.es/sites/default/files/h2017/24/publicaciones/informe-juventud-2016.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2019.

GUERRERO, T. J.; ECHAVES, A. La situación social de los jóvenes. Trayectorias educativas y relación con el mundo del trabajo. *In*: BENEDICTO, J. (org.) **Informe juventud en España 2016**. Madrid: Instituto de la juventud, p. 59-189, 2017. Disponível em: <https://www.injuve.es/sites/default/files/2017/24/publicaciones/informe-juventud-2016.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2019.

HAGUETTE, T.M.F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.

HINE, Christine. **Etnografia Virtual**. Editorial UOC. Colección Nuevas Tecnologías y Sociedad, 2004.

HINOJOSA, M.; FRIDKIN, K. L.; KITTILSON, M. C. The impact of descriptive representation on “persistent” gender gaps: political engagement and political trust in Uruguay. **Politics, Groups, and Identities**. [S.l.], v. 5, n. 3, p. 435-453, 2017. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/21565503.2017.1330215>. Acesso em: 4 fev. 2020.

HOLDSWORTH, C. Family support during the transition out of the parental home in Britain, Spain and Norway. **Sociology**, n. 38, p. 909-926, 2004.

INTER-PARLIAMENTARY UNION. **Inter-Parliamentary Union**. Disponível em: <https://www.ipu.org>. Acesso em: 10 fev. 2021.

JALALZAI, F.; KROOK, M. Beyond Hillary and Benazir: Women’s Political Leadership Worldwide. **International Political Science Review**. [S.l.], v. 31, n. 1, p. 1-19, 2010. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0192512109354470>. Acesso em: 4 fev. 2020.

JOSHI, D. K.; OCH, M. Early birds, short tenures, and the double squeeze: How gender and age intersect with parliamentary representation. **Politics, Groups and Identities**. [S.l.], v. 9, n. 3, p. 1-18, 2019. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21565503.2019.1629319?scroll=top&needAccess=true>. Acesso em: 25 jan. 2021.

JOSHI, D. K.; HAILU, M. F.; REISING, L. Violators, virtuous, or victims? How global newspapers represent the female member of parliament. **Feminist Media Studies**. [S.l.], v. 20, n. 5, p. 692-712, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14680777.2019.1642225?journalCode=rfms20>. Acesso em: 3 ago. 2021.

KENNY, M. **Gender and Political Recruitment: Theorizing Institutional Change**. New York: Palgrave Macmillan, 2013.

KINS, E., de Mol, J. y Beyers, W. “Why should I leave?” ‘Belgian emerging adults’ departure from home. **Journal of Adolescent Research**, n. 29, p. 89-119, 2014.

KITTILSON, M. C. **Challenging parties, changing parliaments: Women and elected office in contemporary Western Europe**. Ohio State University Press, 2006.

KOKKONEN, A.; WÄNGNERUD, L. Women’s Presence in Politics and Male Politicians Commitment to Gender Equality in Politics: Evidence from 290 Swedish Local Councils. **Journal of Women, Politics & Policy**. [S.l.], v. 38, n. 2, p. 199-220, 2017. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1554477X.2016.1219582>. Acesso em: 15 jan. 2020.

KROOK, M. L. **Quotas for Women in Politics**. Gender and Candidate Selection Reform Worldwide. Oxford: Oxford University Press, 2009.

KROOK, M. L.; SANIN, J. R. Mapping violence against women in politics. *In: The Annual Meeting of the American Political Science Association*, Washington, DC, p. 28-31, 2014.

LECCARDI, C. La juventud, el cambio social y la familia: de una cultura de protección a una cultura de negociación. **Revista de Estudios de Juventud**, n. 10, p. 33-42, 2010.

LENKIC, M.; GUEDON, P. A representação feminina no Rio de Janeiro: a influência do capital político herdado no sucesso eleitoral. **CSONline: Revista Eletrônica de Ciências Sociais**. Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora/MG, n. 23, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/17425>. Acesso em: 19 ago. 2020.

LOMBARDO, E.; MEIER, P. **The Symbolic Representation of Gender: A Discursive Approach**. Aldershot, UK: Ashgate, 2014.

MANNHEIM, K. El Problema de las Generaciones. **REIS – Revista Española de Investigaciones Sociológicas**. [S.l.], n. 62, p. 193- 242, abr./jun. 1993.

MARICATO, Ermínia... [et al.]. **Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

MARTÍNEZ I COMA, F.; LAGO, I. Sacrificial lambs or candidate mimicking? Gender-based nomination strategies in elections. **Party Politics**. [S.l.], v. XX, n. X, p. 1–11, mar. 2021. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1354068821998235>. Acesso em: 16 ago. 2021.

MASÓ, P. S.; ARNAU, D. C. Los estudios sobre políticas de juventud en España. **Revista Estudios de Juventud**. Madrid, n. 110, p. 173-189, 2015. Disponível em: [http://www.injuve.es/sites/default/files/2017/46/publicaciones/revista110\\_completa.pdf](http://www.injuve.es/sites/default/files/2017/46/publicaciones/revista110_completa.pdf). Acesso em: 16 mar. 2019.

MATOS, M. A violência política sexista, racista e interseccional: mapeando conceitos da violência política contra as mulheres. D’ÁVILA, M. (org.). **Sempre foi sobre nós: relatos da violência política de gênero no Brasil**. Porto Alegre: Instituto E Se Fosse Você, 2021.

MAYORGA, C. Pesquisar a juventude e sua relação com a política – Notas Metodológicas. **Estudos de Psicologia**. [S.l.], v. 18, abr./jun. 2013.

MIGNOLO, W. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**. Niterói, n. 34, p. 287-324, 2008.

MCGREGOR, J.; WEBSTER, K. Women's local government representation in Auckland – does size matter? **Commonwealth Journal of Local Governance**. [S.l.], v. 20, p. 24-43, 2017. Disponível em: <https://epress.lib.uts.edu.au/journals/index.php/cjlg/article/view/6023>. Acesso em: 4 fev. 2020.

MENUCCI, J.; NIELSON, J. G. A efetividade da lei de cotas de gênero e o alargamento da participação feminina na política com vistas as eleições de 2018. **Revista de Direitos Humanos e Efetividade**. Belém, v. 5, n. 2, p. 01-21, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://core.ac.uk/reader/288182170>. Acesso em: 3 set. 2020.

MIGUEL, L. F.; MARQUES, D.; MACHADO, C. Capital familiar e carreira política no Brasil: gênero, partido e região nas trajetórias para a Câmara dos Deputados. **Dados**. Brasília, v. 58, p. 721-747, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/Tt9CxbWZZcc6HQQBKqhnszD/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 8 ago. 2020.

MONTEIRO, G. O não voto nas Eleições de 2016. In: MONTEIRO, G e ISMAEL, R. (org.). **O Brasil nas Urnas: Eleições Municipais 2016**. Rio de Janeiro: Gramma, 2018.

MONTERO, J. Movimiento Feminista: Una Trayectoria Singular. **Mientras Tanto**. Icaria Editorial, n. 91/92, pp. 107–21, 2004.

MORENO, A. Produciendo la juventud: la imagen de los jóvenes en los estudios generales sobre la juventud española. **Revista Estudios de Juventud**. Madrid, n. 110, p. 35-47, 2015. Disponível em: [http://www.injuve.es/sites/default/files/2017/46/publicaciones/revista110\\_completa.pdf](http://www.injuve.es/sites/default/files/2017/46/publicaciones/revista110_completa.pdf). Acesso em: 16 mar. 2019.

MOURA LEITE, C.; GUNDIM, W. W. D. A Participação da Mulher na Política Brasileira e a Efetividade das Cotas Partidárias. **Resenha Eleitoral**. Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 139–164, 2019. Disponível em: <https://revistaresenha.emnuvens.com.br/revista/article/view/98>. Acesso em: 17 out. 2001.

NAVAS, A. P.; COSTA, I. G. Da casa ao congresso – a inserção das mulheres na política partidária: ações afirmativas para inclusão feminina nos parlamentos. **Revista Quaestio Iuris**. Rio de Janeiro, v. 10, n. 4, p. 2904-2925, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/quaestioiuris/article/view/27854>. Acesso em: 2 dez. 2020.

NOVAES, R. Entre juventudes, governos e sociedade (e nada será como antes...). In: PAPA, F. de C.; FREITAS, M. V. (org.). **Juventude em Pauta: Políticas Públicas no Brasil**. Editora Petrópolis, 2011.

NOVAES, R. **Batalhas periféricas: juventudes, poéticas e espaço público**. 2017.

OFFEN, K. **European Feminisms 1700-1950**. A political history. Stanford: Stanford University Press, 2000.

PAH. **Plataforma de los Afectados por la Hipoteca**. 2019. Disponível em: <https://afectadosporlahipoteca.com/2019/05/23/aclaracion-la-pah-es-y-seguira-siendo-apartidista-2/>. Acesso em: 21 jan. 2020.

PAIS, J. M. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.

PANKE L. e PIMENTEL P. A propaganda eleitoral de candidaturas às prefeituras brasileiras em 2016. *In*: MONTEIRO, G e ISMAEL, R. (org.). **O Brasil nas Urnas: Eleições Municipais 2016**. Rio de Janeiro: Gramma, 2018.

PARRA, A.; OLIVA, A.; REINA, M. C. Family relationships from adolescence to emerging adulthood. A longitudinal study. **Journal of Family Issues**, n. 36, p. 2002-2020, 2013.

PAXTON, P.; KUNOVICH, S.; HUGHES, M. M. Gender in politics. **Annual Review of Sociology**. [S.l.], v. 33, p. 263-284, 2007. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/doi/abs/10.1146/annurev.soc.33.040406.131651>. Acesso em: 15 fev. 2020.

PLEYERS, G. Ativismo das ruas e *on-line* dos movimentos pós-2011. **Lutas Sociais**, v. 17, n. 31, p. 87-96, 2013.

PLEYERS, G. **Movimientos Sociales en el siglo XXI: perspectivas y herramientas analíticas**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018.

PINHEIRO, D. Escolas ocupadas no Rio de Janeiro em 2016: motivações e cotidiano. *In*: **Illuminuras**. Porto Alegre, v. 18, n. 44, p. 265-283, jan./jul. 2017.

PINI, B.; MCDONALD, P. **Women and Representation in Local Government**. London: Routledge, 2011.

PINTO, C. R. J.; Silveira, A. Mulheres com carreiras políticas longevas no legislativo brasileiro (1950-2014). **Opinião Pública**. Campinas, v. 24, n. 1, p. 178-208. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-01912018241178>. Acesso em: 17 ago. 2021.

PISCITELLI, A. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**. [S.l.], v. 11, n. 2, p. 263-274, jul./dez. 2008.

RAMSTETTER, L.; HABERSACK, F. Do women make a difference? Analysing environmental attitudes and actions of Members of the European Parliament. **Environmental Politics**. [S.l.], v. 29, n. 6, p. 1063-1084, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09644016.2019.1609156>. Acesso em: 9 maio 2021.

REZENDE, D. L. Desafios à representação política de mulheres na Câmara dos Deputados. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 25, n. 3, pp. 1199-1218, 2017, Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n3pRezende>. Acesso em: 8 set. 2020.

RINCKER, M. E. Masculinized or marginalized: Decentralization and women's status in Regional Polish Institutions. **Journal of Women, Politics & Policy**. [S.l.], v. 30, n. 1, p. 46-69, 2009. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15544770802367796>. Acesso em: 21 jan. 2020.

ROCHA, J. M. de L.; SANTOS, V. A. L. A presença feminina na política brasileira: uma reflexão atual sobre paridade, feminismo institucional e violência política de gênero. *In: TOMAZONI, L. R.; PRATA, M.; ABIKO, P. (org). **Mulheres e o Direito**: um chamado à real visibilidade. v. 2. 2. ed. Curitiba: Editora Sala de Aula Criminal, 2021. p. 60-76.*

RODRIGUES, É. R. **A mulher no parlamento brasileiro**: trajetória político-eleitoral e atuação parlamentar. 2016. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Ciência Política), Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

ROMERO, K.; KERSTENETZKY, C. L. Entre o altruísmo e o familismo: a agenda parlamentar feminina e as políticas família-trabalho (Brasil, 2003-2013). **Revista Brasileira de Ciência Política**. Brasília, n. 18, p. 119-146, set./ago. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-335220151805>. Acesso em: 18 ago. 2020.

RIBEIRO, E.; MACEDO, S. Notas sobre políticas públicas de juventude no Brasil: conquistas e desafios. **Revista de Ciencias Sociales**. Montevideo, v. 31, n. 42, p. 107-126, jun. 2018.

RIBEIRO, D. Prefácio. *In: #MeuAmigoSecreto: Feminismo além das redes. 1. ed., Rio de Janeiro: Edições Rio de Janeiro, 2016.*

RIBEIRO, D. Prefácio. *In: DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.*

RUBIN, G. O tráfico de mulheres: notas sobre a economia política do sexo. **SOS Corpo**. Recife, p.1-54, mar. 1993.

SAMPAIO, J. de M.; PAULA, Mariane F. P. de; MIRANDA, A. R. A. Mulheres na política: um estudo na Câmara Municipal de uma cidade do Sul de Minas Gerais. **Revista Eletrônica de Ciência Política**. Curitiba, v. 7, n. 1, p. 85-97, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/politica/article/view/45732/28700>. Acesso em: 6 out. 2020.

SANCHEZ, B. R. **Teoria política feminista e representação substantiva**: uma análise da bancada feminina da Câmara dos Deputados. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciência Política), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SANIN, J. R. **Violence against Women in Politics in Latin America**. Tese (Doutorado em Filosofia), Rutgers University, New Jersey, 2018.

SANTOS, A.; CABECINHAS, R.; CERQUEIRA, C. Onde está o Wally? (In)visibilidades sobre mulheres e política nas práticas de recepção jornalística. **Jornal do Observatório**. Lisboa, v. 9, n. 1, p. 17-42, jan. 2015. Disponível em: [https://scielo.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1646-59542015000100002&lng=pt&nrm=iso](https://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1646-59542015000100002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 16 ago. 2020.

SEIDL, E. Engajamento e Investimentos Militantes: elementos para discussão. *In: CARRANO, P.; FÁVERO, O. (org.). **Narrativas Juvenis e Espaços Públicos**. Olhares de pesquisas em educação, mídia e ciências sociais. Niterói: Editora UFF, 2014.*

SEVILLA. **Ayuntamiento Sevilla**. Disponível em: <https://www.sevilla.org/ayuntamiento/concejales>. Acesso em: 20 jan. 2019.

SHAW, C. R. **The jack-roller: a delinquent boy's own history**. Chicago: The Chicago University Press, 2000.

SILVA, A. B. P. “**Nada deve parecer impossível de mudar**”: juventude e engajamento na “Primavera Carioca” das eleições de 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

SILVA, A. E. de O. **Entre gêneros e ação política: narrativas de mulheres parlamentares do Cariri cearense**. 2015. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

SILVA, A. F. L. e. “Marielle virou semente”: representatividade e os novos modos de interação política da mulher negra nos espaços institucionais de poder. **Sociologias Plurais**. Curitiba, v. 5, n. 1, p. 52-75, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/sclplr/article/view/68214/39082>. Acesso em: 6 set. 2020.

SMITH, K. A.; HOLECZ, V. Not seen and not heard? The representation of young women and their political interests in the traditional print public sphere. *American Behavioral Scientist*. [S.l.], v. 64, n. 5, p. 638-651, 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0002764219885439>. Acesso em: 7 jun. 2021.

SOLANILLAS, M. U.; REVILLA, J. C. La producción académica: treinta años de tesis doctorales sobre juventud en España. **Revista Estudios de Juventud**. Madrid, n. 110, p. 217-237, 2015. Disponível em: [https://www.injuve.es/sites/default/files/2017/46/publicaciones/revista110\\_completa.pdf](https://www.injuve.es/sites/default/files/2017/46/publicaciones/revista110_completa.pdf). Acesso em: 16 mar. 2019.

SPOHR, A. P.; MAGLIA, C.; MACHADO, G.; OLIVEIRA, J. Participação Política de Mulheres na América Latina: o impacto de cotas e de lista fechada. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 24, n. 2, p.417-441, maio/ago. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/44593>. Acesso em: 4 nov. 2019.

STOLCKE, V. O Enigma das Interseções: classe, “raça”, sexo, sexualidade. A formação dos Impérios Transatlânticos do século XVI a XX. *In: Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 14, n.1, p. 15-41, jan./abr. 2006.

SUNDSTRÖM, A.; STOCKEMER, D. What determines women's political representation at the local level? A fine-grained analysis of the European regions. **International Journal of Comparative Sociology**. [S.l.], v. 56, n. 3-4, p. 254-274, 2015. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0020715215595691>. Acesso em: 20 fev. 2019.

TELLES, V. **Direitos Sociais: afinal do que se trata?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

TIMONEDA, A. B. Los estudios sobre juventud y perspectiva de género. **Revista Estudios de Juventud**. Madrid, n. 110, p. 192-200, 2015. Disponível em: [https://www.injuve.es/sites/default/files/2017/46/publicaciones/revista110\\_completa.pdf](https://www.injuve.es/sites/default/files/2017/46/publicaciones/revista110_completa.pdf). Acesso em: 16 mar. 2019.

URBÁN, M. **La emergencia de Vox**. Barcelona: Editorial Sylone, 2019.

VALCÁRCEL, A. **La política de las mujeres**. Madrid: Ed. Cátedra, 1997.

VARELA, N. **Feminismo para principiantes**. Barcelona: Ediciones B, 2019.

VELHO, G. **Um antropólogo na cidade**: ensaios de antropologia urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

VERGE, T.; PASTOR, R. Women's Political Firsts and Symbolic Representation. **Journal of Women, Politics & Policy**. [S.l.], v. 39, n. 1, p. 26-50, 2018. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1554477X.2016.1268878>. Acesso em: 20 fev. 2020.

VALE DE ALMEIDA, M. Gênero, masculinidade e poder: Revendo um caso do sul de Portugal. **Anuário Antropológico**. [S. l.], v. 20, n. 1, p. 161-189, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6602>. Acesso em: 6 maio 2019.

VIOLA, C. M. M. A “pólis” representada pela “poiesis” feminina: reflexões sobre a trajetória da mulher na câmara dos deputados brasileira. **Lex Cult Revista do CCJF**. [S.l.], v. 3, n. 2, p. 165-181, out. 2019. Disponível em: <https://lexcultccjf.trf2.jus.br/index.php/LexCult/article/view/181>. Acesso em: 20 ago. 2020.

WÄNGNERUD, L. Women in parliaments: Descriptive and substantive representation. **Annual Review of Political Science**. [S.l.], v. 12, p. 51-69, 2009. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/doi/pdf/10.1146/annurev.polisci.11.053106.123839>. Acesso em: 2 fev. 2019.

WELLER, W. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. **Sociedade e Estado**. Brasília, v. 25, n. 2, p. 205-224, 2010.

WINEINGER, C.; NUGENT, M. Framing Identity Politics: Right- Wing Women as Strategic Party Actors in the UK and US. **Journal of Women, Politics & Policy**. [S.l.], v. 41, n. 1, p. 91-118, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1554477X.2020.16998214>. Acesso em: 4 jun. 2021.

WOLAK, J. Conflict Avoidance and Gender Gaps in Political Engagement. **Political Behavior**. [S.l.], 2020. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11109-020-09614-5#citeas>. Acesso em: 6 mar. 2021.

WOLBRECHT, C.; CAMPBELL, D. E. Role models revisited: youth, novelty, and the impact of female candidates. **Politics, Groups and Identities**. [S.l.], v. 5, n. 3, p. 418-434, 2017. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21565503.2016.1268179>. Acesso em: 21 jan. 2019.



## **Apéndice I – Carta de presentación concejales españolas**



**UNIVERSIDAD DE SEVILLA  
FACULTAD DE PSICOLOGÍA  
PROGRAMA DE DOCTORADO EN PSICOLOGÍA**

### **Carta de presentación de Proyecto de Investigación y solicitud de entrevista**

El proyecto de investigación “Jóvenes Concejales en España: compromiso político y construcción de su identidad política” tiene por objetivo principal investigar la construcción de la identidad política de jóvenes mujeres concejales en España en la actualidad. El proyecto forma parte de la estancia de doctorado en curso de Ana Beatriz Pinheiro e Silva, en la Universidad de Sevilla, como becaria da la Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes/BRASIL). En el marco de este proyecto, que participan la becaria, las profesoras doctoras Águeda Parra Jiménez y Inmaculada Sánchez Queija y el profesor doctor Manuel de la Mata Benítez, de la Universidad de Sevilla, solicitamos programar una entrevista con la concejala \_\_\_\_\_ cuya finalidad será estrictamente académica.

Sevilla, febrero de 2019.

Ana Beatriz Pinheiro e Silva

Doctoranda en Educación de la Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Brasil



## Apéndice II – Termo de Consentimiento

### TERMO DE CONSENTIMIENTO

Estoy de acuerdo en participar como voluntario del proyecto de investigación “Jóvenes Concejalas en España: compromiso político y construcción de su identidad política”, que tiene como investigadores responsables Ana Beatriz Pinheiro e Silva, del Programa de Postgrado en Educación la Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, las profesoras doctoras Águeda Parra Jiménez y Inmaculada Sánchez Queija y el profesor doctor Manuel de la Mata Benítez, de la Universidad de Sevilla. El proyecto de investigación tiene por objetivo investigar la construcción de la identidad política de jóvenes mujeres concejalas en España en la actualidad. Mi participación consistirá en proporcionar datos de mi vida militante, política, académica, familiar, escolar y profesional. Entiendo que esa investigación tiene finalidad de estudio académico y que los datos obtenidos serán divulgados de acuerdo con las directrices éticas de investigación, preservando el anonimato de los participantes, asegurando la privacidad. Sé que puedo abandonar la investigación y que no recibiré ningún pago por esta participación.

---

NOMBRE

---

FIRMA

FECHA:



**Apéndice III – Cuadro Etapa 1**

Hitos /momentos/ situaciones destacados	Edad a la que ocurrió o fecha aproximada	Motivo por el que es importante	Personas o hechos relevantes para ello



## Apéndice IV – Guion de la entrevista concejales españolas

### Guion de la entrevista

**Etapa 1** - Comenzar la entrevista con la petición a las concejales de cumplimentar un cuadro en el que indiquen en 5-10 minutos, en, al menos, cinco hitos/momentos/situaciones a lo largo de la vida que contribuyeron a que haya llegado a ser concejala.

Hitos /momentos/ situaciones destacados	Edad a la que ocurrió o fecha aproximada	Motivo por el que es importante	Personas o hechos relevantes para ello

**Etapa 2** – Pedir que hablen de su vida hasta este momento.

¿Cómo ha llegado hasta aquí?, ¿cómo los hitos/ situaciones que ha escrito contribuyeron?

**Etapa 3** – A partir de ahí se indagaría en contextos o escenarios concretos, dependiendo de los huecos que se queden en la respuesta anterior. **Familia**

Pregunta principal: ¿Qué papel ha tenido tu familia en su trayectoria política?\*

Otras preguntas que se pueden hacer o no dependiendo de la respuesta:

¿Tu familia tuvo alguna influencia en su militancia? ¿Tienes algún militante en su familia? ¿Qué piensa tu familia de tu militancia? ¿Has tenido algún cambio en las relaciones familiares? ¿Hubo algún aliento o desaprobación por parte de tu familia en su militancia?

\*si no habla de familia de origen y actual indagar sobre la que no menciona.

#### - **Escuela, universidad y otras experiencias educacionales**

Pregunta principal: ¿Qué papel ha tenido la escuela y la universidad en tu trayectoria política?

Otras preguntas que se pueden hacer o no dependiendo de la respuesta:

¿La escuela te proporcionó algún tipo de experiencia significativa para la militancia política?

¿Durante el periodo universitario tuviste alguna experiencia de militancia política?  
¿Cómo se relacionaba la vida universitaria con la militancia?

¿Destacas algún otro curso de formación, además de los espacios formales, que fueron importantes?

#### - **Carrera/Profesión/Oficio**

Pregunta principal: ¿Qué papel ha tenido tu profesión en tu trayectoria política?

Otras preguntas que se pueden hacer o no dependiendo de la respuesta:

¿En qué has trabajado antes de ser concejala? ¿Cómo se relacionaban tus actividades profesionales anteriores con la militancia política? ¿Piensas en retomar tu carrera anterior en el futuro?

- **Amigos (de antes y actuales)/ espacios de socialización**

Pregunta principal: ¿Qué papel han tenido tus amigos en tu trayectoria política?

Otras preguntas que se pueden hacer o no dependiendo de la respuesta:

¿Tu grupo de amigos es el mismo de la militancia? ¿Continúan siendo los mismos desde el inicio de la militancia? ¿Hay otros grupos?

¿Qué ha cambiado en relación a los otros grupos de amigos después de que comenzaste a militar?

¿Ha cambiado tu relación con tus grupos de amigos tras acceder a la concejalía?, ¿en qué sentido?

- **Militancia política/ carrera política**

Pregunta principal: ¿Cómo es ser una mujer concejala joven?, ¿Cómo te ha influido en tu papel como concejala el hecho de ser mujer y joven?

Otras preguntas que se pueden hacer o no dependiendo de la respuesta:

¿Cómo fue la decisión de ser candidata? ¿Qué es lo que más te ha emocionado en tu período de concejala? ¿Cuáles han sido los momentos más difíciles?

**Etapas 4 – Finalización**

En todo este proceso, ¿Cómo te ha cambiado a ti tu papel en el ayuntamiento como concejala?, señala un recuerdo positivo y uno negativo.

¿Qué permanece de la misma forma?

¿Cómo te ves a ti misma en relación con su militancia y su carrera política en el futuro?

## **Apéndice V – Cuestionario complementar**



**UNIVERSIDAD DE SEVILLA  
FACULTAD DE PSICOLOGÍA  
PROGRAMA DE DOCTORADO EN PSICOLOGÍA**

**Cuestionario de la investigación “Jóvenes Concejalas en España: compromiso político y construcción de su identidad política”**

A continuación aparecen una serie de preguntas, por favor, lee atentamente los enunciados y contesta sinceramente. Los datos serán tratados de forma anónima y se utilizarán exclusivamente para la generación de conocimiento científico. Tu identidad quedará oculta y los datos protegidos con las garantías de la ley orgánica de la protección de datos (15/1999 de 13 de diciembre)

**Muchas gracias por tu colaboración**

## *Cuestionario*

1. Nombre y apellidos:

2. Fecha de nacimiento:

3. ¿Sigues cómo concejala?

4. Período que fue concejala (mes/año inicio y mes/año final):

5. ¿Tienes pareja o es casada?

6. ¿Tienes hijo/s o hija/s?

7. ¿Si has contestado que SÍ cuántos años/meses tiene?

8. Señala tu nivel de estudios

- 1. Estudios primarios
- 2. Estudios secundarios
- 3. Bachillerato o Formación Profesional
- 4. Estudiando un Grado → Curso:
- 5. Grado finalizado → Curso:
- 6. Estudiando un Postgrado → Curso:
- 7. Postgrado finalizado → Curso:

9. Actualmente estás realizando algún tipo de formación:

	Sí	No
1. Estás haciendo cursos de formación		
2. Estás haciendo formación reglada (ESO, FP, Bachiller, Universidad...)		

10. Si has contestado que SÍ describir brevemente el tipo de formación:

11. Tu situación laboral es:

- 1. En desempleo
- 2. Trabajo a tiempo parcial
- 3. Trabajo a tiempo completo

12. ¿Con quién vives?

- 1. Con mis padres o alguno de ellos
- 2. Con algún otro familiar
- 3. En vivienda compartida
- 4. Con mi pareja
- 5. Con mi/s hijo/s o hija/s y con mi pareja
- 6. Con mi/s hijo/s o hija/s
- 7. Solo o sola

13. El nivel de ingresos de tu unidad familiar (ten en cuenta los ingresos de todas las personas que vivís o dependéis de alguna forma de la misma unidad familiar)

- |            |  |
|------------|--|
| BAJO       | <input type="checkbox"/> 1. En estos momentos no llegamos a fin de mes               |
| MEDIO-BAJO | <input type="checkbox"/> 2. Cubrimos gastos si no llegan gastos extra                |
| MEDIO      | <input type="checkbox"/> 3 Vivimos relajadamente, aunque sin lujos                   |
| MEDIO      | <input type="checkbox"/> 4. Podemos ir de vacaciones y pagar algún que otro capricho |
| MEDIO-ALTO | <input type="checkbox"/> 5. Vivimos relajados /as económicamente                     |
| ALTO       | <input type="checkbox"/> 6. Sin preocupaciones económicas                            |

14. ¿Tienes Twitter?

15. Si has contestado que SÍ: ¿Cuál es el enlace de tu página en Twitter?

16. ¿Tienes Facebook?

17. Si has contestado que SÍ: ¿Cuál es el enlace de tu página en Facebook?

18. ¿Tienes Instagram?

19. Si has contestado que SÍ: ¿Cuál es el enlace de tu página en Instagram?

Muchas gracias por tu participación. El cuestionario que acabas de completar será tratado de forma confidencial y anónima, respetando la ley de protección de datos (15/1999 de 13 de diciembre).

## **Apêndice VI – Carta de apresentação vereadoras brasileiras**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCH  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – DOUTORADO**

**UNIVERSIDAD DE SEVILLA  
FACULTAD DE PSICOLOGÍA  
PROGRAMA DE DOCTORADO EN PSICOLOGÍA**

### **Carta de apresentação de pesquisa de doutorado e solicitação de entrevista**

O projeto de pesquisa de doutorado “‘LUTE COMO UMA MULHER!’: EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS E ENGAJAMENTO POLÍTICO NAS TRAJETÓRIAS DE JOVENS VEREADORAS BRASILEIRAS E ESPANHOLAS” tem por objetivo principal analisar a relação entre engajamento político e experiências educacionais nas trajetórias de jovens vereadoras espanholas eleitas em 2015 e brasileiras eleitas em 2016. Essa pesquisa, iniciada em 2017, faz parte do doutorado em andamento de Ana Beatriz Pinheiro e Silva, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), em cotutela com o Programa de Doutorado em Psicologia da Universidade de Sevilha (US). No âmbito desse projeto de pesquisa em desenvolvimento, orientado pela Professora Doutora Eliane Ribeiro (UNIRIO) e pela Professora Doutora Águeda Parra Jiménez (US), solicitamos agendar uma entrevista remota/virtual com \_\_\_\_\_ cuja finalidade será estritamente acadêmica.

Sevilha, julio de 2020

Cordialmente,

Ana Beatriz Pinheiro e Silva

Doutoranda em Educação do PPGEDU/UNIRIO

Doutoranda em Psicologia da US



## Apêndice VII – Termo de consentimento vereadoras brasileiras

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada para participar como voluntária da pesquisa de doutorado “‘Lute Como Uma Mulher!’: experiências educacionais e engajamento político nas trajetórias de jovens vereadoras brasileiras e espanholas”, que tem como pesquisadora responsável Ana Beatriz Pinheiro e Silva (contato pode consultar a qualquer momento que julgar necessário), do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e do Programa de Doutorado em Psicologia da Universidade de Sevilha, orientada pela Professora Doutora Eliane Ribeiro Andrade (*e-mail*) e pela Professora Doutora Águeda Parra Jiménez (*e-mail*). O presente trabalho tem por objetivo analisar a relação entre engajamento político e contextos educacionais nas trajetórias de jovens vereadoras espanholas eleitas em 2015 e brasileiras eleitas em 2016. Sua participação consistirá em fornecer dados da sua vida militante, política, acadêmica, social, familiar, escolar e profissional através do preenchimento de um questionário (que será identificado por um número) e da participação em entrevista semiestruturada a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. Devido à pandemia de Covid-19, as entrevistas serão realizadas remotamente, através da plataforma virtual Zoom (ou outra semelhante com a mesma finalidade). Por ser figura pública facilmente reconhecida, o anonimato ou não dos dados dos questionários e das entrevistas são de sua escolha. Se estiver de acordo com a publicação da sua identificação, deverá concordar com a identificação dos dados ou, preferindo que não, deverá manifestar que prefere participar de forma anônima. Em qualquer das duas escolhas, poderá decidir quais, entre as informações fornecidas, podem ser publicadas. Além disso, serão coletados dados da internet de páginas públicas de acesso aberto, como redes sociais e outras páginas web, com informações que contribuam para a pesquisa. O acesso e a análise das entrevistas e dos dados coletados serão feitos apenas pela pesquisadora e suas orientadoras, citadas acima. Os riscos da pesquisa envolvem sentir desconforto com as perguntas, dificuldade ou desinteresse. Os benefícios contemplam contribuições para a construção de conhecimento científico. Não haverá nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, pela participação. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo ou coação. Este estudo possui finalidade de pesquisa científica, e os dados obtidos serão divulgados de acordo com as diretrizes éticas de pesquisa, em caso de dúvida, você pode contatar a pesquisadora responsável (contato acima), as suas orientadoras (*e-mail* acima) e/ou o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, Avenida Pasteur, 296, subsolo do prédio da Nutrição – Urca – Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22290-240, no telefone 2542-7796 ou pelo *site* cep@unirio.br. Todas essas orientações estão de acordo com a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Ana Beatriz Pinheiro e Silva

Identidade: CPF:

Tendo sido esclarecidas todas as informações quanto ao estudo, manifesto meu livre consentimento em participar voluntariamente da pesquisa:

- ( ) anonimamente.
- ( ) sendo identificada.

---

NOME

ASSINATURA

DATA:



## Apêndice VIII – Quadro etapa 1 vereadoras brasileiras

No quadro, escreva, por favor, cinco marcos/momentos/situações que, ao longo da sua vida, contribuíram para que se candidatasse à vereadora em 2016, assim como, a idade ou data em que ocorreram esses marcos/momentos/situações, o motivo e as pessoas ou acontecimentos relevantes para a situação destacada.

Marcos /momentos/ situações destacadas	Idade que ocorreu ou data aproximada	Motivo pelo qual é importante	Pessoas ou acontecimentos relevantes para a situação destacada



## Apêndice IX – Roteiro de entrevista vereadoras brasileiras

### Roteiro da entrevista

**Etapa 1.** Iniciar a entrevista pedindo às entrevistadas para preencher um quadro no qual elas indiquem, em 5 a 10 minutos, pelo menos, cinco marcos/momentos/situações que, ao longo de sua vida, contribuíram para chegarem a ser vereadoras.

**Etapa 2.** Pedir para que falem sobre sua vida até agora.

Como você chegou até aqui? Como os marcos/momentos/situações que você escreveu contribuíram para isso?

**Etapa 3.** A partir daí, seriam formuladas perguntas em contextos ou cenários específicos, dependendo das lacunas que permanecem na resposta anterior.

#### Família

**Pergunta principal:** Que papel teve sua família na sua trajetória política? \*

Outras perguntas que podem ou não ser feitas, dependendo da resposta:

Sua família teve alguma influência na sua militância? Você tem algum militante na família? O que sua família pensa da sua militância? Você teve alguma mudança nas relações familiares? Houve algum incentivo ou desaprovação de sua família na militância?

\* Se não falar da família de origem e atual, perguntar sobre a que não mencionou.

#### Escola, Universidade e outras experiências educacionais

**Pergunta principal:** Que papel tiveram a escola e a universidade na sua trajetória política?

Outras perguntas que podem ou não ser feitas, dependendo da resposta:

A escola te proporcionou a você algum tipo de experiência significativa para a militância política?

Durante o período universitário, você teve alguma experiência de militância política? Como a vida universitária estava relacionada à militância?

Você destaca algum outro curso de formação, além dos espaços formais, que foram importantes?

## **Carreira/Profissão**

**Pergunta principal:** Que papel teve sua profissão em sua trajetória política?

Outras perguntas que podem ou não ser feitas, dependendo da resposta:

Em que você trabalhou antes de ser vereadora? Como se relacionavam suas atividades profissionais anteriores com a militância política? Você pensa em retomar sua carreira anterior no futuro?

## **Amigos (de antes e atuais) /espaços de socialização**

**Pergunta principal:** Que papel seus amigos tiveram em sua trajetória política?

Outras perguntas que podem ou não ser feitas, dependendo da resposta:

O seu grupo de amigos é o mesmo da militância? Continuam sendo os mesmos desde o início da militância? Existem outros grupos?

O que mudou em relação aos outros grupos de amigos depois que você começou a militância política?

Mudou a relação com seus grupos de amigos após iniciar o mandato como vereadora? Em que sentido?

## **Militância política/carreira política**

**Pergunta principal:** Como é ser uma jovem mulher vereadora? Como influenciou em seu papel como vereadora o fato de ser uma jovem mulher?

Outras perguntas que podem ou não ser feitas, dependendo da resposta:

Como foi a decisão de ser candidatar? O que mais emocionou você durante seu período como vereadora? Quais foram os momentos mais difíceis?

## **Etapa 4 - Finalização**

Durante todo esse processo, como o seu papel como vereadora mudou você? Conte uma recordação positiva e uma negativa.

O que permanece da mesma maneira?

Como você se vê em relação à sua militância e sua carreira política no futuro?

## Apêndice X – Questionário complementar vereadoras brasileiras



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCH  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – DOUTORADO

**UNIVERSIDAD DE SEVILLA**  
FACULTAD DE PSICOLOGÍA  
PROGRAMA DE DOCTORADO EN PSICOLOGÍA

### **Questionário da pesquisa “LUTE COMO UMA MULHER!": ENGAJAMENTO POLÍTICO E EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS NAS TRAJETÓRIAS DE JOVENS VEREADORAS ESPANHOLAS E BRASILEIRAS”**

Por favor, leia atentamente e responda sinceramente às perguntas abaixo. Os dados serão utilizados exclusivamente para a produção de conhecimento científico.

#### **Questionário**

1. Indique sua escolaridade:

1. Ensino fundamental
2. Ensino médio
3. Formação profissional
4. Cursando ensino superior → Curso:
5. Ensino superior finalizado → Curso:
6. Cursando uma pós-graduação → Curso:
7. Pós-graduação finalizada → Curso:

2. Na época em que estava como vereadora realizava algum tipo de formação:

	Sim	Não
1. Curso de formação		
2. Ensino formal (Graduação, Pós-graduação...)		

3. Se respondeu SIM, descreva brevemente o tipo de formação:

4. Acumulava emprego formal com o mandato de vereadora?

5. Quando era vereadora, estava em uma união estável ou era casada?

6. Tem filho(s) ou filha(s)?

7. Se respondeu SIM, quantos anos?

8. Com quem morava na época que estava como vereadora?

1. Com meus pais ou um deles.
2. Com outro familiar.
3. Dividindo apartamento com colegas.
4. Com meu companheiro/minha companheira.
5. Com meu/s filho/s ou filha/s e com meu companheiro/minha companheira.
6. Com meu/s filho/s ou filha/s.
7. Sozinha.

9. O nível de renda da sua unidade familiar quando estava como vereadora (leve em consideração a renda de todas as pessoas que vivem ou dependem de alguma forma da mesma unidade familiar)

BAIXO	1. Não conseguíamos chegar ao final do mês.
MÉDIO- BAIXO	2. Cobríamos as despesas se não houvesse gastos extras.
MÉDIO	3. Vivíamos relaxados, mas sem luxos.
MÉDIO	4. Podíamos sair de férias e pagar gastos extras.
MÉDIO-ALTO	5. Vivíamos economicamente relaxados.
ALTO	6. Sem preocupações financeiras.

**Muito obrigada pela sua participação!**